

Estudo
no livro de
JEREMIAS

Antônio Neves de Mesquita

Jeremias

UMA PALAVRA AO LEITOR

NOTA DE APRECIACÃO

PREFÁCIO DO LIVRO

CRONOLOGIA DOS REIS DE JUDÁ

INTRODUÇÃO

I. PRELIMINARES

II. AS DOCTRINAS E MENSAGENS DO LIVRO

III. AUTORIA DO LIVRO

IV. A DATA DO LIVRO

V. O CARÁTER DE JEREMIAS

1ª PARTE - MENSAGENS AO POVO ELEITO (Jer. 1: 1-25:38)

CAPITULO I - CHAMADA DE JEREMIAS AO MINISTÉRIO PROFÉTICO (1:1-19)

I. INFORMAÇÕES A RESPEITO DO PROFETA (1: 1-3)

II. A CONSAGRAÇÃO DO PROFETA (1: 4-10)

III. AS VISÕES DO PROFETA (1: 11-19)

CAPITULO II – INTIMADA A NAÇÃO (2:1-6:30)

I. JEREMIAS RECEBE A PRIMEIRA MENSAGEM (2:1-3:5)

II. JEREMIAS RECEBE A SEGUNDA MENSAGEM (3:6-30)

CAPITULO III - FALSAS ILUSÕES QUANTO A SEGURANÇA DO TEMPLO - JEREMIAS
RECEBE A TERCEIRA MENSAGEM (7:1-10:25)

I. O SERMÃO DO TEMPLO (7:1-8:3)

1. Uma Situação Macabra (8:1-3)

II. DESOBEDIÊNCIA E IDOLATRIA - A DESGRAÇA DO POVO (8:4-10:25)

1. As Aflições do Coração Doente (9: 16-24)

2. Eis Que Vêm Dias de Castigo Para o Povo (9: 25-26)

CAPITULO IV - O POVO EM FACE DO CONCERTO (11:1-12:17)

I. O TEMA DA QUARTA MENSAGEM DE JEREMIAS (11:1-12:5)

1. O Concerto (11: 1-5)

2. O Concerto Era Nacional (11: 6-30)

Comparações Interessantes Que o Povo Devia Saber

3. A Prosperidade dos ímpios Não Permanece (12:1-5)

II. DEUS FAZ O SEU LAMENTO (12:6-17)

CAPITULO V - CINCO GRANDES ADMOESTAÇÕES (13:1-27)

I. PRIMEIRA ADMOESTAÇÃO - A FIGURA DO CINTO DE LINHO (13:1-11)

II. SEGUNDA - UM VASO QUEBRADO (13:12-14)

III. TERCEIRA - UM CONSELHO CONTRA A SOBERBA (13:15-17)

IV. QUARTA - UM CONSELHO À HUMILDADE (13:18,19)

V. QUINTA - UMA ADVERTÊNCIA CONTRA O PECADO (13:20-27)

CAPITULO VI - A TRAGÉDIA SE APROXIMA UMA QUADRA DOLOROSA (14:1-21:14)

I. QUINTA MENSAGEM DE JEREMIAS (14:1-15: 9)

II. UM APÊNDICE EM FORMA DE DIÁLOGO (15:10-21)

III. A SEXTA MENSAGEM DE JEREMIAS (16:1-17:18)

1. Em Primeiro Lugar Pagariam a Dívida do Pecado (16:18-21)

IV. UM DIÁLOGO A RESPEITO DO SÁBADO (17:19-27)

V. SÉTIMA MENSAGEM DE JEREMIAS (18:1-17)

VI. REAÇÕES ÀS MENSAGENS DO PROFETA (18:18-23)

VII. OITAVA MENSAGEM DE JEREMIAS (19:1-15)

VIII. JEREMIAS NA PRISÃO E NO CEPO (20:1-6)

IX. JEREMIAS APRESENTA A SUA QUEIXA (20:7-18)

X. JEREMIAS ENTREGA A NONA MENSAGEM (21:1-14)

1. Mensagem a Zedequias (21:1-7)

2. Mensagem ao Povo (21:8-10)

3. Mensagem à Casa de Israel (21:11-14)

CAPÍTULO VII - UMA VISÃO DO FIM - REIS E PROFETAS DE JUDÁ (22:1-25:38)

I. MENSAGEM À CASA DE JUDÁ - A VISÃO DO FIM (22:1-23:8)

1. Juízo Contra Salum (22:10-12)

2. Juízo Contra Jeoaquim (22:13-23)
3. Juízo Contra Jeconias (22:24-30)
4. Juízo Contra os Pastores de Judá (23:1-4)
5. O Renovo da Justiça (23:5-8)

II. PROFETAS DE JUDÁ (23:9-40)

1. Os Pecados dos Falsos Profetas Eram a Causa de Tudo Isto (23:10-16)

2. Por isso a Condenação Desses Falsos Profetas Será Infalível (23:17-20)

3. Os Falsos Profetas Eram Homens Fora da Lei (23:21-32)

4. O Castigo dos Falsos Profetas (23:33-40)

III. A VISÃO DOS CESTOS DE FIGOS (24: 1-10)

IV. UMA VISÃO MACABRA - SÓ DEUS VALE (25:1-38)

1. Jeremias Então Recorda a História (25:1-14)

2. O Castigo É para Todos (25:15-38)

2ª PARTE - NARRATIVAS HISTÓRICAS SOBRE JUDÁ -

UMA GRANDE BIOGRAFIA (26:1-45:5)

CAPÍTULO VIII - ACONTECIMENTOS PROFÉTICOS DURANTE O REINADO DE JEOIAQUIM (26:1-24)

I. JEREMIAS CORRE RISCO DE VIDA (26:1-19)

CAPÍTULO IX - A PRUDÊNCIA DO PROFETA (27:1-29:32)

I. MENSAGEM AOS REIS GENTIOS AO REDOR DE JUDÁ (27:1-22)

II. UMA LUTA ENTRE DOIS PRÍNCIPES (28:1-17)

III. UMA CARTA-BOMBA (29:1-32)

1. O Portador e o Conteúdo da Carta (29:1-7)

2. Os Falsos Profetas Falavam por Si Mesmos (29:8-20)

3. O Triste Fim dos Falsos Profetas (29:21-32)

CAPÍTULO X - HÁ UM FUTURO PARA O POVO DE DEUS (30:1-34:22)

I. O LIVRO DA CONSOLAÇÃO (30:1-24)

1. Deus Promete Restaurar o Seu Povo (30: 1-11)

2. A Restauração É Certa e Segura (30:18-24)

II. COM A RESTAURAÇÃO HAVERÁ UM NOVO CONCERTO (31:1-40)

1. O Povo Voltará Contente e Feliz do Cativo (31:1-22)

2. Judá Sempre Será Bendito (31:23-28)

III. VAI HAVER UM NOVO CONCERTO (31:31-40)

1. Com o Novo Concerto, uma Nova Jerusalém (31:38-40)

IV. ANALOGIAS E COMPARAÇÕES - COMPROMISSO AUDACIOSO (32:1-44)

1. Só Jeremias É o Profeta de Deus (32:1-15)

2. Jeremias Pede Informações a Deus (32:16-25)

V. REAFIRMAÇÃO DIVINA DA RESTAURAÇÃO DA CIDADE (33:1-26)

1. Deus Promete a Restauração do Povo e do País (33:1-8)

2. A Restauração É Certa e Segura (33:9-13)

3. A Restauração do Reino Davídico com Outras Bênçãos (33:14-26)

VI. ESTÁ PREVISTA A SORTE DE ZEDEQUIAS (34:1-22)

CAPÍTULO XI - ACONTECIMENTOS RELATIVOS AO REINADO DE JEOIAQUIM (35:1-36:32)

I. A LIÇÃO DOS RECABITAS (35:1-19)

1. Jeremias É Mandado aos Recabitas Tirar Deles uma Lição (35: 1-11)

2. O Profeta e o Povo (35:12-19)

II. A ESCRITURA DAS PROFECIAS NO ROLO (36:1-32)

1. O Rolo É Lido Perante os Príncipes (36:1-19)

2. O Rolo É Lido Perante o Rei e Queimado (36:20-26)

3. Deus Ordena Que o Rolo Seja Reescrito (36:27-32)

CAPÍTULO XII - EVENTOS DO REINADO DE ZEDEQUIAS (37:1-39:18)

I. PRISÃO E PRESERVAÇÃO DO PROFETA (37:1-,38:28)

1. Jeremias Responde ao Rei Zedequias (37: 1-10)

2. A Prisão de Jeremias (37:11-21)

3. Jeremias É Lançado no Calabouço (38:1-6)

4. Jeremias Salvo por Ebede-Meleque (38:7-13)

5. Jeremias É Entrevistado pelo Rei (38:14-28)

II. A QUEDA DE JERUSALÉM E O CATIVEIRO DE JUDÁ (39:1-18)

1. Jerusalém É Conquistada (ver. II Reis 24:20; 25:12; II Crôn. 36:17-21)
 2. Zedequias É Preso (39:1-7)
 3. O Cativo Definitivo do Povo - A Cidade É Destruída (39:8-10)
 4. Jeremias É Libertado (38:11-14)

CAPÍTULO XIII - GRAVES ACONTECIMENTOS EM JUDÁ (40:1-42:22)

- I. JEREMIAS EM LIBERDADE (40:1-6)
- II. OS FUGITIVOS VOLTAM À CASA (40:7-12)
- III. UMA GRAVE CONSPIRAÇÃO EM MARCHA (40:13-16)
 - IV. OS POUCOS QUE ESCAPARAM DA CONJURA (41:1-9)
 - V. OS SOBREVIVENTES SÃO RESGATADOS (41:11-18)
 - VI. OS SOBREVIVENTES CONSULTAM A DEUS ATRAVÉS DE JEREMIAS (42:1-6)

CAPÍTULO XIV - PROFECIAS DE ACONTECIMENTOS NO EGITO (43:1-45:5)

- I. A DESOBEDIÊNCIA DOS SOBREVIVENTES (43:1-7)
- II. A MENSAGEM DE JEREMIAS AOS FUGITIVOS (43:8-44:14)
 1. A Promessa da Conquista do Egito por Nabucodonozor (43:8-13)
 2. Uma Repetição da Palavra de Deus em Judá (44:1-6)
 3. Jeremias Denuncia os Pecados do Povo (44:7-10)
 4. O Castigo É Declarado (44:10-14)
 - III. OS REFUGIADOS CONTESTAM A MENSAGEM DO PROFETA (44:15-19)

IV. A MENSAGEM FINAL DE JEREMIAS (44:20-30)

V. APÊNDICE - JEREMIAS CONSULTA A BARUQUE (45:1-5)

3ª PARTE - PROFECIA CONTRA DIVERSAS NAÇÕES ESTRANGEIRAS (46:1-51:64)

CAPÍTULO XV - PROFECIAS CONTRA DIVERSAS NAÇÕES ESTRANGEIRAS (46:1-51:64)

I. PROFECIA CONTRA O EGITO (46:1-28; ver Isaias 19: 1-20:6)

1. Uma Virada na História - A Batalha de Carquêmis (46:1-12)

2. Jeremias Vê Longe (46:12-26)

3. Uma Mensagem de Conforto (46:27,28)

II. PROFECIA CONTRA A FILÍSTIA (47:1-7)

III. PROFECIA CONTRA MOABE (48:1-47; ver Isaias 15:1-14)

1. Um Povo e Seu Território (48:1)

2. Deus Contra Camos (48:2-15)

3. Moabe Desceria da Sua Glória (48:16-25)

4. O Antagonismo de Moabe Será Quebrado (48:26-34)

5. Moabe Geme e Chora (48:35-42)

6. Jeová Tem a última Palavra sobre o Castigo (48:43-47)

IV. PROFECIA CONTRA AMOM (49:1-6)

V. PROFECIA CONTRA EDOM (49:7-22)

VI. PROFECIA CONTRA DAMASCO (49:23-27)

VII. PROFECIA CONTRA OS ÁRABES (49:28-33)

VIII. PROFECIA CONTRA ELÃO (49:34-39)

IX. PROFECIA CONTRA BABILÔNIA - A GRANDE CONQUISTADORA (50:1-51:64; ver Isaias 13:1-14:23 e 21: 1-10)

BREVE ANÁLISE DA PROFECIA

1. A Destruição de Babilônia Devia Ser Anunciada (50:1-7)

2. Era Tempo de Fugir (50:8-13)

3. Terra Que Não Seria Mais Habitada (50:14-16)

4. O Israel Desgarrado Também Seria Salvo (50:17-21)

5. Os Inimigos Encontram-se (50:22-28)

6. Veio Finalmente o Teu Dia (50:29-34)

7. Os Cativos de Israel Tinham um Redentor (50:35-40)

8. Um Povo Vem do Norte (50:41-46)

9. O Senhor levantaria um Vento Impetuoso (51: 1-10)

10. O Senhor Trouxe a Sua Justiça à Luz (51:10-19)

11. Babilônia Era o Martelo do Senhor (51:20-32)

12. A Colheita Vai Chegar (51:33-37)

X. UM TRECHO DESLOCADO (51:59-64)

CAPÍTULO XVI - UM HISTÓRICO RETROSPECTIVO (52:1-34)

I. O CATIVEIRO DE ZEDEQUIAS (52:1-27) (589 a.C.).

II. CRONOLOGIA DAS TRÊS DEPORTAÇÕES (597 ou 605 e 585 a.C.) (52:15, 28-30; II Reis 24:3,25; II Crôn. 36:1-21)

1. PRIMEIRA DEPORTAÇÃO (597 ou 605 a.C.)

2. SEGUNDA DEPORTAÇÃO (586 a.C.)

3. TERCEIRA DEPORTAÇÃO (585 a.C.)

CONCLUSÃO (52:31-34)

EPÍLOGO

UMA PALAVRA AO LEITOR

Jamais me passou pela mente escrever um ESTUDO sobre a profecia de Jeremias. Sempre me pareceu tarefa acima de minha capacidade de escrevinhador. Todavia, pelo fato de até hoje, que eu saiba, ninguém no Brasil * se ter aventurado a escrever sobre este grande livro e por considerar-me estudioso da história do Velho Testamento e particularmente do último período da existência de Israel, ou de Judá, fui levado a tentar escrever um trabalho modesto, mas de grande utilidade aos que estudam não apenas a história de Israel, mas especialmente este último período. isso tudo somado encorajou-me a meter ombros à grande tarefa.

Um outro fator que me impeliu a escrever sobre Jeremias é que não podemos entender muito bem o livro de Daniel se não conhecermos o que Jeremias disse.

Os dois livros se completam, pois que o de Ezequiel fica no meio dessa história, e talvez ainda me anime a fazer também um estudo dele.

isso tudo e mais o fato da batalha de Carquêmis, em 605 a.C., abriu um período novo para a história do mundo antigo, sendo o Império babilônico e o persa apenas o Interlúdio para uma era nova, que iria modificar os alicerces do velho mundo. Todos os historiadores que se ocupam do assunto reconhecem que o Império de Alexandre foi o capítulo preparatório para o advento de Cristo. Então, para que se entenda todo esse panorama histórico depois da destruição do Reino de Israel, não se pode dispensar o estudo sobre Jeremias. Ele é a porta que abre para um mundo a chegar e que tão de perto interessa ao estudante do Velho Testamento. Ao começar este estudo, descobri jamais haver pensado no que ele contém de maravilhoso em relação ao governo divino do Seu povo e de todos os povos, pois que todos são Seus. Foi uma descoberta feliz.

Se os poucos leitores desta modesta obra descobrirem tanto quanto eu, então valeu a pena escrevê-la e será proveitoso lê-la. É um estudo fascinante do ponto de vista da misericórdia divina e sua paciência para com o pecador. Nem todos reconhecem isso em nosso Deus amoroso e paciente para com as suas criaturas.

Rio de Janeiro, junho de 1976

O Autor

A ASTE tem um excelente comentário sobre Jeremias, mas é tradução do original

Inglês de J. Skinner.

Antônio Neves de Mesquita

Mestre e Doutor em Teologia

Membro da Academia Evangélica de Letras e do

Conselho Brasileiro de Letras e Artes

Professor jubilado de Velho Testamento no Seminário Teológico

Batista do Norte do Brasil

Professor jubilado de Introdução à Bíblia e Sociologia no

Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil

Professor jubilado de Velho Testamento e Hebraico no

Seminário Teológico Betel do Rio de Janeiro

NOTA DE APRECIÇÃO

Como sempre fazemos em todos os nossos livros, temos também aqui de reconhecer os valiosos serviços Prestados ao autor pela Prof^a Waldemira Almeida de Mesquita, a quem tem cabido a tarefa, um tanto Ingrata, de ler o original, o colocar os acentos nas letras, as vírgulas onde estão faltando e fazer valiosas sugestões, quase sempre aceitas. Neste trabalho deve ser incluída a paciência de verificar todas as citações bíblicas e conferí-las com o manuscrito.

Desta vez ela só pode fazer este trabalho até a página 158 do original ou fim da Segunda Parte. Acometida por grave enfermidade, parou tudo para ela, e nós, depois de 40 dias de espera por sua reabilitação, resolvemos entregar à Editora o manuscrito sem a costumeira revisão total por parte dela. Portanto, as falhas encontradas na parte que ficou por revisar, como, aliás, de todo o livro, são da nossa responsabilidade. A ela, fiel cooperadora em tantos livros, tanto os escritos como os traduzidos pelo autor, a nossa grande admiração e reconhecimento.

PREFÁCIO DO LIVRO

Registramos o que nós parece ser um plano compreensivo da profecia de Jeremias. Poderíamos ter feito o trabalho menos fácil, menos elucidativo e capaz de corresponder ao nosso ideal de prepararmos um trabalho para estudantes, e não para eruditos.

De acordo com o nosso plano, dividimos a Profecia de Jeremias em três partes. Isso está em conotação com os mais eruditos estudiosos da mesma profecia. Em geral, todos a dividem em duas partes: capítulos 1 a 25 e 26 a 52. A nós, pareceu-nos, que a parte de 46:1-51:64, que trata de profecias contra nações estrangeiras, deveria ocupar uma outra parte, pois a matéria é bem distinta. O capítulo 52 é tratado geralmente como um retrospecto da história, e foi assim que o consideramos.

Mas ainda procuramos dividir a matéria em capítulos, para maior compreensão da mesma. Esta forma de divisão não se encontra em tratado algum, dos diversos que consultamos. É um arranjo nosso, pelo qual pedimos desculpas, se não agradar.

A cada capítulo demos as divisões principais e algumas subdivisões. Isso nós custou muito trabalho, mas acreditamos que tal divisão corresponde ao texto apresentado. Poderá até ser usado para estudos particulares e mesmo sermões. A disposição é homilética, mas não muito rigorosa quanto à matéria.

Na apreciação da matéria em exame, o leitor notará que diversos reis de Judá são mencionados em relação com a obra profética de Jeremias. As três deportações referidas em II Reis e II Crônicas são apresentadas no final do estudo e de acordo com os dados oferecidos pelo mesmo Jeremias. Aqui, apenas para auxiliar o estudante, nós limitamos a mencionar os diversos reis e os anos em que governaram a tribo de Judá. Isso facilitará, a nosso ver, o estudo da matéria. Muito naturalmente começamos por mencionar Josias, em

cujo reinado Jeremias começou o seu ministério, e, partindo deste monarca, seguiremos até Zedequias, o último dos reis de Israel.

O Autor

CRONOLOGIA DOS REIS DE JUDÁ

Ascensão de Josias em 641 a.C.

Morte de Josias, pelo Faraó Neco em 609 a.C.

Pela escolha do povo, subida ao poder do filho de Josias por nome de Joacaz (II Reis 23:30), cuja deposição Neco efetuou na sua volta da guerra do norte, levando-o para o Egito em 608 a.C., onde morreu.

Ascensão de Jeoaquim, pela mão de Neco do Egito, em 608 a.C. Reinou por onze anos, conforme II Reis 23:36, ou seja, de 608 a 597 a.C.

Por morte de Jeoaquim, subiu ao poder seu Irmão Joaquim, que reinou apenas três meses, sendo deposto por Nabucodonozor e levado preso para Babilônia, onde ficou até ser libertado por Evil-Merodaque, sucessor de Nabucodonozor em 561 a.C. (ver II Reis 25:27-30 e Jer. 52:31-34).

Zedequias. Com a deposição e prisão de Joaquim (II Reis 24:12 e II Crôn. 36: 9), Nabucodonozor colocou no trono a Zedequias, tio paterno de Joaquim, e reinou até 586, onze anos.

Com a deposição de Zedequias termina a liberdade de Judá e começa o cativeiro, que durou 70 anos, conforme Jeremias 25: 11.

RESUMINDO ESTES DADOS, TEMOS:

1. Morte de Josias em 609 a.C.
2. Sobe ao poder Joacaz em 608 a.C.
3. Deposição de Joacaz por Neco em 608 á.C.
4. Subida ao poder de Jeaquim em 608 a.C.

5. Morte de Jeaquim em 597 a.C.
6. Ascende ao poder Joaquim, nessa mesma data, refinando apenas três meses (ver II Reis 24:12).
7. Rainha Zedequias em 597 até 586 ou 585, conforme outra cronologia.
8. Fim do Reino de Judá em 586-585 a.C.

Observação: Essas datas são dadas em algarismos redondos, não sendo computados os meses de um ou outro reinante.

Durante todos estes anos, de 626 a.C., quando Jeremias começou o seu ministério profético, até 585 (41 anos), ele foi um incansável batalhador em prol da religião de Javé. Em data posterior foi levado à força para o Egito, e, depois do ano 561, quando Joaquim foi libertado da prisão em Babilônia, do que o profeta faz menção em sua profecia (52:31-33), nada mais se sabe a seu respeito. Durante o estudo dessa admirável profecia, melhor se poderá apreciar a obra do grande homem de Deus.

O problema referente às três deportações é apresentado no fim do estudo da profecia de Jeremias, e podemos dizer ser o trabalho mais completo já feito até hoje, segundo as investigações deste autor. Qualquer falha ou omissão deve ser levada à conta da incerteza das muitas datas dessa tumultuosa época.

INTRODUÇÃO

I. PRELIMINARES

A quem já escreveu a história dos últimos dias de Jerusalém, como se encontra nos últimos capítulos de Crônicas, não deixará de ser grande sedução continuar esse estudo da profecia que tão de perto se entrosa com aquele relato, encontrada no livro que ora vamos considerar. É, pois, o livro de Jeremias uma continuação da história, que tanto tem de trágica como inspirativa, pela lições que ministra a respeito do tratamento de Deus para com o seu povo rebelde e procrastinador. Nós, que estamos tão distantes daqueles dias, sentimo-nos humilhados por ver como se repudiava a palavra, diretamente vinda de Deus para o seu profeta. Parece que o povo estava louco ou então Empedernido na prática da rebelião, e nada podia modificar o seu curso na vida religiosa. É isso que os leitores irão verificar ao longo desta triste descrição, pois é com tristeza e profundo pesar que temos de examinar a vida do povo em seus diversos quadros históricos, para então tirarmos umas tantas lições, que, possivelmente, nós aproveitaremos, mesmo que vivamos uma outra dispensação e em situação política bem diferente. A história, em qualquer dos seus quadros, é sempre história e sempre traz, senão uma repetição, pelo menos muitas semelhanças. Podemos aprender pelas experiências dos outros, ver onde fracassaram, para que evitemos cair nós mesmos pecados e faltas. Neste estudo, propomo-nos atualizar, tanto quanto possível, a quadra vivida nós tempos dos filhos de Josias, e concluir que, se estivéssemos lá, sabendo o que sabemos de Deus e da sua providência, teríamos procedido bem diversamente. Dizemos esta palavra porque o curso do caminho de Deus para com o seu povo só muda com as circunstâncias; no mais é sempre o mesmo o seu modo de tratar, de corrigir, de ensinar e de tentar trazer para o caminho o povo ou o homem desviado. Tanto quanto Deus é imutável, também os seus processos de lidar com o povo são imutáveis.

Jeremias foi chamado ao ministério profético em 826 a.C., quando ainda era um simples adolescente. Ele mesmo se considerava uma criança (1:8) que nem sabia falar; Deus, porém, lhe respondeu que antes de ele nascer já havia sido escolhido para essa tarefa, aparentemente tão ingrata (1:5). A situação em Judá era má. Josias, o bom rei de Judá, fora morto por Faraó Neco, nos montes de Megido, quando este se dirigia para o norte, numa tentativa de abocanhar o pouco que restava da antiga e orgulhosa Assíria. Neco, parece, pelo menos então, não tinha intenções de atacar Judá; todavia, Josias não confiava nele, nem podia fazê-lo, porquanto os faraós egípcios sempre tinham sido reis de pilhagem. Morto Josias, o povo da terra colocou no trono o seu filho mais velho, por nome de Jeoacaz, que Neco, na sua volta do norte, destronou, dando o governo a seu irmão Eliaquim, cujo nome mudou para Jeoaquim (II Crôn. 36:4), levando o mesmo Neco a Jeoacaz para o Egito. Aqui começa a grande tragédia de Judá, pois a morte de Josias possibilitava todas essas alterações, mesmo que não possamos afirmar o que teria acontecido se Josias não tivesse morrido, nem qual teria sido o curso da conduta de Neco, derrotado como vinha do encontro com as forças de Nabucodonozor, na célebre batalha de Carquêmis (605 a.C.).

A Assíria tinha enfraquecido muito depois da morte de Assurbanipal, em 663 a.C., o conhecido Sardanapalo dos gregos. No trono foi sucedido por um general de pouca influência, perdendo-se logo algumas províncias do norte em 614 a.C. O enfraquecimento da Assíria já vinha de longe. Assurbanipal era grande guerreiro e sua fama era tal que transpôs as fronteiras do seu reino. Era também historiador, e, por amor a essa arte, dedicou-se mais à busca de documentos históricos do que aos interesses do seu reino. Deve-se a esse monarca a grande biblioteca desenterrada nas ruínas de Nínive e transportada para o Museu Britânico em Londres, biblioteca esta que, segundo os técnicos, compunha-se de 30.000 volumes, escritos em tijolinhos de barro seco ao sol, por isso a sua fragmentação em muitos lugares. A Assíria tinha inimigos por toda parte, devido às suas muitas guerras contra os outros povos, especialmente Babilônia, que nunca se contentou em ser mera província de Nínive. Ali lavrava uma surda campanha de reivindicação, cuja notícia temos na profecia de Isaias, por ocasião da doença de Ezequias, e quando veio a Jerusalém uma embaixada babilônica, para cumprimentar Ezequias pelo seu

restabelecimento, embora a verdade, como no-la transmitiu Isaias, era bem outra (19. 39:1-8). O que a embaixada pretendia era aliciar Ezequias para uma conjuntura contra Nínive. Isaias, que não gostava dessas alianças, advertiu Ezequias que não se metesse em tal negócio.

Foi nessa conjuntura política que Neco do Egito, anos depois, entendeu de fazer uma tentativa de restaurar o seu antigo Império no norte. Julgamos que, se tivesse sido bem sucedido, não faria diferente do que fez com Judá na sua volta do norte, quando impôs tributo ao povo e destronou o rei que o povo havia escolhido. No meio de toda essa trança política, é fácil de ver o que teria acontecido, mesmo que Josias estivesse vivo.

Neco, por certo, não contava com a reação babilônica ao seu programa. O fato é que Nabucodonozor, filho do rei de Babilônia, também disputava os despojos do Império Assírio, tanto por uma questão de conquista, como também por vingança, pelo domínio de Nínive imposto a Babilônia, que, sendo aparentemente independente, estava subordinada à Assíria. O encontro deu-se nas Planuras de Carquêmis em 606 a.C. Nínive já havia sido destruída em 612 a.C., numa coligação de babilônios, medos e outros povos inimigos de Nínive. Com a destruição da capital dos grandes guerreiros, também Judá esperava respirar, pois até aqui do mesmo modo tinha sido atacada pela Assíria. Com a derrota das tropas egípcias, era mais do que natural que Nabucodonozor se atirasse contra as antigas províncias da Assíria. Entretanto, problemas graves estavam ocorrendo em Babilônia com a morte do Pai, Nabapolassar, e ele teve de correr para lá a fim de abafar a rebelião. Foi este fato que deu ano a Neco de se meter nos negócios de Judá, destronando o rei Jeoacaz e colocando no trono o seu Irmão, na suposição de que este nenhum compromisso tinha com os reis do norte e serviria melhor aos Interesses do Egito. Como se vê, Judá, que ficara livre da submissão à Assíria, caiu agora nas garras dos egípcios. O mundo era pequeno e disputado pelos mais valentes.

O que a história nos conta é que, tendo caído a Assíria, o seu conquistador Nabucodonozor se considerava herdeiro dos seus domínios, e, portanto, Judá agora seria submetida a Babilônia. Eram então dois os pretendentes ao domínio de Judá. O novo rei de Jerusalém fora juramentado por Neco a lhe ser fiel, mas Jeremias sabia que as promessas egípcias eram de pouca valia, e,

na sua opinião, o rei deveria contar, na certa, com Nabucodonozor, porque o Egito tinha grandes problemas Internos e não os poderia abandonar, para acudir a Judá. Jeremias sabia de tudo isso e aconselhou o rei Jeoaquim a ficar firme ao lado de Nabucodonozor, que, dia mais dia menos, visitaria Judá, como aconteceu em 596, depois de consolidada a situação no norte. Vindo a Judá, prendeu o rei e levou-o, junto com alguns dos melhores do povo de Judá, para Babilônia, ficando preso ali até o ano 37º do cativeiro, quando, por morte de Nabucodonozor, Evil-Merodaque o libertou e lhe deu uma pensão vitalícia (Jer. 52:81-34). A situação criada agora em de uma dubiedade tremenda. O Egito, que não ousava arriscar-se num confronto com Nabucodonozor, fazia toda norte de Intrigas para o prejudicar. O profeta Jeremias, que enxergava longe e sabia, pelas revelações de Deus, que o Egito nada poderia fazer e que Judá estava mesmo debaixo do jugo babilônico, aconselhava cautela e submissão ao novo senhor. Isso, porém, era mal visto pelos políticos judaicos, que acreditavam na conversa de Neco. Por isso a luta entre o profeta, os políticos e o rei, que ficava muitas vezes sem saber para que lado se virar.

Com a deposição de Jeoaquim, subiu ao poder Zedequias, a quem coube uma difícil tarefa na condução de Judá. Se ele ao menos confiasse no profeta, a situação tomaria outro rumo, porém ele tinha medo dos políticos que o rodeavam.

Com a morte de Neco, do Egito, subiu ao trono Psamético II, e uma das suas primeiras Iniciativas foi tentar persuadir Zedequim a se rebelar contra Babilônia, pois outros reis do norte já haviam sido sondados para uma eventual guerra contra a Babilônia. Zedequias foi perscrutado, e há bastante Índícios de que estava Inclinado a aderir, levado particularmente pelo profeta Hananias (ver o capítulo 28). Não padece dúvida: havia dois partidos em Jerusalém, um pró Egito e outro pró Babilônia, sendo este o mais fraco. Contra tal conjuntura se levantava Jeremias, o que lhe custou dias de grande amargura, como se verá no andamento deste estudo. A posição de Jeremias era contrária às aspirações de alguns patriotas, que confiavam nas conversas dos egípcios, mas sempre em minoria. Certa vez, num colóquio íntimo, Jeremias procurou convencer Zedequias a balança pender para Babilônia e que nada debaixo do céu o obstaría. Zedequias, porém, confessou que tinha medo do povo (38:14-28).

Os rumores de descontentamento de Judá chegaram aos ouvidos de Nabucodonozor, que intimou Zedequias a comparecer à sua presença. Ele, por certo, deu garantias ao rei de sua submissão e de que tudo correria bem, e admite-se, ele tivesse essa intenção, se bem que o partido pró Egito fosse muito forte e quem advogasse qualquer submissão a Babilônia seria considerado traidor. Se o povo acreditasse em Jeremias, talvez a solução fosse outra, mas havia outros profetas, falsos ou não, que advogavam o contrário, e quem levava a pior era Jeremias que estava em contato permanente com Javé e sabia do que estava para acontecer. Como se vê, era uma luta política, com dois partidos, de Inclinações diferentes. Zedequias teria prometido fidelidade a Nabucodonozor, mas não foi leal, isto custando-lhe bem caro.

Com a morte de Psamético II e a subida ao poder de Faraó Hofra, muita coisa tomou outros rumos (598 a.C.). Parece que Hofra deu mão forte aos seus amigos em Judá, o que concorreu para tornar ainda mais crítica a situação do rei e de Jeremias. Os profetas do lado egípcio afirmavam que o outro lado estava errado, enquanto Jeremias dizia justamente o contrário. Numa situação política dessa ordem, seria mesmo difícil tomar uma decisão, a menos que se tivesse as provas que Jeremias possuía e que os outros diziam também ter, e não era verdade. No meio dessa trama tremenda, Zedequias foi levado a faltar ao seu compromisso com o rei de Babilônia. Foi traidor. O Egito não mandou o socorro prometido e Nabucodonozor pôs novamente cerco a Jerusalém, agora em condições bem imprevisíveis. A crise se agravou, sendo Jeremias preso e posto numa cisterna sem água, com muita lama, e lá teria morrido de frio, fome e sede, não fosse a interferência de um etíope, Ebede-Meleque, empregado do palácio, que, conhecendo a ocorrência, intercedeu junto a Zedequias para que tivesse pena do profeta. Zedequias condeouse do profeta e autorizou o etíope a arranjar trinta homens, e, conseguindo trapos velhos e cordas, pediram que Jeremias os colocasse nas axilas, onde iam passar as cordas, e assim foi içado da cisterna (cap. 38). A prisão do profeta baseava-se em ser traidor e estar fugindo para os caldeus (cap. 37). O que havia era que Jeremias estava certo de que Deus ia punir a nação faltosa, enquanto o profeta Hananias afirmava que, possivelmente, o Egito iria socorrer o seu aliado. Esta luta entre duas lideranças resultou justamente no que Deus planejava e deu aso a que o povo e seus líderes mostrassem ao mundo até onde iria a sua rebeldia e incredulidade.

Nesse ínterim Nabucodonozor pós cerco novamente a Jerusalém. Entretanto, justamente nessa altura aparece o exército de Hofra, faraó egípcio, e Nabucodonozor, por táticas, levantou o cerco. Nessa situação é que Jeremias foi preso como traidor. Com um novo assalto, Nabucodonozor cercou a cidade, de pouco valendo as tropas egípcias, e dessa vez foi muito mais cruel do que tinha sido da primeira. Diz-se, e com certa razão, que Zedequias era homem fraco e incapaz de tomar uma decisão válida. Mas julgue-se bem a situação em que dois partidos disputavam a liderança, um pró Egito e outro pró Babilônia, estando Jeremias certo de sua Posição ser a verdadeira, embora do outro lado Hananias também dissesse falar em nome de Javé. Quem seria capaz de tomar uma posição segura? Jeremias estava em contato com Deus e certo de que ele ia fazer de Judá uma colônia de Babilônia. No entanto, os outros também se julgavam certos. Sabemos que Jeremias estava com a verdade, mas naquela ocasião nem todos podiam ver isso. O Egito revelou-se mesmo uma cana rachada, e o segundo cerco foi efetivado sem maiores percalços. O que foram esses dias, melhor se verá no decurso do estudo. Da primeira vez, apenas alguns nobres e alguns utensílios do templo foram levados para Babilônia. Agora a situação era mais feia e Nabucodonozor, irado com a falsidade do rei, não teve piedade de ninguém. Velhos e moços, homens válidos e mulheres virgens, todos foram enfileirados e levados para o desterro, sendo o templo despojado das suas melhores alfaias. Todavia, esta foi a última vez que Jerusalém pagou por sua incredulidade. Zedequias estava no seu décimo primeiro ano de governo. Foi preso, quando fugia junto com muitos outros, e levado a Ribla, na terra de Hamate, onde estava Nabucodonozor. Os seus filhos foram mortos na sua presença, vazaram-lhe os olhos e, amarrado com duas cadeias de bronze, foi levado para Babilônia, onde morreu. Muitos dos nobres de Judá também foram mortos na presença do rei. A cidade foi pilhada sem piedade e tudo que era de alguma valia foi levado para Babilônia (cap. 39). Jeremias foi, por ordem de Nabucodonozor, dado a Nebusaradam, seu general, sendo bem tratado e posto em segurança. Essa fora a promessa de Javé ao seu profeta, cumprida naquele dia trágico. Fica entendido que esta foi a terceira e última vez que Nabucodonozor atacou Jerusalém, a destruindo. Jeremias refere essa terceira incursão em Jerusalém (52:29), mas que pouco havia a destruir.

Pouco depois de Jeremias ser entregue aos cuidados de Gedalias, foi levado para o Egito (cap. 40). E quase mais nada se sabe dele. Do Egito ainda mandou uma carta aos cativos de Babilônia (43:8-12). Após isso, desce o pano sobre o

palco de Jeremias. Há uma tradição cristã de que ele foi lapidado uns cinco anos depois de chegar ao Egito, todavia, tal suposição cai por terra, se aceitarmos o relato do capítulo 52:21-24, onde somos Informados da soltura de Jeoaquim pelo rei Evil-Merodaque, Isto no ano 37º do cativeiro de Judá, metade do período do exílio (561 a.C).

Os assaltos à cidade gloriosa são dados por Jeremias em 52:4-30, quando então faremos uma análise mais minuciosa dos acontecimentos que levaram a cidade e o povo à destruição. O povo foi levado para Babilônia, o lugar do seu desterro. O templo queimado, e o que se podia carregar inteiro também levado; e o que não podia ser assim levado foi quebrado e carregados os pedaços, como aconteceu com as duas grandes colunas, chamadas de Jaquim e Boaz. O bronze era material muito precioso naqueles dias. Todos os que foram levados cativos faziam um total de quatro mil e seiscentos (52:4-30). O livro de II Crônicas dá uma descrição, mas sintética (II Crôn. 36:17-21). Há pequenas divergências nos diversos textos, coisas de somenos importância. A referência de Jeremias ao 18º ano de Nabucodonozor (52:29) deve ser entendida como a data da destruição parcial da cidade e do templo. O segundo assalto no 19º ano do mesmo monarca (52:12) foi quando a cidade e o templo foram totalmente destruídos. Um outro assalto mencionado por Jeremias (52: 30), no ano 23º de Nabucodonozor, não é referido em nenhum outro texto. Pode ser tomado como um ato de pura rebusca, sendo 586 dado como o ano da destruição de Jerusalém e do templo.

II. AS DOUTRINAS E MENSAGENS DO LIVRO

1. Bem vistas as coisas, parece que o profeta Jeremias fracassou na sua missão, mas isso apenas parece. Todos os grandes vultos da história devem esperar por esses fracassos aparentes. Jeremias tinha apenas uma missão ou um dever: cumprir a vontade de Javé, que o havia chamado ao ofício, sendo o cumprimento desse dever a sua suprema missão. isso ele cumpriu e nisso foi triunfante. isso se poderia dizer de outros profetas, que tiveram iguais lutas

nós seus dias. O profeta não era um funcionário público, com uma tarefa burocrática a realizar. Era um "funcionário" de Deus, com missão que nem sempre entendia bem. Cumprir essa missão ou essa tarefa era a suprema ventura do homem vocacionado. Com esta missão em vista, os desentendimentos que surgiram, ele sabia, eram frutos do pecado, que dominava o povo de alto a baixo. Onde reina o pecado, reina a desavença, o desamor e a Intriga. Essas más qualidades coroaram a carreira curta do profeta.

2. Jeremias verificou que o antigo Concerto estava arruinado e os serviços religiosos do templo eram apenas máscaras mal postas, porque o que Deus requer não é oferendas materiais, e, sim, um coração humilde e quebrantado. Teria até chegado à conclusão de que templos, rituais, sacerdotes e levitas, tudo era farsa religiosa, em que os homens tinham perdido o sentido da sua missão, para se entregarem a serviços religiosos que nada tinham de religião. Para um jovem Israelita limpo e decente, isso teria sido uma triste desilusão. Como iria ele, Jeremias, servir a um povo que tinha perdido o senso religioso e de suas relações com o seu Deus? Consolava-o o fato de Deus ser o mesmo dos antigos tempos, e não tinha mudado em nada. Quem mudou foi o povo, Deus não. Então essa constatação o aliviaria do pesadelo da admitida falência de tudo quanto se praticava na religião. Em nossos dias também podemos chegar a essas tristes conclusões. Se sabemos, porém, que Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre, então não há que desanimar. Os ecos da revolução religiosa, provocados pelo achado do Livro da Lei no templo, nós dias de Josias, e a reforma que efetuou, estavam esmaecendo e o povo voltando à sua vida fútil e sem religião de quando o livro foi encontrado. Temos para nós que Jeremias teria vibrado com as novas do livro, como o fez Josias em 621. Todavia, os dias de serviço ao povo logo o teriam convencido de que aquilo teria sido um fenômeno passageiro, como tudo nesta vida. Então se encontraria com um elemento à parte: a lei de Deus e a Sua vontade, de um lado, e do outro, a Indiferença religiosa dos seus conterrâneos. Acrescente-se ainda terem sido as condições políticas e sociais cada dia mais graves, com os exércitos egípcios e babilônios rondando as muralhas de Jerusalém. Sabendo dos planos divinos para castigar essa gente, que ânimo teria o profeta para a sua missão? Ele visitaria o templo como bom judeu e veria como o povo continuava na prática da religião ritual, com os sacrifícios e oferendas, embora tendo o coração longe de tudo isso. Mas o ritual era a religião, e, se os judeus não uniam a religião à

prática, isso era problema deles, e não seu. A constatação de tais fatos serviria para reforçar a sua convicção de que era preciso lutar.

3. isso tem levado alguns comentadores a acreditar que Jeremias se opunha ao ritual do templo, por considerar nulos os sacrifícios. Parece que essa posição não é válida. Jeremias, como bom judeu, não poderia deixar de gostar até de praticar os serviços religiosos do templo. O que o aborrecia, como bom crente, era a futilidade de oferecer sacrifícios que não eram acompanhados do espírito de adoração. Tais sacrifícios seriam mera formalidade, e Deus não os aceitaria. Parece-nos intuitiva essa posição, pois sabemos que ritos e formalidades religiosas só valem se o coração do ritualista estiver de fato consagrado a Deus. Qualquer outra posição é pura fantasia religiosa, pura ficção, com o que Deus não pactua. A luta de Jeremias, pois, era em prol de uma conversão a Javé é com um coração devoto e humilde. Qualquer outro tipo de religião, seja judaica ou mesmo cristã, é nula em seus efeitos perante Deus. Os sacrifícios foram inventados para materializar um estado do coração. Se isso inexistia, então o sacrifício de nada valia. Esse lado é o grande ponto do judaísmo, como de outras religiões cerimonialistas. O crente perde-se no labirinto do cerimonial, cumpre uma certa formalidade, mas, quanto ao seu coração, está longe de tudo aquilo. Todos estamos dentro desse círculo de ferro. Entregamos nossos dízimos e ofertas em puro dever eclesiástico, por uma obrigação que se nós impôs ou a qual nós impusemos, e nós sentimos satisfeitos após realizadas tais obrigações, embora no final nada fizemos, porque, se o dízimo, ou oferta, não foi acompanhado pelo coração agradecido, de pouco valeu para a pessoa. Esta seria, sem dúvida, a luta do profeta com os sacerdotes e oficiais do templo, e quem estivesse de fora compreenderia que ele se insurgia contra o ritual, contra as ofertas pelo pecado e pela culpa, conforme o caso. Se esse fato merecer a atenção do leitor, seja pastor, seja diácono ou um simples adorador, é bom recordar: o que vale é uma oferta de coração, à moda da moeda da viúva pobre (Mar. 12:42), que ofereceu uma oferta materialmente nula, por sua insignificância, mas foi a que mereceu do Mestre o maior louvor.

III. AUTORIA DO LIVRO

Com ligeiras discrepâncias, todos os grandes comentadores aceitam Jeremias como autor deste livro. Nascido em Anatote, no reinado de Josias, talvez em 626 a.C., recebeu a chamada do ministério profético no décimo terceiro ano do reinado de Josias em 626 a.C., e profetizou até a destruição de Jerusalém, em 585 a.C., e depois no Egito, em Tafnes, até data Ignorada. Sabemos que no ano 37? do cativo, ou seja, em 561 a.C., ele ainda vivia. Do seu destino final a história guarda segredo. Profetizou durante os anos de Josias, sendo que poucas profecias desta época temos; durante o reinado de Jeoacaz, de que não temos qualquer profecia; e durante os reinados de Jeoaquim, Joaquim e Zedequias, especialmente deste último, em que teve acentuada atividade, numa tentativa Inútil de salvar a nação. Foi um dos profetas mais ativos do Velho Testamento.

Anatote, uma pequena vila quatro quilômetros distante de Jerusalém, era a residência de uma família sacerdotal, descendente do infeliz Abiatar, sacerdote de Davi, e que, por infelicidade, seguiu Adonias, na sua presunção de ser o rei de Israel. Destituído do sacerdócio, voltou para a sua fazenda em Anatote, como lhe disse Salomão (I Reis 2:26 e ss.), sendo, talvez, o último descendente do sacerdote Eli (I Sam. 2:21-28).

A ordem cronológica em que os escritos se encontram é assunto grave. Nós temos muito cuidado com essas particularidades, o que não acontecia com os orientais. Acreditam outros que o profeta iria amontoando as suas notas e só depois é que procuraria colocá-las na devida forma. No caso de Jeremias, nota-se que possuía um amanuense, Baruque, que escrevia as profecias que Jeremias pronunciava. Ver especialmente 36:32, segundo o qual Baruque reproduziu totalmente o que o rei ~ queimado no braseiro. Mesmo que se diga ser esse um caso particular e especial, ainda assim admitimos que Jeremias ditava, para o

seu amanuense, tudo quanto Javé lhe dizia. Faria Isto com a máxima fidelidade, e o seu secretário não era menos cuidadoso e fiel ao pensamento do seu mestre, porque a sua fidelidade foi ao ponto de ele o acompanhar até o Egito, quando o profeta foi obrigado a seguir para aquele país (Jer. 43:6).

Admitimos ainda, Deus não desse as suas mensagens ao profeta, na ordem em que gostaríamos de as encontrar, pois poderia uma certa mensagem preceder outra, que deveria sucedê-la. Qualquer que seja o ponto de vista em que nós coloquemos, não há dúvidas quanto a ser Jeremias o autor responsável pelo seu livro. Os modernos críticos, que acham tudo se poderia passar à moda da nossa época, alterando ou adicionando o escritor o que bem lhe parecesse, devem estar enganados. Entre os muitos pecados de Israel não conhecemos o de falcatruas, isto é, de atribuir a um autor o que outro teria escrito. A legislação moderna tem-se preocupado com o problema, mas parece que tal crime era Inexistente em Israel. Se examinarmos o que nós diz o grande comentador E. J. Young, em sua *Introduction to the Old Testament*, bem assim *The New Bible Hand Book*, de G.T. Manley, poderemos ter uma compreensão mais robusta desse problema. Young dá mesmo as datas possíveis das profecias, e os acontecimentos coevos, um trabalho admirável, que não podemos seguir aqui por ser diferente o nosso estudo.

Há um outro problema, ainda mais complexo. As diferenças de leituras entre a LXX e o texto hebraico. Para nós, essas diferenças não assumem o caráter de um conflito. A LXX veio a lume séculos depois da morte do profeta e quando já a sua profecia estaria no estado em que se encontra atualmente no texto hebraico. Os tradutores não conheciam o hebraico suficientemente bem, para fazerem uma tradução fiel e nem teriam também o escrúpulo que exigimos, para não parafrasear um determinado texto. Há muita crítica quanto ao modo e maneiras como a LXX teria sido feita. Fundamentalmente os dois textos não se contradizem profundamente; divergem aqui e ali. Aconselhamos ainda o texto de E. J. Young, já aludido.

IV. A DATA DO LIVRO

É fácil a colocação do profeta e suas atividades na vida de Israel. Deus chamou o profeta em 626 a.C. Ele assistiu à derrocada de Nínive em 612 a.C.

Tomou parte nos funerais de Josias em 609, e até escreveu uma Lamentação a propósito da morte do bom rei (II Crôn. 35:25). Assistiu à Invasão de Neco em Jerusalém e teria sido, até certo ponto, o conselheiro do rei Jeoacaz, deposto por Neco, e de seu Irmão Eliaquim, cujo nome foi mudado por Neco para Jeoaquim, à subida deste ao trono. Acompanhou o destino da nação judaica até o seu fim, e esta quadra histórica constitui o todo da sua profecia. Quando Nabucodonozor tomou a cidade e a destruiu, em 586 a.C., protegeu a Jeremias e o entregou aos cuidados de Gedalias, novo governador de Judá, e com quem ficou até ser levado à força para o Egito. Lá escreveu cartas aos cativos de Babilônia e produziu ainda outras profecias. Pensam alguns comentadores que dessa data em diante Jeremias desaparece da cena. Entretanto, ele aparece ainda no capítulo 52:31-34, referindo-se à subida de Evil-Merodaque, filho e sucessor de Nabucodonozor, ao trono de Babilônia, no ano 372 do cativeiro, ou seja, em 561 a.C. Depois dessa data desaparece, e temos dúvidas se ele assistiu ou não à volta do povo para Judá, quando Zorobabel foi comissionado por Ciro, rei da Pérsia, para construir o templo. Possivelmente Jeremias teria morrido nesse ínterim ou estaria tão velho que não poderia tomar parte nos negócios de

Judá. A vida do povo judaico no Egito tomou um curso muito diferente do de Babilônia. Os que seguiram para o Egito foram por uma rebelião, e Deus prometeu castigá-los lá, enquanto os que foram para Babilônia foram levados por Deus (Jer. 42:21,22). Da vida dos que demandaram o Egito, ao certo, pouco se sabe. Todavia, há muitas Indicações de que também prosperaram e, no domínio dos Ptolomeus, tornam-se elementos de grande valia. Atribui-se a estes judeus a Iniciativa, ou pelo menos a coparticipação na versão dos LXX. Na universidade fundada em Alexandria, mais tarde, por Alexandre, o Grande, os judeus foram elementos de grande Influência, e data dessa ocasião o que se conhece como Neoplatonismo, ou seja, a Interpretação da filosofia grega à luz do Velho Testamento. Temos uma ou outra referência a esse fato: o caso de Apolos, grande erudito nas Escrituras, bem assim a Influência que esta escola exercia por toda a Ásia nós tempos de Paulo. Comercialmente admite-se que os judeus ricos de Babilônia se comunicaram com os do Egito, estabelecendo, assim, os dois pólos comerciais da antigüidade - um em Babilônia e outro no Egito - com a permuta de mercadorias de um e de outro local. A este assunto voltaremos mais adiante. Portanto, os dados que temos dão a Jeremias a Idade de 66 anos.

V. O CARÁTER DE JEREMIAS

Ao estudarmos o livro de Jeremias, temos a Impressão de que se trata de um pastor dos nossos dias, lutando com uma igreja rebelde. Jeremias em um verdadeiro pastor. Entretanto, no ministério profético numa época convulsionada politicamente, com o seu povo ora se Inclinando para um lado (Egito), ora para o outro (Babilônia), Jeremias era o fiel da balança, o homem que sabia para onde o povo devia propender. Era o homem que mantinha

relações muito íntimas com Deus e dele recebia as Instruções, que poderiam ter salvado a nação se desse ouvidos ao seu pastor. Não apenas era um grande pastor, mas um patriota destemido. Sabendo da maneira como os reus e líderes do povo estavam quase sempre mal Informados, não mantinha duas posições.

Certa vez chegou a garantir a Zedequias, que, se ele ouvisse o profeta, a nação seria salva contra todas as perspectivas. Entretanto, a Influência palaciana e política não permitia uma tal posição, o que lhe custou caro, vendo os seus filhos serem passados à espada e ele ter os olhos vazados e ser levado cego a Babilônia. Jeremias era o oráculo divino; de Deus é que vinha a última palavra, o verdadeiro caminho a seguir. Com que tristeza Jeremias teria visto os exércitos caldeus Invadirem Jerusalém, destruírem o famoso templo de Salomão, carregando todos os bronzes e alfaias do templo para os templos de Marduque, os muros arrombados e o povo, como bois, levados em cambulhada para o desterro. Entre tudo Isto, as atrocidades cometidas contra o povo. As mulheres violentadas pelos soldados caldeus, os maridos Inermes, assistindo a tudo, sem poderem ao menos dar uma palavra... Pobre pastor, que assim viu o seu rebanho disperso e perdido nas regiões distantes de Babilônia, para só voltarem os da segunda geração, 70 anos mais tarde. Há muita verdade que um líder ou pastor moderno pode aprender das experiências de Jeremias. É mais na suposição de que este estudo venha a servir aos meus colegas pastores que me dediquei a este estudo, para o qual conto com a ajuda de Deus e um pouco de resistência física, que ainda me resta nesses meus 90 anos de vida.

1ª PARTE - MENSAGENS AO POVO ELEITO (1:1-25:38)

CAPITULO I - CHAMADA DE JEREMIAS AO MINISTÉRIO PROFÉTICO (1:1-19)

I. INFORMAÇÕES A RESPEITO DO PROFETA (1: 1-3)

Jeremias, filho de Hilquias, um dos sacerdotes de Anatote na terra de Benjamim, foi eleito antes de nascer e mesmo antes de ser concebido. Um verdadeiro ato divino de eleição. O divino Criador escolhe, elege e determina quem vai servir em determinado setor do seu reino. Com esse ato e outros, nós somos ensinados que nada se passa neste planeta sem o conhecimento e a permissão divinos e que tudo está debaixo do governo universal de Deus. O vilarejo de Anatote, a uns quatro quilômetros distante de Jerusalém, era servido, como todos os demais lugares, por um sacerdote- Atualmente chama-se Anata. Os sacerdotes haviam sido distribuídos pelas tribos, conforme Josué capítulo 21, de modo que a assistência religiosa e moral não faltasse ao povo. Em tempos de grandes festividades, esses sacerdotes vinham a Jerusalém, e ali, por turnos, serviam no santuário, para depois voltarem a seus lugares. O nascimento de Jeremias ocorreu em 626 a.C., no reinado de Josias, e viveu em Jerusalém até 586 a.C., quando Nabucodonozor destruiu a cidade e levou o povo cativo para Babilônia. Atravessou, pois, os dias turbulentos de Judá, desde a morte de Josias até o cativeiro de Zedequias. É de ver que dias amargos o profeta teve de viver no meio do seu povo incrédulo, rebelde a todas as suas admoestações, e a ele, que tudo fez para evitar a catástrofe, e o teria conseguido, tivessem dado ouvidos aos seus conselhos. Foi o profeta que teve a desventura de assistir ao descalabro da nação, vendo irmãos seus saírem em bandos, acorrentados alguns, em demanda de uma terra longínqua, estranha e de língua desconhecida. A ele foram poupados certos desgostos, pelo fato de se haver colocado ao lado do que sabia ser a verdade, graças às revelações que recebia de Javé. Portanto, por uns bons cinqüenta anos, lutou para conseguir salvar a sua nação, terminando os seus dias em terra estranha, no Egito, para onde fora levado violentamente por seus conterrâneos.

II. A CONSAGRAÇÃO DO PROFETA (1: 4-10)

A mim veio a palavra do Senhor (v. 4). O profeta tinha sido destinado, como vimos, antes mesmo de nascer. Agora estava um rapazinho, já capaz de entender muita coisa, quando Deus se lhe dirigiu e comunicou a sua escolha feita tempos antes. Jeremias respondeu a Deus que não sabia falar, pois era apenas uma criança (v. 6). A resposta divina foi final. Não digas: não passo de uma criança; porque a todos a quem eu te enviar, Irás, e tudo quanto te mandar, falarás (v. 7). A ordem era final, e o jovem Jeremias só tinha de baixar a cabeça e obedecer. A tarefa era difícil, mas atrás do profeta estava um que podia mandar e dizer o que ele devia falar ao povo. De fato um "jovem", como diz a Septuaginta, demasiado novo reconhecendo a sua incapacidade para enfrentar os chefes de uma nação, os reis e os príncipes, gente temível em muitos sentidos. Todavia, atrás dessa confissão de incipiência e incapacidade, havia um espírito dócil e pronto para obedecer. Jeremias é- um dos profetas a apresentar uma psicologia pessoal mais clara e convincente. Por outro lado, ele nunca tivera um contato com Deus, nunca o tinha ouvido e, mesmo que fosse normal em Israel saber-se que Deus falava aos seus escolhidos, a ele nunca antes havia falado. Quando Deus estendeu a mão e lhe tocou na boca e lhe disse: Eis que ponho as minhas palavras na tua boca (v. 9), e lhe declarou, ponho-te neste dia sobre as nações, e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares (v. 10), Jeremias sentiu-se animado. Todavia, o programa que Deus punha em suas mãos era de destruição, fato que não soaria muito favoravelmente no espírito de um jovem. Era missão desoladora e também construtora. A missão do profeta não era encorajadora e nunca esteve rodeada de realizações floridas. Era, como a dos profetas modernos que bem se desincumbem do seu ministério, uma tarefa árdua e dolorosa. Todavia, se Deus manda, quem pode dizer NÃO? O programa era amplo. Tanto construiria, como derrubaria. Tudo ficava na dependência da atitude daqueles a quem fosse mandado. Jeremias era um homem muito sentimental; não do estofado de um Amós, rude no falar, no agir. O ministério recebido era tanto pessimista como otimista, e nós, que conhecemos o seu livro e o seu modo de agir, podemos antecipadamente dizer que era mais para construir do que para derrubar. Era homem compassivo, que tremia diante do horror que se desenhava no futuro do seu povo rebelde; ao mesmo tempo era enérgico na entrega das suas mensagens.

III. AS VISÕES DO PROFETA (1: 11-19)

Para ajudar o profeta a entender a sua missão, Deus lhe deu duas demonstrações de que podia contar com ele em qualquer circunstância. Isso, mesmo que seja levado à conta de objetos materiais, eram objetos simbólicos e que levariam o profeta a ver que a sua chamada era pra valer. Por meio dessas visões estava o profeta consciente de que atrás de si havia uma força que garantiria a sua missão e de que também o povo a quem ele era enviado saberia que o homem não agia por si mesmo.

1. A Amendoeira (vv. 11, 12)

A visão da amendoeira, a árvore que desperta mais cedo na primavera, era uma lição tanto para o profeta como para o povo a quem estava sendo enviado. A palavra mesma, na sua composição na língua hebraica, significa despertar. Isso tanto pode significar o despertar do profeta, como da nação. Javé é o mesmo, sempre desperto para servir ou punir a nação rebelde.

2. Uma Panela a Ferver (v. 13)

Javé pergunta ao profeta: Que é que vês? Ele responde: Vejo uma panela a ferver, que se apresenta da banda do norte. Era do norte que viria o castigo, e viria como um caldeirão a ferver, como se estivesse sendo assoprado. Se o profeta entendeu a visão na sua totalidade, não sabemos; é certo, porém, que estaria mais ou menos a par das condições da sua cidade e do que poderia esperar no futuro. Deus mesmo interpretou para o jovem profeta o que estava sendo preparado para os habitantes da terra (v. 14). Com esta revelação também o profeta passava a ter uma visão universal do governo de Javé, que

tanto reinava em Judá como em Nínive ou Damasco. Não havia limites para o governo divino. A história se encarregou de mostrar que assim era, que tanto os povos como os seus reinantes, todos estavam debaixo do poder de Javé. Esta concepção da universalidade do governo divino sempre escapou da observação dos povos, julgando-se eles independentes e soberanos em si mesmos. O certo é que soberano, só Deus. Só ele governa e domina nós céus e na terra, e os povos são criações suas, e os domina como quer.

Ele convocaria as tribos do norte, e cada qual colocaria o seu trono às portas de Jerusalém. Era a suprema humilhação, e o profeta, verde como estava, nós assuntos internacionais, não entenderia muito bem a figura que lhe acabava de ser proposta. Esses povos, que não eram melhores do que os judaítas, eram, entretanto, ignorantes da existência do Deus verdadeiro e das suas exigências. Os crentes pecam- mais na sua -rebeldia do que os Incrédulos ou pagãos, porque conhecem o caminho e não o seguem. O verso 14 desdobra o sentido da panela, dizendo: do norte se derramará o mal sobre todos os habitantes da terra. Segue uma série de ameaças, que teria aterrado o profeta, só em pensar que a sua querida cidade, sempre considerada protegida de Javé, estaria agora incluída no número das que iam ser visitadas pelas tribos do norte. Os pecados de Judá eram também os pecados das outras nações idólatras, que prestavam culto ao pau e à pedra e escureciam o entendimento, para não prestarem culto a Deus. O grande pecado do mundo é a idolatria, porque, além de embrutecer o povo, é o caminho para outros pecados. Como dizia um frade, certa vez: "Sem ídolos cachaça, jogo e mulheres não há festa pra valer." Especialmente os nordestinos podem dar o seu testemunho da influência dos santos (ídolos) nas festas do povo, quando tudo é possível, menos a lembrança de Deus. Nós até nós admiramos como Deus ainda tolera esses povos com sua idolatria e afins. Quem sabe, o atraso do nordeste, com as suas secas periódicas e também inundações, não é a maneira de Deus mostrar a sua indignação contra as suas práticas religiosas? O povo ignorante poderia até ser desculpado, mas os seus orientadores, os que lêem as Sagradas Escrituras e sabem, ou devem saber, que Deus condena a idolatria é que são os maiores culpados. Aqui na Cidade Maravilhosa temos uma festa de Nossa Senhora da Penha, em que, além do jogo, tudo mais lhe é próprio. E que dizer de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, do Senhor Bom Jesus da Lapa e de todos esses centros de idolatria e pecado? Se não fosse a misericórdia divina, este mundo teria sido subvertido,

como foram Sodoma e Gomorra. Isto foi o que o profeta viu fervendo inclinado para o norte.

Era mais que natural que o jovem profeta tivesse ficado aterrado com a mensagem. Estaria muito longe de entender o problema do seu povo. Deus ordena que diga tudo que ele mandar e que não tenha medo, nem se espante diante das caras feias. Caso se atemorizasse, seria mesmo confundido na presença dos pecadores a quem estava sendo enviado. O pregador de ontem, como os de hoje, tem essa mesma missão: não temer dizer a verdade, custe o que custar. Pregadores medrosos, lisonjeadores não são do tipo que Deus escolheu na pessoa de Jeremias.

3. O Profeta Recebe a Sua Missão (v. 18)

Eis que hoje te ponho como cidade fortificada, e como coluna de ferro e muros de bronze contra toda a terra, contra os reis de Judá, contra os seus príncipes, contra os seus sacerdotes, o contra o povo da terra (v. 18). Assim armado por Deus, Jeremias deveria sentir-se capaz de enfrentar o mundo Inteiro, pois nada e ninguém chegaria a ele. Era uma cidade fortificada. Só assim ele seria capaz de enfrentar a situação que nós conhecemos através dessa profecia, situação que não era de desejar, mas de repudiar. Ainda assim, com toda essa fortificação, não foi uma vez nem duas que Jeremias se viu em apertura, se bem que tenha sido de todas liberto.

Depois das últimas lições dadas ao profeta, inclusive as visões da amendoeira e da panela, e a fortificação prometida, veio-lhe a palavra do Senhor (v. 1), com uma série de recomendações e recordações que, se fossem dirigidas a um povo humilde e sensato, teriam resolvido a situação. O mal estava muito arraigado, os corações muito rebeldes, e não havia palavras, por mais afeiçoadas que fossem, que conseguissem modificar a atitude do povo para com o seu Deus, paciente e carinhoso.

CAPITULO II – INTIMADA A NAÇÃO (2:1-6:30)

I. JEREMIAS RECEBE A PRIMEIRA MENSAGEM (2:1-3:5)

Deus pede que Israel se lembre de quando era como uma noiva, bonita, enfeitada, seguindo o seu Senhor no deserto, onde ninguém semeia. Nesse tempo Israel andava com o seu Senhor e lhe devotava verdadeira afeição. Era consagrado ao Senhor ou, noutra linguagem, santidade ao Senhor, e todos que lhe faziam mal eram punidos (v. 3; Os. 2:2-20). É bom reler e recordar os cuidados com que Javé tratou seu povo na travessia do deserto, rumo a Canaã, quando os amalequitas tentaram cortar a passagem e foram derrotados e amaldiçoados para sempre.

O Senhor procura avivar a memória do povo, e pergunta: Que injustiça acharam em mim vossos pais, para se afastarem de mim... (v. 5), indo após os ídolos nulos e tornando-se eles a si mesmos nulos? Sim, que diferença teriam encontrado os juízes do povo para essa troca tão desprezível, de substituir um Deus infinito, por um ídolo de barro ou de prata que fosse? Nem sequer perguntavam: "Onde está o Senhor que nós fez subir da terra do Egito, que nós guiou por tantos anos em condições mais do que maravilhosas, com um grande pára-sol de dia e um famoso tocheiro de noite? Onde estará o Senhor que isso tudo fez e de que nossos pais deviam ter perfeita memória, trazendo-nos a uma boa terra que manava leite e mel?" Nada perguntavam. Ao contrário, trocaram

este Deus maravilhoso por ídolo dos fenícios, por um Baal, sem poder de ajudar a ninguém.

A troca louca que o povo tinha feito do seu Deus por um ídolo era uma perfídia inominável (vv. 9-13). Ide e perguntei às terras do mar, ide a Chipre, mandai mensageiros a Quedar e a outros lugares e perguntei se há, ou se houve, algum deus que fizesse o que Javé fez por seu povo. O Deus da glória tinha sido desprezado e trocado por nulidades. Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos, ficai verdadeiramente desolados, diz o Senhor (v. 12). Efetivamente, deixar o manancial de águas vivas, para ficarem com uma cisterna seca, era um caso de loucura, mais do que perfídia. Sim, nós também assim entendemos; um povo que troca o seu Deus por um ídolo, que tem boca, mas não fala, tem ouvidos, mas não ouve, tem olhos, mas não vê, etc., comete mesmo um ato de loucura coletiva e era justamente isso o que Israel tinha feito. O retrato está muito bem pintado e as figuras comparativas são de estarrecer e fazer pensar que Israel tinha perdido a cabeça. A figura de cisternas rotas é muito comum na Bíblia, poços que o povo cavava para colher as águas no tempo das chuvas, mas na maioria dos casos não passaram de cisternas rotas; a água vai embora e a cisterna fica seca. Em lugar de tais cisternas, o povo tinha o manancial que jamais seca, trocado, porém, por uma cisterna rota e seca.

Israel deve aprender a viver com seu Deus. É o caminho. Neste parágrafo vemos o que resulta do pecado. Israel, nascido livre, feito nação de sacerdotes e reis, estava agora como nação de escravos. Escravos nascidos em casa (v. 14). Havia dois tipos de escravos: os comprados com dinheiro e os nascidos em casa. Todos eram escravos, mas os nascidos em casa tinham alguns privilégios. A infidelidade para com Deus não é apenas um grave pecado, mas também acarreta graves conseqüências, pois, faltando a união com Deus, o povo tinha de valer-se de uniões com governos estrangeiros, tais como o Egito. Até os filhos de Mênfis e de Tapanes te quebraram o alto da cabeça (v. 16). Tudo isso, diz o profeta, não te aconteceu por haveres deixado o Senhor teu Deus quando te guiava pelo caminho? Agora, pois, que lucro terás indo ao Egito por socorro, para beberes as águas barrentas do Nilo, quando podias beber as águas cristalinas do ribeiro de Deus? Indo à Assíria, a coisa é a mesma. Não há segurança nem no Egito nem na Assíria, com as suas abundantes águas do Eufrates, exclama o profeta, pela Palavra de Deus. Mênfis era uma cidade perto

do Cairo, de onde os hebreus esperavam ajuda, bem assim de Nínive, com as águas do Eufrates, sendo igualmente nulo o socorro, que de lá pudesse vir, porque a Assíria jamais socorreu povo algum. Apenas se- apossava de tudo, para dominar e corromper. Será que os israelitas não sabiam disso? Quando andavam perto do seu Deus, não precisavam de socorro estranho. Mas agora, que Deus os havia abandonado, viravam-se para todos os lados, em busca de apoio. Loucura, pura loucura. Socorro verdadeiro, só o que vem de Deus e quando se anda perto dele. Toda a tua amargura, que acarretas, e a tua malícia, que te corrompe, vem da tua infidelidade, pois não tens o meu temor (v. 19). O temor do Senhor era um escudo contra todos os agressores, porém esse escudo havia desaparecido, porque o temor do Senhor não estava ali. Foi no temor do Senhor que Judá dominou os cananeus, porquanto todos tinham medo dos invasores. O temor de Deus é um forte escudo e vale por um grande exército.

Ainda que Deus tivesse, desde sempre, rompida as suas ataduras e quebrado o seu jugo, o povo preferia dizer: Não servirei (v. 20). Debaixo de toda árvore frondosa havia ídolos, que serviam para corromper o povo e fomentar a infidelidade. A figura que os profetas muito usavam era de que a idolatria era uma espécie de conúbio de infidelidade, como de uma esposa deitada com outro marido. Todavia, eu mesmo te plantei como vide excelente, uma semente Inteiramente fiel; como, pois, te tornaste para mim uma planta degenerada, de vide estranha? (v. 21). Admirável figura. Há vides que não dão cachos de uvas, e, sim, apenas uns magros bagos secos, por lhes faltar a seiva boa. Assim estava Israel: de vide pura, dando excelentes frutos, tornou-se uma vide selvagem, nada mais produzindo. Agora, por mais que Israel se lavasse, mesmo com potassa, a mácula da sua iniquidade continuava visível (v. 22). Entretanto, Israel dizia que não se tinha maculado. Os versos 23 e 24 descrevem o caráter desta mácula, pois os ídolos lá estavam, para atestar a sua maldade em deixar o seu Senhor, a fim de servir ao pau e à pedra. Aí vem uma figura de linguagem em que Israel é uma jumenta selvagem, uma dromedária nova, de pés ligeiros, zigzagueando pelo caminho. A comparação é feita entre o povo e a fêmea de um animal selvagem no deserto, em tempos de cio, oferecendo-se a qualquer macho que a pretenda., Esta figura apresenta Israel tão debochado, como esta fêmea, que, procura o macho, em lugar de este a procurar. E a degradação moral e espiritual que entra nestas figuras terríveis (v. 24). Israel responde gostar assim: porque tenho amado os estranhos, e após eles andarei (v. 25). Noutras palavras, em lugar de Deus, o seu Criador, andaria

atrás dos baalins. Triste gosto! As suas práticas pagãs estavam de tal modo arraigadas na sua consciência religiosa que nada poderia demover o povo a mudar de rumo. O gosto dos israelitas, de praticarem os festejos idólatras dos vizinhos cananeus, era de tal modo violento que nada poderia demovê-los desse caminho. Não havia admoestações de profeta, não valiam os seus sofrimentos, admitidos como resultado da sua prostituição idolátrica, nada os demovia das práticas idólatras. Canaã estava infestada de centros de baalins, e, com eles, as festas sensuais, com uma atração sexual indomável. Por causa dessas práticas é que Deus achou de destruir esses povos, porque eram uma chaga para outros, pois bem os novos senhores da terra se corromperam com os pecados, que determinaram a ruína dessa gente. Tem havido quem levante dúvidas sobre a justiça de Deus em destruir os povos cananeus. A prova, porém, se carecemos de prova, aí está na corrupção do próprio povo israelita. Era uma chaga maligna. O culto cananeu era imoral e sedutor. Veja-se o caso de Baal-Peor em Números 25. Como se envergonha o ladrão apanhado com o roubo na mão, assim o fazia Israel de suas práticas pecaminosas. Isto, tanto o povo como os reis e seus príncipes. O pior de tudo é que a depravação vinha de cima para baixo, e por isso não havia meios de coibir tais abusos. Os sacerdotes, e até os profetas (falsos), davam o exemplo (v. 26). Nada havia a esperar. A corrupção abrangia todos os círculos sociais e religiosos, e quando Deus mandava um profeta como Jeremias, era mofado e desrespeitado. Todos diziam ao pau: Tu és meu pai; e à pedra: Tu me geraste (v. 27). Entretanto, quando a angústia chegava, então clamavam: Levanta-te, e Livra-nos. Agora era tarde. Pergunta Deus: Onde, pois, estão os teus deuses, que para ti mesmo fizeste? Eles que se levantem, se te podem livrar. Os deuses eram tantos como as suas cidades, mas não havia ajuda neles. Nessa hora não valia virarem-se para Deus, a quem tinham abandonado e relegado, substituindo-o por um pau ou uma pedra. No tempo da tua tribulação, os teus deuses de nada valerão e o teu Deus estará ausente de ti, por causa dos teus pecados. Esta é a história de Israel, com todas as cores sombrias. Não foram poucas as vezes que Israel se viu em apuros, e sabemos que de todas elas seria livrado, bastando para isso contar com a presença de Javé, o que se daria agora, porque o tinham abandonado. Deus se coloca nessa conjuntura como uma pessoa, com quem se deveria tratar corretamente, dando-lhe as honras a que tem direito. Só assim se poderia contar com ele.

Apesar de, em todas as ocasiões em que o povo buscava a Deus, ter Ele procurado corrigi-lo, disciplinando seus filhos, o povo jamais aceitou a sua correção. Permaneceu sempre rebelde e omisso nos seus deveres religiosos. Como resposta a esta boa vontade divina, o que o povo fez foi destruir os profetas que lhe eram enviados, como um leão destrói a sua presa. O povo queria afirmar a sua independência de Deus,

dizendo: Andamos à vontade; não tornaremos mais a ti? (v. 31). Ignoramos em que sentido Israel queria ser livre. de Deus, o Deus que para eles sempre tinha sido um pai amoroso. Então Deus se dirige a Israel, perguntando: Porventura tenho eu sido para Israel um deserto." Ou uma terra da mais espessa escuridão? Então, por que dizia o povo: Queremos ser livres, jamais tornaremos a ti? A história aí está para mostrar como Deus fora bondoso para com o seu povo desde os dias da saída do Egito. Onde houve povo a quem Deus falasse e a quem socorresse em sua adversidade? Povo ingrato e mau, através de todos os séculos, até hoje. Por causa dessa ingratidão tem sido espalhado e nunca mais conseguiu ver as suas tribos ajuntadas de novo. Neste minuto, quando escrevemos estas linhas, Israel está às voltas com os seus muitos inimigos, e como se irá livrar deles ninguém sabe. A chamada crise do Oriente Médio não é outra coisa senão o resultado da rebeldia deste povo. Parece que jamais aprendeu a lição de que com- Deus, tudo, sem Deus, nada! Entrementes, com muito sofrimento pagam aqueles que são apenas vítimas do desmando dos reis, dos príncipes e dos chefes. Em Israel ninguém estava isento de culpa, pois todos eram culpados, na sua obstinação de seguirem os ídolos e desprezarem Deus, que os havia amparado através de milênios, Havia um espírito de insubordinação, de estupidez, que incapacitava o povo para as realidades da sua vida. Com Deus, resolveriam os seus problemas, e, sem Deus, seria um caminho sem saída.

Deus exorta Israel para que se arrependa. O grande pecado de Israel era a idolatria, considerada como adultério religioso. Deus usa uma figura muito peculiar nos profetas. Se um homem despedir sua mulher, e ela se desligar dele, e se ajuntar a outro homem, porventura tornará, ele mais a ela? (3:1). A resposta é negativa, porque em tal caso o homem se poluiria totalmente, e cometeria um ato vergonhoso. Entretanto, não obstante a prostituição religiosa do povo, Deus ainda insiste que a nação volte para ele, e ele a receberá. Devia arrepender-se, mas isso era difícil, porquanto não havia outeiro nem árvore

frondosa onde não houvesse praticado atos idolátricos, e um arrependimento só valia se fosse verdadeiro. Conforme dito, isso seria difícil. Por causa dessa devassidão religiosa, foram retiradas as chuvas da terra, não houve chuva serôdia nem temporã. A chuva temporã vem no outono, e a tardia, na primavera. A natureza toma parte no castigo, por causa da infidelidade. Mesmo assim, o arrependimento não se operou. O divórcio entre o povo e o seu Deus tinha sido irrecuperável, como diz o verso 32 do capítulo 2. Porventura esquece-se a virgem dos seus enfeites, ou a esposa dos seus cendais? São coisas que não se esquece, é certo, mas o povo havia esquecido tudo quanto seu Deus tinha feito, e nem sentia remorso pelo seu ato. Portanto, até a natureza se revoltou, e não deu as chuvas no tempo próprio. Sem a chuva da primavera, o trigo não cresce e as colheitas são pobres. Então a fome será a prova da desobediência do povo. Nessa crise, então, o povo exclama: Pai meu, tu és o guia da minha mocidade? Reterá ele para sempre a sua ira? ou indignar-se-á continuamente? (3:4,5). O povo assim inquiria, mas continuava a cometer o seu adultério com os ídolos, a profanar os lugares santos. Quer dizer que o apelo não tinha base, porque não havia arrependimento, e sem arrependimento do pecado o pecador não pode esperar aproximação com Deus. Mudança radical na vida, era o que Javé exigia. Todavia, esta jamais veio, mesmo nós grandes dias de renovação religiosa, como nós tempos de Josias. Houve apenas uma mudança de posição, porém não de coração. A história futura mostra que em Israel não havia arrependimento, e, por mais que o profeta se esforçasse e desejasse promover uma volta a Javé, tudo era baldado. Esta é toda a história do livro de Jeremias.

II. JEREMIAS RECEBE A SEGUNDA MENSAGEM (3:6-30)

Esta se acha vazada nós mesmos termos da Primeira. Veio nós dias de Josias, o bom rei de Judá, morto por Faraó Neco nós altos de Megido. Sempre a idolatria, a grande mancha na vida social e espiritual dessa nação. Nós chegamos a não entender essa situação. Ou o povo era mesmo de índole rebelde, como soem ser os povos em geral, ou então estava dominado pelo espírito do mal; que não o deixava. Um povo que tinha ouvido o que Deus fizera para o resgatar do Egito, no meio de tantos milagres e prodígios, que até as potências celestes foram abaladas, não possuía desculpas. O que ocorreu no Egito, na travessia do mar Vermelho, e nas campinas de Canaã não podia ser olvidado, mesmo que gerações houvessem passado. A lembrança desses fatos deveria estar na sua consciência. Depois daqueles dias de milagres espantosos, quando até o sol parou e a atmosfera jogou pedras em cima dos adversários, depois de tantas demonstrações de poder e misericórdia, que seriam transmitidos de geração à geração, esta gente não se curava da chaga dos ídolos. É um assunto que não entendemos. Pois ainda agora, quase um milênio depois, o povo não se separava da idolatria. Inquirimos: Que negócio é esse? O que é que essa gente via nós baauns, nós astarotes e tantos outros ídolos mudos? E, como se fossem poucos os ídolos da terra, ainda adoravam a lua e os astros, como a completar o quadro de incredulidade que os dominava.

Felizmente Deus é sempre o mesmo. Diante daquela bondade com que acompanhou Jacó ao Egito e ali manteve os seus descendentes, até os tirar, por mão de Moisés, no -meio de poderosos feitos como a terra jamais tinha visto, colocando-os na boa terra, deslocando velhos povos, senhores da mesma, para a entregar a estes forasteiros, tudo através de maravilhas, esta gente deveria estar junto do seu poderoso Deus como uma ostra agarrada à pedra. Nada disso! O que vemos, nesta segunda mensagem ao profeta, é um tema quase novo, tema de perdão e amizade, como na Primeira Mensagem, a fim de o sentimento de Deus não ser só para o lado da recriminação. Agora volta-se para a idéia de arrependimento e perdão, arrependimento sincero, já se vê, experiência que o povo nem conhecia, acostumado como estava a receber os favores divinos sem ter de dar em paga amostra de agradecimento. Parece, nesta segunda mensagem, o tema ser o arrependimento, como vamos ver no decorrer da discussão.

Viste, porventura, o que fez a apóstata Israel, como se foi a todo monte alto, e debaixo de toda árvore frondosa, e ali andou prostituindo-se? (v. 6). Conhecemos a origem do Israel do norte, de como nasceu de uma traição e de uma revolta à sombra dos bezerros de Betel, sob a liderança de Jeroboão, Como começou mal, assim deveria terminar. Não obstante, Deus ainda diz: Depois que ela tiver feito tudo isso, voltará para mim. Mas não voltou (v. 7). A linguagem divina é a linguagem de homem, a que se dá a designação de antropomórfica, isto é, Deus falando como homem. Ele bem conhecia tudo antes de acontecer. Sabia não haver jeito para aquela parte da nação, totalmente pervertida pelos ídolos. Deus então a entregou ao seu destino, depois de ela adulterar com pá e com pedra, e ter poluído toda a terra com a sua idolatria. Naturalmente, até onde chegasse a influência do Reino do Norte, tudo seria empestado de idolatria. Tantas fez que foi levada em cativo para as terras do norte, pela mão dos conquistadores assírios. Judá ficou ainda pela Misericórdia de Deus e porque, apesar de tudo, não tinha atingido os limites da maldade do apóstata Israel (este é o seu nome). Será que Judá aprendeu a lição? Nada disso. A sua falsa irmã Judá não voltou de todo o coração para mim. Então Judá é considerado ainda pior que Israel, porque esta se tornou abertamente pérfida, enquanto aquele ainda confessa o Senhor, mas não de coração. Como se vê e aconteceu, tanto o norte como o sul estavam destinados ao mesmo fim. A história é muito triste.

Vai, pois, e apregoa estas palavras para a banda do norte, e dize: Volta, ó pérfida Israel, diz o Senhor. Não olharei em Ira para ti; porque misericordioso sou (v. 12). Apesar de tudo, Deus é mesmo compassivo e misericordioso, e não retém para sempre a sua ira. Uma só condição ele exige: ARREPENDIMENTO. Reconhece a tua iniquidade e volta. Reconhecer a iniquidade é o mesmo que arrepender-se, para poder voltar. Esta é a doutrina da Bíblia desde tempos imemoriais: Arrependimento e volta para Deus. Voltai, ó filhos pérfidos, diz o Senhor, porque eu sou como esposo para vós; e vos tomarei, a um de uma cidade, e a dois de uma família; e vos levarei a Sião (v. 14). Essas metáforas são revelação admirável: Deus é marido ou esposo de Israel e, embora a mulher fosse pérfida, se se voltasse para ele, a levaria a Sião, o lugar do culto e da paz. É nesta configuração que gira todo o argumento, quer de Jeremias, quer de Isaías ou Oséias. Deus é o esposo da nação, com a qual casou no Sinai, fazendo um

concerto perpétuo na base da fidelidade. Se vos arrependerdes e voltardes, então adorareis em Sião, o verdadeiro centro do culto espiritual. E vos darei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com ciência e com inteligência. E quando vos tiverdes multiplicado e frutificado na terra, naqueles dias, diz o Senhor, nunca mais se dirá: A arca do pacto do Senhor; nem lhes virá ela ao pensamento; nem dela se lembrarão... (vv. 15 e 16). Jeremias está contemplando o retorno do cativo babilônico, já no programa. Então chamarão a Jerusalém o trono do Senhor. Agora só mesmo um castigo longo, quando as saudades e a lembrança da mãe pátria poderão produzir o milagre da volta a Javé. O profeta está vendo esse dia, mesmo que não o tenha contemplado. Só mesmo o cativo poderia dar a essa gente um outro espírito e uma outra maneira de pensar. Se era isso o de que precisava, isso teria.

Para o profeta só o exílio à vista teria o condão de trazer de volta o povo ao seu Deus. Seria uma estação de cura da idolatria. De fato assim foi. Após o exílio caldeu, os israelitas podiam ser acusados de muitas falhas, menos a da idolatria, de que foram radicalmente curados. Com a instituição das sinagogas, e o estudo sistemático da sua lei, jamais voltaram a adorar ídolos. A perspectiva divina era que se curassem mesmo de uma vez. Todavia, uma pergunta surge: Pensei como te poria entre os filhos e te daria a terra desejável, a mais formosa herança das nações. Eis a resposta: Também pensei que me chamarias meu Pai, e que de mim não te desviarias (v. 19). O clamor dos filhos disperses pelo norte já se fazia ouvir, filhos penitentes, que voltavam à casa paterna. A nação tinha prevaricado como a mulher pérfida, no entanto, ainda assim o Deus perdoador lá estava como o pai do Pródigo, esperando pela volta do filho desviado. Não há pecado bastante grande e feio que Deus, o Deus perdoador, não perdoe. Por isso diz: Voltai, ó filhos infiéis, eu curarei a vossa infidelidade Responderam eles: Eis-nos aqui, vimos a ti, porque tu és o Senhor nosso Deus (v. 22). É um diálogo interessante e criador, e somente a história nós convencerá de que assim será. Depois da volta do cativo, muitas foram as falhas do povo, se bem que grande renovação nas suas atitudes para com Deus se operasse. A idolatria tinha sido uma vergonha, como os profetas lhe chamavam boset, vergonha, mas as promessas agora eram de que a fidelidade voltaria ao lar, como a mulher arrependida tornava ao seu marido. Esse fato vergonhoso destruiu o país: todos, desde a mocidade à velhice, se haviam entregado ao culto dos outeiros, e, com esse culto, às mais baixas práticas morais. O profeta espera uma reconciliação efetiva, o povo reconhecendo o seu pecado, deitando-se na sua

vergonha e cobrindo-se na sua ignomínia, porque temos pecado contra o Senhor nosso Deus, nós e nossos pais, desde a nossa mocidade até o dia de hoje; e não demos ouvidos à voz do Senhor nosso Deus (v. 25). Esta confissão é uma promessa, uma profecia, do que viria a ser; por isso o mesmo Deus se apressa a reconhecer: Se voltares, ó Israel, diz o Senhor, se voltares para mim e tirares as tuas abominações de diante de mim, e não andares mais vagueando (4:1). O culto a ídolos é uma abominação ao Deus santo e puro, visto como todo culto a ídolos é impuro e contaminador (ver Oséias 9: 10). Deus exige uma reforma geral, mais do espírito do que da forma; uma transformação espiritual, pois, por menos disso, Deus não receberia de volta um povo sujo. Deus exige jura pela vida de Javé, um juramento em verdade e em juízo ou justiça; então nele serão benditas as nações e nele se glorificarão (4:2). Quantas vezes o povo havia prometido corrigir-se do feio pecado da idolatria, e falhado? Agora Deus exige que a volta esteja assegurada de um juramento de que jamais voltariam eles aos velhos e feios vícios. A reforma prometida deveria ser como uma circuncisão não de corte na carne, mas no coração. Este era a sede de todo o pecado de Israel. Fazei isso para que a minha indignação não venha a sair como fogo, e arda de modo que ninguém o possa apagar (4:4). ó homens de Judá e de Jerusalém: jurai-vos dessa chaga maligna!

A calamidade assoladora vinha do norte, se avizinhava, e o profeta via-se em dificuldades, porque o povo não respondia aos apelos que lhe era dirigidos, apelo aos homens de Judá e Jerusalém, para entrarem nas cidades fortificadas; todavia, nada disso valeria, porquanto o principal era o arrependimento, e este não vinha. Todo o esforço do profeta, desde o seu chamado até o final da destruição de Jerusalém, foi para que o povo se virasse para o seu Deus, se arrependesse e deixasse os vis pecados de imoralidade e de idolatria. Foi, porém, em pura perda. À medida que se aproximava o perigo, mais ele clamava; no entanto, os chefes estavam surdos, e quer os reis, como os sacerdotes, todos julgavam Jeremias um pessimista, um derrotado, e nada havia tão feio e mau como pintava. Subiu um leão da sua ramada, um destruidor de nações (v. 7); e a sua arrancada seria impiedosa. O profeta deve estar se referindo a Nabucodonozor, que já havia começado a destruição dos povos do norte e se apressava a chegar a Judá. Então clama ao povo que se arrependa, se vista de cilício, lamente e uive, porque a ira ardente do Senhor não se desviou (v. 8). O profeta, graças ao seu contato com Deus, possuía uma visão da realidade que o povo não tinha. Porém este devia ouvir os seus apelos e corrigir-se. Todavia,

até onde sabemos, isso jamais aconteceu. O toque de trombeta era sinal de perigo iminente, e ele sabia que o perigo se avizinhava, e chorava pela situação do seu povo rebelde. Jeremias era um patriota sincero que, conhecendo o perigo que se aproximava, apelou ao povo para que se virasse para o seu Deus. O verso 10 contém uma dificuldade. Parece que Deus tinha prometido guardar Jerusalém do perigo, promessa que jamais fizera, a menos que houvesse arrependimento. A Septuaginta tem uma versão diferente. E eles dirão, isto é, os falsos profetas, que sempre estavam afirmando que haveria paz. O contrário é o que o profeta repetia. Não obstante, Jeremias aqui fala como se Deus tivesse realmente dito: "Tereis paz" (v. 10). Será que o profeta se enganou e tomou a proclamação dos falsos profetas como se fosse a palavra de Deus? Ele deveria saber diferenciar o que Javé dizia, e só o dizia por seu intermédio, e o que diziam os profetas falsos. O texto é mesmo difícil para nós. Outros admitem que Jeremias se teria equivocado, ao ouvir que Jerusalém não seria atacada. Esta suposição, porém, é para nós inaceitável. Jeremias deveria sempre saber quando Deus falava e quando um profeta qualquer falava. Quando se ouvia Tereis paz já a espada estava na ilharga do povo ou como ele mesmo diz: Entretanto, a espada penetra-lhe até a alma (v. 10). Naquele tempo se dirá a este povo e a Jerusalém (v. 11). Em lugar de paz, um vento abrasador. Uma cruel perseguição esperava o povo rebelde. Esta metáfora é muito usada nos profetas. O país culpado sentiria como que um fogo a queimar-lhe as carnes. Algumas vezes os profetas diziam: "Nuvens tormentosas", "carros e cavalos" e tantas outras figuras, apresentavam, que acordavam um tom de calamidade na mente do povo. O destruidor subia como nuvens sobre a terra, e os seus carros, como tempestade; os seus cavalos são mais ligeiros do que as águias (v. 13). Tudo figurado. Nabucodonozor vinha do norte, por terra, montado nos seus cavalos e carros, que não seriam tão velozes como um tanque moderno, mas assim mesmo teriam bastante velocidade. A sentença de destruição era anunciada em Dá, a extremidade setentrional de Israel, e a calamidade, ouvida em Efraim apenas 15 quilômetros de Jerusalém. O inimigo estava chegando perto, e por isso o apelo do profeta: lava o teu coração da maldade, ó Jerusalém, para que sejas salva (v. 14). Tudo em pura perda. Jerusalém estava empedernida no pecado, e não havia aviso que a fizesse mudar de posição. Os sitiadores vinham de uma terra longínqua, vinham de Babilônia; por isso Nínive já não existia. Provinham de fato de muito longe, com exércitos e carros de combate para o cerco da grande cidade. Os que desejarem uma idéia mais completa da situação, devem ler Isaías 37-39, quando os exércitos de Senaqueribe cercaram a cidade, e só não foram destruídos,

porque Jeová prometeu a Ezequias que o conquistador não entraria na cidade. Os tempos tinham mudado muito, mas a mentalidade do povo não. O cerco de Jerusalém por Nabucodonozor tinha as mesmas características do de Senaqueribe, quando até as oliveiras e carvalhos foram cortados, para serem queimados junto às pedras das muralhas a fim de estas ruírem. Nas ruínas de Laquis, os arqueólogos encontraram azeitonas queimadas junto aos cinzeiros, o que prova que até as oliveiras foram cortadas para juntar lenha junto às muralhas. Os viajantes que vão à Palestina ficam admirados de não encontrarem árvores, especialmente na parte árabe. De fato, tudo foi cortado e queimado. É agora uma terra desnuda. Os versos 17-19 descrevem uma situação lamentável, que leva o profeta quase a estourar o coração face à destruição que se avizinha. Só ele tinha a visão da realidade, porquanto os seus contemporâneos estavam cegos pelo pecado e pela rebeldia. Ah! entranhas minhas, entranhas minhas! Eu me torço em dores 1 (v. 19). O coração, na psicologia hebraica, era a sede de todos os sentimentos, enquanto o ventre era a sede das emoções. O profeta repete: Paredes do meu coração! O meu coração se aflige em mim (v. 19). Isto porque já ouvia o rumor dos carros de combate, o alarido da guerra, pois os exércitos do conquistador já estavam no norte, e em breve a sua Santa Cidade, agora cega, seria, apertada entre as baionetas e as frechas. Os profetas tinham, naturalmente, uma visão antecipada das coisas que estavam para acontecer, também uma noção das realidades que os outros não possuíam. Isto, para um patriota que amava a sua cidade e sabia que ela poderia ser poupada apenas pelo arrependimento do povo, era de causar mesmo uma agonia de morte. Ele não pedia a seu Deus que poupasse a cidade, porque sabia que o castigo era justo e o povo merecia mais do que lhe estava preparado. Ainda assim, a sua natureza se revolta pelo que estava bem próximo. Na sua visão da destruição que se avizinha, Jeremias já ouvia golpe sobre golpe, tendas destruídas, e se perguntava, até quando teria de ver a bandeira dos conquistadores e ouvir a voz das trombetas dos soldados, conclamando-os à luta! Parecia que ia estourar de sofrimento. Este trecho é um dos mais tocantes em toda a literatura sacra, em que um homem sofre pelos outros como quem carrega nas costas as dores de uma nação inteira, rebeladora contra Aquele que a tinha livrado tantas vezes e a livraria ainda, se ela se voltasse para Ele. Pela sua mente estariam passando os horrores da destruição dos generais assírios, o que haviam feito em Samária, onde não ficou pedra sobre pedra. Que visão macabra! Entretanto, o seu povo estava louco, néscio: sendo apenas sábio para o mal, sem saber fazer o bem (vv. 20-23). A terra já estava desolada, e na sua imaginação nem mais forma tinha, nem luz

brilhava nela. Parece que o caos de Gênesis 1:2 estava passando em sua mente. Os homens tinham desaparecido e até as aves dos céus tinham fugido (v. 25). A desolação era geral. Os montes cambaleando como bêbados. Os vizinhos, que tanto haviam alegrado o coração do povo, não mais existiam. Os olivais não serviam mais. A terra voltara ao caos. O sopro de Deus, qual bomba superatômica, tudo tinha assolado, e Deus declara não se arrepender da destruição feita, porque o povo merecia mais do que isso (v. 26). Há, todavia, uma promessa divina de que a terra não seria totalmente destruída (v. 28). Ainda ficaria alguma coisa, como sabemos que ficou, de modo que Nabucodonozor até nomeou um governador para ficar à frente dos remanescentes, a fim de cultivarem a terra, para que ela se não enchesse de feras. Depois de o povo ser levado para o desterro, foi dada a Jeremias a escolher: ir para Babilônia, onde seria bem tratado, ou ficar na terra com o governador. Ele preferiu ficar. Antes tivesse ido, porquanto foi obrigado a ir para o Egito, levado pelos que deveriam ter ido para Babilônia, mas ficaram na boa terra e não souberam ser justos com a magnanimidade do conquistador. O quadro continua nós versos 29-31, em que os guardas da cidade, fugindo pelos montes e pelos penhascos, bem assim o próprio rei Zedequias, a quem o profeta fizera promessa de segurança, se ele se rendesse, se bem que o medo dos companheiros não lhe desse bastante lucidez para aceitar os conselhos do profeta, foram todos pilhados. Zedequias foi colhido nas campinas de Jericó e levado ao rei, que estava no norte, e lá teve a desventura de ver os seus filhos passados a espada e ele teve os olhos vazados. Enquanto a cidade era sitiada, o povo continuava na vã ilusão de que os maus profetas lhe tinham inspirado, e até as mulheres continuavam a se vestir como quem ia para uma festa (v. 30), sem a menor noção do que estava acontecendo. Enquanto isso, o profeta ouvia os gemidos dos que eram levados, numa figura dramática, como os de uma mulher nas dores de parto. No auge da aflição, Sião estende as mãos e grita por socorro, mas é tarde! Sião estava desamparada, o seu Deus a tinha entregue ao conquistador. Aquele que a podia guardar estava afastado dela, por causa dos pecados do povo, e agora não valiam os gritos de desespero.

A corrupção de Jerusalém é a sua desgraça. Dai voltas às ruas de Jerusalém, e vede agora, e informai-vos, e buscai pelas suas praças, a ver se podeis achar um homem, se há alguém que pratique a justiça, que busque a verdade; e eu lhe perdoarei (5:1). Temos aqui a repetição do estado de Sodoma e Gomorra que, se lá estivessem dez justos, as cidades seriam poupadas. Conta-se que

Diógenes, o grego, andava de tocha na mão em pleno meio-dia, na cidade de Atenas, procurando um homem que tivesse juízo. A situação em Jerusalém atingira o último grau de desmoralização. Não era sem motivo que o castigo tinha de vir. Para que uma cidade do porte de Jerusalém, se não se encontrava nela um homem honesto e justo? Melhor mesmo, destruí-la. Os povos vivem e morrem por sua justiça (Prov. 14: 34). Por que caiu Roma? E por que têm caído tantas cidades através da história? Justamente por causa da desmoralização, por causa do pecado. Alguém já disse que, se Deus retirasse, de uma grande cidade do Brasil ou da América, os elementos bons, a cidade apodreceria em 24 horas. O que está salvando o mundo são os crentes evangélicos, pois por amor deles Deus fecha os olhos às maldades da cidade. Não nós admiramos de saber que Jerusalém e tantas outras cidades desapareceram do mapa por causa dos seus pecados. Muitos escritores profetizaram a destruição de Paris devido à sua imoralidade, mas, por motivos que ignoramos, a cidade foi poupada e lá está espalhando pelo mundo as suas depravações. Houve tempo quando o Brasil era uma terra virgem; as maldades que conheciam tinham vindo de Paris. Depois todos se corromperam e atualmente Paris é apenas um símbolo. O profeta tem uma saída para o seu problema. Pensava ele que só os pobres e ignorantes eram maus, por não conhecerem o caminho de Deus. Então iria procurar entre os ricos, porque estes deviam conhecer a vereda do seu Deus. Estes, porém, de comum acordo, quebraram o jugo (da lei) e romperam as suas algemas (v. 5). A situação é tão dramática, na concepção do profeta, que, se uma pessoa conseguir escapar da cidade, um leão do bosque a apanhará, um lobo dos desertos a destroçará e um leopardo estará à espreita. Não há como escapar. As suas perfídias se multiplicam de tal modo que não é possível esperar perdão para tal qualidade de gente. Vendo tal situação, como poderia Deus perdoar a cidade? (v. 7). O quadro exposto nós versos 7 e 8 é indescritível, não pode ser transposto para esta página. Além do adultério espiritual, trocando o seu Deus pelos que não são deuses, se entregaram a toda sorte de luxúria com mulheres perdidas, e, não satisfeitos com isso, ainda se atiravam uns e outros às mulheres do seu próximo. Ao ler tais palavras, a gente sente náuseas e chega a desejar o fim de tal cidade. Eram como cavalos bem nutridos, à procura das éguas vadias (v. 8). Não fosse Deus um Deus de misericórdia, de há muito essa gente teria desaparecido do mapa. Entendemos que o que vale na sociedade humana é a pureza de conduta, a moral elevada, a honestidade nas relações entre os seres humanos. Se isto faltou, de que serve tal cidade? O mais depressa que desaparecer melhor. Esse panorama desanimador tem a contrapô-lo o fato do amor divino, que parece aumentar à medida que caem os valores morais e

espirituais. isso nós conforta e anima, ao mesmo tempo que nós deprime, pois não nós sentimos satisfeitos em verificar o desejo divino de levantamento humano, quando esse elemento se desmanda e decompõe. Talvez seja esta a condição em que os diversos valores se contrapõem.

Judá merece ser castigada. Diz o Senhor: Ou não hei de vingar-me de uma nação como esta? (v. 9). Os versos 10-18 falam de coisas bonitas; o castigo não virá, diziam, pois Deus não irá abandonar a sua cidade e entregá-la aos estranhos (v. 12). Os agentes de Deus vão dar em breve início à tarefa de limpeza; UMA LIMPEZA NECESSÁRIA. As palavras de Deus seriam convertidas em fogo (v. 14), e até os profetas, que prometiam resultados bons, seriam culpados, e suas ameaças seriam contra eles mesmos. Havia profetas falsos, assim como verdadeiros; aqueles só prometiam feitos bonitos, porque estavam de comum acordo com o povo nas suas fornicções e maldades. De longe viria o castigo (Babilônia), de gente cuja língua não conheciam, mas gente por Deus escolhida para castigar o povo rebelde e insensato. Os profetas do povo de fato ignoravam o que estava para vir, visto que não estavam em contato com Deus, mas Jeremias sabia que o mal estava perto. Daí a luta entre Jeremias e os profetas falsos, que o acusavam de traidor e vendido ao invasor estrangeiro. A aljava dessa gente era como a sepultura, e todos os seus homens eram valentes (v. 16). Os conquistadores comeriam a sega do povo, o seu pão, seus filhos e suas filhas, e deixariam todos com fome, e, por cima de tudo, derrubariam as suas casas, as suas cidades, em que eles, rebeldes, tanto confiavam. Há, todavia, uma promessa: nem tudo seria destruído. Ficaria ainda alguma coisa, e, quando alguém perguntasse: "Por que o Senhor nosso Deus fez tudo isso? " Então o profeta lhes responderia: "Porque deixaram o Senhor seu Deus e serviram a deuses estranhos. Por essa causa servires a estrangeiros, em terra que não é a vossa" (v. 19). Pouco tempo depois assim aconteceu. Os exércitos de Nabucodonozor invadiram as cidades e levaram o melhor de tudo, deixando apenas o rebutalho de gente e de objetos. Triste coisa é abandonar o Deus verdadeiro, para servir aos ídolos.

O povo é teimoso, e teimosia é loucura. Uma teimosia obstinada e insensata, não obstante as admoestações do profeta verdadeiro. Nós, que estamos à distancia, não compreendemos o problema em Israel. Enquanto Jeremias prometia castigo de Deus, por causa dos seus pecados, os falsos profetas

falavam o contrário, e como o povo sempre gosta das falas bonitas, naturalmente preferia ouvir os falsos profetas, ao profeta verdadeiro. Esta era, sem dúvida, a luta em Israel. Todavia, o povo deveria ter um pouco de bom senso e entender que as palavras do profeta não eram suas, e, sim, do Deus criador dos céus e da terra. O mar, que recebeu tranqueiras de areia para não traspasar os limites (v. 22), era perpétuo. O povo deveria entender que era Deus quem falava. Era tempo de arrepender-se de seus malfeitos e virar-se para Deus. Infelizmente isso não acontecia. Mas este povo é de coração obstinado e rebelde; rebelaram-se e foram-se (v. 23). Não raciocinavam consigo mesmos: Temos agora ao Senhor nosso Deus, que dá chuva, tanto a temporã como a tardia (v. 24). Se raciocinassem, descobririam que a natureza mesma é um livro aberto sobre a providência divina, dando chuvas e sol no devido tempo, fatos que não sucedem por si mesmos. Essa cegueira universal do homem é a sua desgraça.

Os versos 26-31 contêm uma descrição da situação do povo, em que uns, os mais simples, os pobres, eram oprimidos pelos ricos, sendo todos enganados pelos profetas falsos, os sacerdotes querendo ter o domínio sobre o povo, graças ao serviço que lhe prestavam como falsos mestres. Assim os ricos exploravam os pobres, os profetas viviam da mentira e os sacerdotes, que deveriam entender bem as leis de Deus, serviam-se dos mentirosos para viverem a custa do povo. Quando uma sociedade chega ao ponto de ver até os líderes da religião conspurcados com as vilezas dos mais hábeis, já não pode haver muita esperança. Em Israel havia duas classes de líderes: os sacerdotes, que lidavam com as coisas materiais do templo, e os profetas, cuja missão era anunciar a palavra viva de Deus. Os verdadeiros profetas nunca se corrompiam, enquanto os sacerdotes eram fácil presa. Se os profetas e os sacerdotes se irmanassem no ensino do povo, então a situação seria outra. Os profetas, porém, ficavam à parte, enquanto os sacerdotes se perdiam nos pecados do povo, e, se não os praticavam, faziam de conta que não os viam. As figuras do profeta são tocantes. Como os caçadores armam laços aos passarinhos e os espreitam até caírem e suas gaiolas ficarem cheias, assim era a casa deles, repleta de iniquidades. Engordam, tornam-se nédios e ultrapassam até os feitos dos malignos (v. 28). Não obstante, face a tal situação: Acaso não hei de trazer o castigo por causa destas coisas? diz o Senhor; ou não hei de vingar-me de uma nação como esta? (v. 29). Coisas horrendas se praticavam em Israel, os profetas alardeando mentiras, os sacerdotes dominando, de mãos

dadas com eles. É isso o que o povo deseja, porque sempre gosta que lhe falem de coisas agradáveis, mesmo que sejam falsas. Então, que fazer? Tais coisas têm de chegar a um fim, diz Deus. Infelizmente chegou, e dentro de pouco tempo.

Nabucodonozor assaltaria Jerusalém, como conseqüência do pecado (6:1-5). A cidade impenitente está perto de ver o seu fim. Por mais que o profeta lhe tivesse mostrado o perigo da sua incredulidade e rebeldia, de nada tinham valido os seus conselhos. Portanto, do norte estava chegando o perigo. O caldeu era um instrumento designado por Deus mesmo para promover o castigo do povo ingrato. O toque de trombeta, sinal de guerra, é aconselhado, mas a cidade indefesa não poderia defender-se contra o inimigo aguerrido e valente. A trombeta vinha de Tecoá, a cidade do profeta Amós, bem assim de Bete-Haquerém. O povo é aconselhado a fugir da cidade condenada: Fugi para segurança vossa, filhos de Benjamim, do meio de Jerusalém (v. 1). A filha formosa de Sião iria ficar em ruínas, como ficou, e o povo é advertido a cortar árvores e fazer trincheiras, para defender-se do agressor. Tudo, porém, em pura perda, porque a cidade já estava condenada à destruição, como prêmio da sua rebeldia. Ela vai colher os frutos da desobediência, aos ensinamentos claros de Deus, exarados nos livros de Moisés, especialmente Deut. 28:15-68 e Lev. 26:1-6). Estas escrituras e tantas outras que poderíamos incluir aqui são claras quanto aos efeitos da idolatria e da desobediência. Especialmente depois da destruição de Samária, que os judaítas não podiam ignorar, era tempo de se virarem para o seu bondoso Deus, que, com tanta paciência e misericórdia, estava tentando manter a Santa Cidade contra as investidas dos agressores estrangeiros. Jeremias muito lutou para despertar os sentidos dos seus contemporâneos, mas os ouvidos do povo estavam obtusos para ouvir e entender os seus apelos. O inimigo do norte é comprado aos pastores com seus rebanhos, comendo a erva e levantando suas tendas ao redor, como se tudo fosse seu. Nessa altura da história, não havia mesmo para quem apelar. O Egito, que poderia prestar algum auxílio, era um amigo duvidoso e nesta quadra nada podia fazer pelas condições internas da cidade. A única saída era uma virada para Deus, e era isso que o profeta desejava e queria, porém não havia apoio para seus conselhos. O profeta não deixa em dúvida os dirigentes da cidade, afirmando que, se a vitória do inimigo não viesse durante o dia, viria à noite, mas havia de vir (v. 4). Como se verá adiante, o povo confiava que Deus estava obrigado a salvar a cidade, por causa do templo, todavia, Deus não exigia

templos, mas obediência a suas leis e princípios, e isso era o que não havia em Jerusalém. Religião e formas religiosas, templos e o que seja, só são válidos quando há sinceridade e temor de Deus no coração. Fora disso, nem templos nem religiões valem alguma coisa; são arranjos que se desmoronam ao primeiro bafo do inimigo.

A ruína futura está próxima (vv. 6-15). A descrição do profeta é de tal modo trágica que causa dó e pavor. Os resíduos de Israel seriam como vinhateiros indo daqui para ali em busca de um bago isolado. Israel estava podre de suas enfermidades morais; feridas havia diante de Deus continuamente (v. 7). Como um poço conserva fresca a sua água, assim Judá, as maselas (v. 7). Cortar as árvores para fazer tranqueiras contra os exércitos invasores era fazer o que Senaqueribe já havia feito e Nabucodonozor ainda faria. O território ficou desnudo até agora; não há árvores. Os israelitas que voltaram a Judá têm plantado árvores por toda parte, e uma ressurreição do que foi outrora aquela terra abençoada vai chegando, mas os grandes olivais, de onde faziam o azeite, e os carvalhais, que ensombream a terra, jamais voltarão. Como ironia, o profeta manda cortar árvores e fazer tranqueiras, pois poucas árvores restavam daquilo que fora outrora um jardim, um pomar. Em face dessa situação, Deus ainda apela ao povo, por meio do seu profeta, para que aceite a disciplina e evite que Deus se afaste e entregue tudo ao devastador babilônico (v. 8). Pelo que sabemos, todos estes apelos caíram no vazio. Portanto, de Israel nada restará, senão o rebotalho do povo, os pobres e desprezados, enquanto os válidos e melhores de situação seriam levados como carneiros para as regiões de Babilônia e Pérsia. Apesar de tudo, os dirigentes religiosos e políticos continuavam com o seu falso otimismo. Os seus ouvidos estavam incircuncisos, estavam tapados, e não ouviam os apelos do profeta em nome de Deus. Parece que se envergonhavam de receber a Palavra de Deus (v. 10), mas recebiam o recado daqueles que nada tinham para dar. Então o profeta se confessa cheio de ira do Senhor, cansado de lutar, e promete soltar essa ira contra crianças, jovens e velhos (v. 11), porque até o marido com sua mulher seriam presos e levados para o cativeiro. As suas casas ficariam desertas, os campos e as mulheres seriam entregues a outros, porque, do maior ao menor, todos se tinham extraviado, tanto o profeta falso como o sacerdote, todos se haviam desviado (v. 13). Todos estes males foram diagnosticados em Deut. 28:30, em que um homem casaria com uma mulher, mas outro dormiria com ela; um construiria uma casa, e outro iria nela morar. A tua vinha será desfrutada por

outro, e assim até uma destruição final e vergonhosa. Eles curavam superficialmente a ferida, melhor, rotura, mas internamente tudo continuava como antes. Portanto, cairão como fruto podre e serão pisados pelo conquistador.

O Apelo de Javé e a desobediência de Judá (vv. 16-21). Um convite de Deus insiste que é bom andar pelos caminhos antigos e verificar como é salutar e admirável. Entretanto, o povo responde: "Não andaremos." Todos os apelos divinos são para o seu bem, mas a obstinação do caráter desviado é uma coisa triste. Compare este apelo do profeta com Mat. 11:29, onde o mesmo espírito se encontra retratado. Outro apelo era para que estivessem atentos ao som da trombeta, mas eles respondiam: "Não escutaremos." Então o profeta toma por testemunhas o céu e a terra, de que só mal lhes adviria, tendo a sua rebeldia uma recompensa. Jamais alguém se rebelou contra a vontade de Deus, e se deu bem. A história é a grande mestra dos povos e jamais povo algum conseguiu sobreviver por muito tempo contra a vontade de Deus. Não adianta tentar a Deus. Justamente nesta hora um povo sempre tido como comedido nas suas decisões, sóbrio e amigo da Bíblia, está sofrendo mais que qualquer outro da Europa. Um povo conhecido como povo da Bíblia e onde, desde remotos dias, a Bíblia fora respeitada, foi justamente o único, até agora, a oficializar ou reconhecer ou tolerar o homossexualismo, o pecado mais nefando dentre todos os muitos deslizes da humanidade, o pecado que levou Deus a destruir Sodoma e Gomorra e riscá-las da face da terra, e de tal maneira, que nem resto ficou, por onde a arqueologia pudesse fazer qualquer investigação. Tudo foi soterrado pelas chamas divinas. Nenhum povo jamais sobreviveu à sua torpeza social e moral. O mesmo aconteceu com os israelitas. Para que, pois, me vem o incenso de Sabá, ou a melhor cana aromática de terras remotas? (v. 20). Sabá, um território que fica a sudoeste da Arábia, é famosa por seus perfumes. Da mesma região veio a notável rainha de Sabá, atraída pela fama de Salomão, carregada de perfumes e outras delícias da sua terra, que atualmente se acredita seja o país da Etiópia. Os hebreus, apesar dos seus pecados, continuavam a praticar o seu culto, com a queima de incenso aromático e a oferta de animais para sacrifícios. De que valia isso, se o coração estava longe de Deus? O Senhor não aceita cultos divorciados do espírito religioso. Portanto, diz o Senhor: Eis que armarei tropeços a este povo, e tropeçarão neles... (v. 21). É o mesmo que dizer: não adianta o vosso culto, com a queima

de incenso aromático e a oferenda de novilhos. O que Deus ama é um coração voltado para ele, amante da Verdade e da Justiça.

Fora disso, a religião de nada vale. Nós estamos plenamente convencidos dessa certeza, e por isso os nossos cultos não são pomposos nem revestidos de grandes liturgias. O que nós preocupa são vidas e corações limpos. Isto é o que a religião evangélica preconiza.

A crueldade do invasor não bastaria para corrigir o povo (vv. 22-30). Uma nação vinha lá das bandas do norte, armada com arco e flechas, e seria impiedosa para com os rebeldes crentes judaicos. Com esta gente viria o espanto e o terror, e então se recordariam das admoestações proféticas e das promessas fantasiosas dos seus líderes, interessados no seu dia e no seu estômago. Se a linguagem fosse de hoje, em lugar de arcos e flechas, diríamos tanques e canhões. Entretanto, para o seu dia esses tinham o mesmo valor e produziam o mesmo efeito. Gente cruel eram aqueles nortistas, que se aproximavam da santa cidade de Jerusalém, desamparada do seu Deus e protetor. Eram guerreiros valentes e cruéis, como o demonstrou a história mais tarde, pois já se haviam provado tais contra Samária, mesmo que fosse outra nação, se bem que o espírito fosse o mesmo. Tanto ninivitas como babilônios eram todos uns guerreiros cruéis e temidos. A descrição do verso 24 é perfeita, e o profeta pede que o povo não saia de casa, nem ande pelos caminhos, porque o terror estava na rua (v. 25). Todos os povos do norte tinham sentido o peso da crueldade dessa gente, mas os hebreus achavam que Deus estava obrigado a defender a cidade, que era a Cidade do Grande Rei. A verdade, entretanto, é que Deus não está obrigado a coisa alguma; senão quando estamos em acordo com as suas ordens. Então, sim, Deus nós guarda, e guarda as nossas casas. Fora disso, é apenas em nome e por causa da religião, que não tem sentido algum na vida. Deus não se obriga a nada. Ó filha do meu povo, cinge-te de saco (v. 26), um sinal de tristeza e arrependimento, que não houve. A figura vai mais longe. Revolve-te na cinza (v. 26). Cobrir-se a pessoa de saco e atirar cinza na cabeça era sinal de profundo pesar. Se isso valesse, mas não valia, porque saco e cinza eram elementos válidos para corações arrependidos e crentes em Deus. Sem arrependimento, o saco e a cinza de nada valem e nada significam. É como certa gente, que fica triste na semana da Paixão de Cristo e no sábado cai na folia do réveillon, o baile de aleluia. Isso é pura hipocrisia. A tristeza aqui preconizada era que o invasor estava de caminho, e não valia a pena fugir,

porque alcançaria os fugitivos pelas estradas. Era motivo de ficar triste, mas também não valia, porquanto a destruição viria alcançá-los em qualquer parte, como sucedeu. Quando Nabucodonozor entrou em Jerusalém, o rei Zedequias fugiu, como tantos outros, porém os soldados o apanharam nas campinas de Jericó, e ele foi levado ao rei em Ribla, e seus filhos foram mortos na sua presença, tendo ele os olhos vazados. Cego, foi levado para Babilônia (Jer. 39:1-10). Eis o prêmio da desobediência.

O profeta tinha-se constituído como o atalaia da torre, para avisar o povo da aproximação do inimigo, e isso tinha feito, embora de nada servisse o seu aviso. Agora ele se considera um refinador de metais, cujo fogo se havia apagado e o metal (prata) não tinha sido refinado (v. 27). As figuras são impressionantes, mas de pouca valia, porque o povo estava mesmo decidido a seguir o caminho da rebeldia, e não era capaz de conhecer a seriedade dos perigos. Embriagado com as promessas falsas, achava que tudo quanto o profeta dizia era apenas para assustar. Essa teimosia é o espelho onde as nações se miram ainda hoje, e, nós tempos de Paulo, ele mesmo se queixava dessa falta de senso (Rom. 1:18-32). Agora, diz o profeta, já o fole se queimou; bufa, sopra, e a prata não se refina, só chumbo sai da retorta, ou prata de refugo, porque o Senhor os rejeitou (v. 29). Nada mais havia a fazer. Nem a torre de vigia, nem o fole do purificador de prata tinham dado resultado. Seriam entregues ao conquistador, que os levaria, sem remédio, para o desterro. O que admira a quem escreve estas linhas é que o povo de Judá já tinha visto o que os reis assírios tinham feito a Samária. Os irmãos do norte estavam já espalhados pelo mundo, sem esperança de voltarem a suas casas. Sabiam disso e de que outro conquistador, não menos poderoso, como Nabucodonozor, estava lá no norte, acertando os seus negócios, para então assestar as suas baterias contra Jerusalém. Ora, eles conheciam tudo isso, mas estavam cegos de orgulho, pensando que o templo os salvaria. Diriam eles: Ora, Jeremias não tem razão, porque o Senhor não vai permitir que esta lindo e custoso templo seja destruído. Puro engano! Nada vale, se o povo não anda com Deus. Coisa parecida aconteceu no primeiro século desta era, quando as cinzas expelidas pelo vulcão Vesúvio começaram a cair sobre Herculano e Pompéia, lindas cidades. Quem poderia imaginar que um vulcão, a mais de três quilômetros de distancia, mandaria chuvas de ferro e outros metais caírem sobre umas cidades pecaminosas, até sepultá-las dez metros abaixo? Gente foi encontrada petrificada, com as mãos cheias de moedas, sem ter tido tempo para fugir. Quem será que hoje se mira naquele

espelho pavoroso? Numa visita feita a esta cidade, um grupo foi levado a ver uma cena proibida a senhoras. Por aquela cena, um mural diabólico, se pode concluir a razão de Deus soterrar a cidade. Quantas outras têm sido destruídas! A história se repete e os povos, como os judaítas, não mudam o rumo das suas vidas.

CAPITULO III - FALSAS ILUSÕES QUANTO A SEGURANÇA DO TEMPLO - JEREMIAS RECEBE A TERCEIRA MENSAGEM (7:1-10:25)

Era natural que o povo acreditasse que, acontecendo o pior, Deus Interviria e salvaria o templo, onde estava o SEU NOME. Jeremias afirma justamente o contrário. Mandado por Deus, colocou-se à porta do templo e proclamou a sua palavra: o templo não salvaria a nação. É o que já temos afirmado: templos e santuários não têm valor, se o povo está com o coração longe de Deus, em cujo nome tais templos foram levantados. Deus tem por sua morada os céus dos céus; o universo é todo dele. Portanto, não precisa de templos. Se os permite é porque, por meio deles, espera que o povo tenha um modo de se encontrar com Ele. Também Siló era considerado inviolável. Entretanto, foi destruído até as bases. Neste sermão, conhecido como "O sermão do templo", não há sinais de grande alarme, como se encontram no capítulo 26, de que, quando terminou, os sacerdotes e o povo lançaram mão dele e disseram: "Vais morrer" (26: 11). Possivelmente, aqui o profeta ainda abrigaria a esperança de um arrependimento, que não veio. O chamado sermão do templo pertence justamente a essa mesma época, pois os eventos não distanciavam muito no tempo. Pensa-se que este sermão pertence à era do reinado de Jeoaquim, em

608, anos antes da invasão de Nabucodonozor. O ministério deste, profeta abrangeu todo o tempo, desde a morte de Josias até o cativeiro, um dos períodos mais turbulentos da vida de Judá. Coube-lhe a sorte de ser pregador a um povo rebelde, que não queria ouvir os apelos do seu pastor. Isso ainda acontece hoje em outros termos, quando um pregador se esbalda, a fim de o povo mudar de rumo, mas em pura perda, pois dizem; "Essa é a conversa de todos." Nós, que estamos tão distantes daquela época e pertencemos a outra geração que não a judaica e séculos têm decorrido desde então, sentimos que a missão do profeta foi inglória. A lição ficou, mas para quem? Quantos, em nossas igrejas, estão na mesma condição do povo de Judá! Ouvem e dizem: "Sempre foi assim. Essa é uma velha conversa." É bem verdade que não há mais templos a serem destruídos por Nabucodonozores, todavia, se é certo que a história se repete, o faz em formas diferentes. Acreditamos que o Deus daqueles dias é o mesmo de hoje. Se ele se irou contra a sua Santa Cidade ao ponto de arrasá-la, também se ira contra outros povos ou grupos, em condições diferentes ou mesmo similares.

1ª PARTE - MENSAGENS AO POVO ELEITO (Jer. 1: 1-25:38)

CAPITULO III - FALSAS ILUSÕES QUANTO A SEGURANÇA DO TEMPLO - JEREMIAS RECEBE A TERCEIRA MENSAGEM (7:1-10:25)

I. O SERMÃO DO TEMPLO (7:1-8:3)

A ordem de Deus ao profeta para se colocar à porta do templo e falar ao povo representa uma decisão divina, da maior importância. Era ali que o povo indistintamente se reunia para os sacrifícios e onde todos eram convidados a adorar- Não havia melhor lugar, pois os que ali se ajuntavam ainda tinham um resto de religião e de temor a Deus. Era, pois, um local próprio para uma grande mensagem, a mensagem do perdão e da esperança. OUVI A PALAVRA DO SENHOR, TODOS DE JUDÁ, vós os que entraís por estas portas para adorardes ao Senhor (7:2). Era natural na religião dos judaítas que ninguém ficasse de fora no comparecimento com as suas ofertas alçadas, ofertas pelo pecado, ofertas de holocausto e outras modalidades de serviço a Javé. Jeremias corajosamente ficaria à entrada, na parte reservada ao povo e onde todos entregavam aos sacerdotes as oferendas, e então ouviriam a mensagem. Infelizmente ele não era simpático ao povo, devido aos falsos profetas, que tinham um outro tipo de mensagem, que contrariava a sua. Daí a dificuldade. Todavia, Jeremias falava em nome de Deus; os outros diziam também falar em nome de Deus, mas falsamente. O que essa mensagem produziria no coração do povo não sabemos agora, mas, como já vimos, no capítulo 26 os fatos tomaram aspecto sério, ao ponto de o profeta ser ameaçado de morte.

Ouvi a palavra do Senhor. Deus ainda invoca o fato de ser o Deus de Israel como nós dias de Moisés. Oficialmente o povo não tinha outro Deus e os que se gabavam de ter, eram falcatruas do verdadeiro Deus. O sermão consistia: (1) Em emendar o caminho, mudar de vida: Emendai os vossos caminhos e as vossas obras (v. 3). (2) Com esta condição o povo continuaria a morar nas

idades de Judá. Habitar naquele bom lugar, naquela terra fértil e dadivosa era, sem dúvida, a expectativa de todo mundo. Todavia, estavam já condenados ao extermínio, se não mudassem de vida. Julga-se que esta mensagem foi proferida numa das grandes festas do templo, pondo-se Jeremias junto à porta, entre o povo que vinha e os sacerdotes que recebiam as oferendas. Não digais, Templo do Senhor, a frase três vezes repetida, porquanto Deus não estava obrigado a conservar o templo e a cidade, se o povo não mudasse de condição de viver, justamente o que significa - "mudar de caminho", mudar de hábitos arraigados. A tríplice repetição, "Templo do Senhor", deveria produzir nós ouvidos do povo uma sensação de despertamento. Cristo usou, especialmente em João, a repetição: Em verdade em verdade vos digo... Realmente, a frase Templo do Senhor deveria ser um alerta ao coração do povo, pois era ali, no Santo dos santos, que Deus morava e onde era encontrado pelo sumo sacerdote no grande dia da expiação Nacional, em 10 de outubro, o mês sétimo do ano judaico. Fora desse dia, Deus não seria encontrado, mesmo que estivesse implícita a sua presença. Os livros de Êxodo, Levítico e Números dão muita ênfase a este lugar, a shequinah, a tampa da Arca da Aliança, ornada com os dois querubins. Ali era o lugar da morada divina, e era ali que o sumo sacerdote, uma vez no ano, oferecia o sangue do bode expiatório. Era o grande Iom Kippur. Natural, pois, que o templo, a morada do Senhor, fosse um lugar que Deus teria o dever de conservar. A condição de ser o templo de Deus a sua morada estava naturalmente condicionada a muitas exigências, segundo lemos no Pentateuco. Era ali que Moisés se encontrava com o Senhor, e ali recebia as ordens quanto ao procedimento a seguir. Era efetivamente um lugar muito sagrado. Bastava o fato de só o sumo sacerdote, e uma única vez por ano, poder entrar no santíssimo lugar. Qualquer que se aproximasse do véu morreria. Emendar os caminhos era: praticar a justiça para com o próximo, não oprimir o estrangeiro, porque eles tinham sido estrangeiros na terra do Egito, cuidar do órfão e da viúva, não derramar sangue inocente, não ter outros deuses perante ele (v. 6). Como se vê, era um código de fácil execução. Era uma síntese do Decálogo: amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo. Toda religião cifrava-se nisto. Conta-se que certa vez um judeu perguntou a um rabi como poderia aprender a religião judaica. O rabi apresentou esses versos, dizendo tudo o mais ser apenas arranjos. Portanto, a condição para morar na terra era praticar essas coisas banais da religião, mas fundamentais. Talvez alguns destes princípios os judeus praticassem. No entanto, cometiam adultério, queimavam incenso a ídolos, prestavam culto à lua, a rainha dos céus, praticavam outras tantas falsidades na religião. Isso era o

que Deus detestava e mandava abandonar. Praticavam todas essas coisas, e depois vinham e se prostravam no templo, pensando que isso os salvaria (vv. 9 e 10). Deus então indaga: Tornou-se, pois, esta casa, que se chama pelo meu nome, uma caverna de salteadores aos vossos olhos? (v. 11). Querer ficar na terra e com o seu templo praticando todas estas vilanias era impossível. Deviam mudar de caminho. Deus não permitia as falsidades da religião.

Deus convida o povo a fazer uma visita a Siló, onde antes estava o nome do Senhor. Que lhe aconteceu, por causa da maldade do povo? Foi tudo arrasado, como para provar que o fato de o nome de Deus ser invocado em um certo lugar não lhe concedia imunidades religiosas (v. 12; ver Mat. 11: 17 e Luc. 19:46). Sílo tinha sido um lugar sagrado, porque nos dias de Josué a arca tinha sido guardada ali, mas isso não foi bastante para preservar o lugar da destruição. O mesmo irá acontecer com o templo, diz o Senhor, se não emendardes os vossos caminhos e mudardes de vida. Deus tinha falado desde a madrugada, chamando-os, mas não ouviram. Então sucederia a este lugar como tinha acontecido a Siló (vv. 13 e 14). A lição aproveita a todos. Não há menção no V.T. da destruição deste lugar, porém o fato aqui aludido basta. As causas dessa destruição foram as mesmas que iriam destruir o templo agora. A quem sabe como o templo foi construído na base do modelo que Deus mostrou a Moisés no Sinai, com tanto luxo e zelo, saber que ia ser destruído, as suas peças mais custosas levadas para Babilônia, inteiras ou partidas, causa muito pesar, a despeito dos séculos que já se passaram. Mesmo que não sejamos judeus, temos uma herança comum com essa gente, porque foi dela que nós vieram o Salvador e a Bíblia, e dela recebemos muitas lições sobre Deus e o comportamento que nós cabe ter para com ele. Então partilhamos das suas alegrias e das suas desditas. Queiram ou não, temos uma dívida grande para com esse povo. Quando os portugueses vieram colonizar o Brasil, veio muito rebotalho da aristocracia falida. Entretanto, vieram também muitos judeus, que ajudaram a consolidar a vida na colônia. A influência judaica na vida brasileira ainda não foi escrita, que saibamos. No entanto, foi grande, e disso não temos dúvidas. Aliás, tinha sido grande na metrópole também, na formação do povo lusitano. Quem se der ao trabalho de ler um livro inédito no Brasil, "A ESCRITA HIERÁTICA DOS HEBREUS REVELADA PELA INTERPRETAÇÃO DAS INSCRIÇÕES IBÉRICAS (1)", terá uma idéia da influência dos judeus em Portugal e em toda a península desde os tempos da Diáspora. Grandes cidades foram fundadas por eles, onde deixaram traços profundos da sua crença e vida. Por isso amamos os

judeus. Nós temos a sua Bíblia acrescida do Novo Testamento, que eles não aceitam.

O que acontecera a Efraim sucederia a Judá. Efraim é referida como uma das mais influentes tribos do norte, e era mesmo. Sargão II destruiu Samária, e os povos do Reino do Norte foram disperses pelo mundo de então, e do seu roteiro a Bíblia guarda silêncio. Dos judaítas, sim, sabemos muito, mas dos israelitas do norte, nada. Pensam alguns comentadores, muitos deles desceram ao Egito, atravessaram a África pelo norte e se dirigiram à coluna de Hércules, o Estreito de Gibraltar, e dali passaram à Espanha, onde estabeleceram grandes colônias, como dissemos atrás. Nos tempos de Paulo, havia muitas colônias judaicas na Europa, e até comunidades evangélicas na Espanha, onde Paulo muito desejou ir, talvez grupos oriundos da Diáspora dos dias de Sargão II. Teria sido por meio destas colônias que alguns evangélicos, como os nestorianos, se infiltraram e fundaram comunidades cristãs. Conimbrica, cidade arqueológica próxima de Coimbra, que este autor visitou, era cristã, a julgar pelos monumentos com inscrições do Apocalipse no cemitério local. De tudo se infere que os judeus foram grandes colonizadores no mundo inteiro, inclusive em Roma. O que deve o mundo a essa gente precisa ser dito ou escrito algum dia.

Os versos 18-20 (cap. 7) contêm uma advertência ao profeta, para não interceder a favor desse povo, dando as razões e pedindo que ele veja o que se está fazendo em Jerusalém. Os filhos apanham a lenha, e os pais acendem o fogo, e as mulheres amassam a farinha para fazerem bolos à rainha do céu (lua) (v. 18). Dessa forma, a ira divina se alteava sobre a cidade e sobre o povo, e não havia nada que pudesse salvar a situação. Tu, pois, não ores por este povo (v. 16). O profeta era, antes de tudo, um grande patriota e só ele sabia o que estava preparado para essa gente, pelo que sabia, por sua intuição e comunicação com Deus, seria coisa terrível. O nosso estudo vai-nos mostrar o quanto Jeremias amava a sua cidade e as suas instituições, e quanto fez para salvá-las. A rainha dos céus, a Istar dos babilônios, tinha sido introduzida entre os muitos ídolos dos povos vizinhos. Em Judá, tornou-se uma forma de culto muito vulgar, comum. Era o culto favorito das mulheres. Face a esta corrupção religiosa, toda a terra estava condenada, inclusive as árvores. Nada escaparia à destruição, como não escapou mesmo.

O profeta parece ignorar que os sacrifícios foram determinados por Deus, conforme Números 7:1-38 e todo o Levítico. Todavia, o que interessava ao culto e a Deus não eram propriamente as ofertas de animais, e, sim, a obediência ao Senhor. Sem esta, as ofertas de nada valiam. É isto o que nós ensina o verso 21. Havia oferendas que tanto o sacerdote como o ofertante podiam comer. Todavia, a oferta pelo pecado, ou holocausto, seria consumida no fogo. Era oferta ao Senhor. O ritual dos sacrifícios ocupa grande parte do Êxodo, Números e Levítico (veja o livro do autor, Estudo no Livro de Levítico). Agora Deus diz: "Ajuntai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comei carne". Uma espécie de ironia, porque não se podia misturar um sacrifício com outro. Cada um tinha a sua finalidade no campo da misericórdia divina. Portanto, o que Jeremias proclama é que os sacrifícios sem o arrependimento de nada valem e, portanto, Deus não autorizou tal coisa, como mera fórmula religiosa. Os críticos têm querido encontrar uma contradição do verso 22 com o resto das Escrituras. O que os judeus estavam praticando era uma fantasia religiosa, oferecendo sacrifícios sem o devido arrependimento. Tal coisa Deus nunca autorizou. Formalismo, não; religião, sim. A queixa divina continuava nos versos 23-28. Havia um Concerto feito entre o povo e Deus, mediante o qual Deus seria o Deus do povo, e o povo seria povo de Deus. Esta era a fórmula fundamental, e, para que valesse, foram instituídos os sacrifícios como corolário. O povo, porém, não deu ouvidos nem atendeu ao que tinha sido estabelecido. O livro de Números é incisivo neste sentido. O povo andou para trás, em vez de para a frente (v. 24). A julgar pelo movimento do templo, nós, embora não estivemos lá, julgamos o povo era religioso e temente ao seu Deus. Nada disso. Era pura formalidade, e nada mais. Desde os dias da saída do Egito, Deus não tinha cessado de enviar os seus profetas, tenho-vos enviado insistentemente todos os meus servos, os profetas, dia após dia (v. 25). Contudo, não me deram ouvidos, nem inclinaram os seus ouvidos, mas endureceram a sua cerviz. Fizeram pior do que seus pais (v. 26). A queixa é esta: o mal todo estava em que não deram ouvidos à palavra de Deus. Notamos esse espírito durante os anos no deserto. Clamaram por carne, e veio carne; choraram por água, e veio água. Era uma constante de rebeldia, como se o dia de ontem logo fosse esquecido. Quantas vezes desejaram voltar ao Egito, onde tinham as panelas de carne e peixe; mas esqueciam o chicote do feitor. Isso eles nunca lembraram. Parece que era um povo desmemoriado. Quem vira o que sucedera ao Egito e na travessia do Mar Vermelho tinha suficiente razão

para se apegar a Deus e jamais criticá-lo por falta disto ou daquilo. No entanto, aquela gente, francamente, era do pior estofado. Há muitas maneiras de interpretar a dureza do coração deste povo, e uma delas é que a lei e todas as implicações não atingiam o coração. Eram puramente formais. Já não se dá assim com o cristão verdadeiro, que recebe o Espírito Santo, é renovado na sua natureza íntima e não é crente formal, por ouvir. Ele mesmo sente por si. A menos que haja uma explicação, temos de crer que este povo era desmemoriado, e tudo fazia apenas ritualmente. Quem sabe, o catolicismo peca por esse lado também. Tudo lá se reduz a fórmulas e ritos. O coração não penetra em fórmulas e ritos. Daí, então, a fraqueza do ensino católico para a vida comum, o qual não produz a renovação do coração. Batismo em nome dos padrinhos, que efeito pode ter na vida?

O pranto referido no verso 29 confere com a apostasia a que o povo se havia entregue, e por causa da qual o seu Deus o havia abandonado. Era, pois, tempo de prantear e chorar, porque todo socorro desejado para a pobre nação só viria por meio de um arrependimento e jejum, a que o mesmo povo não estava disposto. Fora disso, era choro e pranto inútil. O verso não menciona quem deveria prantear e chorar, mas o verbo no singular, no gênero feminino, aponta para a cidade de Jerusalém. Era a cidade abandonada que deveria chorar. Cortar os cabelos era sinal de luto. Traduzindo literalmente esta frase, daria o seguinte: "Corta a tua coroa" (ver Jó 1:20 e Miq.1: 16). Parece, a alguns comentadores, que a expressão "cortar os cabelos" seja uma referência ao nazireato, quando o que tinha o voto não podia cortar o cabelo. É bem sintomático o caso de Sansão, que, ao cortar o cabelo, fugiu dele o Espírito, que lhe dava poder sobrenatural (Núm. 6:7; Juí. 14:1-16:31). Jerusalém quebrara os seus votos de fidelidade a Deus, e, portanto, estava sem poder para viver. Era como o nazireu, que, de cabelos cortados, estava perdido. Na sua ânsia de imitar os povos vizinhos, até no templo dedicado a Javé, puseram os seus ídolos. Era a contaminação final e total. O ídolo mais representativo dos cananeus era Baal, algumas vezes representado por um poste-ídolo. Pois até isto colocaram no templo, e o argumento era que, se este ídolo protegia os cananeus contra os inimigos, por que não protegeria também os hebreus? Deus não tinha qualquer compromisso com esses povos, portanto, eles viviam à margem do governo divino. Não eram assim os hebreus, que aceitaram ter um só Deus na pessoa de Javé. Se tinham quebrado o vínculo sagrado da fidelidade, seguir-se-ia a ira divina com o arrasamento das cidades por Salmaneser, Sargão e outros

poderosos salteadores daqueles dias. Este raciocínio faltava ao povo. Se ouvissem os profetas, então a situação se mudaria, mas não ouviam. Conforme II Reis 21:5, somos informados de que Manassés, rei de Judá, colocou no templo ainda mais altos de Tofete, que era um local do vale do filho de Hinom, onde, imitando povos vizinhos, ofereciam seus próprios filhos a Moloque, divindade amonita. A palavra original era thefat, mas, mudando as vogais, veio o termo a designar Tofete, e assim se lia e pronunciava, para diminuir o horror que o termo therat causaria no povo. O mesmo fizeram com a palavra meleque que, mudando as vogais, veio a ser pronunciada como molce ou moloque. As divindades pagãs que entraram no culto dos judaítas só poderiam ganhar favor do povo mudando-lhes a grafia, embora ficando o sentido. Portanto, viriam dias em que não se chamaria mais Tofete, nem vale do filho de Hinom, mas vale da matança. O vale do filho de Hinom era o lugar onde despejavam o lixo da cidade e cremavam todos os restos, bem assim animais e criminosos: local de horror e nojo. Pois bem, ali foi levantado um altar ao deus pagão, e as mães israelitas levavam seus filhos e filhas para serem queimados nos braços de Moloque, uma estátua oca, aquecida ao rubro, onde ofereciam os sacrifícios humanos. Deus declara que jamais pediu tal coisa (v. 31). A matança seria de tal porte que, não havendo meios de enterrar os mortos, eram então jogados no vale de Hinom. Seria o repasto dos animais da terra e das aves, e nem haveria quem os espantasse (v. 33). A voz de folguedo e de alegria terminariam na cidade de Jerusalém. A voz de noivo e de noiva não seria mais ouvida. Os mortos seriam amontoados no vale e nem o fogo daria conta dos corpos. Tudo quanto era alegria e Jerusalém fora uma cidade alegre - converter-se-ia em cemitério. Que de horror passou pela mente de Jeremias ao receber esta mensagem para o povo, não sabemos, mas imaginamos. Jeremias não fora criado ali naquela cidade alegre e feliz, agora transformada num vale de cremação. O povo, levado pelas falsas promessas dos profetas "sem mensagem", não podia suportar um profeta que só anunciava fatos horrorosos. Daí a luta do profeta com os líderes judaicos e com Zedequias, rei fraco e pusilânime. O vale de Hinom tornou-se sinônimo de inferno. Nada mais dramático poderia dizer-se do destino que aguardava a cidade infiel e idólatra. Deus declara que jamais pediu ou cogitou de tal miséria como a que estavam praticando no vale de Hinom. Era procedimento totalmente estranho aos costumes e leis de Judá. Uma estúpida importação de deuses estranhos, para se infiltrarem até no culto espiritual do templo, erigido para o louvor do Deus eterno.

(1) Major G. L. Santos Ferreira, Tipografia Mendonça, Porto, Portugal.

CAPITULO III - FALSAS ILUSÕES QUANTO A SEGURANÇA DO TEMPLO - JEREMIAS RECEBE A TERCEIRA MENSAGEM (7:1-10:25)

I. O SERMÃO DO TEMPLO (7:1-8:3)

1. Uma Situação Macabra (8:1-3)

Para cumular o horror das ameaças anteriores, o profeta declara que os ossos dos mortos - reis, sacerdotes, príncipes, todos - seriam lançados fora das sepulturas. O respeito que os judeus devotavam aos seus mortos seria agora agravado de um modo calamitoso, pois serão expostos ao sol, e à luz, e a todo o exército do céu... serão como esterco sobre a face da terra (v. 2). A visão é por demais macabra. Muitas opiniões se têm emitido a respeito dessa catástrofe contra os mortos.

Pensa-se tratar-se de um ato deliberado, feito por alguém, para mostrar que aquela gente era incapaz até de defender os seus mortos. Essa medida poderia ser admitida por aqueles que sabiam terem sido enterradas muitas riquezas

com os mortos, e então um meio de reaver ditas fortunas. Muitas têm sido as hipóteses levantadas para explicar tal fenômeno. O sentido parece ser claro, mesmo que não saibamos como seria executado. Todo mundo estava incluso na punição - vivos e mortos. Desenterrar os ossos dos mortos e expô-los ao sol era uma forma de castigo pos mortem, uma execração. Os mortos seriam ajuntados aos vivos e todos seriam expostos aos astros, aos quais haviam adorado. Uma espécie de castigo coletivo, pois todos, por igual, tinham cometido pecados de idolatria e que tais. Uma espécie de julgamento ~. Mesmo que se admita grande parte desse horror ser apenas figurativo, ainda assim fica na mente do leitor a certeza de que Deus é testemunha de todos os malfeitos do povo. Os judeus não tinham a compreensão dos horrores do julgamento final que os cristãos temos; com essa descrição, porém, ficariam convencidos- de que, mesmo depois da morte, ainda há uma etapa a ser vencida. Os judeus apenas admitiam a sua ida para o Seol; quanto a recompensas finais, o mosaísmo não era muito claro. Tudo, ou quase isso, se prendia à vida aqui, e, se esta vida não correspondia aos desejos de Deus, então depois da morte muito menos.

II. DESOBEDIÊNCIA E IDOLATRIA - A DESGRAÇA DO POVO (8:4-10:25)

Esta seção, segundo muitas autoridades, é uma contrapartida métrica do sermão do templo, com a qual Jeremias inicia a sua terceira mensagem a um povo que erra, e não quer voltar ao caminho. Até os animais sabem voltar, nas devidas estações, ao lugar primitivo, mas o povo de Israel era tão obtuso e persistente no caminho do pecado que nem o instinto de conservação observava.

Porventura cairão os homens, e não se levantarão? Desviar-se-ão, e não voltarão? (v. 4). Isso é metáfora que bem mostra a estupidez do povo na prática da sua religião, pois, se uma pessoa cai, se levanta; e, se erra a vereda, volta ao começo. Esta gente, no entanto, estava destituída do senso comum, e nas suas conversações, que Deus diz escutar, não havia quem aconselhasse uma volta ao bom caminho, aos ensinamentos mosaicos. Ao contrário, como um cavalo em batalha arremete contra o inimigo, eles persistem na sua teimosia de voltar ao seu Deus. Ninguém se arrepende; ao contrário, dizem: Que fiz eu? (v. 6). O pecador é mesmo cego no seu caminho de pecar, e não reconhece que está errado, e os que o avisam do erro são acusados de sonhadores. Pois até as aves conhecem as estações de migrar, voltando depois ao lugar de onde saíram. É assim com a cegonha, a rola, a andorinha e outras aves, todas conhecem o tempo de arribar, porém o povo do Senhor nada sabe a respeito do seu bem (v. 7). O profeta usa figuras capazes de convencer até a um tolo; todavia, o povo se julgava sábio, entendido e seguia os seus desejos como se fossem retos e diretos. Os falsos escribas torciam a verdade e todos seguiam a mentira, em lugar da verdade, ensinada pelo profeta. Esta é a primeira vez que se ouve a palavra escriba, palavra muito usada no Novo Testamento, para descrever a classe dos chamados doutores da lei, os encarregados não só de copiar o texto, mas de interpretá-lo, escoimando-o de quaisquer interpelações. O texto massorético, um dos mais seguros dos antigos, é um testemunho do cuidado com que essa classe de escribas manuseava os sagrados textos. Era, pois, tarefa dos escribas cuidar da segurança do texto sagrado. Não obstante, esses aqui referidos não tinham tal cuidado, isto é, de encaminhar o povo à Torah, à Lei; pelo contrário, os orientavam para o erro. Eram autoridades supremas na interpretação da lei, e o que afirmavam era inquestionável. Parece que, especialmente no tempo de Ezequias, eram muito ativos e respeitados, e já constituíam uma classe à parte, como vemos nas muitas referências do Novo Testamento. Dispensadas as suas falhas, era um povo respeitável, se bem que no tempo de Jeremias tudo se tivesse corrompido. A situação, até onde a podemos entender, era esta: de um lado, o profeta com as suas admoestações, recebidas de Javé; e do outro, a

nobreza, os sacerdotes e os escribas, dizendo outra coisa, sábios que diziam saber o que estavam fazendo, não carecendo dos ensinamentos do profeta (v. 8). Pois serão envergonhados, aterrorizados e presos (v. 9), por haverem rejeitado a palavra do Senhor. Que sabedoria é essa? pergunta Deus. Seria o caso de se indagar: Onde aprenderam isso, de modo a terem argumentos para contradizer o que o profeta afirmava?

Os versos 10-12 descrevem a assolação reinante até nos montes e vilas. Já não se ouve por ali o mugido das vacas, o canto dos pássaros. Tudo desapareceu. Parece que a natureza partilhou da assolação do inimigo, e se retirou do cenário. Por certo esta descrição é profética, pois que o inimigo ainda não tinha chegado ao sul. As vides já não davam mais cachos de uvas e as figueiras tinham cessado de dar figos. A desolação total viria depois a Jerusalém, a cidade amada e desejada, a cidade festiva dos dias faustosos de Salomão e outros reis honestos. Se fosse perguntado: Por que esta desolação toda, esta tristeza? Então alguém, com sabedoria, responderia: "Porquanto deixaram o seu Deus, este também os deixou." Deus mesmo responderia. Um povo, a quem Javé falara boca a boca, como no caso de Moisés, e não havia morrido, como seria o caso; um povo que possuía leis e princípios, que podia governar o mundo inteiro; um povo que tivera líderes tais como Davi, Salomão e alguns outros; um povo, finalmente, cheio de bênçãos, que outro jamais recebera; este povo abandonou o seu Deus e se entregou aos baalins, ídolos que nada valiam e que nada entendiam. Um povo assim poderia bem ser apelidado de louco, insensato. Nós, que conhecemos um pouco da sua história, só podemos chamá-lo de louco, pela troca que fizera, deixando o seu Deus, o Senhor dos céus e da terra, por ídolos de pau, de ferro, ou mesmo de ouro, porque, quanto à ajuda, tanto valem uns como outros. Deus por isso o destinou a perecer (v. 14). Israel seria um motivo de mofa e de desprezo, e até os que teriam prazer na sua ruína depois exclamariam: Vejam como Deus os castigou! "Portanto, assim diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: Eis que darei de comer losna, a este povo, e lhe darei a beber água de fel" (9:15). Em troca da sua apostasia. Deus os recompensaria com losna e veneno, pois tanto valia o desterro, a que estavam destinados, e que, a nosso ver, ainda não foi tão ruim como se poderia esperar, se não fosse o contraste da riqueza em sua terra pelo que graciosamente lhe dava o conquistador em terra estranha. O veneno da submissão a outro povo já estava sendo provado pelo Israel do norte, onde o inimigo já exercia o seu domínio. História triste a desta gente infeliz, que trocara a sua felicidade pela

desgraça, a riqueza pela pobreza, a alegria pelo pranto. Nunca se contou toda a história dessa tragédia, porque, além do que os profetas nós narram, ninguém jamais se interessou em nós dar um retrato de corpo inteiro do que realmente aconteceu. Pelos relatos dos profetas como Jeremias, testemunha ocular da tragédia, podemos inferir do tamanho do desastre, culminando com o desterro para Babilônia. Mas, ainda assim, não temos um histórico do fato com toda a perfeição, com todos os quadros, tais como foram descritos em 10:17-22. Os últimos dias de Jerusalém, um romance dramático, que todo mundo deveria ler. Sim, porque o que aconteceu a Israel sucede a todos os povos da terra que trocam Deus por santos, que outra coisa não são senão ídolos. Os lares brasileiros estão adornados de imagens de Maria, de Paulo, de Pedro e de tantos outros "santos" que até nós admiramos de o Brasil ainda continuar indo avante. A misericórdia divina é ilimitada.

II. DESOBEDIÊNCIA E IDOLATRIA - A DESGRAÇA DO POVO (8:4-10:25)

1. As Aflições do Coração Doente (9: 16-24)

Agora, que venham as carpideiras, as mulheres hábeis, que venham todos que sabem lamentar e se ajuntem num coro de choro, até que os olhos se fartem de chorar, e as pálpebras destilem água (vv. 17 e 18). Era a única saída para esta conjuntura, porque alegres cantos e danças da mocidade já não tinham mais lugar. Em vez das alegrias de outros tempos, de que o povo deveria ter boa lembrança, só havia o choro e o lamento. O profeta era muito moço, e não teria conhecido, como os mais velhos, as alegrias do passado, as procissões rumo ao templo. Todavia, saberia o bastante para nós dar um "canto-chão" como esse que se encontra nos versos 18 e 19. Mesmo que pareça difícil a tradução do

verso 18, o sentido é bem claro. A força dos contrastes verbais no texto original é tamanho que parece verdadeiras contradições. Havia em Israel a profissão de carpideiras, mulheres pagas para "chorar", que pintavam a cena com todas as cores da realidade. Essas agora deveriam chorar, especialmente perante os moços e moças, que só conheciam as alegrias dos dias presentes, as tristezas que ameaçavam a nação por meio do profeta. Dessa gente jovem, quem conseguisse escapar da morte seria levado como gado pelos ínvios caminhos, rumo à Caldéia e outras regiões, ainda mais distantes, ouviria falar uma língua que não entendia, e iria tomar parte em costumes que nunca experimentara. Esse grupo, que afinal não seria o mais culpado, iria sentir na carne o que significa a ira do Senhor, por causa dos desvios do seu povo. Naturalmente, muitas e graves queixas de levantariam contra os líderes, os sacerdotes e reis, que eram os condutores do povo e os responsáveis pelas desditas nacionais. Entretanto, essas queixas de nada valeriam. Pela frente estavam os 70 anos determinados por Deus para curar o coração doente desse povo ingrato e infiel. As cores, por mais terríveis que se pintassem, não comoveriam o coração do povo, porque os ensinamentos se contrariavam, enquanto uns, como Jeremias, apontavam para a desgraça, em que a morte subiria pelas janelas e afugentaria das ruas e praças a juventude (v. 21), outros acenavam com a antiga promessa de que o Deus dessa nação não iria abandonar o seu povo. Havia-se criado um ambiente tão pesado contra o profeta, que de nada valiam as suas ameaças de destruição total, quando os homens jazeriam mortos como esterco nas ruas da cidade e cairiam como gavelas atrás do segador (v. 22). Não haveria nem quem se compadecesse dos mortos, que apodreceriam na rua, até serem levados para o vale dos filhos de Hinom, o depósito do lixo da cidade. O profeta fala em gavelas, e por certo tem em mente as colheitas fartas da terra dadivosa. A sega nos campos ia de abril a junho, e mais tarde havia os frutos maduros da estação outonal. A fome já estaria rondando a cidade e até o profeta provou o travo da situação quando o rei Zedequias lhe mandou dar um pão de padeiro, não pão de família, para preservá-lo da morte por inanição. Como seriam alegres os tempos das colheitas, com os armazéns abarrotados de trigo e cevada, os odres de azeite cheios e os tonéis de vinho espumante nas adegas! Tudo isto estava pertencendo ao passado. Com os exércitos lá no norte, todos temeriam até sair da cidade, bem protegida com as suas muralhas. Era nessas muralhas que os líderes judaicos se fiavam, mas a verdade é que não havia segurança sem a ajuda e proteção de Deus, e estas foram desprezadas. A Eterna Presença não estava mais em Jerusalém. Sião havia sido abandonada pelo Senhor. Era

mesmo tempo de choro e lamentação, que jamais chegou a produzir arrependimento.

Um apelo urgente: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas (v. 23). Esta alegoria do profeta parece ter um endereço incerto, pois são apresentados povos além dos israelitas (v. 26). Talvez uma mensagem a todos os povos, pois que todos careciam dela. Não valia, como não vale, a glória humana, a forma humana, a sabedoria humana. Se alguém quiser gloriar-se, glorie-se no Senhor, pois só ele valoriza a sabedoria, a força e a riqueza, e sem ele de pouco valem essas facetas humanas. Ninguém, já se vê, despreza as coisas boas da vida, embora todos tenhamos certeza de que sem a Presença em nós tudo isso se reduz a muito pouco valor. Deve ser isso que o profeta está anunciando, e que então, como hoje, não constitui normas e princípios conhecidos e praticados. Vemos como a sociedade que gloria em homens, que enchem as páginas dos jornais; pouco depois, meia centena, se tanto, de amigos vai ao seu velório e enterro. Depois desce o pano e o espetáculo termina. Tudo nessa vida é assim. Só vale mesmo aquilo que tem Deus pela frente, porque ainda na morte, a que ninguém escapa, algo é lembrado como permanente.

II. DESOBEDIÊNCIA E IDOLATRIA - A DESGRAÇA DO POVO (8:4-10:25)

2. Eis Que Vêm Dias de Castigo Para o Povo (9: 25-26)

Era natural que os povos vizinhos dos israelitas sentissem certa euforia, na diminuição da cidade, considerada forte e invencível. O Egito pensaria que assim ficava senhor do mundo, afastando Judá do seu caminho, mesmo que esta nunca antes tivesse sido uma cidade belicosa. De tudo se pode acusar os israelitas, menos de tentarem dominar os seus vizinhos. Infelizmente, os pecados de Judá faziam de Jerusalém uma cidade incircuncisa como as outras. O pecado é assim mesmo, nivela os nobres com os burgueses, os puritanos com os pecadores. As cidades de Moabe, Amom, Edom e outras, que cortavam os cabelos nas têmporas em homenagem a seus deuses, teriam o seu pago pela ousadia de caçoarem dos judaítas, que estavam sob o peso da mão de Deus. O pecador não perde nada em esperar pela sua hora, pois o pecado, esteja onde estiver, terá o seu pago. A única coisa a valer é a misericórdia divina; o mais é pura vaidade (conf. II Reis 25:9,10). Cortar os cabelos em forma circular, segundo informa Heródoto, era costume dos povos árabes, em honra aos seus deuses. Os padres católicos abrem uma coroa no alto da cabeça, copiando este costume idolátrico, proibido em Levítico 19:27. Acreditam alguns comentadores que este trecho esteja deslocado, mas pode também ser atribuído a um desabafo do profeta.

Tudo chorava ao redor do ídolos, mas os ídolos são inúteis (10: 1-16). Este trecho, um tanto estranho ao conjunto de ensinamentos de Jeremias, é atribuído a Isaias. O estilo é característico de Isaias, quando contrasta o Deus Criador com a insensatez dos adoradores de ídolos. Não vemos necessidade de transferir para outro profeta e outra época um trecho que está perfeitamente relacionado com a luta de Jeremias contra os adoradores de ídolos, a causa mater da desgraça de Judá. Jeremias bem sabia que o costume dos idólatras era não apenas uma importação estrangeira, mas especialmente um adultério religioso, pois trocavam o Deus onipotente por algo que em nada podia ajudar. Faz uma crítica ferina sobre a feitura dos ídolos, quando um homem vai ao mato, corta um pau e dele faz um amuleto, que cobre de ouro ou prata. Não tenhais receio deles, diz o profeta, pois não têm poder para fazer bem e nenhum poder para fazer mal (v. 5). São objetos nulos. Infelizmente até os cristãos se meteram nessa desgraça que arruinou Judá e Israel, fazendo a mesma escolha. A primeira coisa que este autor viu, para arruinar a sua fé infantil na Igreja, foi

vestir uma "santa", que só tinha a cabeça. O resto eram umas ripas, por onde enfiavam as roupas e a vestiam. Jamais vira tal embuste. Ficou então, perguntando a si mesmo: "Isto é uma santa? Como é que podem estes ídolos receber homenagens de tanta gente ilustre e inteligente? " Aqui está, pelo menos em letra de forma, uma amostra do valor que tinham os ídolos antigos, que dominavam os povos e levaram os judaítas a trocar o seu Deus onipotente por deuses de nenhum valor. Parece incrível! Os ídolos são como espantalho num pepinal... (v. 5).

Alguns contrastes entre ídolos e Deus. Ninguém há semelhante a ti, Ó Senhor; tu és grande, e grande é o teu nome em poder (v. 6). Grande e poderoso só Deus. E os judaítas tinham muitas provas desse poder, tanto o que seus pais teriam contado sobre a saída do Egito, como mesmo depois, por muitos modos e meios. A idolatria torna estúpido quem faz o ídolo e quem o adora, e só mesmo a estupidez pode admitir tais objetos como equivalentes a Deus. Trazem de Társis prata em chapas, e ouro de Ufaz (v. 9), para cobrir os ídolos. Társis é identificada modernamente por uns com Tartesaus, na Espanha, e por outros com Marselha, no sul da Espanha. "Ufaz". A única vez em que este nome é mencionado é em Daniel 10: 5, e não poucos o trocam por Ofir, uma região onde os navios de Salomão, comandados por fenícios, iam, de três em três anos, buscar sândalo, madeira e ouro. Já não há muitas dúvidas de que Ofir, nome de um descendente de Noé (Gên. 10:29), era uma região na América do Sul, e, entre algumas tribos do planalto do Peru, o nome Ofir é comum. Já se descobriram cidades fenícias no Piauí, e inscrições em Alagoas. Quando a arqueologia brasileira disser tudo quando tem escondido, então talvez Ofir deixe de ser qualquer lugar lá para os lados da Índia. Até hoje tal lugar não foi identificado, embora as investigações mais recentes localizem realmente este lugar na América do Sul. O ouro era conhecido como da melhor qualidade. Pois era com este ouro que se cobriam as estátuas com os nomes cananeus de Baal, Baalins e outros. Quem conhece Baalbeque, no Líbano, e sabe o que era este centro de culto na antigüidade não se admira da influência que exercia sobre toda a região. Os romanos, para agradarem aos povos por eles vencidos, ampliavam os seus centros de culto, como fizeram em Baalbeque, onde o templo de Baco, o deus do vinho, era uma das grandes belezas da antigüidade. As ruínas lá estão ainda, para amostra. Imensas colunas, que têm desafiado o poder destruidor dos tempos. Veja-se ainda o templo de Astarte, a deusa muito venerada na antigüidade, importada da Grécia, onde era adorada como Vênus.

Todos os povos antigos estavam dominados por esta idolatria, e daí o encanto que os israelitas tinham por essas formas de culto. O verso 11 é uma réplica a esses deuses, que nada valiam, enquanto Deus era o Deus Criador dos céus e da terra.

Só Deus é Deus. O verso 11 não está escrito em hebraico, mas em aramaico, por onde pensam alguns doutores tratar-se de uma nota marginal, depois introduzida no texto. O verso 12 estabelece o contraste entre o valor desses deuses e do Deus Criador dos mundos e de tudo. O seu poder pode ser visto em a natureza, no ribombar do trovão, no faiscar do relâmpago. Por essas manifestações da natureza se pode aferir da vaidade dos ídolos, enquanto os adoradores são iguais ao seus fabricantes. Todos são nulos e sem o senso das coisas reais. Como se pode trocar um Deus assim por uma vaidade é coisa que nem o profeta nem nós entendemos. Este trecho 12-16 está repetido em 51:15-19.

O destino de Jerusalém está selado. Tira do chão a tua trouxa... (v. 17). Noutra linguagem, apanha a tua trouxa e anda. Deus ia arrojá-la, sem medida, o seu desgosto contra a nação apóstata e levá-la ao exílio. O sentido, bem o conhecemos: quando vamos fazer uma viagem, "arrumamos as malas". Era o que o profeta estava aconselhando. A viagem, por caminhos que jamais conheceram, estava se aproximando. O castigo seria de tal modo que agora o iriam sentir (v. 18). Os hebreus eram sedentários, não dados a viagens. Agora, porém, iriam andar por uns meses, até atingirem o seu destino em Babilônia. Os pastores tinham desencaminhado os judeus de tal modo que nem sentiam o perigo que estavam correndo. O profeta sente a dor na forma de uma ferida dolorida; todavia, tinha de suportar a dor e enfrentar o destino (v. 19). Numa figura dolorida, diz que a sua tenda foi destruída e não há quem o ajude a levantá-la (v. 20). A bela Jerusalém é comparada a uma tenda rota, cujas cordas foram rompidas. Os filhos debandaram, e não havia quem ajudasse a consertar os estragos. Os pastores, os condutores do povo, tinham perdido o contato com Javé, o seu Deus, e não sentiam a desgraça que se aproximava. Tornaram-se estupidificados (v. 21), incapazes de realizar a situação, e sua estupidez chegou a tal ponto, que não havia mais remédio. Podemos imaginar o que se passava dentro dos muros da cidade. Enquanto o profeta verdadeiro pintava a situação com as cores que realmente possuía, os falsos profetas diziam outras coisas,

muito diferentes: "A nossa cidade é invencível, Nabucodonozor não entrará aqui, como Senaqueribe não entrou nós dias de Ezequias", de maneira que a mensagem dura do profeta esbarrava numa contramensagem mais simpática e desejada. Já se havia formado a idéia de que o profeta estava vendido aos babilônios, a fim de amolecer o ânimo do povo e levá-lo a não resistir. Quem sabe se valia confiar ainda em Javé, que de outras vezes havia salvo o povo? É fácil imaginar as contendas dentro da cidade. Ele, o profeta, imagina um rumor vindo do norte, que assolaria as cidades de Judá, como acontecera às do norte, e levanta o seu clamor a Deus, dizendo: Eu sei, Ó Senhor, que não é do homem o seu caminho; nem é do homem que caminha o dirigir os seus passos (v. 23), isto é, não há no homem forças para compreender esta situação e temos de sofrer as conseqüências. Castiga-me Senhor, mas na medida justa, não de acordo com a tua ira, que é grande. O profeta aceita o castigo, mas reduzido, amenizado, conforme a misericórdia divina, que é muito grande. Pede mais, que a ira divina se derrame sobre os povos que não invocam o nome de Deus e que já destruíram ou devoraram Jacó (v. 25). É certo que outros povos mereciam muito castigo, por ignorarem a Deus, porém o povo, que conhecia este Deus e desprezava os seus estatutos e mandamentos, não era menos digno de castigo. Parece até que os que conhecem a Deus e o olvidam merecem maior castigo do que os que não conhecem, pois estes pecam por ignorância, mas aqueles por deliberação própria. Isto ainda é verdade atualmente em nossos círculos religiosos, onde tantos, que conhecem a Bíblia, procedem tal qual os que a ignoram. Então, quem merece maior castigo? Essa nação foi encarregada de ser o porta-voz de Deus para o mundo, e tinha abandonado a sua missão e se dado a práticas iguais às dos idólatras. Portanto, era mais criminosa que as outras nações. A nação judaica recebeu no Sinal a missão de dizer ao mundo que havia um Deus vivo e verdadeiro, e que os ídolos eram pura vaidade, mas, em lugar de dizer isso, apegou-se às mesmas práticas dos gentios, perdendo de vista a sua missão evangelizadora. O verso 25 foi copiado pelo salmista em 79:6,7. Era, naturalmente, esta a concepção do judeu: as nações ímpias é que deveriam ser castigadas, e não a nação eleita; mas o profeta (e nós com ele) tinha outra teologia. Assim como os judeus perderam de vista a missão de dar ao mundo a verdade do seu Deus, nós perdemos muita vez a de levar ao mundo a mensagem de Cristo. Esta é a verdade.

CAPITULO IV - O POVO EM FACE DO CONCERTO (11:1-12:17)

Esta seção corresponde à quarta mensagem de Jeremias à nação. O concerto apontado nesse trecho, segundo alguns mestres, deve referir-se ao concerto conforme o livro da lei, encontrado no templo nos dias de Josias (II Reis 22:8), embora o texto seja explícito ao falar do concerto que Deus ordenara aos pais no dia em que os havia tirado do Egito (11:4). É certo que o livro encontrado no templo por ocasião das reformas que Josias mandou fazer era, segundo os melhores intérpretes, o livro de Deuteronômio. Portanto, era o livro do Concerto que Deus tinha feito com o povo no Sinai e que Moisés repetiu, de modo geral, em Deuteronômio. Este Concerto, admitimos, estava muito esquecido. Não havia, naqueles afastados dias, imprensa nem papel para se imprimir qualquer texto. Aquela gente não era tão privilegiada como a nossa, que tem tudo impresso em diversos tipos de letras. Havia os manuscritos oficiais, mas isso era para os líderes, e não para todos. O povo de nada sabia, senão o que se ensinava nas sinagogas. Daí o fato de se esquecerem facilmente e de as mensagens dos profetas não terem o alcance que lhes atribuímos. Neste sentido chegamos a desculpar os judeus por muitas falhas, pois mesmo as mensagens dos profetas não chegavam ao seu conhecimento. Pelo que sabemos de Josias, em 621 a.C., que também ignorava a existência do Livro do Concerto, podemos concluir a que ponto chegava a ignorância do povo. O povo vivia da tradição, mas esta não exercia a sua função, porque, se os pais ignoravam a lei, que poderiam ensinar a seus filhos de acordo com as exigências da lei? (Deut. 11: 18-20). Portanto, o que se considera em II Reis 22:8 e ss. é a lei no seu todo, de que o livro encontrado era uma prova. Os efeitos da reforma de Josias não foram tão extensos quanto se poderia ajuizar, pois logo depois da sua morte tudo voltou ao que era antes: a idolatria e os maus costumes continuaram a imperar. Até onde a reforma de Josias chegou também não se sabe, porque Jerusalém está distante dos estados setentrionais, e não havia telégrafo nem correios com o serviço que conhecemos atualmente. E mesmo que a Palestina fosse um estado pequeno, considerando as comunicações

daqueles dias, era um estado grande. De modo geral, porém, podemos admitir que muita coisa tivesse sido mudada, porque a Palestina estava infestada de centros de cultos, o que era terminantemente proibido por Deuteronômio 16: 11 e ss. A proliferação de locais de culto era um convite à idolatria dos cananeus, e sua eliminação já representava um grande benefício espiritual.

1. O TEMA DA QUARTA MENSAGEM DE JEREMIAS (11:1-12:5)

1. O Concerto (11: 1-5)

Esta palavra veio diretamente de Deus para o seu profeta. Ouve as palavras deste pacto (v. 2). Estamos então em face ao Sinai, quando Deus, por meio de Moisés, proclamou a sua aliança com o povo. O Concerto ou Aliança baseava-se em que o povo fora libertado das fornalhas de ferro e ia possuir uma terra que manava leite e mel. Deus se comprometia a cumprir o que prometera. O povo havia prometido ouvir e obedecer ao que Deus determinava, determinação esta toda incluída em resumo em Deuteronômio. O povo não poderia, sob maldição, adorar outros deuses. Deus era o Senhor, e só a ele deveria ser prestado culto. Qualquer desvio deste princípio era como uma prostituição, quando uma parte do pacto falseia a outra parte. Deus pede a Jeremias que diga ao povo: Maldito o homem que não ouvir as palavras deste pacto (v. 3). O profeta responde: Amém, Ó Senhor (v. 5). Todo o Pentateuco está baseado nesta aliança. O seu cumprimento era a felicidade do povo, e do seu descumprimento, a sua desgraça (Deut. 28:1-68). Chegamos a sentir arrepios quando lemos as maldições, como resultado do rompimento desta aliança; e, o que o povo está

para sentir em breve não é metade do que Deus prometeu, mas apenas uma pequena parte: dispersar o povo por outras nações, com a promessa da sua volta mais tarde.

CAPITULO IV - O POVO EM FACE DO CONCERTO (11:1-12:17)

1. O TEMA DA QUARTA MENSAGEM DE JEREMIAS (11:1-12:5)

2. O Concerto Era Nacional (11: 6-30)

Inicialmente Deus fez concerto com Abraão, como se vê em Gên. 15:12-21. Depois esta aliança foi ratificada com Isaque, e mais tarde ainda com Jacó, pois nem Abraão nem seus descendentes tinham elementos para constituírem a aliança. Agora, 430 anos depois, havia um povo composto de uns 3.000.000, com o qual podia ser começada uma nação capaz de desenvolver todos os temas e princípios da aliança antiga. A nação foi formada no Sinai, conforme Êxodo 19, quando Deus consultou o povo, por intermédio de Moisés, se estava disposto a obedecer a tudo que ordenasse, e o povo respondeu: "Tudo que o Senhor mandar faremos." Estava, pois, feita a aliança, que só foi ratificada em Deuteronomio 27: 1-10, depois de solenes comemorações.

O concerto, ou aliança, estava baseado no amor (vv. 6-8). Deus manda o seu profeta publicar, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, todas as palavras, afirmando que os seus pais tinham sido severamente advertidos de que, se não cumprissem o prometido, a aliança estava sem efeito. É uma demonstração de amor, pois tanto Jerusalém como as cidades de Judá estavam corrompidas pela idolatria e suas conseqüências. Não havia necessidade de mais provas, mas ainda assim Deus tenta uma volta ao passado, se bem que debalde. Ele mesmo confessa que desde cedo apregoava a sua misericórdia a um povo que não ouvia e não cumpria (v. 8). O legalismo do concerto mosaico, com todas as suas exigências e ameaças, nunca dispensou o amor, numa tentativa de fazer o povo voltar ao caminho. Deus é o Deus de amor, pois, como disse Jesus: AMOU O MUNDO DE TAL MANEIRA QUE DEU O SEU FILHO UNIGÊNITO, PARA QUE TODO AQUELE QUE NELE CRÊ NÃO PEREÇA, MAS TENHA A VIDA ETERNA (João 3:16). O amor de Deus revelado em o Novo Testamento é o mesmo do Velho. Deus não muda, mesmo que se acomode a situações diversas. Ele é o mesmo hoje e eternamente (Heb. 13: 8).

O povo volta ao antigo pecado (vv. 9-17). Novamente o Senhor mostra a Jeremias que a velha maldade da idolatria dos antigos estava de volta à cidade, e vê isto como uma "conspiração". A reforma de Josias, o bom rei de Judá, tinha perdido o seu ímpeto, e o povo, que dias tão felizes tinha visto, voltou-se aos antigos costumes, "como a porca lavada voltou a revolverse no lamaçal" (II Ped. 2:22). Tornaram às iniquidades de seus primeiros pais (v. 10), refere-se ao que era Israel antes de Josias, e não ao que era nós dias de Moisés, quando o pecado da idolatria ainda não havia roído o cerne espiritual do povo. Uma religião sem poder era o que o profeta descobria no seu povo. De fato, o judaísmo, com todo o seu grande e admirável cerimonial, não tinha poder para penetrar o coração, o que só o evangelho faz, por meio do Espírito Santo. Todas as religiões étnicas sofrem desse mal e até algumas religiões cristãs, ou assim ditas. A volta ao paganismo idôlatrico importava na quebra da aliança entre Deus e o povo. Em vista dessa quebra do concerto, o castigo estava mais perto do que nunca, e quando o povo clamasse, Deus não o ouviria (v. 11). Será bom repetir que a idolatria não se circunscrevia à adoração de Baal, mas às suas práticas imorais, como a de Baal-Peor (Núm. 25:1-6). Toda idolatria leva à imoralidade, pois, sendo uma religião sensual, termina solicitando da natureza

humana a correspondência sensual. Os Baalins, em Judá e Jerusalém, eram tantos como as cidades e as ruas destas cidades (v. 13). Recordemos outra vez o que fez Manassés, filho de Ezequias (II Crôn. 33:1-6), que dentro do templo colocou altares a Baal, e só depois de derrotado reconheceu que Deus era Deus. A maior parte deste versículo encontra-se também em Amós 7:16. Jeremias é avisado para que não ore por este povo, porque perderia o seu tempo, Deus não ouviria esta sua oração (v. 14). Que direito tem a minha amada na minha casa... (v. 15), ela que cometeu toda sorte de deslizes, de depois se voltar para o seu amado? A figura é da mulher casada, que, depois de adulterar com os seus amantes, se volta para o marido. Que direito tem ela de olhar para ele? Os profetas em geral usam muito esta figura de a mulher casada se virar para os seus amantes. Deus tinha casado com Israel, mediante o Concerto feito no Sinai, e depois ratificado por Moisés nas campinas de Moabe, concerto em que a nação seria fiel a seu Deus, e então ele faria vir toda a bênção dos céus sobre o povo. O contrário eram as maldições constantes de Deut. 28:15-68 e Lev. 26:14-46. Era isto o que o povo merecia, e devemos notar que Deus nunca cumpriu todas as pragas prometidas em recompensa da desobediência. Vale por dizer que o amor de Deus é maior que a sua ira. Isto é um consolo para nós também. Denominou-te o Senhor oliveira verde (v. 16). A Palestina, naqueles dias, estava coberta de oliveiras nós seus morros, árvore sempre verde e linda, coberta de azeitonas na época dos frutos, de onde vinha a fartura de azeite para usos domésticos. As guerras destruíram estas árvores totalmente. Nas ruínas de Laquis foram encontrados caroços de azeitona calcinados, o que mostra que as oliveiras foram cortadas junto com os carvalhos e feitas montões a arderem junto às muralhas da cidade, para calcinar as pedras calcárias e tornar a destruição dos muros mais fácil. Atualmente só se encontram algumas oliveiras no Jardim do Getsêmane, uma das quais deve ter mais de 2.000 anos, segundo informação de um árabe. Se assim é, então esta oliveira foi testemunha dos últimos dias de nosso Mestre na terra. Oliveira verde, formosa por seus deliciosos frutos (v. 16), se bem que agora se ouvisse o barulho de grandes tumultos, que queimariam a árvore e seus frutos (v. 16) (ver Oséias 14:6). A oliveira tornou-se estéril, não dá mais frutos, e então será queimada. Esta oliveira foi plantada pelo Senhor, porém ele já pronunciou o mal contra ela, e, portanto, seria queimada. E foi mesmo. Já em diversos outros lugares o autor fez referência à nudez da terra em matéria de árvores. É uma desolação, que fala alto dos efeitos do pecado antigo até hoje. Só o pecado podia ter causado tamanha destruição. Podemos recordar as belezas dos olivais na Espanha, Portugal e na Grécia, carregados de azeitonas. Que beleza em contraste com

Israel, nu e desolado até hoje! Ainda uma vez mais podemos ver que, abandonada pelo povo, a religião judaica não pode produzir uma renovação profunda e real na alma do mesmo. E também nenhuma religião sensual produz efeitos permanentes.

A figura da Ira dos homens de Anatote (vv. 18-23). Anatote era a terra do profeta, e as conjuras dos homens da sua própria terra são aqui referidas. O Senhor lhe fez saber do que havia, e ele mesmo depois teve a confirmação. Anatote tem uma história na vida de Israel. Era o lugar onde estava a casa sacerdotal de Abiatar, grande amigo de Davi, e depois deposto por Salomão, para fazer valer o dito de Deus em I Samuel 2:1-36. Tomou parte na conspiração de Adonias e foi morto mais tarde, dando o lugar a Zadoque, como sacerdote. Vemos nesse transe que o pecado de dois moços foi refletir muitos anos depois na vida de seus irmãos (I Reis 2:26). Jeremias, criado entre os sacerdotes de Anatote, deveria ser muito amigo deles e receber dos mesmos um respeito recíproco, entretanto, o que vemos é uma conspiração contra ele. Esta pequena cidade tinha muitas tradições tristes, e, sempre que um filho se tornava rebelde aos pais, era considerado inimigo da cidade. Por milênios a religião não tinha conseguido apagar a mancha do pecado dos filhos de Eli, e era sempre revivida a triste cena dos antigos tempos. Porque Anatote queria a destruição de Jeremias, só se deve atribuir a uma grande maldade, pois nada de mau havia feito contra sua cidade, apenas falara mal da idolatria do povo. Velhos ressentimentos talvez fizessem reviver tragédias novas. Jeremias ignorava a trama do seu povo contra si, mas o Senhor lhe mostrou que a situação era grave (v. 18). Três cenas surgem nesta escritura, e vale a pena anotá-las. Na primeira, é o povo que fala; na segunda, fala o profeta, e, por fim, na terceira, fala o Senhor, que adverte o profeta contra o que lhe está sendo preparado. Jeremias descreve a sua situação como a de um manso cordeiro que é levado ao matadouro (v. 19). Efetivamente, que mal fizera aos anatotitas, senão desejar ver destruído o altar de Baal? Mas Jeremias clamou: Ó Senhor dos exércitos, justo Juiz, que provas o coração e a mente (v. 20), e o Senhor lhe respondeu, dizendo: Eis que eu os punirei; os mancebos-morrerão à espada, os seus filhos e as suas filhas morrerão de fome (v. 22). Anatote, terra de sacerdotes, deveria ter mais respeito para com um profeta de Javé, mas a corrupção havia lavrado fundo 'na alma do povo e dos seus guias, e ninguém tinha mais escrúpulos de cometer vinganças contra quem nenhum mal lhes tinha feito. Por este quadro já podemos ver a que ponto tinha lavrado a desfiguração do sentimento

religioso, pois nem mesmo um profeta escapava às suas iras. Deus promete arrasar tudo e todos, de modo que nada escaparia. Quando os exércitos de Nabucodonozor cercassem Jerusalém, Anate encontraria a sua hora final. Então seria o momento da retribuição. Ao profeta eles diziam: Destruamos a árvore, com o seu fruto; a ele cortemo-lo da terra dos viventes. Talvez a palavra fruto devesse ser traduzida seiva, porque está em hebraico *lcáh* em lugar de *lchen*, mais significativa. Talvez seiva diga mais do que fruto, porque é a alma das árvores, enquanto fruto é apenas um resultado. A raiva era profunda na alma dos seus conterrâneos. As iras religiosas são mais perigosas que quaisquer outras.

1. O TEMA DA QUARTA MENSAGEM DE JEREMIAS (11:1-12:5)

Comparações Interessantes Que o Povo Devia Saber

3. A Prosperidade dos ímpios Não Permanece (12:1-5)

Jeremias dá vazão ao seu desgosto, indagando de Deus por que prosperam os ímpios, enquanto os justos sofrem às suas mãos. Este é um problema que tem afligido muitas mentes, mas Deus sabe o que faz e nem sempre dá a resposta pronta que desejamos. A seu tempo cada qual colherá os frutos da sua sementeira. Isto é o que nós sabemos. Esta é a quarta mensagem de Jeremias, e termina com uma indagação sem resposta. Parece que os homens de Anatote eram prósperos, apesar dos seus grandes pecados. Isso fazia que o coração do profeta ardesse em desgosto (vv. 4 e 5). É assim mesmo que nós sentimos muitas vezes, mas Deus tem o seu julgamento próprio.

Em vez de uma resposta que acalmasse o coração, Deus lhe manda uma mensagem desencorajadora. Avisa que se prepare para outras arrancadas. Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, então como poderás competir com cavalos? (v. 5). Se o profeta não se sentia seguro daquém do Jordão, numa terra civilizada, quanto mais se atravessasse o Jordão, para entrar numa floresta. O que se entende desta mensagem é que Jeremias apenas estava começando a sua carreira, e fatos bem mais duros e difíceis estavam por vir. Como querendo Deus dizer-lhe: Por que te preocupas com a situação dos outros, se estão ficando ricos ou pobres? Deixa isso comigo. Quanto a ti, prepara-te para continuar a tua batalha, que vai ser muito dura. Nós sabemos que foi mesmo uma luta bem dura, e momentos houve, dias até, em que parecia Deus se tinha esquecido do seu profeta, como quando os homens de Zedequias o lançaram na caverna de Malquias, filho do rei, onde havia só lama podre (38:6). Nessa e muitas outras vezes, Jeremias sentiu-se só, embora não se queixasse, pois tinha já aprendido a sofrer e esperar. Ele nós dá muitas lições na sua vida desesperada, para salvar o seu povo da ruína e destruição. Para consolar o profeta, Deus lhe diz que até os seus irmãos e a casa de seu pai procedem mal contra ele (12:6).

II. DEUS FAZ O SEU LAMENTO (12:6-17)

Jeremias é advertido por Deus para que não se fie em ninguém, nem mesmo nós seus parentes, porque todos eles falavam falsamente (v. 6). É o mesmo que dizer: Não te preocupes com o que diz essa gente sem caráter, pois que até os do teu sangue te perseguem. Jesus mesmo nós advertiu que os nossos mais íntimos seriam os nossos adversários (Mat. 10:36). A incredulidade e a falta de temor de Deus produzem tudo isto. Nos versos 6-11 Deus fala a Jeremias, e nos versos 12-17 fala por meio de Jeremias. Dizem os críticos que esta seção constitui um apêndice à quarta mensagem de Jeremias. Parece que há alguma razão nessa interpretação. A situação do profeta encontra a sua contrapartida em Deus mesmo, que abandonou a sua casa: Desamparei a minha casa, abandonei a minha herança; entreguei a amada da minha alma na mão de seus inimigos. (v. 7). Deve referir-se ao que se encontra em II Reis 24:1,2, quando Deus entregou a cidade à sanha de babilônios, edomitas e moabitas, toda uma caterva de salteadores, e assistiu a toda essa derrota da sua casa, deveria dizer-se da sua nação. Com que tristeza Deus entregaria a Santa Cidade à sanha dos ímpios, para destruírem tudo que constituía o orgulho de uma nação religiosa! (586 a.C.). Deus continua o seu lamento, dizendo que Judá se levantou rugindo contra ele como leão, isto é, repelindo os conselhos dos profetas, alegando que a Sua herança não era produto de rapina de roubo. A construção da nacionalidade judaica tinha sido conseguida pacificamente. É verdade. Os judeus jamais foram conquistadores, jamais se atiraram contra os seus vizinhos para os delapidarem. Os inimigos internos começaram a destruição e os externos a completaram (v. 14). Maus pastores pisaram a vinha do Senhor e destruíram os seus frutos, tudo à vista do dono da vinha. Os pastores são os sacerdotes, que deveriam encaminhar o povo no caminho certo, mas eles mesmos se converteram em aves de rapina. Por causa disso semearam trigo e colheram espinhos, cansaram-se, mas sem proveito (v. 12).

Depois deste lamento, Deus aclara a situação e diz, em linguagem natural, sem metáforas, sem rodeios, que os maus vizinhos se apoderaram da sua herança, isto é, os israelitas, tratados aqui como vizinhos, e não como donos da herança divina, serão arrancados e transplantados para outras terras (v. 14). E depois de os haver eu arrancado, tornarei, e me compadecerei deles... (v. 15). A ira de Deus é como o choro que dura uma noite, mas a alegria vem pela manhã (Sal. 30:5). Graças a Deus que assim é e que a sua ira contra nós, por causa do pecado, não permanece, ele logo se arrepende. Depois da tragédia de 586, veio a bonança de 516 ou 517, quando voltaram do cativeiro todos os que quiseram

voltar. Mesmo antes de se completarem os 70 anos de castigo, pela ordem de Ciro, eles começaram a voltar, arrependidos alguns e outros duros como sempre. Agora cada qual voltou à sua seara, às suas oliveiras e vinhas e estariam mais capazes para estimar a herança de Deus. Nós, os estudantes da história de Israel, nós comovemos com as desditas dessa gente e nós regozijamos sobremaneira com as suas alegrias. Dos israelitas sabemos que voltaram, os maus vizinhos parece que não. Quando Nabucodonozor destruiu Judá, o fez também com os pequenos povos em redor, todavia, os judaítas foram resgatados pela misericórdia divina. Quanto aos outros, que só tinham a Baal como deus, nada sabemos deles. Se os maus vizinhos (sírios, moabitas e edomitas) aprendessem o caminho de Deus, também seriam resgatados, mas com eles Deus não tinha compromisso algum (vv. 14-17). Foram eles que ensinaram os judaítas a jurar por Baal, mas agora, se aprendessem a jurar por Javé, seriam plantados. Do contrário, seriam arrancados para sempre (v. 17). Nós, nós dias hodiernos, perguntamos: Onde estão os fenícios, os moabitas, os amonitas e outros? Os sírios estão lá na sua Damasco, mas não são aqueles dos dias de Jeremias. Os de agora são outros, os que adoram a Maomé.

Este apêndice é uma verdadeira alegoria, um drama vivido por Israel, e esta odisséia, chamemo-la assim, ainda não terminou, porque ainda não findou a sua apostasia. Todo o mundo ocidental está, nesta hora, sentindo os efeitos da rebeldia de uns e outros. Israel voltou a ser plantado em um pedaço de sua terra em 1948, contra a vontade de todos os seus primos ismaelitas e esauítas. É uma luta de milênios. Os israelitas continuam a sua batalha para sobreviver, e ninguém poderia, nesta hora, dizer o que vai acontecer. Apenas que sobreviverão, porque Deus tem um compromisso com eles, uma aliança. Mesmo que tinha sido rompida com a morte do seu Messias, a quem não reconheceram, Deus continua sendo fiel à esta aliança, feita por meio de Moisés no Sinai (ver Romanos 11: 25-28).

Este é o quadro mais sensível da história humana: um Deus onipotente lutando para conservar um pequeno povo que elegeu como seu e que nunca soube corresponder a esta admirável graça.

CAPITULO V - CINCO GRANDES ADMOESTAÇÕES (13:1-27)

Em que ocasião teria Jeremias lançado estas cinco admoestações é assunto para que os historiadores não encontram solução. Talvez em 597 a.C., no reinado de Jeoaquim e sua mãe, rainha Neusta. Sem dúvida, todo este dramático assunto está ligado à destruição da cidade querida. Se a nossa posição puder ser aceita, então poderia abranger o período de Jeoaquim, seu pai, até o fim do seu reinado de 608-597 a.C. Desde a morte de Josias, abatido pelos egípcios nos montes de Megido, até agora, todos os filhos que lhe sucederam tiveram dias tormentosos até chegar o fim.

CAPITULO V - CINCO GRANDES ADMOESTAÇÕES (13:1-27)

I. PRIMEIRA ADMOESTAÇÃO - A FIGURA DO CINTO DE LINHO (13:1-11)

Esta advertência tem quatro fases. Primeiro o Senhor ordena Jeremias a comprar um cinto de linho, com a condição de não o meter na água. Ele faz exatamente como lhe fora ordenado. O fim desta parábola é mostrar que a idolatria arruína a vida e a torna improdutiva. O culto de Javé é de louvor e adoração espirituais, e o culto dos Baalins é material e destruidor do princípio de adoração espiritual. Esta parábola tem quatro passos (vv. 1 e 2). O primeiro é comprar o cinto. O segundo é levá-lo ao Eufrates (vv. 3-5). Eufrates aqui não deve significar o rio desse nome, porque fica a uma distancia de 380 quilômetros, o que tornaria o ensino impraticável. O terceiro passo é ir buscar o cinto no Eufrates (vv. 6 e 7). O quarto, depois de muitos dias, lhe disse o Senhor, que fosse ao Eufrates e tomasse o cinto, que havia escondido ali. O termo Eufrates, não sendo aplicado ao rio deste nome, deve referir-se à vila de Pará, segundo bons intérpretes, que ficava a uns quatro quilômetros da sua cidade. A palavra que designa Eufrates é Perath, que se traduz por Pará. O profeta fez a viagem, foi e retirou o cinto do buraco que havia cavado no chão. Verificou, então, que estava podre e que para nada mais servia. Os versos 8-11 trazem a explicação desses diversos passos. Assim como o cinto tinha apodrecido, deveria apodrecer a soberba de Judá e de Jerusalém (v. 9). Este povo soberbo, diz o Senhor, maligno, diz o texto, que se recusava a ouvir a palavra do Senhor, caminha para a destruição, justamente como o cinto, que para nada mais presta. Povo que anda atrás de Baal e o adora é povo inútil, que para nada mais serve (v. 10). Tão certo como o cinto aperta a cintura do homem, assim eu liguei a mim toda a casa de Israel e toda a casa de Judá (v. 11). Deus queria que este povo estivesse tão junto de si quanto o cinto do corpo de quem o usa. Para me serem por povo, e nome, e glória; mas não deram ouvidos. Não quiseram! Por esta admoestação se verifica, uma vez mais, o desejo divino de ter um povo seu que lhe servisse de honra e glória, uma distinção jamais ouvida a respeito de qualquer nação. Um povo que rejeita essa oferta, para se virar para ídolos, bonecos de pau, ouro ou prata, deve mesmo ser um povo insensato.

II. SEGUNDA - UM VASO QUEBRADO (13:12-14)

Esta advertência é um retrato da situação de Judá. O verso 12 contém a parábola, e o verso 13, a explicação. O vinho novo, espumante, é destruidor do odre e da mente que o usa. Há muitas advertências, especialmente em Provérbios, a respeito do uso do vinho quando se mostra vermelho, espumante. Uma pessoa que se deixa dominar por esta bebida perde o senso das coisas e torna-se incapaz de raciocinar. Jesus falou quanto ao colocar-se vinho novo em odres velhos, pois estes se romperiam com a força daquele. Vinho novo em odres novos é o que se ensina, bem assim remendo de pano novo em vestido novo. Efetivamente, a situação em Jerusalém era como a de homens bêbados. Ninguém atinava com coisa alguma e as admoestações do profeta caíram sempre no vazio. Não havia lucidez para verificar que salvação só seria possível por meio de Javé. Nem o Egito, nem as muralhas da cidade, nem coisa alguma poderia trazer segurança ao povo aflito, senão Deus. Assim como se quebra um vaso e se jogam os pedaços no lixo, Deus desfaria a unidade do povo e atiraria os pais contra os filhos, e estes contra aqueles. Quem pudesse assistir de cima, vendo o que aconteceu quando o exército de Nabucodonozor quebrou a muralha, veria o povo correndo em todas as direções, rei e sacerdotes, cada qual procurando um lugar para se conceder. O rei fugiu pelo caminho da campina, foi apanhado nas campinas de Jericó e levado ao rei Nabucodonozor, que estava em Ribla, na terra de Hamate, onde foi terrivelmente julgado, como veremos depois. Uma hora de horror e loucura, que talvez nem servisse para recordar os avisos do seu profeta.

III. TERCEIRA - UM CONSELHO CONTRA A SOBERBA (13:15-17)

Parece que a grande falta de senso do povo de Jerusalém era mesmo o orgulho racial. Era um povo especial. Nenhum outro conseguira o que ele havia adquirido, atribuindo tudo à sua capacidade, a começar por Salomão. O convite do Senhor" era: Dai glória ao Senhor vosso Deus (v. 16). Não vos ensoberbeçais, diria o Senhor, pois não há lugar para soberba. O conselho era para que assim procedessem, antes de Ele fazer vir as trevas e antes de os pés tropeçarem nos montes tenebrosos (v. 16). Agora era o tempo de darem glória a Deus, antes que a escuridão os apanhasse, como viajante surpreendido pela noite na estrada, antes de chegar à desejada estalagem. Deus lamenta o que aconteceria depois. A minha alma chorará em oculto (v. 17). Deus choraria lágrimas, lágrimas amargas, quando visse o seu povo levado como carneiros para o exílio, os que conseguissem sobreviver. Essa é uma das mais lindas antropomorfologias da Bíblia: Deus chorando lágrimas amargas, ao ver o seu povo querido levado por um rei pagão para o desterro, de onde a maioria não voltaria mais. Um Deus que chora pelo seu povo é um Deus muito amoroso. Louvado seja este Deus!

IV. QUARTA - UM CONSELHO À HUMILDADE (13:18,19)

Dize ao rei e à rainha-mãe: Humilhai-vos, sentai-vos no chão... (v. 18). O rei Jeoiaquim não havia casado, ao que parece, e a rainha-mãe governava com ele. Seria o caso de perguntar: Esta velha rainha, esposa de um grande e humilde rei como Josias, não teria um pouco de bom senso para aconselhar o filho a dar ouvidos aos apelos do profeta? Parece que a loucura tinha tomado conta de todos e de tudo. Muitos já haviam sido levados para o cativeiro, por isso que as cidades do sul estavam fechadas, as portas do estéril Noguebe. A visão do que finalmente aconteceria é aqui descrita como todo o Judá levado em cativeiro. O sentimento que dominaria o Todo-Poderoso, o Imutável, Eterno, Sempre-Presente seria indiscutível Tanto quanto o Deus imutável permanece, pode sentir os acontecimentos num grau muito acima da nossa capacidade de entendimento- Para podermos avaliar o que significam estas palavras, só colocando-as em nossa experiência e dentro da nossa capacidade. Nada mais. Além disso não podemos ir.

V. QUINTA - UMA ADVERTÊNCIA CONTRA O PECADO (13:20-27)

Sentimos grandes dificuldades em compreender os versos 20 e 21. O mesmo se dá com outros intérpretes. Que rebanho é esse que vem do norte, o rebanho que se te deu, o teu lindo rebanho? (v. 20). Houve um tempo em que os babilônios eram amigos dos judeus, e isso ficou praticamente demonstrado nos dias de Ezequias, quando Merodaque-Baladã mandou a Jerusalém os seus

embaixadores para conseguirem um tratado de amizade com Judá (Is. 39). A amizade conseguida pelo rei com os embaixadores babilônicos, que Isaías muito condenou, não nós parece oferecer suficiente base para entendermos esses versos. O verso 21 é traduzido por alguns comentadores assim: Que dirás tu, quando ele puser sobre ti, como cabeça, aqueles a quem tu próprio ensinaste a serem teus amigos? De qualquer forma que interpretemos estes versos, eles só podem referir-se aos babilônios, que agora vinham para serem os donos do povo e da terra, e não como vieram nós dias de Ezequias. As condições tinham mudado muito. Ezequias era um homem temente a Deus, enquanto Jeoaquim, o atual rei de Judá, não temia a Deus, ou pelo menos não o tratava como seu Deus. Uma coisa o profeta diz com clareza: Pela multidão das tuas iniquidades se descobriram as tuas fraldas e os teus calcanhares sofrem violência (v. 22). Só o pecado pode assim transtornar a vida de um povo ou de um indivíduo. Os que hoje são amigos, amanhã tornam-se inimigos. É isso, de outro modo, que o verso 23 ensina. O pecado muda até a natureza da pessoa e, depois de tomar conta da vida, a situação é irrecuperável, não muda. Provérbio bastante conhecido no mundo inteiro. "Assim como o etíope não pode mudar a sua pele ou o leopardo, as manchas, assim o que se acostuma ao pecado fica impossibilitado de mudar de vida. " Lemos num relatório apresentado a uma sociedade americana por um enviado seu ao Brasil: "Se o etíope pudesse mudar a sua pele e o leopardo as suas manchas, então haveria possibilidades de o brasileiro mudar de vida. " Esse estrangeiro estava muito mal informado, sabia muito pouco de história e de psicologia. O castigo de Jerusalém era tão urgente que deveria ser exercido por aqueles que a cidade mesma tinha procurado tornar amigos. É possível que durante os últimos anos, com as perseguições dos assírios, os judeus procurassem apoio em Babilônia, contra qualquer incursão daqueles em Judá. Historicamente, ignoramos qualquer tentativa nesse sentido. Outrossim, Babilônia mesma era vassala dos assírios. Que poderia fazer? Então o que esta advertência traduz é isto: por causa dos pecados de Judá, as suas abominações, eu as tenho visto sobre os outeiros... e a enormidade da tua prostituição (v. 27) - ela seria destruída. Os babilônios aí vinham, para executar a ordem divina.

1ª PARTE - MENSAGENS AO POVO ELEITO (Jer. 1: 1-25:38)

CAPITULO VI - A TRAGÉDIA SE APROXIMA UMA QUADRA DOLOROSA (14:1-21:14)

Esta seção da profecia de Jeremias contém mais três mensagens do profeta ao seu povo, a saber: quinta, sexta e sétima, com apêndices e conclusões especiais. Toda a profecia é distribuída em forma de mensagem, com as quais o profeta desejava levar o seu povo ao bom caminho. Portanto, faremos o nosso estudo na conformidade da entrega dessas mensagens, mesmo que nem sempre estejam em ordem cronológica, isto é, relatadas no livro na seqüência da sua entrega ao povo. Essa é uma característica dos grandes profetas, que escreveram as suas mensagens e posteriormente eles, ou seus amanuenses, as catalogaram, mas nem sempre segundo a ordem em que foram escritas. Todavia, isso em nada desmerece o seu valor nem a autoridade da doutrina proferida.

CAPITULO VI - A TRAGÉDIA SE APROXIMA UMA QUADRA DOLOROSA (14:1-21:14)

I. QUINTA MENSAGEM DE JEREMIAS (14:1-15: 9)

Esta mensagem ao povo relaciona-se com uma das mais terríveis secas que visitaram a Palestina. Segundo o Concerto, ou Aliança, Deus prometeu dar as chuvas nas épocas próprias, de maneira que não faltasse à terra o elemento húmido, necessário à sementeira (Deut. 11: 14 e 28:12). Portanto, a seca era uma forma de castigo, para o povo reconhecer a necessidade de Deus na vida.

O que são as secas no Oriente, nós que lemos a Bíblia, já conhecemos. Foi por uma dessas secas que Jacó teve de descer ao Egito e Abraão procurar também essa terra. E os seus nobres mandam os seus inferiores buscar água (v. 3). Estes vão e procuram as cisternas, que estão secas. Então voltam com os cântaros vazios. Tal era a decepção, que cobriam as cabeças com pano, em sinal de desgraça. Recordamos, nesta conexão, a seca de três anos e meio, pedida por Elias (I Reis 17:1-7). Em regra, as secas eram sinal de desgosto de Javé. Os israelitas tinham muito gado. A seca destruía os rebanhos e criava a desolação. Não havendo erva, os animais tinham as suas crias e as abandonavam. Era a morte e ruína da nação. Isto afligia tanto o povo como os animais (v. 6). Os jumentos procuravam os lugares altos para sorverem o vento, como lenitivo à sede.

Ó Senhor, opera tu por amor do teu nome (v. 7) era a súplica do profeta, que sentia os horrores da falta de água. Posto que as nossas iniquidades testificam contra nós, Ó Senhor, opera tu por amor do teu nome (v.7). O profeta fazia parte de uma nação infiel e sentia na carne as angústias do povo. Pede, então, ao seu Deus que esqueça os seus pecados e mande a chuva. ó esperança de Israel, e Redentor seu... (v. 8). Uma súplica tocante a Deus, como a lembrar-lhe que eles eram a sua gente, o seu povo, e, portanto, Deus não podia tratá-lo como se fosse homem vingativo, viandante desviado do seu caminho, só para passar a noite (v. 8). Mas tu estás no meio de nós, Ó Senhor, e nós somos chamados pelo teu nome (v. 9). Apesar de tudo que o profeta conhecia, ainda reconhece Deus, o Deus desse povo, o qual não é como o homem. Uma petição assim não poderia deixar de tocar a sensibilidade divina, embora o pecado fosse de tal monta que Deus proibiu o seu profeta de orar por essa gente, ordenando, não suplicasse pelo povo, para o seu bem (v. 11). Ordem inexorável, que devia

ser cumprida, e o profeta tinha de baixar a cabeça e aceitá-la. Pela fome, pela espada e pela peste seriam castigados, mesmo que jejuassem (v. 12). Espada, fome e peste, as três pragas que povo algum suportaria, eram o castigo que Deus tinha para uma nação- muito amada.

Uma grande parte da culpa da desgraça do povo recaía sobre a cabeça dos falsos profetas, que não tinham mensagem de Deus e sempre o contentavam com lindas promessas, que bem sabiam não se cumpririam. Dizer ao povo que era pecador, que estava errado, era algo desagradável; portanto, para agradar aos que lhes pagavam, diziam o que não era verdade. A situação era constrangedora para Jeremias, e ele confessa o seu desgosto, quando diz ao Senhor: Eis que os profetas lhes dizem: Não vereis espada, e não tereis fome; antes vos darei paz verdadeira neste lugar (v. 13). Deus, porém, lhe responde: Os profetas profetizam mentiras (v. 14). A situação do profeta de Deus era muito crítica. Nenhum dos meus leitores queria estar no lugar do profeta. Então, como quem diz: "Espere um pouco, e verá quem está com a verdade", Deus promete que o castigo cairia tanto sobre os ludibriadores como sobre os ludibriados. Esta é uma lei irreversível e que jamais falha. Os que enganam o povo estão também enganados quanto aos resultados do seu trabalho final. O povo gostava de ser enganado, e os enganadores gostavam da sua tarefa mentirosa. De um lado, o profeta com a Palavra de Deus em seus lábios, e, do outro, os enganadores e o povo sem a mesma. Triste situação, que se repete perpetuamente num mundo de mentirosos e embusteiros.

A intercessão do profeta (vv. 17-22). Como tantas vezes outros fizeram, Jeremias continua a sua obra, mesmo sabendo que a condenação estava decretada. Pode ser, pensava o profeta, que Deus mude o curso das coisas, e finalmente não aconteça o que estava determinado. Quantas vezes havia Deus mudado a sua atitude para com o povo! Poderia mudar mais uma vez. Todavia, o que Deus havia prometido iria cumprir-se.

Porventura já de todo rejeitaste a Judá? (v. 19), pergunta o profeta. Então acrescenta uma série de argumentos, numa tentativa de mudar o coração divino. É um pregador procurando convencer um pecador. Mesmo que o profeta, reconhecesse serem muitas as faltas do povo, ainda assim Insiste num princípio inarredável: o povo era o povo do Concerto, o povo da Aliança (v. 21),

e a sua derrota era a de Deus, perante os julgadores de fora. Não anules a tua aliança conosco. Então o profeta usa de um argumento irrespondível: Acaso haverá entre os ídolos dos gentios algum que faça chover? Não, não havia, e, portanto, só os céus podiam dar a chuva, tão necessária ao povo. Logo, era natural que o profeta só esperasse em Deus, que faz todas as coisas (v. 22). Nós concordamos que, para Deus deixar de ouvir uma intercessão como esta, era para se dizer: é um caso perdido.

Deus responde ao seu profeta (15:1-9). Deus mostra-se inabalável, afirmando que nem mesmo se Moisés e Samuel se pusessem diante dele, mudaria sua atitude para com o povo (v. 1). Comparando esta declaração com Êx. 32:11-14, 30,32; Núm. 14:13-24; Deut. 9:18-20,25-29; I Sam. 7:8,9; 12:19-25; Sal. 49:6-8, verifica-se que a condenação já estava determinada. Era um decreto irrevogável. E quando te perguntarem: Para onde iremos? dir-lhes-ás: Assim diz o Senhor: Os que para a morte, para a morte; e os que para a espada, para a espada; e os que para a fome, para a fome; e os que para o cativo, para o cativo (v. 2). Assim foi, infelizmente. Pois os visitarei com quatro gêneros de destruidores (v. 3). Com espada para matar, com cães para os arrastarem, e com as aves dos céus e os animais do campo para os devorarem e destruírem (v. 3). Seriam entregues para servirem de espetáculo horrendo a todos os povos da terra. Deus ainda lembra as iniquidades de Manassés, filho de Ezequias, que encheu Jerusalém de ídolos e até dentro do templo erigiu um altar a Baal (II Crôn. 33:4 e ss.). O cálice da indignação divina estava a transbordar. A situação era de tal porte que ninguém se poderia compadecer de Jerusalém e lhe desejar bem-estar (v. 5). Cirandei-os com a pá, ou padejei-os. O verbo está no perfeito passado, portanto, tudo quanto ia acontecer já estava feito. Isso porque tu me rejeitaste, diz o Senhor. O Concerto tinha sido violentamente quebrado pela nação, que tinha trocado o seu Deus glorioso pelas imagens de Baal, uma troca infeliz e insensata, pois quem poderia, em sã juízo, fazer tal coisa? Estou cansado de me abrandar (v. 6) Deus declara haver padejado o povo, tê-lo desfilhado, e nem assim eles deixaram os seus caminhos (v. 7). Quando o homem está cego nas suas más veredas, nem capacidade tem para enxergar o castigo. As suas viúvas se multiplicaram mais do que a areia do mar; trouxe ao meio-dia um destruidor sobre a mãe jovem; desfilhou e destruiu; mas nem assim deixaram os seus pecados (v. 8). Quantas calamidades tinham visitado a infeliz Jerusalém, cidade festiva, que ia em grandes bandos ao templo, adorar ao Senhor! Agora era uma sepultura de vivos, condenados à morte e ao

extermínio; se ao menos se arrependessem! Parece, porém, que o arrependimento fugira das suas cogitações. Com que alma Jeremias aceitaria esse libelo, nós não sabemos, mas admitimos estar aterrado e confuso, pois, a despeito de tanto esforço, nada havia conseguido para minorar a situação. Só mesmo o que aconteceu a Jerusalém poderia operar o milagre da mudança, que assim não foi radical, como se vê dos livros de Esdras e Neemias.

II. UM APÊNDICE EM FORMA DE DIÁLOGO (15:10-21)

O profeta Jeremias apresenta-se-nos como um homem destruído. Não atinava com as causas do desprezo que o povo lhe votava, alegando que nunca lhe havia emprestado nem tomado emprestado com usura. Por que então essa ojeriza a um homem que nunca fizera mal a ninguém? Ele não sabia. Apenas seria pela obrigação de transmitir o que Deus lhe ditava? isso não era motivo para que lhe votasse tanto ódio. Todavia, cada um deles me amaldiçoa (v. 10). A obra do pregador é assim mesmo: espinhosa.

Nesse estado de amargura, Javé vai ao encontro do seu servo e o conforta. Promete-lhe que, se o inimigo se lhe rendesse e lhe dirigisse súplicas, no tempo da calamidade, ele o fortaleceria para o bem (v. 11). Agora era um homem derrotado. Depois seria um guerreiro vitorioso, por ver a sua causa vindicada pela história. Infelizmente, seria levado, como os outros, para uma terra que não conhecia. Nabucodonozor permitiu-lhe escolher, seguir com os outros cativos para Babilônia, onde seria bem tratado, ou permanecer na terra com o resto que ficasse. Seria finalmente um homem recompensado por ter estado ao lado da verdade (v. 14). Tu, Ó Senhor, me conheces; lembra-te de mim, visita-me, e vingame dos meus perseguidores... (v. 15). Como quem diz: Senhor, tu sabes o que fazes, mas livra-me desta gente perversa. Tudo ele havia sofrido por amor de Javé; agora, só, sem amigos e desprezado, apela para o amor do seu Deus, que o ampare e ajude. Esta é uma oração digna de ser meditada. A oração continua nós versos 16-18, na qual declara haver sido tão fiel que, mal as palavras de Deus chegavam ao seu conhecimento, ele as engulia, e elas eram a

sua alegria e o seu conforto. Jamais se tinha ajuntado com malfeitores, na roda dos escarnecedores (Sal. 1:1). Era um homem íntegro. Serás tu para mim como ribeiro ilusório e como águas inconstantes? (v. 18). O profeta não está pondo em dúvida a seriedade de Deus, mas o seu desgosto era tal, que o levava a julgar-se contado com os transgressores.

Deus responde ao profeta (vv. 18-21). Portanto, assim diz o Senhor: Se tu voltares, então te restituirei... (v. 19). Arrepende-te de quê? O profeta tinha sido fiel em todo o tempo. Por que tinha de arrepender-se, não entendemos. De qualquer forma, é considerado aqui como parte de sua nação condenada, e era para a mesma uma pedra de toque. Há muitos fatos que confessamos não entender bem. Uma coisa fica certa desde logo: o profeta seria forte como um muro de bronze, e eles, os judaítas, nada poderiam contra ele. Esta segurança deveria ter confortado o homem de Deus (v. 20). Quantas vezes nós perguntamos ao Senhor: Estás tu triste comigo? Terei eu faltado nalgum ponto? Tanto nós sentimos frustrados, que somos levados a fazer tais perguntas, mesmo que em nossa consciência estejamos como Jeremias: certos de que temos sido fiéis.

III. A SEXTA MENSAGEM DE JEREMIAS (16:1-17:18)

Esta mensagem é um recado de morte. O profeta é aconselhado a não casar e ter filhos, porque as crianças que nascessem nessa terra seriam pasto de todas as enfermidades, morreriam e não teriam quem as enterrasse (16:4). Seriam como seus pais, serviriam de esterco para a terra e de pasto para as aves dos céus. A morte dessas crianças seria causada pela debilitação e má nutrição, por falta de alimentos. Deus queria poupar o seu profeta de ver os seus filhos

morrerem dessa forma. A expressão enfermidades dolorosas parece referir-se a doenças não comuns, tais como tifo e outras, tão conhecidas em ocasiões de calamidades públicas. A falta de alimentos, está provado agora, produz a desidratação, que tem matado tantas crianças em nossos dias.

O profeta não deve entrar em casa de luto, isto é, não devia misturar-se com os pranteadores, uma classe bem conhecida, que se encarregava de chorar os mortos. Os mortos, grandes e pequenos, estariam pagando por seus pecados, e ele não podia ter parte com essa gente. Tudo que era canto de alegria, canto de noivo, cessaria nesta terra de pecado e tornar-se-ia como um cemitério. O que está relatado nesta mensagem ao povo é qualquer coisa que transcende o nosso conhecimento, sabendo que a peste grassava na cidade, doenças de toda espécie, os mortos amontoados nas calçadas, sem haver quem os enterrasse, as aves de rapina esvoaçando sobre a carne pútrida, tudo e mais que se possa dizer, um quadro fúnebre, macabro, jamais visto numa cidade. Recordemos a epidemia de 1918, quando não havia carros para levar os mortos aos cemitérios, nem coveiros bastantes. Os cadáveres eram colocados nas calçadas, à espera de um caminhão com outros mortos, para levar mais um, mais dois, até encher o carro. Foram dias que já estão sendo esquecidos, felizmente. Foi assim em Judá. Aos sedentos não se devia dar água; aos que estavam famintos, e seriam muitos, não se daria pão, para não terem forças para chorar os mortos.

Toda a alegria cessaria. Possivelmente ainda haveria quem fizesse festas, mas isso era proibido. Não havia lugar para regozijo quando a ira de Deus dominava a cidade, por causa da idolatria (v. 9).

O profeta recebe ordens para responder ao povo, quando Interrogado a respeito de tantas calamidades. A resposta era apenas: Vós fizestes pior do que vossos pais; pois eis que andais, cada um de vós, após o pensamento obstinado do seu mau coração (v. 12). O abandono de Deus em troca de ídolos, que nada valiam, determinou a calamidade que os visitava, e parece que eles nem tinham consciência do que estavam fazendo. Portanto, as frases tão comuns: "o Senhor que fez subir os filhos de Israel do Egito", "o Senhor que os fez subir da terra do norte" mereciam ser lembradas. A promessa gloriosa: assim como o Senhor tinha desterrado o seu povo para terras desconhecidas, o faria voltar à sua terra, não poderia eclipsar a vinda do Egito. Realmente não se lê qualquer

tratado de autoria judaica, sem esta volta do exílio ser lembrada, talvez mais do que a saída do Egito. A promessa divina é que os judeus errantes seriam caçados como o caçador faz com a sua presa e como o pescador fisga o peixe (v. 16). Alguns comentadores acham que os versos 14 e 15 estão deslocados, ou teriam sido inseridos por um escriba qualquer, para amenizar a desgraça que se abateria sobre o povo. Estes versos se repetem em 23:7. Nós sabemos que muitas leituras foram colocadas à margem dos manuscritos, e, em alguns casos foram depois incluídas no texto. O Texto Massorético é testemunha desse fato. Todavia, pode bem ser que Deus mesmo desejasse amenizar a situação calamitosa com a promessa da volta de todos os desterrados. O que sabemos é que nem todos voltaram. Muitos ficaram em Babilônia, porque tinham grandes negócios. Do Egito parece que ninguém voltou. O que a história do Novo Testamento nós conta é que, por onde Paulo e seus companheiros passavam, havia judeus aos quais falavam em primeiro lugar da esperança de Israel. As dez tribos do norte se perderam totalmente. Sabe-se agora que eles foram os primeiros a desbravar as terras, depois conquistadas pelos romanos, como a Gália, a Ibéria (Espanha e Portugal) e outras regiões. Esta promessa refere-se aos judeus certamente, e destes, sim, muitos voltaram com Zorobabel, Esdras e Neemias. A garantia do retorno está no verso 17, que diz: Pois os meus olhos estão sobre todos os seus caminhos. O certo é que havia um concerto entre Deus e o povo, o qual depois foi, por mais uma vez, ratificado, mas sempre de novo quebrado. O povo era incapaz de cumprir o prometido, embora Deus fosse incapaz de faltar à sua Palavra. Os que pensam, e são muitos, que o Concerto do Sinai foi ab-rogado de uma vez por todas e que Deus não tem mais compromisso com este povo estão enganados, pois o apóstolo Paulo afirma o contrário, isto é, que, se o povo faltou ao seu compromisso, Deus não pode faltar à sua Palavra (Rom. 11: 11) . Quando os judeus rejeitaram o seu Messias, quebraram mais uma vez o concerto, pois já o haviam quebrado por muitas vezes, ao admitirem ídolos em seus cultos, conquanto Deus continuasse fiel ao que prometera. A rejeição do Messias por parte dos judeus foi a oportunidade que Deus teve para oferecer o seu Filho aos gentios, sem o que não o faria. Se houvesse um concerto absolutamente em vigor, Jesus não poderia ser pregado a outro povo, a "outras ovelhas", como ele mesmo disse. Não havendo um concerto em vigor por parte do povo, Deus estava legalmente livre para dar o seu Filho a outros povos. Esta é a teologia conservadora, que vale a pena examinar. Tanto isso é verdade, que Deus promete salvar os judeus, digamos a nação, conforme Paulo, em Rom. 11:11. O amor de Deus é infinito e não pode ser medido pelos nossos padrões de moral. Todo concerto é bilateral, é certo,

uma parte pode falhar e a outra ficar firme. Para esta, o concerto continua em vigor.

Deus tem um plano para o povo. Os judaítas e os outros do norte quebraram o concerto, mas pagaram caro pela transgressão. Todavia, mais uma vez feito o pagamento por suas iniquidades e pecados (v. 18), Deus voltaria para eles e se alegraria neles. Presentemente, uma fração de judeus está lutando dia e noite para se firmar na terra prometida a Abraão e seus descendentes. Esta fração irá vencer? Por certo, haja o que houver. A sua volta à Palestina já é uma prova de que o concerto continua em vigor por parte de Deus. Ali eles estão estabelecidos desde 1948, quando a Sociedade das Nações determinou a sua fixação na terra, contra todas as forças árabes. Lá estão, e não há poderes humanos que os tirem dali. Tem sido bastante dura a parada, mas é assim mesmo: eles ainda não pagaram todos os pecados cometidos. Se os judeus assim o entendem, não sabemos nem podemos afirmar, se bem que saibamos, pela Bíblia, que será assim. Quando Cristo vier estabelecer o seu reino, encontrará judeus na Palestina? Veja o que diz João no Apocalipse. Jerusalém é a cidade do grande Rei. O Monte de Sião é o lugar da grande adoração. Os comentadores admitem que, enquanto Jesus estiver nas alturas com a sua Igreja, os judeus estarão na terra, construindo o templo sob a direção do anticristo, com o qual fizeram aliança. Na descida de Cristo com a Igreja, os judeus o aceitarão como o seu Messias, e então o Concerto será ratificado e a nação será salva (Rom. 11:26). Jesus mesmo prometeu, que nunca mais o veriam, até que dissessem: BENDITO O QUE VEM EM NOME DO SENHOR (Mat. 23:39). Portanto, o Concerto, por parte de Deus, está em vigor. O que há é que os pecados devem ser pagos. O que lemos nós versos 19 a 21 afirma justamente que, depois de purgados os pecados no sofrimento, então se voltarão para o seu Deus.

A rejeição de Judá não é final. Esta era a pergunta angustiosa do profeta. Seria que Deus tinha mesmo rejeitado o seu povo que havia elegido? Então vem a petição: Não nós rejeites por amor do teu nome. A rejeição de Judá era temporária, até que aprendesse a amar a seu Deus. Depois seriam todos resgatados, como já vimos nós versos 16 e 17. Nunca houve rejeição final.

III. A SEXTA MENSAGEM DE JEREMIAS (16:1-17:18)

1. Em Primeiro Lugar Pagariam a Dívida do Pecado (16:18-21)

A linda promessa da volta a Judá deveria encher o coração dos elementos piedosos, que ainda os havia ali. Todavia, tinha de ser pago o preço do pecado antes disso (v. 18). Haviam enchido a casa do Senhor de abominações, tais como cultos a ídolos, e isso não podia passar sem o devido pago. Os repatriados dirão: Nossos pais herdaram só mentiras, e vaidade, em que não havia proveito (v.19). Esta era uma confissão dolorosa, reconhecendo que os pais herdaram tais abominações. Herdaram de quem? Uns dos outros certamente, porque os fundamentos da nacionalidade eram de um Deus único e de um culto espiritual. Feito o reconhecimento dos males passados, Deus se voltaria para o seu povo (compare com Is. 40:2, Am. 4:2, Hab. 1:15 e Ez. 12:13). Tudo que se tinha feito em Judá era uma profanação, e a terra e o povo tinham de ser purgados pelo sofrimento. Finalmente chegaria o tempo de se reconhecer que os ídolos são coisas vãs.

O pecado de Judá era qual uma escrita indelével, feita com estilete de ferro e ponta de diamante. Era algo que não se podia apagar. O pior é que esse pecado, assim gravado no coração do povo, se refletia nos próprios altares (17:1). O diamante é um mineral tão duro que só pode ser cortado com outro diamante. Os lapidadores de diamantes sabem como é trabalhosa essa operação. Assim seria o processo de erradicar do coração humano esta mancha do pecado (ver Jó 19:24). Nós, que conhecemos agora a atuação do Espírito Santo no coração humano, sabemos que só pelo poder divino o pecado pode ser erradicado. Deus faz uma ilustração muito apropriada: com os judaítas, só a operação do fogo poderia levar a nação a livrar-se dos ídolos. Os seus filhos se lembrariam dos efeitos dos pais e recordariam dos seus altares, e, dos seus aserins junto às árvores frondosas (v. 2), e concordariam que o castigo tinha

sido merecido. As árvores frondosas eram os aserins, onde cultuavam a Baal e Astarote. O Primeiro livro dos Reis 14:23 nós leva a ver como era antigo este mal, quando o povo enchia os bosques de ídolos e postes-ídolos. Então Deus entregaria o monte do campo, os bens e tesouros, e tudo ao invasor, como castigo pelo pecado. Uma antiga tradução diz: a minha montanha (v. 3), referindo-se à montanha de Judá, onde estava o templo, e mais em cima, o Monte Sião, a parte mais sagrada dos judeus. Tudo iria cair na mão de Nabucodonozor, que arrasaria o templo, a obra mais rica e preciosa dessa nação. Veja nosso Estudo sobre os livros dos Reis, para ter uma idéia da grandeza e da riqueza desse santuário. Entregar tudo aquilo, que custou tanto, a quem nada tinha feito era o que se poderia chamar de afronta inominável. Jerusalém, o templo de Deus, as tradições, o lugar onde Deus se tinha manifestado tantas vezes e de tantos modos, tudo ia ser entregue ao conquistador babilônico, somente por causa do pecado, da idolatria. O povo seria provado na sua glória, nas coisas mais sagradas da sua vida. Assim tu, por ti mesmo, te privarás da tua herança (v. 4) A terra de Israel era uma herança dada por Deus aos descendentes de Abraão; agora, porém, seriam despojados dela, e os estrangeiros a iriam possuir, como realmente aconteceu. Na volta de Babilônia, a terra estava ocupada pelos samaritanos, o povo mestiço, de origem étnica com o restante dos judeus que ficaram na terra. Por séculos essa gente foi um espinho na garganta dos judeus, até mesmo no tempo de Jesus.

Maldito o varão que confia no homem (v. 5). Os versos 5-9 parecem deslocados, pois não oferecem lógica na descrição anterior. O verso 5 é muito usado para descrever a confiança, que muitas vezes se deposita em alguém, quando se devia colocá-la somente em Deus. Em quem estariam os judeus confiando? Nos seus profetas? Não parece ser isso o que Jeremias deseja ensinar. Em contraposição, o verso 7 é um hino ao homem que confia em Deus, e parece foi este trecho tirado do Salmo 1. Pelo menos é uma paráfrase. Bendito o varão que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Porque é como a árvore plantada junto às águas... e no ano de sequeidão não se afadiga, nem deixa de dar fruto (v. 8). Será uma alusão à esterilidade da nação judaica, que não confiava no Senhor, e por isso nem o seu testemunho prestava, visto como o bom testemunho é fruto da vida de quem serve ao Senhor? Os povos em redor olhavam para Judá como o lugar de onde vinham os milagres e boa sorte, mas agora nada disso sairia de lá. Muito enganoso é, de fato, o coração humano, e não há quem o possa conhecer. O que parece certo ao coração

corrompido é uma fraude na vida, e isso aconteceu aos judeus. Pensavam estar certos no seu procedimento, pois nem admitimos que em sua consciência estivessem desejando desafiar o seu Deus. Estavam enganados, levados por seus raciocínios pecaminosos. O pecador, cego nas suas paixões e falhas, nunca julga estar contrariando a vontade de Deus; não o ajudam a sua consciência e o seu coração pecaminoso. No meu contato com o povo, nas ruas e praças do Rio, sempre descubro que as pessoas não têm consciência da sua situação espiritual. Simplesmente não sabem de nada, nem pensam que vão morrer e dar contas do viver que levam. A sua vida está errada. São como a perdiz que chocava ovos que não pôs (v. 11) e no final nascem não perdizes, mas quaisquer outras aves. Isto, segundo Jeremias, se aplica às pessoas que enriquecem de qualquer forma. No final recebem não um fruto sadio do seu trabalho, mas uma vida desesperada e sem paz. Através das Escrituras o rico, que só pensa em riqueza, é o rico louco. Muitas vezes o dinheiro serve para dividir irmãos e destruir famílias. Foi dinheiro mal ganho. As Escrituras não são contra o dinheiro bem adquirido, mas contra o dinheiro que se coloca entre o homem e Deus (ver a Parábola do Rico Louco).

Jeremias apresenta a sua filosofia de vida, dizendo que dinheiro ou riquezas não são para comparar com o lugar do trono da glória do seu Deus. Nada no mundo se compara com as alegrias do culto na igreja. Entretanto, para isso é necessário que o coração esteja bem disposto e sintonizado com Deus. Fora disso, nem o culto, nem a religião têm sentido. Depois, como um desabafo, Jeremias exclama: Ó Senhor, esperança de Israel, todos aqueles que te abandonarem serão envergonhados. Os que se apartam de ti serão escritos sobre a terra (v. 13), desaparecerão como palavras escritas na areia. Antes e depois de tudo, só a graça de Deus vale. Contra a sua pregação, diziam: Onde está o teu Deus, ou onde está a palavra do Senhor? (v. 15). Quem abandona o Senhor, fonte das águas vivas (v. 13), fica como o árabe perdido nos desertos de areia, tomando as nuvens de areia como água. É um desorientado. Então que se cumpra o que dizes. As ameaças do profeta não eram levadas a sério e eram sempre motivo de dúvidas. Por isso diziam: Pois que se cumpra o que dizes, e nós queremos ver. Era uma pregação à gente obstinada, que, no seu desvário, não entendia os conselhos e admoestações. Como resposta a Deus, ele confessa jamais ter recusado ser pastor, seguindo a Deus. O termo pastor, noutros lugares, aplica-se a reis e poderosos; mas aqui significa mesmo pastor do povo, a quem Javé o mandou. Era um pastor imposto, não escolhido pelo

povo, e por isso mesmo desprezado e mofado. Todavia, o que tinha dito ao povo vinha dos lábios divinos, e Deus o sabia. Tinha sido um pastor fiel na entrega da mensagem não desejada, sim, mas recado de Deus. O profeta faz um pedido ao Senhor para que não lhe seja um terror ou não o deixe ficar aterrado, pois meu refúgio és tu no dia da calamidade (v. 17). Os que o perseguiram e lhe desejavam mal seriam envergonhados; ele não. A sua mensagem seria vindicada, e não poderiam mais tarde dizer que ele não tinha avisado o povo dos perigos que estavam para chegar. Assim termina esta mensagem. Uma confissão de segurança no seu trabalho, na sua fidelidade ao Senhor, mesmo sabendo que tudo resultaria em nada. Cumpria o seu dever.

IV. UM DIÁLOGO A RESPEITO DO SÁBADO (17:19-27)

Esta mensagem, como a precedente, tem um apêndice: o Sábado. Esta instituição, mosaica quanto aos israelitas e eterna quanto a Deus, foi ordenada por Deus logo depois de terminada a criação (Gên. 2:2,3). Sem desejar apreciar o texto de Gênesis, diremos que o descanso de Deus é linda metáfora para celebrar a parada de atividades, que depois seria inclusa em todas as transações humanas. Assim, ao ser dada a Torah, o sábado foi incluído como exigência legal (Êx. 20:8-11). Era o dia sagrado para reger as atividades sociais. Nele não podia ser feita qualquer obra material; apenas o culto de adoração ao Senhor, e nada mais. No meio de muitas transgressões dos guardadores do sábado, esta

ordenança foi uma das mais resguardadas na sociedade hebraica. Entretanto, vê-se, por esta Escritura, que até o sábado estava em declínio, pois toda a religião estava nesse estado. Quando a religião decaí, as instituições religiosas acompanham esta decadência.

O profeta foi mandado colocar-se à porta de Benjamim, pela qual entram os reis de Judá (v. 19). Não tem sido possível identificar esta porta, porque havia muitas e algumas vezes mudavam de nome. Era uma das portas por onde entravam os que compravam e vendiam. Neemias teve de enfrentar esta mesma situação (Neem. 13:15-22). Era um comércio estranho, que não votava qualquer respeito para com a instituição da Torah e desprezava o sábado. A ordem divina era não trazer cargas de fora, nem fazer quaisquer trabalhos no sábado (17:21,22). O povo e os mercadores não atenderam ao apelo do profeta, que lhes falava em nome de Deus. O respeito a esta ordem era condição para permanência na cidade, isto, para Deus preservar a cidade contra o inimigo. A santificação do sábado era condição sine qua non de sobrevivência social e política. Que aconteceu? Não atenderam ao apelo de Deus, e o resultado foi o que já havia sido anunciado: a destruição da cidade profana. A consagração do sábado, precursor do domingo, é e sempre foi uma instituição desprezada por muitos crentes profanos e infiéis, que não respeitam o dia determinado por Deus para descanso e culto. Os tais mostram na sua vida as consequências da sua rebeldia.

V. SÉTIMA MENSAGEM DE JEREMIAS (18:1-17)

Esta mensagem, como as outras, traz alguns elementos novos para consideração do povo, com os quais Deus esperava poder conseguir uma modificação nos hábitos e costumes da cidade.

Deus ilustrava a situação do povo com a do oleiro, mandando o profeta ir à casa do oleiro, para ver como procedia, sempre que a obra não saía como ele desejava. Verificou que o vaso que o oleiro estava fazendo não prestava. Então este quebrou-o e amassou o barro outra vez e fez um vaso como desejava. Trata-se de uma parábola que encerra uma verdade. O Grande Oleiro, atarefado com o seu barro humano, tentando fazer uma obra, que nunca sai segundo o seu desejo. Então veio a palavra do Senhor ao profeta, com a mensagem do dia, mostrando que, assim como o oleiro fazia com o barro, o Criador fazia com o povo. O barro na mão do oleiro era como Israel na mão de Deus (v. 6). A mensagem traz uma promessa. Sempre que uma nação ou um reino estiver destinado à destruição e se arrepender, se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que intentava fazer-lhe (v. 8). Esta parábola constitui um quadro digno de meditação. Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? (v. 6). A nação era o barro; Deus, o oleiro. Assim como o oleiro fazia passar o barro do vaso quebrado nas rodas para fazer outro, assim Israel, condenado por seus pecados, se se arrependesse, seria restaurado. Deus se arrependeria do mal que determinara. O verbo arrepender, tantas vezes usado em relação a Deus, deve ser interpretado como um ato da soberania divina, de mudar de plano sempre que as condições espirituais mudassem no povo. Arrepender-se significa mudar de plano, e isso Deus faz continuamente em sua soberania. As condições humanas condicionam as atividades divinas. Deus é um SER moral, não é uma estátua impassível. Enquanto Ele permanece imutável, as suas atitudes variam segundo o comportamento humano. É por isso que nós oramos e suplicamos a Deus.

Ora, pois, fala agora aos homens de Judá, e aos moradores de Jerusalém, dizendo: Assim diz o Senhor... (v. 11). Deus tinha determinado destruir Judá e Jerusalém. Não obstante, se o povo se arrependesse, Deus mudaria de plano. Esta é a mensagem que continuamente vem de Deus para o pecador.

Deus exorta o povo a mudar de condição. Converti-vos, pois, agora cada um do seu mau caminho (v. 11). A condição para que Deus mude de plano é o arrependimento, emendar os caminhos e as ações. Esta era a hora da beneficiência divina, da salvação da nação. A resposta do povo foi: Não há esperança; porque após os nossos projetos andaremos, e cada um fará segundo o propósito obstinado do seu mau coração (v. 12). Resposta brutal e louca, desafiando a Deus, como se o barro pudesse desafiar o oleiro. Quando estudamos a história dos judeus e vemos quantas atrocidades, quantos sofrimentos esta gente passou através de 2.000 anos, o nosso coração estremece, mas à vista desta determinação, que podemos nós dizer? Desde o ano 70, especialmente, quando os judeus foram expulsos da Palestina, durante o tempo do Império Romano, na Idade Média, e mesmo na atualidade, com o nazismo alemão, em que 6.000.000 de judeus perderam a vida nos fornos de cremação e nas câmaras de gás. Quanto sofrimento e morte! Não foi isso que pediram? Nós, amigos dos judeus, porque deles veio a nossa Bíblia e o nosso bendito Salvador, sentimos os horrores do seu sofrimento através de milênios. Em face, porém, dessa declaração: andaremos consoante os nossos projetos, e cada um fará segundo a dureza do seu coração maligno, temos de concluir que receberam o que pediram. (Aproveitamos para recomendar o livro do Dr. Henrique Lemle, rabino da Associação Religiosa do Rio de Janeiro, intitulado O Judeu e Seu Mundo, Editora B'NAI B'rith. É uma dissertação do sofrimento dos judeus desde o ano 70 da nossa era. É um depoimento sincero, duro e real, inclusive a contribuição dessa gente às Ciências, Artes e Filosofia. De fato nenhum historiador, cientista ou filósofo pode ignorar o subsídio do judeu à sociedade não judaica, gentia.)

Deus recomenda ao seu profeta dizer ao povo o que está para suceder. Nessa exposição, Deus usa de ilustrações como: Acaso desaparece a neve do Líbano dos penhascos do Siriom? Serão esgotadas as águas frias que vêm dos montes? (v. 14). Tudo isto segue uma ordem natural, mas o meu povo se tem esquecido de mim, queimando incenso a deuses falsos; fizeram-se tropeçar... (v. 15). O povo tinha-se tornado irracional, incapaz de julgar. Em tal situação, quando a calamidade chegasse, não diriam que não foram avisados. Os horrores do exílio, a destruição de Judá e do templo, não seriam mais do que haviam desejado, com as suas obras loucas, adorando ídolos, que sabiam ser pura vaidade. Na hora do aperto, Deus os espalharia diante do inimigo; mostrar-lhes-ia as costas, e não o rosto (v. 17). Foi justamente o que aconteceu.

Arrombada a muralha, em que confiavam, fugindo como ratos ao cerco das forças inimigas e caçados nas campinas, como foi o próprio rei Zedequias, Deus estava de costas para eles.

VI. REAÇÕES ÀS MENSAGENS DO PROFETA (18:18-23)

A sétima mensagem de Jeremias ao povo termina, apresentando-se duas grandes reações. Uma, do povo contra o profeta, e outra, do profeta mesmo. Os discursos de Jeremias não poderiam deixar de produzir, dentro da cidade, uma reação movida, pelos elementos incrédulos, contra o homem de Deus. Por sua vez, Jeremias tinha de defender-se, procurando o seu Deus.

Hostilidade a Jeremias. Era de esperar-se que os discursos do profeta causassem escândalo dentro da cidade e provocassem reação, como havia acontecido de outras vezes (v. 18) (ver as seguintes passagens: 11:18-23; 12:1-6; 10:11; 15:21). Trata-se da segunda conjuração contra o profeta, havendo a primeira sido urdida na sua cidade, Anatote. Da primeira ele se saiu bem, e na segunda também não será vencido. A reação baseava-se em que ele havia pretendido falar ao rei, ao sacerdote. Ele se arvorava a mestre de todos, e isso eles não suportavam, pois, além de grandes transgressores da lei do seu Deus, eram vaidosos e orgulhosos. Portanto, a base era: firamo-lo com a língua, e não

atendamos a nenhuma das suas palavras (v. 18). Há uma versão que dá outro rumo a esta sentença, no sentido de deixá-lo falar e esperar encontrar nas suas palavras base para o acusarem. De qualquer forma, havia uma reação organizada dentro da cidade contra o homem de Deus.

O profeta dirige-se a Deus. Atende-me, 6 Senhor (v. 19). Jeremias queixa-se de que tinha procurado servir ao povo, e agora este abria cova para o destruir. Porventura pagar-se-á mal por bem?... lembra-te de que eu compareci na tua presença, para falar a favor deles, para desviar deles a tua Indignação (v. 20). Agora, eis o pago que me dão. Jeremias está não apenas confuso, mas irritado, ao ponto de parecer essas palavras não serem suas, mas de outro. O sentido é que o profeta via não apenas a sua possível derrota, mas a da causa em que ele estava empenhado, e então o prejuízo seria bem

maior. O verso 21 é mesmo uma tirada fora dos moldes de Jeremias: Portanto, entrega seus filhos à fome, e entrega-os ao poder da espada, e sejam suas mulheres roubadas dos filhos, e fiquem viúvas; e sejam seus maridos feridos de morte, e os seus jovens mortos à espada na peleja (v. 21). O amargo da perseguição é bem claro neste verso. O profeta não era egoísta; defendia-se e defendia a causa do seu Deus. As duas coisas provocaram em seus espíritos um desassossego tremendo, que o levou a extremos pouco comuns em seu proceder. De modo geral, ele entrega a sua causa a Deus, espera que ele resolva o seu problema, pedindo: Não perdoes a sua iniquidade, nem apagues o seu pecado de diante da tua face; mas sejam transtornados diante de ti; trata-os assim no tempo da tua ira (v. 23).

VII. OITAVA MENSAGEM DE JEREMIAS (19:1-15)

Deus responde ao profeta, entregando-lhe outra mensagem para o povo. Esta seria uma mensagem objetiva, que até uma criança poderia entender.

Dois foram os locais onde a mensagem deveria ser entregue: no vale do filho de Hinom e no átrio do templo. Lá, na casa do oleiro, é que Deus entregaria a mensagem para o povo. Deveria passar pela Porta dos Cacos, acompanhado dos anciãos do povo e dos anciãos dos sacerdotes. Não se diz quantos deveriam compor a companhia, mas, pela ambigüidade da leitura, admitimos que era numerosa. Todas as grandes autoridades deveriam estar presentes quando Javé mandasse a sua mensagem, e ninguém poderia depois dizer que o profeta estava enganando o povo. O vale do filho de Hinom já é muito conhecido dos leitores dessas notas. Conforme já foi dito, era um vale que ficava a sudoeste da cidade, onde era jogado o seu lixo e queimado o monturo. Algumas vezes esse lugar é sinônimo do inferno, sendo chamado até de Geena.

Ali, naquele local tão impróprio e tão malcheiroso, Deus falava ao seu povo, dizendo: Ouvi a palavra ... do Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eis que trarei sobre este lugar uma calamidade tal que fará retinir os ouvidos de quem quer que dela ouvir (v. 3). O nome de Deus é apresentado na forma composta: Deus dos Exércitos, o Deus de Israel. Essa forma de expressão não é muito comum em Jeremias, mas parece ser a maneira de enfatizar a palavra entregue pelo profeta. A mensagem não seria audível aos circunstantes, e só seria percebida pelo profeta. Todavia, a maneira como era entregue não deixaria dúvidas nós ouvintes. Os termos da mensagem são dramáticos e catastróficos. Este lugar, vêm dias em que já não se chamará vale de Ben-Hinom, mas o vale da Matança. Nem mesmo seria mais chamado de Tofete, uma expressão bem pouco simpática. Ali seriam amontoados os cadáveres dos judaítas que pudessem ser removidos das ruas da cidade, porque muitos ficariam nas ruas, apodrecendo ao sol e à chuva. Os pais comeriam os filhos e as filhas, e cada um comeria a carne do seu semelhante (v. 9). Darei os seus cadáveres por pasto às aves do céu e aos animais da terra (v. 7). A cidade seria cercada pelas forças

invasoras e ninguém entraria nem sairia. O pão se acabaria. A água desapareceria. A peste e o tifo dizimariam o povo. Não haveria quem enterrasse os mortos, nem mesmo quem os levasse para o vale de Ben-Hinom. Uma vez estabelecido o cerco em volta da cidade, era natural todos ficarem como pássaros na gaiola, porque, se alguém saísse, seria aberta a porta e por ela entrariam os soldados de Nabucodonozor. Então, nós não precisamos de muito esforço mental para concluir o que se daria na cidade, formosa e linda. Parece até que jamais se ouviu tal coisa a respeito de uma cidade qualquer, em qualquer século, em qualquer parte da terra.

Essa calamidade, mais do que calamidade, essa desgraça, seria o pago pelos pecados cometidos contra Deus. Porquanto me deixaram, e profanaram este lugar, queimando nele incenso a outros deuses... e encheram este lugar de sangue inocente. E edificaram os altos de Baal, para queimarem seus filhos no fogo... (vv. 4 e 5). A um grande pecado, uma grande paga. O texto desses primeiros versos, omitido, em parte, pela Septuaginta, pensam alguns comentadores, devido ao horror da mensagem, seria melhor não o referir. Os versos 4 e 5 já foram apresentados em 7:31,32. Há certas repetições, fato muito natural na entrega dos termos de uma mesma mensagem apresentada em diversas ocasiões. Nós, se pudéssemos, omitiríamos muitos desses versos, pelo horror que nós causam; mas a palavra de Deus é assim mesmo, dura e penetrante, embora nem assim produza os resultados para que foi mandada. Ao entregar esta drástica mensagem, Jeremias quebraria a botija, como a dizer: Deste modo quebrarei eu a este povo, e a esta cidade, como se quebra o vaso do oleiro (v. 11). O vaso assim quebrado não pode ser recomposto. Do mesmo modo a cidade estaria destruída, e de uma vez para sempre. Pela história, nunca mais Jerusalém foi a cidade desses dias, mesmo quando reconstruída durante o regresso do exílio.

Depois da cerimônia do vale, a procissão se dirigiria para o átrio do templo, onde seria repetida a cena anterior. Lá, no vale, era o lugar destinado a receber os destroços da catástrofe. Aqui no átrio do templo, onde tantas solenidades festivas e Inspiradoras haviam sido realizadas, seria indicado que tudo estava terminado. Não haveria mais sacrifícios nem holocaustos, nem cânticos, nem louvores e nem coisa alguma que pudesse representar o passado. Tudo estava terminado. Era um requiem em forma dramática. Seria bom recordar os dias

de Salomão, quando o maravilhoso templo foi inaugurado (I Reis 8-9:9; II Crôn. 7:4-10). Nós, que nada tivemos nessa transação e que somos apenas testemunhas por meio dos relatos bíblicos, nós sentimos frustrados e tristes por tudo quanto aconteceu. E por quê? Apenas porque trocaram o Deus glorioso e Criador dos céus e da terra por um ídolo de pau ou de ouro, pouco importa. Como é que cabe na cabeça de alguém fazer tal coisa, não entendemos. Isso está além de nossa compreensão e, se a Bíblia não dissesse que os ídolos são vaidades e que os que os fazem se tornam iguais a eles, não entenderíamos nada dessa história. Quando vemos em nossa cidade as pessoas mais gradas, juizes e governadores, carregando aos ombros um andor, onde vai um ídolo, chamado "santo", que é que nós ocorre? Que todos estão sem juízo, sem razão, pois é insensato carregar nos ombros um santo ou uma santa, a que se chama de padroeiro (ou padroeira), que deveria carregar o povo e dar-lhe a felicidade de que carece, em vez de ser carregado nos ombros pelos seus adoradores. Uma procissão de loucos e insensatos, no dizer da Bíblia. Foi isso que os judeus fizeram: trocaram o seu Deus poderoso, doador de tudo, abençoador, protetor, por um ídolo de Baal ou astarote. É o cúmulo da insensatez e da loucura. Então o povo pagou à insânia. Se o povo não fosse avisado, ainda se poderia ter uma palavra de desculpa para ele, mas Deus madrugava, por meio dos seus profetas, avisando do pecado da idolatria. A estes profetas matavam e desterravam, como pretenderam fazer com Amós e outros. Temos quatro grandes profetas e doze menores, todos mandados por Deus para ensinar e corrigir o povo, mas tudo em pura perda.

VIII. JEREMIAS NA PRISÃO E NO CEPO (20:1-6)

Era de se esperar que os adeptos do culto de Baal e dos profetas falsos reagissem. Foi o que aconteceu. Pasur, filho do sumo sacerdote Imer, presidente da casa do Senhor, uma espécie de zelador-chefe, esbofeteou o profeta grosseiramente e o meteu na enxovia, onde estava o cepo destinado aos traficantes e malfeitores. Não se poderia esperar outra coisa senão esta: ajuntar a um grande mal outro maior. Numa tentativa de interpretar todo o cenário, diremos o seguinte: Tudo que Jeremias acabava de dizer era falso, porque, se Nabucodonozor cercasse a cidade, o Egito o faria levantar o cerco. Isto Jeremias ocultava ao povo, e, portanto, o enganava. As tricas políticas internacionais tinham muito a dizer a respeito do que estava acontecendo dentro dos muros de Jerusalém. O Egito teria ali os seus embaixadores, e estes garantindo que, se Nabucodonozor chegasse perto das muralhas, os exércitos egípcios o fariam levantar cerco. Era, pois, de se considerar Jeremias como um homem mal informado e traidor, mesmo que se admita a possibilidade dessa contradição entre o que Jeremias dizia e o que afirmavam os representantes do Egito, o fato de Jeremias falar por Deus deveria ter algum peso. As paixões políticas cegam os líderes do povo muitas vezes.

Passado o terror causado pela mensagem de Jeremias, Pasur tirou o profeta do tronco, e recebeu esta mensagem: Muito obrigado? Não, nada disso. O que o aguardava, era o recado de Deus, que dizia: O Senhor já não te chama Pasur, e, sim, Terror-por-todos-os-lados (v. 2). O termo hebraico é Magor-Missabibe, que é traduzido como acima. Quando os babilônios cercassem a cidade e se desse tudo quanto Jeremias tinha prometido, então Pasur seria um dos grandes responsáveis pela situação. Seria então muito tarde, mas o profeta ficaria vindicado em todas as suas denúncias contra os líderes da cidade. Nada como estar seguro de estarmos com Deus. Todavia, nem sempre esta segurança é possível a seres humanos. Quantas vezes, nestes dias tão diferentes, em que nenhum homem nós fala em nome de Deus, nem com a segurança com que Jeremias falava, somos levados a tomar decisões totalmente erradas e decepcionantes! E não adianta alguém, que não fala em nome de Deus, mas por sua própria opinião, afirmar que tais decisões estão erradas e contrárias ao bom senso e à necessidade da obra. O homem que escreve estas linhas tem tido oportunidade de fazer afirmativas tais, mas sem resultado. A maioria pensa em contrário, e, quando a maioria está dominada por um tema qualquer, de pouco vale alguém tentar demover essa maioria do seu erro. Depois, são precisos anos para que a luz surja, e, durante esses anos, muitos remendos se

colocam no pano velho, para assegurar a exatidão da medida tomada, embora tarde, como diz o poeta: "Inês é morta." Justamente nesses dias, dita coisa é afirmada e escrita para provar que certa medida tomada estava acertada, quando tudo indica que não, pois estava errada. Os judaítas tiveram a prova de que sua medida contra o profeta estava errada, mas era tarde.

IX. JEREMIAS APRESENTA A SUA QUEIXA (20:7-18)

Era de esperar o que aconteceu ao profeta, pois estava contra a maioria, e esta é quem manda e resolve. Depois da experiência no vale de Hinom e no átrio do templo, bem nas barbas dos líderes religiosos e políticos, só mesmo o tronco o profeta poderia esperar. Agora, fora do tronco, mas com as marcas na carne, ele se vira para o seu Deus como a perguntar: "Então, que fazes por mim?" Esta passagem é única nas profecias, visto como é de profundo desengano, uma desilusão sem limites. Mais forte foste do que eu, e prevaleceste (v. 7). O profeta queixa-se de ser motivo de zombaria e troça, pois a palavra do Senhor se tornou um opróbrio e ludíbrio (v. 8). Ninguém o levava a sério, e todos troçavam dele. Todavia, sente-se obrigado a entregar as mensagens, que são no seu íntimo como fogo, embora já houvesse desistido de continuar. Mas como a palavra ardia qual fogo, ele não podia deixar de falar. Era uma situação muito difícil. Falar ou não falar, não era assunto seu, pois não falava em seu nome, porém em nome de Deus. O que o consolava era a segurança de que o Senhor estava com ele e que os seus inimigos veriam quem estava com a razão (v. 10). Os seus amigos, que os deveria ter na cidade, esperavam que ele desistisse dessa tarefa ingrata de falar contra a Santa Cidade, contra o templo de Deus e contra tudo e todos. Que poderia o profeta fazer? Quando mais tarde as suas palavras se tornassem verdadeiras, então Pasur, Terror-por-todos-os-lados, seria um dos grandes responsáveis pela desgraça, que visitaria milhares de milhares. Seria muito tarde para remediar a situação.

X. JEREMIAS ENTREGA A NONA MENSAGEM (21:1-14)

Uma mensagem a mais de comunicação ao povo, pois não cabiam mais avisos, que não eram aceitos. Em 37:5 lemos que o exército de Faraó saíra do Egito, e, com a vinda desse exército, os babilônios se retirariam, pelo que, quando Jeremias entregou a nona mensagem, já a cidade estava cercada pelos babilônios. Por que vieram os egípcios e se retiraram os babilônios são questões em aberto. Os egípcios realmente tinham prometido assistência a Jerusalém, contra os caldeus, mas, no final de tudo, os caldeus levariam a melhor, porque os egípcios não estavam em condições de medir forças com os babilônios.

X. JEREMIAS ENTREGA A NONA MENSAGEM (21:1-14)

1. Mensagem a Zedequias (21:1-7)

Jeremias diz a Zedequias que, se não fosse tão pusilânime, poderia ter poupado a cidade. Então Zedequias mandou uma comissão entrevistar Jeremias a respeito dos motivos por que os caldeus sitiavam a cidade. A resposta do profeta foi tremenda. Esta comissão era composta de Pasur, não o do capítulo 20, e do sacerdote Zefanias, dois altos funcionários do Estado. Jeremias, como um homem que sabia de quem tinha recebido as ordens, responde: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Eis que virarei contra vós as armas de guerra, que estão nas vossas mãos, com que vós pelejais contra o rei de Babilônia e contra

os caldeus (v. 4). As armas que possuíam se virariam contra eles mesmos. Deus promete pelejar, ele mesmo, contra o povo com braço forte e estendido (v. 5).

Assim, já não eram só os caldeus, mas Javé mesmo em pessoa pelejando contra o povo, por causa dos seus muitos pecados e rebeldias. Quando Deus está contra alguém é de balde tentar fazer força. Nada pode contra quem tudo pode. Os babilônios passaram a ser agentes de Deus para o castigo ao seu povo rebelde: feri-los-iam à espada, tanto ao rei e sua corte como aos sacerdotes e aos falsos profetas. Os que sobrevivessem ao cerco, à fome e à peste seriam entregues na mão do conquistador, que não os pouparia nem teria misericórdia (v. 7).

2. Mensagem ao Povo (21:8-10)

O profeta apresenta ainda a mensagem dos dois caminhos, baseada em Deut. 30:15-19, e parece que, se houvesse um avivamento entre o povo, um arrependimento verdadeiro, ainda haveria esperança, pois o profeta diz: Eis que ponho diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte (v. 8). Parece que haveria esperança por parte de Deus, mas tal reviravolta estava totalmente fora de cogitação. O mal grassava no fundo da alma do povo. Quem poderia fazê-lo voltar de seus caminhos a uma posição totalmente diversa? Conforme o verso 9, a vida constava em sair da cidade e se entregar ao conquistador. Então subsistiriam, a vida lhes seria poupada (v. 9). Quem, nesta altura dos acontecimentos, sairia da cidade para se entregar ao conquistador? Era muito difícil. Mais tarde, Jeremias prometeu a Zedequias que, se ele se entregasse,

viveria. Do contrário, pagaria com a vida a sua rebeldia. A situação, de modo geral, era esta. Nabucodonozor tinha sido constituído em azorrague divino para castigar o povo. Quem quisesse viver tinha de se entregar. Quem não o fizesse, morreria na cidade, ou de fome, ou de peste ou pela espada. Isso mesmo aconteceu. Os que conseguiram fugir, quando os muros foram arrombados, foram caçados e presos, como aconteceu com Zedequias, que foi apanhado nas campinas de Jericó e levado a Ribla, onde estava o general-em-chefe das forças sitiadas. Ali viu morrer os seus filhos, teve os olhos vazados e, cego, foi levado para Babilônia. Triste fim do pecado e da rebelião. Aqui termina a mensagem mandada ao povo da cidade.

3. Mensagem à Casa de Israel (21:11-14)

A casa real recebe uma advertência: que fosse praticado o juízo e a justiça do rico contra o pobre. O pecado da idolatria era a principal causa da desgraça de Judá. Junto a este pecado, porém, havia outros, de ordem social, quando os pobres eram escorchados pelos ricos gananciosos com a cobrança de juros onerosos. Pela manhã, quando os juizes se reuniam para ouvir as queixas do povo, era boa hora para uma limpeza social; de outra maneira, o zelo de Deus arderia como fogo, sem haver quem o apagasse. Em Deuteronômio, como parte da lei, os hebreus eram admoestados a praticarem a justiça, não oprimindo o pobre nem a viúva (Deut. 27:19). A injustiça é um pecado e um crime praticado pelos grandes contra os pequenos, prática de usura e ganância que sempre dominou o povo. Quando Neemias veio de Babilônia para a reconstrução dos muros da cidade, que foi que encontrou? (Neem. 5). Mal acabavam de voltar do cativeiro, já mostravam a velha marca da usura e da ladroagem, do rico contra o pobre. Os reis, na falta de um sistema jurídico à moda moderna, eram os juizes principais junto aos anciãos. Então a primeira

coisa de que Zedequias deveria cuidar logo era levantar-se cedo e ir à porta da cidade e fazer justiça. Então a ira divina se aplacaria um pouco. O réu não teria tempo nem disposição para isso. Estava muito preocupado com outros fatos, embora este fosse de ordem divina. A cidade é chamada de "moradora do vale, rocha da campina" e tantas outras mimosidades. A moradora julgava-se segura, pois diz: Quem descerá contra nós? ou: Quem entrará nas nossas moradas? (v. 13). Efetivamente, Jerusalém era uma cidade segura, bem murada. Suas muralhas eram verdadeiras fortalezas, e não foi fácil às forças de Nabucodonozor arrombá-las, como não foi fácil a outros guerreiros, mas quando o favor de Deus se afastou da cidade, de nada valiam essas muralhas. Também Jericó era uma cidade bem fortificada, com duas grandes muralhas paralelas e de alguns metros de espessura, mas Deus derrubou tudo aquilo com o sopro da sua boca. Não há segurança para nada sem o favor de Deus. Ele, sim, é segurança. Já o salmista clamava: Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigiam as sentinelas (Sal. 127: 1).

CAPÍTULO VII - UMA VISÃO DO FIM - REIS E PROFETAS DE JUDÁ

(22:1-23:8)

Quanto à ordem em que se encontram estas mensagens em relação com as que acabamos de estudar temos pouca segurança. Muitos dos personagens aqui referidos já não existiam ao tempo quando Jeremias entregou as mensagens anteriores. Isso vem reforçar a tese de que, na presente forma em que se encontram os livros dos grandes profetas, a ordem cronológica não é segura.

Isso também não tem muita importância, porque o que interessa é a doutrina, a maneira como Deus tratou a nação, e não propriamente a ordem em que as mensagens foram catalogadas. Os antigos não sofriam das preocupações modernas, de tudo colocarem na ordem em que os escritos foram produzidos.

I. MENSAGEM À CASA DE JUDÁ - A VISÃO DO FIM (22:1-23:8)

A casa de Judá é sinônimo da Casa de Davi, pois os reis de Judá foram, por algum tempo, reis de Israel. Judá só logrou essa supremacia depois da destruição de Samária, em 722 a.C., quando ficou sozinha na terra. Daí em diante Deus tratava apenas com o Reino do Sul, compreendendo Judá, Benjamim e Simeão, que havia sido absorvido por Judá no decurso da história.

O tema dessas mensagens é a justiça. Justiça a favor dos pobres, das viúvas e dos estrangeiros. É a tônica sempre encontrada através dos profetas - o cuidado de Deus para com os desprotegidos da sorte, que eram, por isso, pasto para os gananciosos e inescrupulosos. Quando a justiça abandona uma sociedade, ela já está preparada para a entrada de outros males. Sem compaixão pela verdade, sem a noção do direito, tudo mais se torna fácil. Foi o que se deu em Judá. Perdeu-se o sentimento de dignidade social; veio a ganância e o desprezo contra as classes menos favorecidas da sorte. A entrada de outros vícios e pecados era fácil. Deus leva tanto a sério esses problemas, que jurou por si mesmo, por não ter outro maior por quem jurar (v.5). A ordem era: Exerce! o juízo e a justiça, e livra! o espoliado da mão do opressor. Não façais nenhum

mal ou violência ao estrangeiro, nem ao órfão, nem à viúva; não derrameis sangue inocente neste lugar (v. 3). Tudo que uma sociedade moderna organizada exige era requerido em Judá, pois essas normas são fundamentais a qualquer povo decente. O cumprimento dessas exigências sociais era condição sine qua non para que a nação tivesse paz e segurança. Os seus reis entrariam pelas portas da cidade montados em seus cavalos, seguidos dos serventuários reais. Caso contrário, a cidade pereceria, ela e seu povo. A casa real era para Deus como Gileade, como a cabeça do Líbano, o Líbano altaneiro e vistoso. Tudo isto, entretanto, se converteria num deserto, se a justiça e a ordem fossem desprezadas. A profecia do fim da cidade está aqui anunciada, como vimos nas mensagens anteriores, ao ponto de causar espanto a quem quer que passasse por ali. Já não era apenas o culto a deuses estranhos e falsos, mas o corolário desse culto com o desprezo da justiça e da lei.

As sociedades antigas não tinham um aparato jurídico, como o têm as modernas, com tribunais de justiça, cortes de apelação, etc., sendo a justiça sumária, oferecida pelos anciãos e pelos reis, que vinham à porta das cidades receber as queixas e fazer a justiça. Temos um caso especial, referente a Salomão, logo que subiu ao poder, quando apareceram duas mulheres reclamando um menino, e as duas se dizendo a mãe dele. Como o menino não podia ter duas mães, e era difícil adivinhar qual seria a mãe, Salomão mandou dividi-lo em duas partes e dar uma a cada susposta mãe. A verdadeira provou-se logo, pedindo que o menino fosse entregue à outra, contanto que não fosse morto. Esta ganhou o menino porque esta atitude provou ser a mãe dele (1 Reis 3:16-28). Os reis, portanto, eram os supremos juizes na terra, e, se estes aceitassem suborno e propinas, a justiça estava arruinada. Foi justamente isso que perdeu os filhos de Samuel, nomeados como juizes numa região meio deserta; deram para aceitar suborno, e o povo logo soube disso e mostrou a Samuel que eles não andavam direito. Isso apressou a chegada do reino (I Sam. 8:1-5). Os juizes de Israel eram os magistrados da nação, e, quando não praticavam a justiça, o povo se corrompia, porque não havia outra instância a que se apelar. A aliança feita entre o povo e Deus era muito exigente, como se lê especialmente em Deuterônimo, e a falta de cumprimento dessa legalidade levaria o povo à ruína. É isso mesmo que o texto nós informa. Quando perguntassem: Por que o Senhor procedeu assim com esta grande cidade? a resposta seria: Porque deixaram o pacto do Senhor seu Deus (vv. 8 e 9). Nós nós admiramos como Deus ainda tolera este mundo iníquo e injusto. Só temos

uma resposta, que talvez não satisfaça: este mundo não está debaixo de qualquer aliança com Deus. Deus não é responsável por ele. Sob a aliança só estão os crentes, os salvos, por isso Deus os guarda e protege. Só esta resposta nós serve, porquanto este mundo foi entregue a Satanás, e só ele responde pelo mesmo. Satanás declarou isso quando tentou o Senhor Jesus, dizendo: Dar-te-ei toda a autoridade e glória destes reinos, porque me foi entregue (Luc. 4:6). Portanto, Deus não é responsável pelas misérias deste mundo. Pelas de Judá, sim, porque havia uma aliança entre ele e a nação. Todavia, não se pense que os homens deste mundo não vão dar contas ao Criador pela maneira injusta e indigna como o conduzem. O Tribunal das Nações, em Mateus 25:31-40, nós informa que todos vão prestar as suas contas no final de tudo. Por agora estão livres para agir como bem entenderem.

1. Juízo Contra Salum (22:10-12)

Josias, o bom rei de Judá, morreu em combate contra Neco do Egito, no monte de Megido, em 608 a.C. Foi uma catástrofe, que nós ainda hoje lamentamos, porque foi a causa da virada para o mal que a nação deu. O seu filho Salum, cujo nome foi mudado para Jeoacaz, herdou uma nação rica e próspera, mas não demorou muito à sua frente. Quando Neco voltou do norte, destronou-o e levou-o prisioneiro para o Egito, onde morreu. Por isso diz o profeta: Não choreis o morto, nem o lastimeis; mas chorai amargamente aquele que sal; porque não voltará mais, nem verá a terra onde nasceu (v. 10). Entre chorar este, que foi preso para o Egito, e chorar Josias, por certo choraríamos o segundo, o grande reformador de Judá. Não é isso, todavia, o que o sagrado texto diz: Parece que é melhor morrer no campo de batalha que no cativeiro. Estamos por saber a razão de Neco levar o rei deposto para o Egito, pois ele não

estava ajuramentado a qualquer rei estrangeiro. Coisas da política desumana daqueles dias.

2. Juízo Contra Jeoaquim (22:13-23)

Jeoquim subiu ao trono de Judá em lugar de seu irmão, que Neco levara para o Egito em 608 a.C. Procedeu mal (II Crôn. 36:5-8), porque, em lugar de procurar os interesses do povo, buscou os seus, construindo um palácio para sua morada. Uma referência tocante a Josias: comeu e bebeu, mas foi justo, enquanto o filho não o era. O seu palácio, construído com o roubo dos servos, não serviria para seu uso muito tempo. A obra do seu pai era sempre lembrada, o seu modo justo de governar, enquanto o filho só procurava a ostentação e o luxo, com a injustiça campeando. Morreria, e não seria lamentado, sendo sepultado como um jumento, sem honras fúnebres (II Reis 24:6; Jer. 22:19). Os versos 20-23 não se sabe a quem se referem. O verso 20 nós recorda três lugares muito famosos: Líbano, Basã e Abarim. O Líbano era o local de onde se abasteciam os reis com a madeira de cedro. Salomão assalariou os fenícios para cortarem ali esta madeira, no que eram peritos quanto ao tempo de corte, e a transportavam em jangadas até Jope, porto do mar da Judéia-Abarim, o monte onde Moisés morreu, na terra de Moabe. Essa linguagem parece ter um significado simbólico.

3. Juízo Contra Jeconias (22:24-30)

Morto Jeoaquim, sucedeu-lhe no trono o irmão, do mesmo nome. No texto o seu nome é Jeconias, mas o nome pelo qual é conhecido na história é Jeoaquim. O pequeno relato desta seção parece mais um lamento do profeta que outra qualquer coisa. Um destino cruel fustigava a pobre nação, e, quem quer que subisse ao trono, fazia justamente igual ou pior do que o antecessor. Deus não tinha mais nada a fazer com estes reis, quando diz que, mesmo que Jeoacaz fosse o selo da sua mão direita, dali o arrancaria e o entregaria ao conquistador: Entregar-te-ei, ó rei... na mão daqueles a quem temes (v. 25). Em 597 Nabucodonozor marchou contra Jerusalém, e Jeoaquim e sua mãe, que poderia ter ajudado o filho a proceder com mais juízo e prudência, foram ao encontro do rei, que os levou para Babilônia. Como nós diz II Reis 24:12, ele e os nobres foram todos levados para o cativeiro; e Jeoaquim ficou preso por 37 anos, quando Evil-Merodaque, que sucedeu o pai Nabucodonozor, o libertou e lhe deu uma pensão por toda a vida (Jer. 52:31-34). Nesse grupo de nobres foram Daniel e seus companheiros, que tão relevante papel exerceram no reinado de Nabucodonozor e de seus filhos, e até mesmo no reino dos persas, conquistadores de Babilônia. Era o começo de tudo, pois, em outras incursões, Nabucodonozor e seus generais acabaram com a cidade e com o povo. Tudo quanto Jeremias vinha dizendo, procurando ajudar a resolver a situação, estava cumprido. Triste destino!

4. Juízo Contra os Pastores de Judá (23:1-4)

A rigor, quem Jeremias deveria mencionar a seguir era o rei Zedequias, o último da dinastia de Davi. Entretanto, Jeremias trata dos pastores, pois os reis eram pastores do povo, e, como tais, deviam guiar o rebanho para bons pastos. Infelizmente não o faziam, pois cada qual cuidava de si, com as naturais exceções. Os reis são tratados como pastores, mas o dono do rebanho é Deus, que promete fazer voltar as ovelhas dispersas, de maneira que nem uma só falte. Aqui está a promessa da volta do cativo, quando as ovelhas espalhadas por longes terras voltariam. Os pastores eram falsos e iam ter a sua recompensa, quando o Justo Senhor levantar o Pastor verdadeiro, que não deixará as ovelhas desgarradas.

5. O Renovo da Justiça (23:5-8)

Jeremias junta-se a Isaias, para prometer a vinda de um pastor, que iria cuidar das suas ovelhas. Jeremias o chama de "Renovo Justo" ou de Justiça, enquanto Isaias o denomina "Emanuel", a Raiz de Jessé (Is. 7:14; 11: 10). É a primeira vez que Jeremias penetra no futuro escuro, para nós apresentar o pastor verdadeiro, que Jesus, em João 10, declara ser. Este pastor será o Yavé, o Tsidkenn, o Senhor, Justiça nossa. Um Renovo, a tudo ia renovar (v. 5); um Rei que já reina, e reinará e executará a justiça na terra. Era uma promessa de esperança que só uns 700 anos mais tarde chegaria, mas chegaria a tempo de mostrar que Deus é justo e ama e exige a justiça. A nação, como árvore

arrancada, veria renascer, do seu tronco, das suas raízes, um renovo, um rebento, que ia implantar a ordem e a justiça que Judá nunca soube aproveitar. Há uma oliveira no Getsêmane, cujo tronco já foi comido pelo tempo, mas da sua casca nasceram alguns rebentos e estão dando azeitonas muito bonitas. O Rebento será assim, surgirá de uma árvore seca, mas frutificará, e o que a árvore jamais foi capaz de dar, ele dará. O povo de Deus pode deixar de dar seus frutos como uma árvore que pára de florescer. No entanto, no devido tempo, voltará a dar rebentos e folhas e frutos. O que conhecemos a respeito de Israel, só pelo poder de Deus se pode admitir que ainda exista, e pretenda dar frutos. Um rebento dessa grande árvore lá está numa nesga de terra na Palestina, lutando para sobreviver, e os que não conhecem a Deus nem a Sua história não acreditam que possam sobreviver no meio de tantos inimigos, como são os seus parentes árabes. Lutarão, mas vencerão e voltarão a dar os seus frutos. Nos seus dias Israel habitará seguro. Judá será seu servo, e o nome pelo qual há de ser chamado será O SENHOR, JUSTIÇA NOSSA (v. 6). Virão dias em que não mais se dirá: Vive o Senhor, que tirou os filhos de Israel da terra do Egito; mas: Vive o Senhor, que tirou e que trouxe a linhagem da casa de Israel da terra do norte, e de todas as terras para onde os tinha arrojado (vv. 7 e 8). Temos a história e podemos agora dizer o que Jeremias só poderia afirmar por visão. É certo que nem todos vieram do exílio.

Entretanto, a ordem era para voltar à terra de seus pais, a Jerusalém. Os que permaneceram por longes terras ficaram dando o seu testemunho, o que antes não haviam conseguido. Acreditamos que a permanência dessa gente em Babilônia e na Pérsia valeu por todos os anos de idolatria e má vida na sua terra. Vejamos o que nós ensina o Profeta Daniel, vivendo nas cortes de Babilônia e Pérsia, interpretando sonhos e visões em nome de Deus. Quantos teriam entrado em contato com Javé? Recorde-se o incidente do Livro de Ester, quando os judeus, condenados à destruição, foram salvos pela mediação de Ester e Mardoqueu, isto em todo o Império Persa, que compreendia o mundo inteiro daqueles dias (Ester 8:9). O temor de Deus caiu sobre todos os povos e raças e línguas, e nem um cão poderia mover a língua contra os judeus.

II. PROFETAS DE JUDÁ (23:9-40)

No item anterior tratou o profeta dos reinantes de Judá. Nessa longa mensagem ocupa-se dos líderes religiosos da sua nação, dos falsos profetas e dos sacerdotes, de todos que tinham a obrigação de encaminhar o povo para o bom caminho.

Jeremias é um homem angustiado, aflito. Confessa ser um embriagado, cambaleando para um lado e outro, pelas visões que havia tido, e o faziam, assim, um homem desequilibrado: Sou como um homem embriagado, e como um homem vencido, do vinho (v. 9). Chegamos a lamentar a situação do servo de Deus, que, por causa dos pecados dos líderes, tinha de arcar com a carga que Deus havia posto em seus ombros.

II. PROFETAS DE JUDÁ (23:9-40)

1. Os Pecados dos Falsos Profetas Eram a Causa de Tudo Isto (23:10-16)

Estes eram, talvez, os mais culpados, porque, enquanto Jeremias lhes falava coisas desagradáveis, aqueles também diziam falar em nome de Deus e diziam coisas agradáveis. Em quem crer, em Jeremias ou nós profetas falsos? À vista de Deus, tanto os profetas como os sacerdotes estavam contaminados (v. 11). A maldade dessa gente estava marcada na própria casa do Senhor, no templo. Quando um povo não respeita o templo onde adora a Deus já não há o que esperar. Numa comparação com os sacerdotes de Samária, que Deus destruiu, parece que os de Jerusalém ainda são piores. Os de Samária eram idólatras,

adoravam a Baal; porém os de Jerusalém são imorais: Cometem adultérios, e andam com falsidade, e fortalecem as mãos de malfeitores... eles têm-se tomado para mim como Sodoma, e os moradores de Jerusalém, como Gomorra (v. 14). Os primeiros foram castigados, e como não o serão os últimos? Todos pagarão pelos seus pecados de rebelião e desobediência. O apelo era que não dessem ouvidos a estes ensinadores de mentiras, mas esta palavra não era ouvida, porque contrariava o gosto dos ouvintes... que vos profetizam a vós, ensinando-vos vaidades; falam da visão do seu coração, não da boca do Senhor (v. 16). Uma coisa era falar o que dizia o Senhor, e outra era dizer o que estava nós seus próprios corações. Como é enganoso o coração humano! Estes, porém, sabiam que estavam enganando o povo, pois que Deus não lhes tinha dado mensagem. Eram mentirosos e hipócritas.

2. Por isso a Condenação Desses Falsos Profetas Será Infalível (23:17-20)

Diziam continuamente ao povo: Paz tereis... não virá sobre vós (v. 17), ao contrário de toda a verdade. O diziam por si próprios e que Jeremias estava vendido aos caldeus para falar mal de Jerusalém, não sendo isso o que o Senhor havia dito, e assim por diante. Quem poderia entender-se em tal labirinto de mentiras e hipocrisias? Eles efetivamente não tinham mensagem do Senhor, e então inquiriram: Quem dentre eles esteve no concílio do Senhor, para que percebesse e ouvisse a sua palavra, ou quem esteve atento e escutou a sua palavra? (v. 18). Era um argumento válido, pois quem tinha visto e ouvido a palavra do Senhor? Eles, não a tendo visto nem ouvido, diziam que ninguém tinha visto ou ouvido o Senhor. Jeremias tinha visto e ouvido, mas estava fora do páreo e ninguém lhe dava crédito. Os versos 19 e 20 parecem quebrar a lógica da discussão, e alguns escritores acham que são uma repetição de

30:23,24. Para nós não oferecem essa dificuldade. Parece tratar-se de interferência de Deus, prometendo o que efetivamente estava para vir - uma tempestade que já afetara a cabeça dos falsos profetas, e, portanto, a ira do Senhor não se desviaria, até que tudo fosse cumprido. Então, muito tarde, é certo, ver-se-ia quem estava com a verdade, quando cada qual ia procurar um buraco nas muralhas, para fugir dos soldados invasores. O que Jeremias afirma é: Nos últimos dias entenderéis isso claramente (v. 20). Jeremias estava certo e seguro da sua palavra, e os que estavam dentro da cidade de Jerusalém veriam quem falava a verdade. Era uma competição desigual e muito difícil.

3. Os Falsos Profetas Eram Homens Fora da Lei (23:21-32)

Estes homens não eram nem profetas ilegais, mas falsos, isto é, diziam-se profetas, mas Deus nunca lhes havia falado. Eram mentirosos. Deus declara: não lhes falei a eles (v. 21); no entanto, corriam de um lado para outro, afirmando haverem recebido a mensagem de Deus. Nessa competição, o falso era Jeremias. Eles, verdadeiros e legais. Se estes homens tivessem estado no conselho divino, então teriam ouvido as palavras de Deus e aconselhariam ao povo o caminho direito (v. 22). O fato de jamais terem ouvido a palavra de Deus os levava a errar e fazer errar o povo. Era um grupo de errados. O que imaginavam, isso pregavam, mas essa imaginação é sempre falsa, é a imaginação da alma, como dizia Platão. Adoravam a Baal, e Baal não tinha mensagem para eles. O povo deveria fazer distinção entre um homem que

adora um ídolo e um que adora a Javé. Quando, porém, a pessoa está errada, fica cega e irracional. Deus declara que não vê as coisas só de perto; as vê também de longe (v. 23), assim ensinando, nada estar oculto a seus olhos, pouco importando as distâncias.

A seguir, Deus dá lições a respeito da sua onisciência. Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? (v. 24). Com esta capacidade de ver o oculto, o invisível, Deus declara que vê os falsos profetas mentindo, os quais profetizam do engano do seu próprio coração (v. 26). Contando uns aos outros os seus sonhos de vaidades e mentiras, esquecem-se que Deus tanto vê o que é visível como o que não é, pois para ele não há nada escondido. Se todos os homens aceitassem essa dura verdade, teriam mais cuidado com as suas vidas. Infelizmente não reconhecem que Deus é onisciente e tudo vê. Ele vê o céu e a terra (v. 24) e tudo que neles há. A tentativa dos profetas parece ser levar o povo a se esquecer do seu Deus, dando lugar à interpretação de sonhos e procurando encontrar o que só se acha em Deus - a verdade. Modernamente há muitos cristãos levados também por esta fantasia de sonhos e de visões noturnas, querendo tirar delas as verdades que estão no seu coração e que não são verdades de Deus. O conselho divino é: O profeta que tem um sonho conte o sonho (v. 28), mas não diga que é a verdade. Muita gente vive de interpretar os seus sonhos segundo os seus planos e desejos, porém Deus não está nisso. Portanto, Deus diz: Eis que eu sou contra os profetas... que furtam as minhas palavras, cada um ao seu próximo (v. 30). Quem tem a palavra de Deus fale, porém não misture as suas cogitações como sendo revelação divina. Será que o trigo não pode ser diferenciado do joio ou da palha, como diz o verso 28? A palavra de Deus é como fogo e martelo, que esmiuça tudo (v. 29). Deve ser fácil fazer a distinção entre um sonho e uma revelação. O sonho é coisa indefinível. A revelação é martelo que esmiuça a penha. O fato é que, quando a pessoa está errada, prefere ficar no seu erro, até que descubra, tarde, as conseqüências. Esta é a história da humanidade. Temos atualmente dezenas de seitas ditas cristãs. Todas afirmam possuir a verdade, e nisso vão enganando a muitos. A verdade, porém, é uma só e deve ser facilmente reconhecível. Sem pretendermos julgar a quem quer que seja, dizemos que a verdade da Bíblia deve ser clara, interpretando-se texto com texto e com o contexto. Se tudo combinar, então a verdade está ali, mas tirar-se um verso de um texto e interpretá-lo isoladamente pode dar em erro. Uma regra de hermenêutica é que um texto se interpreta com outro ou outros. No

caso do nosso estudo, os falsos profetas pensavam que estavam seguros na sua interpretação dos fatos do dia, quando, na verdade, estavam totalmente errados. Deus é contra os que profetizam sonhos mentirosos (v. 32), pois diz o Senhor: fazem errar o meu povo com as suas mentiras e com sua vã jactância (v. 32). O povo era apenas vítima desses pregadores de si mesmos, dos seus próprios interesses e pontos de vista, e não procuravam saber qual era a vontade de Deus. A triste sorte dos judaítas estava justamente nessa falsidade, e não têm sido eles os únicos que se têm visto em erros doutrinários por causa dos seus profetas e mestres.

4. O Castigo dos Falsos Profetas (23:33-40)

Os falsos profetas eram um peso em Israel, Deus mesmo assim os qualifica. Um dia Deus os pegaria e os arremessaria para longe, como se atira uma coisa inútil. Alguém um dia iria perguntar ao profeta Jeremias: "Como vão as coisas, irmão profeta?" Ele responderia: Vós sois o peso, e eu vos arrojarei, diz o Senhor (33). O profeta e o sacerdote inquiririam sobre o destino que os esperava, e ele diria: Vós sois um peso! Javé estava carregando um povo insensato, uma nação irresponsável, que se havia afastado do seu Condutor e se entregado a coisas vãs. Por isso se tornara uma carga pesada até para Deus. Achariam a sentença drástica, e de fato o era. Mas que mereciam eles - o povo, sacerdotes e profetas - senão isso? Entretanto, Deus lhes proibiu de usar a palavra peso, porque, na verdade, o eram, se bem que a palavra proferida pelo profeta não o fosse. Há aqui um trocadilho interessante: Deus os chama de peso, e eles acham o termo inadequado. Todavia, ao mesmo tempo eram um peso para Deus, mas Deus não permitia que usassem o vocábulo como se o quisessem achar impróprio. Notamos que, a despeito de tudo, o povo e seus dirigentes

ainda se preocupavam com o que Deus dizia a seu respeito. O choque de impressões entre Jeremias e os dirigentes nacionais era flagrante. Mesmo assim Jeremias continuava a ser considerado o porta-voz de Deus. O verso 37 não se encontra registrado na LXX. Não sabemos a razão.

III. A VISÃO DOS CESTOS DE FIGOS (24: 1-10)

Trata-se de uma parábola, como tantas que encontramos em o Novo Testamento. No Velho Testamento as parábolas não são muito comuns. Esta tem uma lição objetiva, que vale a pena estudar. Havia dois cestos de figos, postos diante do templo, depois que Nabucodonozor levou cativo a Jeconias, filho de Jeoaquim. Com o rei foram os príncipes e muitos artesãos, que podiam ser usados pelo governo em Babilônia. Os judeus eram tidos como bons artistas, e de fato o eram, e a escolha que os oficiais do rei fizeram tinha razão de ser.

Os dois cestos de figos eram bem diferentes. Um tinha figos bons, temporãos, e o outro figos ruins, estragados. Os agricultores sabem fazer a distinção entre os figos comuns e os temporãos, os primeiros da safra. Então Javé perguntou ao profeta: Que vês tu, Jeremias? (v. 3). O profeta respondeu pelo que estava à sua vista, dois cestos de figos, um cesto de bons e outro de ruins, que não se podiam comer. Então veio a mensagem de Deus. Os bons figos representavam o povo exilado em Babilônia, e que Deus faria voltar mais tarde, de acordo com a palavra de Jeremias no capítulo 25.¹²⁻¹⁴. Deus prometeu favorecê-los, dar-

lhes um novo coração, trazê-los de volta, edificá-los na sua terra e que jamais os arrancaria (24:5-7). Sem dúvida, esta era uma linda mensagem. Do cativo não poderiam escapar, porque esse era o meio de purgá-los das tentações dos ídolos, e só num meio estranho, com ídolos de diferentes feitios, poderiam aquilatar a diferença entre imagens e o seu Deus bondoso e misericordioso. O exílio seria uma forma de corretivo, para mudança de mentalidade. Fora do seu meio, longe da Palestina, seriam capazes de verificar a diferença entre a vida ao redor do seu templo e a vida na dispersão. A história tem muito a nós contar a respeito dos efeitos desse castigo. Lá no exílio foram bem tratados e muitos deles galgaram altas posições no governo, como aconteceu com Daniel e seus companheiros. Outros dedicaram-se ao comércio, estabeleceram relações com os compatriotas levados para o Egito, sob os protestos de Jeremias, estabelecendo o que se poderia chamar de primeiro intercâmbio comercial entre dois países. Com esse comércio, muitos ficaram ricos e nem poderiam voltar à sua terra, devido a seus negócios em Babilônia. Outra bênção foi a criação das sinagogas. Fora da sua terra, do seu templo e do seu culto a Javé, viraram-se para a Bíblia, estudando-a e procurando encontrar nela a explicação para as suas desditas. Organizaram o estudo em parashes, seções, e cada sábado se reuniam para o mesmo. De tal forma se apegaram à sua Bíblia que, mesmo depois da volta, as sinagogas eram o centro de vida religiosa da Palestina. Os dispersos pela Europa e outras partes do Império Romano também adotaram a mesma prática; e pelo Novo Testamento aprendemos que em todas as cidades onde havia uma colônia de judeus, lá estava a sinagoga. Foi uma bênção para esta gente o cativo.

O outro cesto, o de figos ruins, que não se podiam comer, representava o povo que tinha ficado na terra, os hortelões, os pobres, os párias, e os que fugiram para o Egito, carregando Jeremias, como veremos adiante. Esta gente se perderia mesmo. Dos que fugiram para o Egito, com medo de Babilônia, pouco se sabe ao certo, mas os escritores não têm dúvidas quanto aos benefícios que trouxeram à terra. Foi graças a estes judeus que o Velho Testamento foi traduzido para o grego, a que temos feito alusão diversas vezes, e a cultura judaica fundiu-se com a helênica, dando o que se conhece como a filosofia neoplatônica. Todavia, para Deus, eles não prestaram, porque por lá ficaram, os que escaparam das pragas que Deus prometeu enviar.

Os que permaneceram na terra misturaram-se com os elementos trazidos pelos reis assírios, formando uma raça nem judaica nem gentia, os nossos bem conhecidos samaritanos, os quais, na volta do exílio dos judeus, deram muito trabalho a Esdras e Neemias, para extremar o joio do trigo, isto é, o que era judeu e o que não o era. A doutrina ou revelação do capítulo 24 contém suficiente material para compor um livro, diria até uma enciclopédia, tais e tantas foram as lições que resultaram, tanto dos figos bons e apetecíveis como dos ruins. Um estudo sobre a influência dessa gente, quer no Egito quer em Babilônia, é interessante. Quando, mais tarde, os Ptolomeus e Selêucidas entraram em guerra, os judeus que moravam no Egito deram uma grande contribuição à causa realmente boa, à causa dos Ptolomeus. O mesmo podemos dizer dos judeus em Babilônia e no Império Persa. Quantos milhões entraram em contato com Deus mediante a influência dessa gente? Em página anterior, já confessamos esse nosso ponto de vista, ao falarmos sobre o reinado de Assuero, marido de Ester. Então, que dizer a respeito de tudo? Que Deus é mesmo misericordioso e até os males que promete trazer sobre o povo nem sempre se cumprem como são prometidos. Este escritor tem grande predileção por esses estudos e pela maneira como Deus, na sua infinita misericórdia, guarda e abençoa aqueles que ele mesmo prometeu destruir.

No meio dessas considerações é bom verificar o que diz o texto em 24:8-10. O elemento político de Judá, a começar pelo seu rei Zedequias, seria rejeitado, como se rejeitam os figos ruins. Esta rejeição está baseada no fato de que, sendo os diretores da política nacional, não tiveram bastante senso para reconhecer as advertências divinas e salvar a nação. As promessas do mal contra os que foram para o Egito também contaram com a misericórdia divina, porque muitos floresceram, como vimos atrás, e criaram ali uma cultura judaica, que atravessou os milênios. Lembremos o irmão Apolo, que muito ajudou a Paulo em Corinto. Um dos escritores mais célebres, por nome Filo, homem de grande cultura heleno-judaica, foi um dos maiores mestres na universidade de Alexandria. No Egito essa gente tornou-se conhecida como o povo de Yahweh. Lembraríamos ainda que Neco levou muitos para o Egito, quando atacou Jerusalém, na sua vinda do norte, e quando levou o filho de Josias, por nome Jeoacaz (II Crôn. 36:1-5). O Egito, por sua proximidade com a Palestina, sempre foi um reduto de refugiados, e mesmo durante o cerco de Jerusalém por Nabucodonozor muitos judeus fugiram para lá.

IV. UMA VISÃO MACABRA - SÓ DEUS VALE (25:1-38)

A grande batalha de Carquêmis, no norte, entre as forças de Neco e de Nabucodonozor, em 605 ou 606, foi um acontecimento de caráter internacional. É a data considerada por muitos como a certa na história do mundo antigo, e dela partem todas as demais que interessam ao historiador. Nela teve fim o Império Assírio, já desmantelado com a queda de Nínive em 608 ou 609. Se Neco tivesse ganho a vitória, como ele mesmo proclamava, a sorte do mundo de então seria diferente. Entretanto, foi derrotado pelas forças opostas. Lá no norte estava o tabuleiro, onde se mexiam as pedras, e isso não era de agora, mas vinha de longe. Era sempre do norte que descia o perigo, embora o Egito sempre tivesse tido o seu papel nas contendas anteriores. Recordaríamos Totmés III, na sua contestação com os mitânios e hititas; mais tarde Ramsés II e seu herdeiro Merempta. Todavia, até certo ponto, o Egito jamais foi um inimigo de temer, e julga-se até que Egito e Israel foram por muitos séculos nações amigas. O problema é referido em meu livro sobre Josué, Juízes e Rute, quando abordo o fato da indiferença do Egito na obra da conquista por Josué. Durante meia dúzia de séculos o Egito não interveio em Israel. Só depois da morte de

Salomão é que Sisaque veio a Jerusalém, fez pilhagem à moda antiga, mas voltou para sua terra e sem maiores conseqüências.

Nesse entrechoque de forças e competições guerreiras, Jeremias lê a história do seu povo, segundo a vontade de Javé, como castigo contra a sua rebeldia. Jeremias tinha uma visão dos acontecimentos, como nenhum outro homem da sua época. Ele estava em contato com Deus e a este é que cabiam os destinos da humanidade.

1. Jeremias Então Recorda a História (25:1-14)

Desde o ano 626 (conf. 1:2), ano da chamada de Jeremias, que Deus tomou a decisão de salvar a nação judaica da idolatria, madrugando e anunciando por meio do profeta que o perigo de continuarem na rebeldia tinha um fim. Jeremias foi ungido para esta ingrata tarefa, a que o povo não respondeu. Estamos, nesta altura da história, em 606, portanto Deus, por meio de Jeremias, lutando 20 anos já para corrigir o povo do seu pecado. Jeremias confessa-se cansado de agir com tal gente. A mensagem era sempre a mesma: Converti-vos agora cada um do seu mau caminho (v. 5), conversão que jamais se realizou.

Jeremias é considerado "o meu servo", e havia sido fiel. Mesmo que esta expressão não conste na LXX, é verdadeira; e mesmo se substituída por "meu instrumento", como julgam alguns comentadores. . Jeremias tanto era servo como instrumento de Deus, para produzir o arrependimento, que não veio. Então diz Javé: Eis que eu enviarei, e tomarei a todas as famílias do Norte... como também a Nabucodonozor, rei de Babilônia, meu servo... (v. 9). Os reis e os povos todos são servos de Deus e os utiliza naquilo que deseja efetuar. Em nosso caso, cumprir o castigo do povo insensato, que não tinha querido ouvir a mensagem do profeta. O povo que vinha do norte era composto de muitas nações, como tinha sido o Império Assírio. Povos pequenos e indefesos não podiam resistir ao ímpeto de grandes guerreiros, que haviam conseguido reunir sob seu comando gente de diversas origens. Os grandes e admiráveis povos da antigüidade, tais como os mitânios e hititas, já tinham desaparecido, e no lugar deles vivia uma grande mistura de gente. Os assírios tinham englobado estas nações e constituído um império, que foi o terror daquele século. Todos tremiam ante um Salmanazer, Sargão II, Senaqueribe e outros. Seus soldados eram invencíveis. Só foram vencidos por Jeová na tentativa de tomar Jerusalém nós dias de Isaias (Is. 38). Portanto, todo folguedo, toda alegria, a voz do noivo, tudo cessaria em Judá, porque o dia do julgamento chegara (v. 10). Toda aquela gente, feliz por tantos anos, viria a ser serva de outra nação. Era o julgamento. O tempo predito para esta servidão era de 70 anos (25: 11), justamente o tempo de vida de uma pessoa (Sal. 90: 10). Entretanto, o julgamento não seria só para Israel; seria também para Babilônia. Cada povo tem o seu dia, assim como cada homem. Depois do fausto dos dias de Nabucodonozor, chegou a vez de pagar por seus pecados também, com a diferença de que estas nações não tinham o privilégio de Judá: possuir um Deus paciente, e um profeta operoso. Só Judá contava com esta bênção, que não soube aproveitar. Ninguém perde por esperar, pois, segundo o conselho de Deus.

2. O Castigo É para Todos (25:15-38)

Ninguém é inocente; nenhum povo o é também. O copo de vinho (vv. 15-22) é para todos beberem, o copo da indignação e do furor divino. O profeta recebeu o cálice da mão do Senhor, numa admirável figura, e começando por Jerusalém, o deu a beber a todos os povos da terra, seus reis e seus príncipes: Faraó, rei do Egito, pelos pecados que havia cometido contra o povo de Deus; toda a mistura de gente que vinha com o rei Nabucodonozor; todos da terra da Uz; todos os reis da terra dos filisteus, Edom, Moabe e os filhos de Amom; os reis de Tiro e Sidom; os reis das terras de além-mar; a Dedã, a Tema e a todos que cortam os cabelos nas têmporas; todos os reis da Arábia; todos os beduínos do deserto; os reis de Zinri e de Elão; todos os reis da Média (e da Pérsia); todos os reis do Norte, os de perto e os de longe, e todos os reinos do mundo sobre a face da terra; e depois de todos eles, o rei de Babilônia. Aqui está a lista de todos os povos condenados por seus pecados. Perguntamos muitas vezes: Onde estão os grandes povos da terra, os grandes conquistadores, os grandes impérios, como o romano e tantos outros? Todos desapareceram e não deixaram mais do que breves traços da sua história. Deus ia entrar em juízo com toda a terra, todos iam enfrentar o tribunal da justiça divina. Todos iam beber do cálice da ira de Deus, se embebedariam e vomitariam os seus pecados. O profeta era o embaixador a todos esses povos. Esta é a lição da história. Todos os povos desapareceram. Por quê? Por causa dos seus pecados. Há um folheto, não sei se ainda se publica, sobre o desaparecimento de todos os católicos, por causa da sua idolatria. Profetizou-se a queda da França devido aos seus muitos pecados, a mãe de todas as fornicções modernas. Infelizmente, nações ditas evangélicas também devem agora estar na lista, tais como a Dinamarca e a Inglaterra, por via das suas obscenidades. Que estas nações vão desaparecer, não há dúvida; e só os povos que se mantiverem fiéis ao Deus da Bíblia permanecerão. Javé é leão que ruga por causa dos pecados dos povos. As chamadas nações modernas continuam, mas por pouco tempo, pois não são melhores do que as antigas, que desapareceram totalmente. O quadro que se contempla atualmente no mundo é de desespero. Ninguém se entende, mesmo que se busquem soluções para todas as crises. O fim dos povos tem de chegar. Nós, que lutamos para viver diante de Deus, achamos que o juízo deste mundo já está demorando.

Parece até que estamos nós dias de Jeremias: também lamentamos a sorte dos povos e dos seus governantes. Então: Uivai, pastores, e clamai; e revolvei-vos na cinza... (v. 34). Se interpretássemos a frase "Uivai pastores", aplicando-a aos povos modernos, não poderíamos ser acusados de profetas do agouro. Aí está o quadro. Que falta para um desespero coletivo? Acaba de realizar-se uma reunião de todos os povos ricos, que lutam para encontrar uma solução, a fim de manter as suas indústrias, condenadas pela falta de petróleo. Os donos desse combustível acharam ser tempo de pedir contas a essas nações ricas, pela causa da sua pobreza, pois têm sido explorados anos e anos, por essas nações ricas, que em troca não lhes têm dado nada. Um árabe da Pérsia, no dizer de um turista, bebe a água da sarjeta, enquanto o seu petróleo enriquece a muitos. O que vai suceder, não sabemos, mas esperamos muita luta e muita discussão, até chegarmos a uma solução. Deus é justo e pede contas aos que têm nas mãos as rédeas do mundo e não sabem governar os povos. Por um relatório das Nações Unidas, um bilhão de seres humanos sofre fome, estatística que achamos muito parcimoniosa. No Brasil, este paraíso terrestre, 40.000.000 de brasileiros não jantam. No entanto, as nossas matérias-primas têm sido a riqueza de outros povos. O mal do mundo é a injustiça dos ricos contra os pobres, grande iniquidade à vista de Deus. Graças a Deus que as coisas estão melhorando para este Brasil. Se houvesse uma possibilidade de reajustar os fatos deste mundo, parece, entraríamos numa era de paz e felicidade. Quem, porém, nós pode prometer tal bênção? Então, os pastores, os condutores do povos, só têm que uivar. Eis o grito dos pastores, o uivo dos donos do rebanho, porque o Senhor está destruindo o pasto deles (v. 36). Essas palavras são muito antigas, têm mais de 2.500 anos, embora bem atuais, porque a história apenas se recompõe, ou, como dizem, se repete. Estamos na mesma situação de Jeremias no século sexto antes da era cristã. Deus está chamando a contas os que não têm sabido praticar a justiça e têm sujeitado os povos fracos à triste condição de párias. Os economistas terão uma explicação para isto, mas verdadeira é a falta de justiça. A terra está empobrecendo e recusando dar os alimentos necessários à nutrição dos povos. Eis parte da verdade, mas não a verdade toda. Então, que diremos quando a população do mundo atingir os oito bilhões, o dobro da atual, lá para o ano 2.000, que está muito perto? Que acontecerá?

NOTA IMPORTANTE:

Para termos uma idéia geral das condições espirituais em Judá, e por elas avaliarmos a paciência divina, deveríamos ler o relato oferecido por II Reis capítulos 22 e 23, II Crôn. 33:1-20 e outras escrituras paralelas. Nem entendemos por que Deus teve tanta paciência com aquela nação, que deveria conhecer e adorar só a Deus, mas adorava tudo quanto havia na terra e nós astros. Além da imoralidade, que se praticava nas imediações do templo, até cavalos e carros havia em adoração ao sol. Nós sentimos pesar pela destruição dessa nação e do seu maravilhoso templo, mas, em vista da situação espiritual, a melhor coisa que se poderia fazer, era destruir tudo mesmo, porque a existência de Judá, nas condições da época, era uma vergonha, uma ignomínia.

Numa situação caótica como esta, é que bem se pode aferir da missão do profeta do Velho Testamento. O profeta não era primariamente e simplesmente um mestre de religião, mas o vidente que vê à distancia os fatos e os interpreta para o povo. Nisto consiste a sua capacidade de ver à distancia os fatos que Javé vai realizar. Aliás, não era o povo que contestava esta capacidade do verdadeiro profeta, mas os profetas falsos, que se julgavam prejudicados pelas afirmativas contrárias às suas dos profetas verdadeiros. A luta que Jeremias e outros mantiveram com esta classe de profetas assalariados pelos governos, para só dizerem o que interessava a estes, é patente através desta grande profecia. Os que desejarem uma interpretação mais ampla e erudita sobre este assunto leiam a obra de Buttenwiser, no livro Os Profetas de Israel, 1914, e também um antigo livro de 1892, de W. Robertson Smith, sob o título *The Old Testament in the Jewish Church*. Segundo este autor, a profecia não era uma questão pessoal, mas uma dádiva de Javé a determinados homens, e estes só falavam o que sabiam ser a verdade. Profecia no Velho Testamento é isso mesmo. Um homem fala o que viu ou ouviu de Deus, e nada mais do que isso. É assim que podemos descansar em suas (dos profetas) declarações como sendo a verdade de Deus.

2ª PARTE - NARRATIVAS HISTÓRICAS SOBRE JUDÁ - UMA GRANDE BIOGRAFIA (26:1-45:5)

CAPÍTULO VIII - ACONTECIMENTOS PROFÉTICOS DURANTE O REINADO DE JEOIAQUIM (26:1-24)

Para um entendimento satisfatório desta época e deste capítulo de Jeremias, não devemos olvidar a leitura de II Crônicas 36. Embora o relato seja breve nesse livro, esclarece pontos menos claros em Jeremias. Trata-se do reinado de Jeoaquim, que substituiu o irmão Joacaz, deposto por Faraó Neco depois da morte de Josias e da frustrada viagem guerreira de Neco ao norte, ao encontro das forças de Nabucodonozor. No princípio do reinado deste moço é que veio a palavra de Deus a Jeremias (26: 1), mandando que o profeta se colocasse no átrio do templo, onde o povo vinha adorar o Senhor. Era um lugar estratégico para falar ao povo, pois com o coração posto no templo, mesmo que estivesse cheio de imagens de Baal, ainda havia alguma esperança de ele ouvir e atender ao recado divino. A mensagem não era só para o povo, mas para o rei e para os líderes. Era, pois, um desafio do profeta à liderança da grande nação, o que não podia deixar de ser um risco grave, pois ninguém gosta de ser advertido.

I. JEREMIAS CORRE RISCO DE VIDA (26:1-19)

Há seis mensagens para o povo e para os líderes religiosos nesse trecho de Jeremias.

1. Deus Fala ao Povo para Que Mude de Vida (26:1-7)

O pedido para Jeremias se colocar na entrada do templo tinha em vista produzir uma volta a Deus. Assim diz o Senhor... dize a todas as cidades de Judá... todas as palavras que te mando que lhes fales... Bem pode ser que ouçam, e se convertam cada um do seu mau caminho... (vv. 2 e 3). Deus declara que, no caso de se arrependerem, também ele se arrependeria do mal planejado contra eles.

Jeremias era obediente, mesmo sabendo que a sua mensagem seria um perigo para a sua vida. O servo de Deus, porém, não tem o que temer se Deus ordena. Ele tomará conta dos resultados. A mensagem consistia da reprodução de outras mensagens, todas advertindo que, se não houvesse arrependimento, o destino seria cruel. O arrependimento é a base de toda e qualquer relação com Deus. Esta foi a mensagem de João Batista e de Jesus mesmo: O tempo está se cumprindo, e é chegado o reino de Deus. Arrependei-vos e crede no evangelho (Mar. 1: 15). Sempre esta foi a mensagem divina ao povo perdido. Se não vos arrependerdes, então farei que esta casa seja como Siló (v. 6). Siló foi um dos primeiros santuários de Israel. No tempo de Eli, Siló era o santuário de Israel e por muito tempo lá ficou. Depois foi mudado para outros lugares, até ser totalmente destruído, sem se conhecer as causas. Aqui é referido como símbolo de ruína e destruição. A cidade mesma seria feita um exemplo para escândalo de todos que a conheciam antes e a veriam depois. Os judaítas deveriam saber o que havia acontecido a Siló e por quê. A ilustração era adequada. Todos ouviram o discurso, e se enfureceram.

2. Falam os Sacerdotes e os Profetas (26:8-11)

Logo que Jeremias acabou de entregar a mensagem de Deus, os sacerdotes lançaram mão dele, e os profetas e o povo, a uma voz, clamaram: Certamente

morrerás (v. 8). Ora, Jeremias não falava em seu nome nem por sua conta, mas em nome de Deus. Todavia, este fato, no estado em que estava o espírito do povo, de pouco valia. Como Jeremias escapou, não se sabe, senão que Deus tenha tomado a seu cargo a sua defesa, porque Urias, que chegou a fugir para o Egito, foi trazido de lá e morto. A situação era cruel para quem se metesse a contrariar os planos do povo e dos governantes. Ameaçar a cidade e a casa de Deus, afirmando que seriam arrasados como foi Siló era um insulto. Vale dizer que a destruição de Siló ficou bem gravada na mente do povo.

3. Falam os Príncipes (26:12-16)

A Palavra dos príncipes foi uma atenuante que ajudou a salvar o profeta. Alegaram o profeta não ser digno de morte, porquanto tinha falado em nome de Javé. Com esta afirmativa sensata até o populacho mudou de pensamento em relação ao profeta.

4. Falamos Anciãos (26:17-19)

Estes fizeram recordar que Miquéias também falara contra a cidade e o templo, e não fora morto. Isso no tempo de Ezequias. A mensagem de Miquéias foi do mesmo diapasão da de Jeremias, linguagem tremenda: Jerusalém seria lavrada como um campo (v. 18). Então disseram os anciãos: Mataram-no, porventura, Ezequias, rei de Judá, e todo o Judá? (v. 19). Antes se arrependeram, e o profeta implorou a Deus a favor do povo. A palavra da história foi oportuna, porquanto ainda amainou a ira do povo, e Jeremias escapou das unhas dos sacerdotes e dos falsos profetas.

5. A Morte de Urias (26:20-24)

Este profeta era companheiro de Jeremias, mas não teve a sua sorte. Jeremias, parece, tinha amigos influentes na cidade e no governo, que lhe valeram a conservação da vida. Urias talvez não tivesse essa influência. Quando o rei Jeoaquim ouviu que ele estava profetizando como Jeremias, a respeito da cidade e do templo, mandou apanhá-lo, mas ele fugiu para o Egito. Jeoaquim havia sido vassalo do Egito por alguns anos e mantinha boas relações com aquele governo. Assim lhe foi fácil conseguir a extradição de Urias. Trazido de

lá, este foi morto por Jeoaquim impiedosamente. A influência de Aicão, filho de Safã, foi decisiva perante o rei e o povo, para que não matassem a Jeremias (v. 24). Urias pagou o preço da ousadia em falar contra o pecado do povo. Ninguém mexa com os pecados dos homens. Deixem-nos viver assim, porque é dessa forma que eles gostam.

Com este capítulo 26 termina parte da história de Judá. Young Eduard J. entende ser este capítulo da história atribuído ao reinado de Jeoaquim, devendo ser iniciado no começo do reinado de Zedequias, que sucedeu a Jeoaquim. Deve tratar-se, então, de Jeoaquim I, porque o Jeoaquim II só reinou por uns três meses. O verso primeiro do capítulo 27 parece reforçar essa idéia. Driver tem a mesma opinião. O que se acha é que Jeoaquim I era um tipo irascível, enquanto Zedequias era muito mais humano e dócil.

CAPÍTULO IX - A PRUDÊNCIA DO PROFETA (27:1-29:32)

Os três capítulos desta seção talvez sejam uma cópia de uma carta enviada aos exilados em Babilônia para que não alimentassem vãs esperanças de em breve voltarem à sua terra. Digamos que o primeiro cativo ou a primeira leva de prisioneiros, carregados por Nabucodonozor em 597 ou 596, incluía alguns dos mais nobres da terra, inclusive Daniel e seus companheiros, sendo também levada parte dos objetos do templo. A idéia então seria que depois de algum tempo teriam liberdade para voltar. Admitimos, se as coisas tivessem corrido como Jeremias aconselhava, outras levas não teriam lugar e a cidade e o templo ainda poderiam ser poupados. Infelizmente, isso não aconteceu, por fraqueza de Zedequias e pelas injunções da política interna. Naturalmente, criou-se em Judá uma corrente contrária a Nabucodonozor, e Jeremias fazia parte do outro grupo, admitindo que Nabucodonozor era um servo de Jeová e cumpria ordens superiores. O rei de Babilônia era supremo e indiscutível no mundo oriental, e

tolo seria quem pensasse anular este poder. Por isso, Jeremias, sensato e bem orientado, entendia que o melhor era colocar o pescoço no jugo e ficar quieto, o que contrariava o orgulho nacional e, quem tomasse esta posição, era inimigo e pró-Nabucodonozor. Vendo as coisas por este prisma, podemos melhor entender a história que se desenha daqui para a frente.

I. MENSAGEM AOS REIS GENTIOS AO REDOR DE JUDÁ (27:1-22)

1. Os Canzis Simbólicos (27: 1-11)

Jeremias é aconselhado a fazer brochas e canzis, e enviá-los aos reis circunvizinhos: Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sidom. Todos estes povos, bem conhecidos dos leitores da Bíblia, viviam ao redor de Jerusalém. Esses monarcas vieram ou mandaram seus embaixadores a Jerusalém, para saudar Zedequias por sua investidura no reino. Isso também seria uma demonstração de que todos estavam unidos num só plano: resistir a Nabucodonozor, pois a queda de Jerusalém era uma ameaça à sua segurança. Não adiantava resistência, porque Deus era o Senhor da terra, e Nabucodonozor, o seu servo.

Esta era a mensagem que esses embaixadores deviam levar a seus senhores (vv. 5 e 6). Deus dava a terra a quem queria, e não adiantavam coligações contrárias: Todas as nações o servirão a ele (Nabucodonozor) e a seu filho, e ao filho de seu filho (v. 7), até que chegue a sua vez de pagar também por seus pecados. Os filhos de Nabucodonozor, Evil-Merodaque e Neriglissar, para não mencionar Nabonido, em cujo reinado Babilônia caiu em poder dos persas, gozariam as delícias de senhores do mundo, para depois transferirem estas honras a outros. Ficou bem patente que o Senhor Deus é o dono da terra, e a dá a quem quer. A condição de salvação era submeter o pescoço ao jugo do rei de Babilônia. Então continuariam em suas terras. Do contrário, seriam todos levados em cativeiro (v. 11). Não adiantava, pois, reação ou revolta, porque quem estava mandando não era o rei de Babilônia, mas o Rei do mundo.

2. Uma Mensagem a Zedequias (27:12-15)

Era um recado duro de se entregar e receber, mas o profeta fora mandado, e cumpria o seu dever (vv. 12-15). Era uma ordem dura, mas era o seu dever. O rei deveria pôr o pescoço debaixo do jugo do rei de Babilônia e do seu povo, e servi-los, porque foram constituídos servos de Deus para executar esta obra. O conselho era para não darem ouvidos a conversas de profetas sem mensagem de Deus, pois Deus não os havia enviado nem lhes havia dado mensagem. Esta submissão era melhor do que a alternativa de morrerem à espada, à fome e de peste. Por mais de uma vez fora enviada esta mensagem, e agora era dada com a máxima urgência.

3. Mensagem aos Sacerdotes e ao Povo (27:16-22)

Os falsos profetas estavam dando mensagem muito bonita, mas mentirosa, afirmando que o povo e os utensílios que já tinham ido para Babilônia breve voltariam ao seu lugar. Isso não era verdade; era deslavada mentira (v. 16). Como esperança, não havia coisa melhor, infelizmente, porém, o plano divino era outro. Como também nós informa II Reis 24:13,14, tudo fora levado com o rei Jeoaquim, inclusive sua mãe, seus homens mais valentes e os artífices, e não voltaria, tão cedo. Este texto nós informa ainda que o rei de Babilônia substituiu a Jeoaquim por Metanias, ou tio materno, mudando-lhe o nome para Zedequias. Isso deu-se em 597 a.C. Portanto, aos protestos otimistas dos falsos profetas, deveria Jeremias dar esta mensagem pessimista, e isto era uma tarefa

desagradável. As lindas promessas, mesmo sem base, são sempre preferíveis às más. É do sentimento humano. Como se vê, Jeremias tinha um dever muito ingrato. Esta é a tarefa dos pregadores ainda hoje. Falar contra o pecado é perigoso, porque o pecador gosta de viver a seu modo e não deseja mudar.

Se os profetas, que prometiam lindas coisas, estivessem com a verdade, então deveriam orar ao Senhor para que o resto dos utensílios do templo e da casa do rei não fossem também carregados para Babilônia, pois tudo que Nabucodonozor deixou em Jerusalém, as colunas do templo e o restante dos objetos sagrados, quer no templo quer na casa real, iria de outra vez, e lá ficaria até que se cumprissem os 70 anos de cativeiro. Então o Senhor os faria voltar (v. &12). Só o Senhor, e ninguém mais, daria ordens em contrário. Esta era uma das horas mais negras na história de Israel, que poderia ser outra, se eles mudassem o coração e a atitude em relação a Deus. Só o coração pode alterar situações. Na próxima vez, o restante do povo e do templo seria levado para o seu desterro. As grandes colunas que Salomão construiu, e a que deu os nomes de Jaquim e Boaz (I Reis 7:21), não poderiam ser transportadas inteiras, porque eram muito grandes. Então seriam feitas em pedaços, para serem carregadas. Nós, tão longe do cenário, parece estarmos ouvindo os martelos de Babilônia, desfazendo uma obra, feita com tanto amor e orgulho. Desde que Salomão lançou os alicerces da rebelião contra Deus, pecando com mulheres e com ídolos, que a destruição começou. Maldito fermento! (I Reis 11: 1-8). Foi apenas uma questão de tempo. Salomão construiu o templo ao redor de 980 a.C. Desde a dedicação do templo até agora, 597, apenas 383 anos foram o bastante para que uma nação que Deus plantou se destruísse pela má orientação dos seus líderes. Durante estes quase quatro séculos de história, Deus se mostrou, como sempre, magnânimo e misericordioso. Não obstante, o pecado é mesmo terrível, mormente o pecado da idolatria.

II. UMA LUTA ENTRE DOIS PRÍNCIPES (28:1-17)

Estavam em luta aberta as mensagens de dois profetas Jeremias e o falso profeta Hananias. Aquele sustentava a sua velha tese de que não havia remédio para a situação; este afirmava que dentro de dois anos tudo estaria novamente no seu lugar. Quem venceria?

1. A Proclamação de Hananias (28:1-4)

Estavam no princípio do reinado de Zedequias, portanto, quatro anos depois de Jeoaquim, sua mãe e muitos nobres foram levados para Babilônia, junto com quantos professavam qualquer arte ou habilidade. Hananias afirmava perante Deus que este lhe havia falado, dentro de dois anos tudo estaria resolvido (v. 3). Esta declaração foi feita no templo. Dentro de dois anos, eu tornarei a trazer (teria dito o Senhor) a este lugar todos os utensílios da casa do Senhor... Também a Jeconias, filho de Jeoaquim, rei de Judá... eu os tornarei a trazer a este lugar (vv. 3 e 4). Lindas promessas, que não seriam cumpridas. É fácil imaginar o efeito de uma mensagem como esta dentro do templo, perante os sacerdotes e o povo. Que euforia, que alegria! A resposta de Jeremias foi um balde d'água fria na quentura e entusiasmo do momento.

2. A Resposta de Jeremias (28:5-9)

Amém! assim faça o Senhor... respondeu Jeremias... Mas ouve agora esta palavra, que eu falo aos teus ouvidos e aos ouvidos de todo o povo (vv. 6 e 7). Para Jeremias, a situação não dependia da boa vontade de quem quer que fosse, mas do seu cumprimento, como a história mostrou. Através desta, já ficara demonstrado que a palavra de Javé é que valia, e a boa vontade humana, com arrependimento e fé. Sem isso, não adiantava prognosticar coisas boas.

Quanto ao profeta que profetizar de paz, quando se cumprir a palavra desse profeta, então será conhecido que o Senhor na verdade enviou o profeta (v. 9). Jeremias não era assim tão otimista, porquanto conhecia bem os intentos divinos e estava certo de que, a menos que houvesse sincero arrependimento, não haveria nada do que Hananias proclamava. Entretanto, entre um que anunciava paz e outro que proclamava guerra, qual dos dois seria o vencedor? Só a história o diria. Uma controvérsia difícil para aquele momento. Jeremias estava só. Hananias tinha consigo o povo e os sacerdotes. Um estava apoiado na força do poder, e o outro, na força do direito. A história conta muitas dessas histórias.

3. Hananias Mostra as Suas Provas (28: 10, 11)

Hananias tirou os canzins do pescoço de Jeremias e quebrou-os, numa dramática demonstração de tudo quanto acabava de dizer, isto é, que dentro de dois anos tudo voltaria ao que era antes. Jeoaquim voltaria e tornaria a ocupar o trono. Os utensílios e o povo também voltariam de Babilônia. Judá tornaria a ser uma cidade alegre. Para que tudo isto acontecesse, ou Nabucodonosor perderia o poder, ou Javé mudaria de posição. Nem uma coisa nem outra era possível nas circunstâncias do momento. Nem politicamente nem religiosamente, tais fatos aconteceriam, e o povo deveria ter bastante bom senso para julgar esta situação.

4. Jeremias Não Responde e Vai Embora (28: 11)

Por que Jeremias se foi sem dar resposta ao contendor? Muitas palavras se tem escrito a propósito desta atitude. Ele estava certo da sua posição; mas valeria a pena insistir? O povo e as autoridades religiosas deveriam estar muito impressionadas com o ato dramático de Hananias, e qualquer palavra de Jeremias só poderia acirrar os ânimos e por em perigo a sua vida. Foi embora. Estamos convencidos de que era um homem sensato, pois ao tolo só se responde com tolices (Prov. 18:7). Se ele respondesse, criaria tumulto, e isso não resolveria nada. Talvez precisasse de rever a sua situação, para poder dar uma resposta. Em qualquer sentido, naquele momento não convinha contradizer. Foi embora.

5. Resposta Tardia de Jeremias (28:12-17)

Deus falou a Jeremias, dizendo: Vai, e fala a Hananias, dizendo: Assim diz o Senhor: Jugos de madeira quebraste, mas em vez deles farei jugos de ferro (v. 13). Deus tinha posto jugos de ferro sobre todas as nações, e ninguém poderia quebrá-los. Então veio o desafio: Ouve agora, Hananias: O Senhor não te enviou, mas tu fazes que este povo confie numa mentira (v. 15). Aí está a resposta. Ninguém perde por esperar. Jeremias estava voltando do seu retiro de meditação e encontro com Javé e agora assemelhava-se ao leão. Nada como um homem estar seguro da vontade divina. Tal homem é invencível. Jeremias acusou o contendor de mentiroso e falso, que andava propalando Javé lhe haver falado, quando não havia. Mentiroso perigoso, porque levava o povo a crer em mentiras, em lugar de rever a sua situação espiritual e arrepender-se. Um homem assim é um perigo para uma nação. De agora em diante, acontecesse o que acontecesse, Jeremias seguiria em frente, como quem "vê o invisível".

Hananias não esperava uma resposta como a que Jeremias lhe deu em nome de Deus: Eis que te lançarei de sobre a face da terra. Este ano morrerás, porque pregaste rebelião contra o Senhor (v. 16). E agora? Que poderia Hananias dizer? Foi pena esta sentença não lhe ter sido dada ao desafiar Jeremias na presença do povo. É que ainda não a havia recebido. Só depois é que a recebeu. Agora podia dizer ao falso profeta que nesse ano mesmo morreria, e as suas mentiras seriam descobertas.

Até certo ponto, lamentamos Jeremias não ter tido esta resposta ante as autoridades judaicas, mas ainda veio a tempo. Morreu, pois, Hananias, o profeta, no mesmo ano, no sétimo mês (v. 17). Estaria agora o povo certo da falsidade deste profeta? Até quando será necessário dizer verdades, para o povo se convencer delas? A morte do seu profeta deve ter causado um espanto, mas o texto nada nós diz.

III. UMA CARTA-BOMBA (29:1-32)

Como temos dito, por vezes, em 597 a.C., um grande grupo de judaítas, sacerdotes, alguns dos falsos profetas, o rei Jeoaquim e seus familiares foram levados para Babilônia pelo rei Nabucodonozor. Nessa primeira arrancada contra a cidade, muitos dos utensílios do templo também foram. Jeremias soube que alguns profetas estavam proclamando a breve volta de todos à sua terra. Notícia alviçareira para os pobres exilados! O verso 2 deste capítulo dá-nos uma relação incompleta dos que foram levados, e eram o que a nação tinha de melhor. Jeremias soube que a euforia era grande em Babilônia a propósito da próxima volta a Jerusalém. Como sabia que isso não era certo, deliberou escrever uma carta aos cativos. Foi um ato de coragem e ousadia, mas, para ele, o que interessava era o programa de Deus para o povo, e o resto eram apenas contingências. A fé no futuro que Deus tinha marcado para esta gente era o principal. Portanto, paciência na esperança, e não no desespero, nem na loucura, no suicídio ou na pressa de abreviar o que Deus não tinha decidido.

1. O Portador e o Conteúdo da Carta (29:1-7)

Eliasã, filho de Safã e outros, os quais Zedequias, rei de Judá, enviara a Babilônia, ao rei Nabucodonozor. Pelo visto, o rei mantinha relações com o governo de Babilônia e se interessava pela situação dos exilados. Não dispomos

de outras informações, mas essas nós ajudam a compreender a situação de modo geral.

O conteúdo da carta (vv. 4-7). Não deviam pensar em voltar em breve. Pelo contrário, deviam construir casas e morar, plantar pomares e comer dos frutos, casar e criar filhos, de maneira que não diminuíssem, e, sim, aumentassem. Deviam procurar a paz dos lugares para onde Deus os tinha desterrado, porque na paz das cidades estaria a sua paz também. Foi uma carta cordial e sensata, como tudo quanto um homem faz quando ajudado por Deus.

Cuidado com os falsos pregoeiros (vv. 8 e 9). Não deveriam dar ouvidos aos que pregavam a breve volta, porque isso era mentira. Antes tinham de se completar os anos destinados ao desterro, para que este produzisse os desejados efeitos na vida espiritual do povo. Se essa vontade de voltar se realizasse, então o fim visado no desterro não seria alcançado, e o que Deus desejava era curar o povo contra a rebeldia e a idolatria.

O tempo do cativo (vv. 10-14). Certamente que passados setenta anos... eu vos visitarei, e cumprirei sobre vós a minha boa palavra (v. 10). Estava assim marcado o tempo para os que lá estavam e para os que iriam mais tarde. Deus tem uma palavra de conforto, dizendo que ele é quem sabia os pensamentos a respeito deles, pensamentos de paz, e não de mal (v. 11). Cuidado! não deis ouvidos aos falsos pregoeiros, aos vossos sonhadores, que sempre sonham segundo o vosso desejo (v. 8). Então me invocareis, e ireis e orareis a mim, e eu vos ouvirei (v. 12). Era justamente o que Deus desejava. Isso feito, o povo seria ouvido, e a sua condição seria mudada. Voltariam todos à sua terra e continuariam a sua vida como antes nós bons tempos. Mesmo em Babilônia eu serei o mesmo, pois para mim não há distancia. Ficai quietos e sossegados, dizia mais a carta. Era uma mensagem de paz e de ordem, pois bem poderia acontecer que, levados pelos falsos agoureiros, se levantassem para voltar, e criariam, assim, problemas para o governo. Estamos em crer, tudo isto estava no pensamento divino. Pergunta-se também a razão de Jeremias não ser proibido de mandar esta carta. Não foi enviada em segredo porque os correios entre Babilônia e Jerusalém eram públicos e freqüentes. Nela há muitos elementos pessoais de Jeremias e de Javé. Portanto, a iniciativa não teria sido tomada pelo profeta, mas por Deus; logo, estava com boa defesa.

2. Os Falsos Profetas Falavam por Si Mesmos (29:8-20)

Nesta quadra difícil, Deus só tinha um profeta: Jeremias. Portanto, os de Babilônia não eram seus profetas. A carta não dá outras explicações. Volta a insistir que os que não foram levados para Babilônia vão ter um pedaço de vida bem pior do que aqueles que foram (vv. 17 e 18). A espada, a fome e finalmente o desterro os esperam, porque não quiseram dar ouvidos aos conselhos de Deus. Começando de madrugada, lhes enviei meus servos, os profetas (v. 19). Esta frase ocorre diversas vezes nessa epístola, para denotar o cuidado de Deus em salvar o povo, mas tudo debalde. Deus é paciente e ativo para fazer todo o bem; porém, quando o povo se rebela, não há nada que o faça mudar de rumo. O que nós causa certo constrangimento é saberem eles que parte de seus irmãos já estava no desterro, e o rei de Babilônia não tinha abandonado a idéia de voltar. Por que não mudava de conduta perante Deus? Possivelmente esta resposta está no fato já alegado muitas vezes, de que, enquanto Jeremias ameaçava com o castigo, outros afirmavam o contrário e, nessa confrontação de idéias, o povo não sabia quem falava a verdade. Todavia, eles deveriam saber que estavam errados na sua vida pública e religiosa. Não era possível que o ignorassem.

3. O Triste Fim dos Falsos Profetas (29:21-32)

Dois profetas falsos são mencionados nominalmente: Acabe, filho de Colaías, e Zedequias, filho de Maasséias, os quais seriam entregues na mão de Nabucodonozor, que os mataria publicamente, e assim ficaria provado que não eram profetas. A morte desses dois constituiria uma espécie de praga, um símbolo a todos os demais que tentassem enganar o povo. Este texto não é muito claro e não consta na LXX, embora a doutrina seja clara. A morte dos dois falsos profetas simbolizaria maldição entre os exilados, isto é, quando alguém quisesse defender-se de outrem, diria: O Senhor te fala como a Acabe e a Zedequias, que o rei matou publicamente e os assou no fogo (v. 22). Parece que o pecado desses homens não era o de enganar o povo apenas; havia outras culpas em suas vidas.

Porque fizeram insensatez em Israel, cometendo adultério com as mulheres de seus próximos (v. 23), e agora ainda se metem a profetizar mentiras. Assim já contamos três falsos profetas mortos: Hananias, Acabe e Zedequias. Agora era a vez do falso profeta Semaías.

Semaías, chamado o neelamita, mandou carta de Babilônia ao povo de Jerusalém e também a Sofonias, filho do sacerdote, e aos sacerdotes, dizendo: O Senhor te pós por sacerdote em lugar de Jeoiada, o sacerdote, para que fosses encarregado da casa do Senhor... (v. 26). Se punhas na prisão e no tronco a todo que queria passar por profeta, por que então permites que Jeremias esteja mandando cartas aos exilados de Babilônia, dizendo que o cativeiro vai ser muito longo? isso, porém, foi justamente o que Deus tinha dito a Jeremias, que escrevesse aos de Babilônia. A carta de Semaías foi lida por Sofonias, ao profeta Jeremias, e imediatamente veio a palavra do Senhor a Jeremias, dizendo: Manda dizer a todos os exilados: Assim diz o Senhor acerca de Semaías, o neelamita: Porquanto enviaste em teu próprio nome cartas a todo o povo que está em Jerusalém, como também a Sofonias (v. 25), e, além disso, profetizas falsamente ao povo e o fazes confiar em mentiras, tu e tua descendência não verão todo o bem que Deus tem para fazer ao seu povo (vv. 31 e 32). Pelo visto, a intriga entre os de Jerusalém e os desterrados era grande. Nós nem sabemos metade do que estaria acontecendo por detrás dos bastidores. Eram então os que estavam em Jerusalém, profetizando que Nabucodonozor não voltaria a atacar a cidade, e os de Babilônia, afirmando que em breve todos estariam de volta a suas casas. Quem poderia entender-se no

meio de toda essa intriga? Era o mundo da confusão, e Jeremias mal poderia manter-se de pé diante de tanta mentira e tumulto.

2ª PARTE - NARRATIVAS HISTÓRICAS SOBRE JUDÁ - UMA GRANDE BIOGRAFIA
(26:1-45:5)

CAPÍTULO X - HÁ UM FUTURO PARA O POVO DE DEUS (30:1-34:22)

Depois das sombrias perspectivas do capítulo anterior, surge agora, como uma estrela radiante no horizonte conturbado, a esperança de melhores dias e melhores eventos para o povo. O verso 11 do capítulo 29 já abria esta cortina, ao dizer: Eu bem sei os planos que estou projetando para vós, diz o Senhor; planos de paz, e não de mal, para vos dar um futuro e uma esperança. Todavia, essa promessa estava de permeio com tantas ameaças, que mal poderia ser notada. Era um fim e uma esperança. Aliás, no meio de muitas e sombrias admoestações, surgia, como luz bruxuleante no escuro da época, uma esperança, agora, como a luz meridiana do dia. Por isso, os três capítulos sobre esse assunto apresentam mudança quase brusca no teor das muitas advertências anteriores. Como tais promessas se poderiam realizar, à vista de

tantos trovões e relâmpagos, de tantas peripécias, como as descritas, só Deus mesmo saberia. Especialmente, os capítulos 32 e 33 foram escritos no décimo ano do reinado de Zedequias, justamente às vésperas de grande calamidade nacional. Jeremias está preso. A fome e a peste grassam na cidade. Os exércitos inimigos estão à vista e todo o ambiente é de calamidade, que vem sendo anunciada por anos seguidos. Como poderia, então, vir tal promessa de desafogo, de esperança e conforto? A resposta é esta: No meio de tudo e de todos os males, o povo de Judá era o povo de Deus. Portanto, acontecesse o que acontecesse, havia Um que poderia tornar o escuro, claro, e o imprevisível em coisa natural. Se ao menos o povo tivesse óbvio em sua mente que Deus era o Deus de Israel e cuidaria do que era seu, então essa mensagem seria como um corolário de tantas outras promessas agradáveis. Entretanto, o povo estava obtuso e entregue ao seu natural desespero. Quem sabe se não chegaria a atinar com o sentido de verdades tão promissoras? A história aí estava para provar que Deus pode fazer o impossível, assim como trouxe o povo através de um deserto de serpentes venenosas, de aridez e secura, para uma terra que manava leite e mel, poderia agora transformar o caos, em que o povo se encontrava, em um lugar feliz e ditoso. Esta história, porém, estaria já muito apagada da memória dessa gente, que não tinha livros à mão, nem professores amantes dessa história. Isso seria fácil para nós, mas não para eles. Os dias faustos de Salomão também estariam olvidados, pois até o sagrado templo fora convertido em antro de prostituição e culto aos astros. Tudo estava muito mudado, e o povo tem curta memória, diz-se.

Todavia, nós que conhecemos o teor das mensagens de Jeremias, o profeta da simpatia e da ternura, sabemos que o grande mal da hora vivida seria mudado para época de prazer nacional. Nós sabemos disso. Mas seria o povo capaz de aquilatar essa verdade? O tema total deste livro e deste capítulo é: Deus é magnânimo e misericordioso. Quando passar o temporal, voltará a ser o que sempre foi, a despeito da maldade dos homens. Ele não muda. Alteram-se os homens e as condições do momento, ele, porém, espera pacientemente que as condições sejam propícias para que volte a ser o que sempre foi. Depois do cativeiro, com as lições aprendidas, o povo regressaria à sua cidade devastada, em ruínas, mas um espírito novo a reconstruiria e a tornaria alegre como outrora. Recordamos aqui a experiência de Neemias e seus companheiros, que voltaram do cativeiro com mentalidade e capacidade novas e um desejo indômito de ver o que Deus tinha exigido do povo por intermédio do grande

líder Moisés. Assim, seria possível cumprir-se o pensamento divino: Eu bem sei dos planos que estou projetando... diz o Senhor; planos de paz, e não de mal (v. 11).

CAPÍTULO X - HÁ UM FUTURO PARA O POVO DE DEUS (30:1-34:22)

I. O LIVRO DA CONSOLAÇÃO (30:1-24)

Como, foi dito nas palavras introdutórias, este capítulo é como um oásis no deserto. Até nós, que escrevemos estas notas, nós sentimos desanuviados da impressão que nós causou o estudo dos capítulos anteriores, em que apenas pedidos de arrependimento e ameaças se fizeram ouvir. Agora vem um refrigério para a alma do crente judeu ou gentio.

I. O LIVRO DA CONSOLAÇÃO (30:1-24)

1. Deus Promete Restaurar o Seu Povo (30: 1-11)

A ida para o cativeiro estava decretada, e nada a poderia evitar, senão um arrependimento, que não houve. Entre a ida, com todos os problemas morais e religiosos, havia uma incógnita; mas a volta, assegurada pelo bondoso Deus, era uma promessa acalentadora. Deus manda o seu profeta escrever num livro tudo quanto havia dito (v. 2), pois dias viriam em que seria mudada a situação do povo de Israel e Judá. A promessa era para as duas partes da nação, porém a israelita não voltou. Muito antes de Judá ir para o cativeiro, foi o Israel do norte levado para as regiões da Média e Babilônia, e por lá ficou, porque, na volta de Babilônia, apenas os que puderam mostrar a sua nacionalidade judaica foram admitidos em a nova nação. Alguns, cujos registros não puderam ser encontrados, ficaram como "imundos", pois não conseguiram provar a sua cidadania judaica (ver Esdras, capítulos 8 e 10 e Neemias 11 e 12). Admiramo-nos como, no meio de tanta confusão, como a que ocorreu pela invasão de Nabucodonozor, os chefes tivessem tido o cuidado de guardar os livros dos registros de nascimento paterno.

A queda de Jerusalém, da cidade do Grande Rei, com o templo, onde por tantos anos o Senhor fora adorado, foi uma catástrofe, uma calamidade sem nome. Agora, cada qual fugia como podia, para não cair nas malhas da rede babilônica. Se tivessem ouvido o profeta, tudo isso seria evitado. O profeta, porém, estava só. O rei Zedequias o consultava, de vez em quando, mas não tinha coragem de tomar uma decisão, e se o chefe do governo era assim indeciso, o que esperar do povo? Foi uma angústia para Jacó (v. 7). Deus havia feito a sua boa parte, mas não encontrara apoio para salvar a cidade. O profeta escreveria tudo que Deus lhe ordenasse, pois fiel era ao seu Deus. Tudo quanto os faltos profetas tinham prometido estava agora provado ser inverídico, porém era tarde. Os homens andavam pelas ruas com as mãos na cintura, como a mulher antes de dar à luz, e os rostos eram pálidos de morte (v. 6). No meio de toda esta angústia, há uma promessa gloriosa: ... eu quebrarei o jugo de sobre o seu pescoço, e romperei as suas brochas. Nunca mais se servirão dele os estrangeiros (v. 8). A promessa vai até Davi, o seu rei que levantarei (v. 9). Naturalmente, Deus não está prometendo ressuscitar a Davi, para que o povo o

sirva, mas se refere à raiz de Davi, a surgir mais tarde. Vistas assim as coisas, só há um caminho agora: seguir para o cativeiro e esperar a promessa da restauração. Isso era já uma grande esperança, pois o cativeiro não era um fim, mas um modo de conduzir os negócios.

Havia uma doença incurável, ao que parece (30:12-24). Uma alusão à idolatria é aqui referida com a ilustração - Incurável é a tua fratura, e gravíssima a tua ferida (v. 12). Com efeito, a situação em Judá se apresentava como chaga incurável, pois, a despeito de tanto esforço por parte de Deus, o povo nunca lhe deu ouvidos. Era uma doença incurável. Os ídolos têm essa fascinação, como objetos visuais, para espíritos incultos e ansiosos pelas verdades invisíveis. A nossa experiência evangélica no Brasil nós mostra ser assim. O povo se agarra aos seus ídolos (santos), e só pelo poder do Espírito Santo consegue libertar-se dessa fascinação. Para o judaíta, só mesmo um remédio heróico como o cativeiro. Lá, uma terra diferente e distante, sem os apelos dos vizinhos cananeus, seria possível, como foi, a cura. Para consolar os quase cativos, Deus promete que todos os que os tinham despojado seriam igualmente desapossados e levados em cativeiro. Os filhos de Jacó seriam curados e devolvidos às suas terras, devidamente recuperados (v. 17). No meio da desgraça social e religiosa, surge uma luz de esperança, que só mesmo Deus pode produzir.

2. A Restauração É Certa e Segura (30:18-24)

A lição é como quem diz: "Vão, sigam o destino que vossos pecados merecem, mas estejam certos de que para trás fica a pátria, a ser recuperada." Então era enfrentar o castigo, como um pago a ser feito pela desobediência. Eis que

acabarei o cativo das tendas de Jacó, e apiedar-me-ei das suas moradas... (v. 18). Daqui até o fim do capítulo, a nota é sempre a restauração. É como a primavera, que, depois do inverno, faz brotar do chão as flores e as ervas escondidas. A cidade será reedificada sobre o montão de ruínas, e o palácio voltará a ser habitado. Depois, deles sairão ações de graças e louvores. Na volta com Zorobabel e Neemias foi isso que se viu. Os muros foram restaurados no meio de muita alegria, as casas voltaram a ser habitadas e uma ressurreição se apresentou. Deus cumpriu à risca as suas promessas. Os que voltaram eram mais do que os que foram, porque não seriam diminuídos, conquanto saibamos que muitos, muitos mesmo, não retornaram, porque não quiseram ou estavam ocupados em seus negócios rendosos. As grandes empresas comerciais não podiam ser desmanteladas. No entanto, os que ficaram deram de tudo, para os que voltaram, em ouro, prata e dinheiro. Nunca mais seriam dominados por estranhos. Os seus filhos brincariam nas ruas, como antigamente, e do seu meio surgiria o príncipe que os guiaria. Tudo que sabemos da história atual, isto é, de depois da volta, concorda exatamente com a promessa do profeta. Foi difícil a sua adaptação ao novo estado, pois de qualquer modo eram sujeitos aos reis da Pérsia, embora livres para se governarem. Nunca mais houve dominadores sobre eles, a não ser quando, mais tarde, caíram em poder dos romanos. Então vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus (v. 22). Era isto o que Javé sempre quis e não conseguiu: ser o Deus do povo e o povo ser do seu Deus. O que não foi possível por meios normais, conseguiu-se à custa do sofrimento. O príncipe que os governaria é, na opinião de muitos mestres, uma profecia do Príncipe divino. Pode ser. Também pode referir-se ao fato de que, depois do cativo, eles tiveram os seus príncipes, e um deles era o seu governador. Neemias foi comissionado por Artaxerxes como governador do povo. Veja-se que não foi nomeado um estranho, mas do seu próprio meio. Zorobabel, Esdras, Neemias e outros, até o tempo dos Macabeus, todos foram príncipes do povo.

Damos graças a Deus pela sua misericórdia em preservar este povo nos dias incertos e perigosos que estavam pela frente, pois que Nabucodonosor não iria viver para sempre. Seus substitutos seriam o que ninguém poderia esperar. Depois, com a queda do Império Babilônico, o que seria? A conclusão é que Deus está acima de tudo, tudo governa e está dentro dos seus eternos princípios.

CAPÍTULO X - HÁ UM FUTURO PARA O POVO DE DEUS (30:1-34:22)

II. COM A RESTAURAÇÃO HAVERÁ UM NOVO CONCERTO (31:1-40)

Tudo é claro e limpo agora. Não há sequer uma nuvem no horizonte nacional. Uma esponja fora passada na história, de maneira que nem a lembrança parece existir. Todo este capítulo é um hino à restauração que Deus iria operar no povo, tanto o do Norte como o do Sul. Naquele tempo, diz o Senhor, serei o Deus de todas as famílias de Israel, e elas serão o meu povo (v. 1). Na verdade, só as tribos do Sul voltaram e se estabeleceram na terra. Entretanto, a promessa era tanto para as do Norte como para as do Sul. Se as coisas ocorrem como foi profetizado, pouco importa. O que vale ressaltar aqui é que o perdão era para todos. As tribos do Norte foram dispersas muitos anos antes das do Sul, uns 136 anos, e dentro deste período, com a destruição do império ninivita, parece que a Diáspora tomou um caminho tão diferente, que a promessa não lhes aproveitou. Aceitemos a promessa tal como foi feita, e dos resultados não somos fiadores. Reconhecemos que, se as tribos do Norte voltassem às suas terras, um outro problema se criaria, problema que não desejamos descrever, pois a diferença entre as tribos do Norte e as do Sul era muito grande, e nem sabemos como se poderiam reunir outra vez. Pouco importam estas cogitações, pois o que vale é a promessa divina, que se cumpriu para os que quiseram voltar de suas terras da dispersão.

II. COM A RESTAURAÇÃO HAVERÁ UM NOVO CONCERTO (31:1-40)

1. O Povo Voltará Contente e Feliz do Cativoiro (31:1-22)

Sendo o Senhor Deus o Deus de todas as tribos, Efraim inclusive, a tribo líder dos tempos idos, então teriam tapado a brecha aberta pela loucura de Roboão e pelos pecados de Salomão, quando as dez tribos do Norte se afastaram da casa de Davi. Os versos 1-22 do capítulo 31 dizem respeito especialmente às tribos do Norte, os versos 23-26 relacionam-se mais com os do Reino do Sul. Há muita explicação para o fato de o Norte não ser restaurado e na volta do cativoiro só se falar em Judá e Jerusalém. Nós não vemos além das palavras oferecidas acima. Da parte de Deus, o que parece ressaltar é que o cisma causador de tantas aflições estava terminado e os efeitos danosos caíram no olvido. No plano divino estava a restauração do estado unido dos tempos de Davi e Salomão, pois nunca foi do agrado de Deus esta divisão, que só o pecado poderia ter causado. Ao escritor destas modestas notas, os pecados de Salomão são chaga negra na sua memória, e todos os seus triunfos e glórias são ofuscados pelos mesmos. Ele foi o grande culpado de tanto sangue derramado e de tanta aflição causada. Entregando-se às influências das suas mulheres, caiu na vil idolatria dos moabitas, amonitas, edomitas e outros (ver I Reis 11: 1-8).

Agora Deus esquece tudo que passou e deseja ver a união do seu povo, para que haja um só povo e um só Deus. De permeio com as incertezas do futuro, o que Deus promete ao povo de Israel é descanso, livre da espada e do deserto. Muitas explanações têm sido oferecidas a este verso, mas nós o interpretamos tal como ele é. Deus promete dar descanso ao Israel do Norte, como deu ao Israel do Sul. Todos eram povo de Israel. Lá, por onde eles andaram, nas terras da Ásia e da Europa, foram bênçãos. Muito antes de a mensagem do evangelho soar nessas paragens, já havia ecoado a palavra israelita até os confins da Europa. Antes de se conhecer a Espanha e Portugal, já os israelitas tinham implantado as suas comunidades religiosas, como padrão de vida comunal, no meio de povos totalmente incultos. Conta-se que, quando o arianismo do terceiro século cristão invadiu a Europa, encontrou nós israelitas um meio natural de expressão, pois o arianismo estava muito próximo do judaísmo quanto à natureza do Messias. Então, quem sabe, por lá, nessas distantes paragens, se cumpriu a promessa divina, num sentido diferente do que é prometido aqui. Sabemos que uma profecia nem sempre se cumpre no estilo

em que foi formulada, mas cumpre-se na maneira como Deus e a história a condicionam.

Uma restauração nacional, seja ela qual for, é sempre um motivo de euforia. Todo este trecho é um hino de glória e alegria pela salvação realizada. O povo do Norte, que não voltou em massa, também partilhou, da maneira que foi possível, desta alegria, e lá por onde muitos estavam por certo se alegraram com a volta dos seus irmãos do Sul. Os versos 7 e 8 são uma exaltação deste gozo. A frase, Salva, Senhor, o teu povo, o resto de Israel (v. 7), é suscetível de muitas interpretações, porque, segundo a LXX, o tempo do verbo é diferente. No texto hebraico o verbo está no imperativo, e na LXX está no pretérito. Acharmos que não faz muita diferença se dizer "salvou o seu povo" ou "salva o seu povo", visto como a idéia é mesmo de livrar. Na doutrina neotestamentária, a eleição futura era um fato perfeito e acabado, mesmo antes de ser efetuado. Para Deus não há perfeito nem passado: há ações. Quando esta bênção da restauração se efetuasse, velhos e moços, virgens e mulheres casadas converteriam o seu pranto (passado) em alegres cânticos (v. 13). Eis uma linda profecia.

Raquel é confortada (vv. 15-17). Ouviu-se um clamor em Ramá, lamentarão e choro amargo: Raquel chora a seus filhos, e não se deixa consolar a respeito deles (v. 15). Este verso parece deslocado no texto, mas está bem dentro do contexto. Raquel, a amada de Jacó,¹ na sua sepultura, sentiria a alegria da restauração dos seus filhos. O que o verso indica é a linda profecia que aconteceria nós dias de Jesus, quando o rei Herodes mandou matar todas as crianças abaixo de dois anos (Mat. 2:18), por haver sido enganado pelos reis magos do Oriente. Com o cântico de alegria dos cativos voltantes, o choro das mães que perderam seus filhos, mas em compensação receberiam o prazer da vinda do menino que foi causa involuntária desse choro. Como o profeta anteviu, este dia é coisa admirável. A dificuldade textual sobre Ramá, uma vilazinha a 8 quilômetros de Jerusalém, com a matança dos inocentes na cidade de Belém, não deve constituir surpresa, porque as profecias jogam com fatos que nem sempre se realizam tais quais previstos. Ramá é sinônimo de Belém.

Este choro devia ser reprimido porque os filhos mortos teriam uma recompensa: os filhos desterrados voltariam à casa paterna, havendo, pois, futuro mesmo na morte. Isso vale por dizer que nem tudo estava perdido. Com Deus é assim: o que parece perdido volta a achar-se, e o que está morto volta a reviver. A restauração de Judá é bem uma volta da morte para a vida.

Efraim arrepende-se e chora (vv. 18-22). Efraim, a tribo líder do Norte, a mais forte e notável de todas, é aqui simbolizada por todas as demais. Esta tribo se queixava do peso da culpa ou do castigo, afirmando que tinha sido castigada como novilho novo, ainda não desmamado. Pede então a Deus que a converta, porque só Deus o poderia fazer. Se se converter, se arrependerá e voltará batendo no peito mea culpa. Esta linguagem é meio parabólica, pois Deus não converte ninguém. Cada qual se converte por si mesmo. Mas Deus concorda que Efraim é seu precioso filho, filho das suas delícias, e tantas vezes falou contra ele como outras tantas se condeou dele (v. 20). Por todo o tempo que andar errante será um peso para Deus, que o ama. É uma linda profecia da situação das tribos do Norte, dispersas por terras jamais conhecidas, como gente perdida, sem Deus e sem pátria. Como temos visto, o exílio das tribos do Norte foi um desterro sem fim, pois jamais voltaram a suas terras, perdendo-se no Império Ninivita, depois no Império Persa, até aos tempos dos romanos, quando os vamos encontrar em Éfeso, Roma e por todos os cantos do mundo antigo. Eles se perderam para a sua terra, mas foram achados em terras de outros povos, a quem serviram com o seu monoteísmo, a sua cultura e religião. Quaisquer que fossem as suas condições sociais na Palestina, fora dali eram superiores, em muitos sentidos, a outros povos. Em contato com a cultura grega e depois romana, foram sempre elementos de elevação social. Agarrados à sua religião, nem os apelos dos apóstolos, mais tarde, podiam demovê-los para mudarem. Não sabemos que pensamentos Deus tinha para eles, mas o certo é que nunca foram esquecidos. A linguagem do verso 22 nós mostra que, mesmo andando errantes, eram motivo de queixa para Javé, pois na sua terra coisas novas haviam sido criadas. Não voltaram à sua terra, mas deram grande contribuição à terra estranha. Põe-te marcos (v. 21), isto é, balizas para os exilados que voltarem. A mulher infiel virá a requestar um homem (v. 22). Não sabemos a que se refere esta afirmativa. Talvez seja um aforismo, cujo sentido se perdeu.

2. Judá Sempre Será Bendito (31:23-28)

A compaixão de Javé é para todos os seus filhos, como um pai amoroso, mas o filho predileto é Judá. Por quê? Ainda dirão esta palavra na terra de Judá, e nas suas cidades, quando eu acabar o seu cativeiro: O SENHOR TE ABENÇOE, ó MORADA DE JUSTIÇA, ó MONTE DE SANTIDADE! (v. 23). Como se fosse um sonho todo o passado negro dessa tribo, na sua volta, Judá seria considerada "terra de justiça". É admirável como Deus esquece as faltas do seu povo e volta a tratá-lo como se tivesse sido sempre fiel e obediente. Ele é Deus, e, como tal, perdoador, misericordioso. Nessa cidade voltarão a residir os seus moradores, os trabalhadores e os que pastoreiam rebanhos. Será cidade pára todos, porque viverão calma e pacificamente. Nada como a paz, onde Deus é o Senhor. Nada disso se vê entre as nações pagãs, que saem de uma crise, para entrar noutra. Parece mesmo que Javé como que acordou de um pesadelo (v. 26). Depois da tragédia, Javé volta a falar sobre o que vai fazer após o castigo ou a disciplina. Vai recrear tudo. Como foi severo para castigar, para destruir, voltará a edificar e a plantar. Deus não é Deus de destruição, mas de construção, mesmo que para conseguir isso tenha de tomar medidas severas, como as que usou, mandando o seu povo para terra estranha, para deuses estrangeiros, já que tanto gostavam desses deuses. Naquele dia não se diria mais: os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram. Cada um seria morto pela sua iniquidade (31:29,30). A doutrina da solidariedade humana ou coletiva, muito forte naqueles dias, iria mudar. Ezequiel mais tarde apresentou a mesma doutrina (Ez. 18:1, 2). Chegaria o tempo em que cada um pagaria pelo seu pecado, e não pela nação. Só Cristo pagou por todos. Fora disso, cada um paga pela sua própria falta. A nação hebraica estava toda debaixo de um concerto, e o pecado de um afetava o todo, como aconteceu no caso de Acã (Jos. 7:19). De certo ponto de vista, o princípio de coletividade ainda existe, porquanto o Concerto, ou Aliança, fora feito com a nação, e não com um indivíduo, se bem que, no decurso do tempo, esta doutrina perdesse o sentido de coletividade. Como povo do Concerto, ainda os hebreus estão debaixo da sua lei, e todos estão sofrendo as mesmas penas. Quando o Messias voltar e for aceito pela nação, então será salva, como nós ensina o apóstolo Paulo (Rom. 11:25-27). Não sabemos quantos estariam contra o estado de coisas que se passava em Judá antes do cativeiro. Se havia alguns, foram igualmente cativos, porque essa era a situação de

responsabilidade coletiva. Não obstante esta responsabilidade coletiva - um por todos e todos por um.

III. VAI HAVER UM NOVO CONCERTO (31:31-40)

É fácil de ver que um concerto coletivo, em que muitos, senão a maioria, nem tomariam conhecimento do ocorrido, não iria dar os resultados esperados. Agora, o profeta vislumbra um outro concerto, um concerto individual, que operaria de dentro para fora. Este seria um concerto escrito no coração e na mente, e não como o Concerto feito com os pais no dia em que os tirou da terra do Egito (v. 31). Este Concerto foi violado constantemente, porque, se um grupo era fiel, o outro não o era, e desta forma o Concerto estava quebrado. Nesse tempo, isto é, do novo Concerto, um não ensinaria o outro, dizendo: Conhece ao Senhor (v. 34), porque cada um conheceria o Senhor e o adoraria. O Deus dessa nação se "convenceu" de que um concerto coletivo não operava, e as misericórdias divinas também não; portanto, o caos era contínuo. Agora não. Com um concerto escrito no coração e na mente, cada qual conheceria o Senhor e o adoraria. Esta é, sem dúvida, uma visão do Novo Testamento, quando um Concerto seria feito para todo o mundo, e cada qual o aceitaria ou rejeitaria. Era a doutrina do individualismo. Em Cristo é assim. Ele fez um Concerto único e final com a raça humana, e ninguém fica de fora. Todavia, aceitá-lo ou não é coisa individual. Quando Jesus proclamou o amor de Deus a

todo o mundo, declarou que iria fazer um concerto com o mundo; e quando bebeu o cálice na ceia, disse que aquele vinho era o símbolo do novo Concerto no derramamento do seu sangue precioso. Se Jeremias compreendeu o alcance da nova doutrina, não podemos afirmar, porque recebia a mensagem e a proclamava. Estamos certos, porém, de que entendia estar o velho Concerto arruinado. De qualquer forma, o futuro do Messias está aqui preconizado, e igualmente assegurada uma nova situação. Esta, proclamada na seção anterior, é aqui reafirmada de modo irretorquível. Se falhar a luz do sol para alumiar o dia, a da lua e a das estrelas, e pararem as leis que agitam as ondas do mar, então falhará a nova aliança e a descendência de Israel deixará de ser uma nação diante de Deus. Tão certo como todas as leis que regem os corpos celestes são firmes e inabaláveis, e as que governam a vida na terra, também seria imutável a aliança que Deus iria fazer com o seu povo (31:35-37). Portanto, assim como o Grande Deus sustenta este universo, dentro das suas leis imutáveis, igualmente seria sustentado o novo Israel, como nação diante de Deus. Essa promessa divina tem sido cumprida literalmente, A nação tem passado por muitas peripécias e sofrimentos; todavia, aí está, firme como o sol no firmamento, e, haja o que houver, não será destruída. Justamente nesta hora se decide o destino de Israel na sua velha pátria, que para muitos é pátria nova. Os árabes querem a sua destruição e a Rússia os apoiaria. Entretanto, há uma outra grande potência, que os garante. Então, veja-se como Deus conduz a história: para estes dias, criou a América do Norte para enfrentar a Rússia; e se uma deseja a destruição dos judeus, a outra quer garanti-los e vai consegui-lo. Os altos e baixos dos entendimentos que atualmente se processam e os fatos que surgem, inclusive o boicote do petróleo pelas nações árabes, tudo isso, e muito mais que aparecer, não irá destruir a pequena nação, que representa o Israel dessa promessa. Que eles têm pago caro por seus pecados, isso é certo. Entretanto, o Concerto com o Deus é válido até o fim. Se os israelitas fossem destruímos, o livro do Apocalipse estaria anulado e sem sentido. O Novo Testamento também. Deus é quem garante a situação, e ele pode fazê-lo. Tem poderes para tanto. Conforme o Concerto.

1. Com o Novo Concerto, uma Nova Jerusalém (31:38-40)

Neemias seria o reconstrutor da cidade, passaria o cordel por todos os lados, e tudo considerado imundo, como o vale do filho de Hinom, onde eram despejados os dejetos, seria purificado, e a cidade seria santa ao Senhor. Leiamos o capítulo 3 do livro de Neemias, para termos uma idéia do que o profeta Jeremias anuncia aqui. Depois de retificada e purificada a cidade, jamais seria destruída. Um pouco da história nós convence que esta promessa tem sido válida através de 2.500 anos. Os romanos derribaram o templo, porque era o centro da vida israelita, mas não destruíram a cidade. Por todos os séculos posteriores a cidade passou de mão em mão - como sabemos, turcos, árabes e outros ali dominaram - porém jamais foi destruída. Ela é chamada a cidade do Grande Rei e é ali que Jesus, segundo a interpretação pré-milenista, vai reinar por mil anos. Nestes dias se discute quem vai ficar com ela. Por 2.000 anos passou de mão em mão. Em 1948, por decisão das Nações Unidas, uma parte foi entregue aos israelitas, ficando a outra parte com os muçulmanos. Na guerra de 1967 os judeus tomaram a cidade e lá têm estado até ao dia em que estas notas são escritas. Vai haver um tratado de paz entre judeus e árabes. A discussão sobre o destino da cidade não pode ser agora descrita, mas os judeus lá ficarão em toda ela, ou em parte, e de qualquer maneira, a cidade não será atacada. Ela representa as três grandes religiões monoteístas: islâmica, católica e judaica. Todos têm interesse em preservar a cidade, como Jeremias declarou (v. 40). Bendito seja o nome de Deus, cumpridor do que promete através de séculos ou de milênios. Quando o Cristo triunfante voltar, como prometeu, a cidade será sua e lá reinará pelos séculos sem fim. A promessa de Jeremias não entra na eternidade, mas na história.

IV. ANALOGIAS E COMPARAÇÕES - COMPROMISSO AUDACIOSO (32:1-44)

Os capítulos 32 e 33 estão datados como pertencentes ao reinado de Zedequias, um pouco antes da destruição da cidade de Jerusalém. Segundo a opinião de Young, a compra de uma propriedade em Anatote, pelo profeta Jeremias, do seu primo Hanamel, era prova de que a cidade voltaria a ser habitada. Corria também o décimo oitavo ano de Nabucodonozor (v. 1). Não obstante as trevas que circundavam a cidade, o profeta mantém a sua calma e otimismo, como se tudo estivesse navegando no meio de um mar de rosas. É que, para quem vê as coisas através dos olhos de Deus, tudo é brilhante, mesmo se ao redor as trevas sejam espessas. Cronologicamente, esses dois capítulos deveriam vir depois dos 37 e 38, em cuja quadra histórica se enquadram perfeitamente. A ordem em que se encontram diversos capítulos deste livro não é rigorosamente cronológica, isto já temos notado por vezes. Também a história não sofre por causa dessas anomalias cronológicas. A doutrina deste capítulo pode ser dividida em duas partes. A primeira destaca a obra do profeta de Deus, e a segunda, a obra de Deus mesmo.

1. Só Jeremias É o Profeta de Deus (32:1-15)

Neste tempo o exército de Nabucodonozor cercava a cidade, é o profeta Jeremias estava preso no pátio da guarda, na casa do rei (v. 2). A prisão foi ordenada por Zedequias devido às afirmativas do profeta de que a cidade não seria poupada. O profeta era considerado inimigo da cidade e pró-Babilônia. A mensagem de Jeremias era, de fato, um atentado ao bom senso real e popular, porém não era sua, e, sim, de Deus. Portanto, era a Deus que o rei deveria ouvir, para ter uma certeza do que estava em curso. Nessas ocasiões sempre falha o bom senso e só fala o interesse pessoal. Foi a desgraça do rei e do povo. A sentença era: (1) a cidade seria tomada; (2) Zedequias seria entregue na mão do rei de Babilônia; (3) e com ele falaria boca a boca, em colóquio pessoal. Infelizmente, não foi isso apenas. Zedequias seria levado para Babilônia e lá morreria (vv. 3-5).

Nos versos 6-15 lemos do otimismo de Jeremias, pois Deus havia resolvido deixar um resíduo em Jerusalém para provar que ainda haveria esperança. Para ratificar esse fato, Hanamel, filho do seu tio Salum, viria ao profeta, dizendo: Compra o meu campo que está em Anatote, na terra de Benjamim (v. 8). Ao profeta pertencia o direito de compra e de resgate. O profeta entendeu que isso vinha do Senhor e não teve dúvida em obedecer. Hanamel visitou o profeta no pátio da guarda e lhe propôs o negócio, que ele aceitou e pagou à vista, dezessete siclos de prata. Foi feita a escritura com testemunhas, e, devidamente selada, a guardou. Jeremias não teria entendido tudo que esta transação significava, mas, se ainda se comprava e vendia, era porque não havia chegado o fim. Não havendo dinheiro cunhado, foi este pesado na balança. (v. 10). A escritura foi selada de acordo com a lei, e esta e a cópia foram entregues a Baruque. Toda a transação, que ocupa os versos 10-15, constitui prova de que ainda se vendia e comprava na cidade sitiada. Os documentos seriam guardados num vaso de barro para resistirem ao tempo. Pelo teor da transação somos informados de que os procedimentos legais de Judá tinham atingido um alto grau de perfeição e segurança, pois, além do registro em livro próprio, com assinatura das testemunhas, havia um traslado ou cópia. Essa transação teve três lances. O primeiro abrangia Deus e seu profeta Jeremias (vv. 6 e 7); o segundo, Hanamel e Jeremias (vv. 8-10); e o terceiro, Baruque, o secretário de Jeremias (vv. 11-15). Linda transação e ainda mais linda profecia. Os leitores destas notas já sabem que Jeremias era natural de Anatote, e a vinda de Hanamel, para lhe oferecer a venda da propriedade, estava calcada nos princípios antigos de que qualquer fazenda só poderia ser vendida ao parente

mais próximo (ver o caso de Rute e Boaz). Claramente esta compra era profética, como diz o texto: Ainda se comprarão casas, e campos, e vinhas nesta terra (v. 15). Às vésperas da grande tragédia, ainda se ouve a promessa divina da preservação da cidade e dos seus campos. Nada como a confiança no Deus onipotente, que do caos pode trazer a vida, e das trevas, a luz. Conta-se que, quando Anibal cercava Roma, na célebre contenda Roma-Cartago, o lugar onde acampava o exército cartaginês foi vendido pelo mais alto preço que se poderia esperar. Era uma esperança de que os cartagineses não ficariam ali. Da mesma forma, os babilônios não ficariam para sempre em Jerusalém.

2. Jeremias Pede Informações a Deus (32:16-25)

Jeremias, depois de assinada a escritura da compra e venda da propriedade, ficou muito apreensivo com o significado de tudo aquilo, pois lhe parecia estranho que, estando a cidade sitiada e em vias de destruição, ainda se comprasse e vendesse. Então dirigiu a sua oração a Deus, constante dos versos 17-25. Na primeira parte, indaga, do Deus Criador dos céus e da terra, sobre o que tudo aquilo significava. Depois inquire do destino do povo que havia tirado do Egito e colocado naquela terra. Então canta um hino de glória à grandeza de Deus (vv. 18-20), o Deus que tudo pode, tudo governa, e deseja saber o que irá fazer com esta gente agora na iminência da destruição. E lhes deste esta terra, que juraste a seus pais (v. 22), terra em que tem morado o prosperado, se bem que agora tudo pareça entregue à desolação. isso, diz o profeta, porque não

guardaram a tua Aliança e tudo que lhes mandaste que fizessem (v. 23). Eis aqui entrincheirados os exércitos inimigos, e a cidade está para ser tomada. Tudo voltará ao nada como era antes. Não obstante, tu me disseste: Compra-te o campo por dinheiro, e chama testemunhas, embora a cidade já esteja dada na mão dos caldeus (v. 25). Posta esta oração noutra linguagem, se diria: por que comprar e vender, quando tudo já está na mão do inimigo? isso parece mais uma parábola que outra coisa. Esta terra vai virar escombros e um deserto, portanto, qualquer transação será de nenhum valor. Era uma oração de desespero e desengano. O próprio profeta não podia entender o sentido daquela transação, embora clara como lição de que, apesar do presente caótico, a terra e a cidade ainda voltariam a ser povoadas e possuídas. 3. Deus Responde ao Seu Profeta (32:26-44).

A lição era: Eis que eu sou o Senhor, o Deus de toda a carne; acaso há alguma coisa demasiado difícil para mim? (v. 27). O profeta não devia desesperar dos resultados finais. O mal tinha prosperado tanto, o povo se rebelara tantas vezes, que não havia agora outro jeito, senão destruir tudo, para poder começar de novo mais tarde e com outra gente. Os povos vivem uns dos outros, e cada geração lança as raízes em que a próxima se vai apoiar. Esta geração estava de todo deteriorada. Era necessário destruí-la, embora isso não fosse o fim, diria o Senhor, em outras palavras. É certo que os caldeus tomarão a cidade e a destruirão, mas outra cidade nascerá das cinzas e a vida voltará como dantes. Por causa de toda a maldade dos filhos de Israel e dos filhos de Judá, que fizeram para me provocarem à ira (v. 32), tudo isso vai acontecer, mas não será o fim. Como as coisas estão, diz o Senhor, para que manter uma cidade como esta e um povo rebelde? As suas abominações aí estão: Também edificaram os altos de Baal, que estão no vale do filho de Hinom, para fazerem passar seus filhos e suas filhas pelo fogo a Moloque; o que nunca lhes ordenei... (v. 35), diz o Senhor. Portanto, tudo que aí está deve ser destruído e eu depois os congregarei de novo, de todas as terras para onde os lancei, e tornarei a trazê-los a este lugar, e farei que nele habitem em segurança (v. 37). Continuará o Senhor: Esta gente será destruída, mas da sua semente eu farei outro povo. E lhes darei um só coração, e um só caminho, para que me temam para sempre, para seu bem e o bem de seus filhos, depois deles (v. 39). É a renovação de outro Concerto já prometido antes. E farei com eles um pacto eterno de não me desviar de fazer-lhes o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim (v. 40). Alegrame-ei por causa deles, fazendo-lhes o

bem; e os plantarei nesta terra, com toda a fidelidade do meu coração e da minha alma (v.41). Os comentadores entendem que um concerto nestes termos se cumpriu quando Jesus veio e plantou a sua lei no coração e se alegrou nos resultados da sua morte vicária. Realmente parece que assim é, porque mesmo depois da volta de Babilônia, as coisas se passaram como preditas aqui. A nação israelita não era um fim em si mesma. Era um começo, uma promessa, e, tanto quanto todo o cerimonial do tabernáculo e depois do templo apontavam para o Calvário, assim a nação mesma era uma profecia de tudo que haveria de acontecer no devido tempo. O que Deus diz que iria acontecer, só mesmo com um coração novo e um espírito novo. A nação, e tudo quanto significava, era uma sombra de coisas melhores no futuro. Nós temos de entender esta resposta de Deus ao profeta nestes termos. Tal como o grão de trigo só pode ser colhido depois da sementeira na terra, assim tudo o que Cristo havia de trazer ao mundo só seria possível depois da experiência com o povo eleito. Portanto, ainda comprarão campos por dinheiro, assinarão escrituras e as selarão, e chamarão testemunhas, na terra de Benjamim, e nos lugares ao redor de Jerusalém, e nas cidades de Judá (v. 44). O profeta talvez fosse desse modo confortado, porém o texto nada diz a respeito. Entendemos que Deus disse tudo quanto tinha a dizer, já tendo feito essas declarações noutras ocasiões. As maldades do povo haviam atingido o limite da paciência e tolerância, exigiam pago por todas elas, apesar de isso não ser o fim. Esta semente maligna iria dar bons frutos mais tarde, quando eles estivessem curados de todos os vícios da idolatria e da corrupção social e voltassem com outro coração, como voltaram, para tudo começar de novo.

De qualquer modo, temos nossas dúvidas se o profeta Jeremias teria o espírito bastante lúcido, capaz de entender tanta coisa boa no meio de tanta ruína. Nós só por meio da imaginação seremos capazes de compreender que do nada Deus pode tirar um universo, como fez no princípio, e já estamos tão familiarizados com estas verdades que elas se nos apresentam como coisas normais. Um profeta, porém, ou qualquer estadista daqueles tempos, não teria esta capacidade cultural para tal compreensão. Para entendermos bem os termos dos versos 38-40, só voltando a Neemias, que nós dá uma descrição das muralhas, que reconstruiu com os seus homens em poucos meses. A nós não nos parece conveniente analisarmos a posição dessas portadas. Mesmo alguns de seus nomes se perderam através dos anos e séculos. A arqueologia tomou a seu cargo a tarefa de investigar as muralhas de Neemias, e com isso muito fato

novo veio à luz, coisas até escondidas dos judaítas. Verificou-se, por exemplo, que a Igreja da Crucificação, o suposto lugar onde Jesus foi crucificado, está dentro dessas muralhas. Ora, os judeus não podiam crucificar ninguém dentro dos limites da cidade; somente fora. Portanto, a igreja foi construída num lugar errado. Crê-se que Constantino, o Grande, pediu à sua mãe que fosse a Jerusalém investigar os lugares sagrados, para que neles fossem erguidos templos. Ela se desincumbiu da melhor maneira possível, mas algumas informações que recebeu quanto aos lugares estavam erradas. Já se haviam passado mais de três séculos. Na Igreja da Crucificação ainda se conserva o suposto lugar onde a cruz teria sido levantada. Em face, porém, da conclusão da arqueologia, esta igreja não foi ereta no lugar desejado. Pessoalmente me foi mostrado o buraco, num dos altares onde teria sido levantada a cruz, mas não aceitei as informações que o cicerone me deu. Outros lugares igualmente estarão errados. A arqueologia ainda não terminou a sua tarefa, se bem que muitos lugares mencionados em Neemias já foram identificados. Quanto ao outeiro de Garebe, ainda permanecem dúvidas. A Porta dos Cavalos e Cedrom estão perfeitamente reconhecidos. O que Deus disse ao seu povo foi que toda a cidade, como era conhecida nós seus dias, seria novamente reedificada, e os campos fora da cidade voltariam a ser cultivados. Ainda se lavrariam escrituras e seriam seladas e fechadas, e isso era prova de que Deus voltaria a trazer o seu povo da longíssima Pérsia, para o colocar novamente na terra prometida. A contenda atual entre árabes e judeus, quanto ao direito de posse dessas terras, é uma luta inglória e anti-histórica. Se o Velho Testamento valesse para esses povos, creio, haveria uma acomodação mais fácil e menos custosa.

V. REAFIRMAÇÃO DIVINA DA RESTAURAÇÃO DA CIDADE (33:1-26)

Este capítulo continua a reafirmar os dizeres do anterior, quanto à reconstrução da Cidade Santa e da possibilidade de o povo, agora expulso, voltar a seus domínios. Há certas dúvidas quanto a uma pequena parte deste capítulo (vv. 14-26), supondo alguns comentadores haja sido um acréscimo feito posteriormente, embora não concordemos com essa posição, por tais versos não constarem na LXX. Este trecho está dentro do contexto de outras promessas e está de acordo com diversas profecias de Isaias e de Jeremias mesmo (23:5,6). A promessa messiânica estava tomando corpo e se aproximando cada vez mais do seu cumprimento, e dita promessa se enquadra perfeitamente dentro das promessas de restauração da nacionalidade. Com esta promessa concorda Isaias capítulo 60.

V. REAFIRMAÇÃO DIVINA DA RESTAURAÇÃO DA CIDADE (33:1-26)

1. Deus Promete a Restauração do Povo e do País (33:1-8)

Jeremias continuava preso por ordem de Zedequias devido à sua coragem em declarar que a cidade seria tomada, e o povo, levado cativo para o estrangeiro. Conforme as normas comuns do convívio humano, Jeremias não deveria repetir o que já antes havia dito, mas o profeta tinha uma mensagem de Deus e era esta que interessava para o povo e as autoridades. Tudo estava na dependência da situação espiritual e moral do povo, e o que Jeremias afirma aqui e mais adiante é que, passada a ira divina, tudo voltaria ao que era antes. Deus mesmo reconhece que o profeta não sabia de tudo que iria acontecer, e então pede que este indague e ele lhe responderá: Clama a mim, e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes (v. 3).

A mensagem era de contraste. Daqui a pouco as ruas estariam desertas e as casas arruinadas, como de fato aconteceu. Todavia, isso não era o fim. Era o princípio de uma nova fase de vida, que o povo e mesmo o profeta não seriam capazes de entender. Quem poderia, com olhos materiais, compreender que uma cidade cheia de cadáveres, ruínas, destroços por toda parte poderia ainda ser habitada e ficar em condições (deduzindo do verso 6) melhores do que as de então? A cidade seria curada das suas feridas profundas e habitada por gente de saúde de espírito e com ânimo novo. Não nós fatigamos de voltar em pensamento aos dias de Esdras e Neemias, quando, ao voltarem do cativeiro, encontraram destroços por toda parte, mato, animais selvagens, ruínas e mais ruínas. Pois era dessas ruínas que, Deus estava dizendo ao profeta, levantaria uma cidade nova e segura, uma cidade como havia sido ao princípio. O povo seria purificado dos seus males espirituais e morais, e as iniquidades com que pecaram contra o seu Deus teriam sido esquecidas. Só Deus mesmo pode fazer tais coisas: esquecer tanta maldade, tanta iniquidade, praticada diante da revelação que o povo já tinha à luz dos ensinamentos dos profetas, tudo contra a sua história, pois esta gente não poderia estar totalmente esquecida dos dias de Salomão, de Asa, e mais recentemente de Joás. Deveria ter visto como Deus respondia aos esforços no sentido de melhorar. Não compreendemos esta história. Ou o povo não tinha memória, ou o Diabo havia tomado conta das mentes dos dirigentes nacionais, para que então se tornassem apóstatas e incrédulos, ao ponto de pegarem o seu amoroso profeta e o meterem numa das mais imundas enxovias da cidade. Fatos que a mente humana não compreende.

2. A Restauração É Certa e Segura (33:9-13)

Há muitas repetições de ensinamentos antes ministrados. Este é o estilo bíblico. Parece que o povo era duro de entendimento, e então era necessário dizer e repetir. Deus está falando a respeito do que os judeus diriam depois da destruição, quando a cidade estivesse desolada, feita um deserto, sem homens e sem animais. A dita cidade seria reconstruída, e a voz de júbilo e alegria voltaria a dominar nela (v. 11). A voz de noivo e de noiva, essas realizações tão alegres numa sociedade normal, ainda voltariam, como havia sido antes. Por tudo devia o povo render graças ao Senhor dos exércitos, porque bom é o Senhor, porque a sua benignidade dura para sempre (v. 11). Pois só mesmo pela misericórdia divina tal ressurreição poderia ter lugar. A história que se conhece é: uma vez arruinada uma cidade, assim fica para sempre. Perguntamos: Onde estão Nínive, Babilônia e as grandes cidades da antiga Pérsia? Onde estão? Na poeira. Outras civilizações vieram, porém as velhas cidades ficaram sepultadas para sempre, porquanto não tinham um Deus perdoador e misericordioso. Um turista passa hoje pelas ruas de Jerusalém, pelo palácio de Herodes, e não vê nem as cicatrizes da destruição antiga. Tudo foi renovado. Séculos têm passado sobre a cidade, milênios mesmo, e lá está ela com as suas ruelas estreitas, à moda da antigüidade. Um atestado da bondade de Deus. Não apenas a cidade, mas objetos jamais imaginados, especialmente com a vinda do Rei Ideal, que estava para chegar a Jerusalém e iria ver quadros jamais sonhados, jamais pensados. Viu, é certo, muito sofrimento de permeio. Qual será, no entanto, a cidade de uma história de 3.000 anos que pode contar o que Jerusalém narra? Nenhuma. Nem a velha Roma ou Atenas podem contar coisas que tais. O que nós conforta é o senhorio que Deus tem sobre a história. Um rei poderoso, truculento, levou o povo para a Babilônia. Depois se levantou outro rei, com espírito diferente, a quem Deus mesmo chama de seu servo, e devolveu o povo à sua terra, aos seus costumes e ainda lhes daria recursos e meios de se implantarem de novo na terra. Como se pode chamar isso? O SENHOR COMANDA A HISTÓRIA. É bom lembrar que, depois de 2.000 anos espalhados pelos quatro cantos do mundo, no fim dos tempos eles pensaram em retornar a Jerusalém. Voltaram. A que custo? Barcos cheios de refugiados da Alemanha apartavam em Jafa, e as canhoneiras inglesas, encarregadas de vigiar a costa, afundaram muitos, embora alguns conseguissem chegar à terra. Como? isso é outra história. A passagem, de certo ponto para o Monte Sião, só era possível por meio de um cabo de aço,

preso nas duas extremidades. Por aquele cabo passaram centenas de hebreus, sobre um abismo de centenas de metros. A ânsia de voltar à sua terra fez milagres. Vieram reconstruir a sua cidade, em poder dos pagãos por milênios. Lembremos as Cruzadas para a libertação da Cidade Santa. Que odisséias, que tragédias, mas isso estava fora do tempo, que é agora chegado.

3. A Restauração do Reino Davídico com Outras Bênçãos (33:14-26)

A velha e admirável promessa da vinda do sucessor do rei Davi repete-se aqui, numa linguagem que não deixa qualquer dúvida a quem quer apenas a verdade e nada mais: Eis que Vêm os dias, diz o Senhor, em que cumprirei a boa palavra Que falei acerca da casa de Israel e acerca da casa de Judá (v. 14). Esta promessa já foi feita em 23:5,6, e em Isaias 11:1; 53:2; 60:21; Zac. 3:5 e outras refs. Tudo quanto de lindo e bom Deus havia prometido estava restrito à vinda deste REBENTO, porque só ele seria capaz de dar ao povo um coração novo e uma mente nova. As promessas anteriores de justiça e felicidade só seriam possíveis pela vinda deste Rei. Jerusalém passaria a chamar-se: O SENHOR É NOSSA JUSTIÇA (v. 16). A restauração do trono de Davi seria efetuada, o cerimonial levítico voltaria ao seu primeiro esplendor. Isto tudo está dentro dos limites do Concerto feito com o povo (v. 20). Concerto rompido pelo mesmo povo, mas mantido por Javé, fiel em sua palavra. Uma promessa destas basta para apagar as lutas e sofrimentos do passado, e fazer pensar em coisas novas,

pois que a volta do trono de Davi era a suprema aspiração da nacionalidade. Os reis que lhe sucederam, com exceção talvez de Salomão, foram, na sua maioria, incrédulos e incapazes de darem ao povo aquele brilho e segurança que Davi lhe deu. É bem verdade, num sentido restrito, esta promessa só foi cumprida nos dias gloriosos de Jesus Cristo, e é para estes dias que a promessa aponta, mesmo que tenha uma aplicação relativa aos dias depois da volta de Babilônia. A promessa é de tal natureza firme e final que Deus chega ao ponto de dizer que se alguém puder invalidar a sua Aliança com o dia e com a noite, isto é, mudar o ciclo de rotação da terra, então poderá alterar esta promessa (vv. 20 e 21). Assim como não se pode contar a areia que está nas praias do mar, nem o exército dos céus, tornaria incontável a descendência de Davi. Os sacerdotes e os levitas, por igual, voltariam a ministrar diante do Senhor, como nos dias de Davi e Salomão, com aquele esplendor tão conhecido. O profeta é advertido por Deus a não dar atenção ao que o povo diz, porque este povo fora rejeitado, e a seus olhos não era mais povo de Deus (v. 24). De tal modo se havia comportado, que, perante Deus, ele mesmo lá se reconhecia povo rejeitado e desprezado. Todavia, essa rejeição não era perpétua. Eterna era a Aliança que o povo tinha quebrado e que Deus promete manter, com a mesma segurança com que ele mantém as leis que governam o dia e a noite (v. 25). Tanto quanto estas leis permanecem fixas e seguras para sempre, do mesmo modo ficará segura e garantida para sempre a promessa feita à descendência de Abraão, Isaque e Jacó. Deus lhe restaurará a sorte, de modo que, tudo quanto se via naquele momento seria até esquecido.

Jesus Cristo é a geração e a raiz de Davi (Apoc. 22:16), a brilhante Estrela da Manhã. Esta linda promessa, por tantas vezes reafirmada, custou a chegar quanto ao tempo, mas chegou. Nós agora podemos juntar o nosso testemunho ao do profeta Jeremias e afirmar que, assim como as leis que regem os corpos no espaço se têm mantido inalteráveis, assim se manteve esta promessa da vinda da RAIZ DE DAVI. Ele veio, não conforme o esperavam os judeus, como um rei glorioso, invencível, pronto a destruir o Império Romano, mas como um rei humilde, conforme o que Isaias nós promete no capítulo 53 da sua profecia. Glorioso ele era e é, se bem que no tempo da sua carne não o fosse.

VI. ESTÁ PREVISTA A SORTE DE ZEDEQUIAS (34:1-22)

O reinado de Zedequias como o seu reino mesmo estavam com os dias contados. Isso era claro na mente do profeta, em vista de tantas e tão repetidas cenas de rebeldia, acrescidas da iniquidade de mandar prender o profeta e metê-lo na enxovia, como se este tivesse culpa das mensagens que entregava em nome de Deus. Portanto, está chegando o fim e... que triste fim!

1. A Mensagem ao Rei (34:1-7)

Nabucodonozor, com todo o seu exército e os exércitos dos povos conquistados, numa amálgama militar jamais igualada, estavam ao redor de Jerusalém, esperando a oportunidade de dar o assalto final. Nessa altura, Javé manda o seu profeta dizer a Zedequias (1) que a cidade seria entregue nas mãos do rei de Babilônia e (2) que seria destruída pelo fogo. E tu não escaparás da sua mão; mas certamente serás preso e entregue na sua mão (v. 3). Esta era uma sentença difícil de ser entregue a um monarca, numa hora daquelas, quando tudo já indicava o fim. Jeremias não era um homem corajoso como Amós, mas era servo fiel e entregava as mensagens que recebia, sem pensar nas conseqüências. Havia, entretanto, uma promessa para o rei: Não morrerás à espada (v. 4). Efetivamente, a vida é a última dádiva de que se pode abrir mão. Entretanto, no caso de Zedequias, a sobrevivência de pouco lhe aproveitou, como se verá mais adiante. Deus lhe poupou a vida, o que foi uma grande concessão. A promessa de que morreria em paz na terra do cativo continua. Queimar-lhe-iam perfumes à moda judaica. Isso era, sem dúvida, uma concessão muito elevada, a um rei que não soube ou não teve coragem de cumprir o seu dever. Se tivesse sido bravo (mas quem o teria sido?), aceitando a sugestão do profeta, de se entregar ao rei, pouparia a cidade e sua vida. Infelizmente, não teve tal coragem.

2. Uma Mensagem para o Povo (34:8-22)

Quando a cidade estava perdida, pelo cerco, o rei determinou umas tantas medidas de ordem social, como despedir cada um os seus escravos, hebreus ou não. Todo o povo entrou nesta aliança, e foi feita a limpeza social em regra. Muito tarde, infelizmente. Assim mesmo, logo se arrependeram e fizeram

voltar todos ao estado de escravatura. O exército egípcio que, em manobra mais política que militar, veio em socorro do aliado judaico, retirou-se. Nabucodonozor, por tática, suspendeu o cerco, e os judaítas pensaram que o perigo havia passado. O plano de libertar os escravos foi feito em nome de Deus, uma aliança religiosa. Era terminantemente proibido ao judeu escravizar seu irmão ou irmã. Poderiam ter escravos, mas de outra nacionalidade, não judaica.

A servidão era proibida pela lei de Deuteronômio (Deut. 15:12-18). Em casos extremos, poderia um hebreu ser vendido a seu irmão, mas ao sétimo ano seria despedido forro. Caso o escravo não desejasse sair, por gostar do senhor, então lhe seria furada a orelha e ficaria voluntariamente escravo por toda a vida. No caso vertente, houve aliança entre os príncipes e os grandes da terra, mediante a qual seriam libertados todos os escravos livremente. Com a vinda dos exércitos egípcios e a retirada temporária dos exércitos babilônicos, todos os escravos voltaram a ser apanhados para o serviço. Isso foi uma indignidade, assim considerada por Deus. Mudando eles de posição, Deus tomou essa atitude como profanação ao seu nome (v. 16). Em revidar, Deus lhes apregoou a liberdade para a espada e para a fome (v. 17). Portanto, o que os judaítas não queriam para seus irmãos seria o pago que Deus lhes daria por sua infidelidade.

Agora, uma escravidão coletiva (vv. 17-22). Uma vez que o povo não tinha cumprido o que havia acertado em nome de Deus, mediante um sacrifício, e tinha voltado a escravizar a seus irmãos, Deus o escravizaria também, e a um povo estranho. Todos quantos tinham violado a aliança feita em nome de Deus - sacerdotes, príncipes e oficiais - seriam entregues nas mãos do rei de Babilônia e levados para uma terra que não conheciam e para deuses que ignoravam. O bezerro, que haviam partido em duas partes, passando eles pelo meio das mesmas, era uma cerimônia muito antiga, embora mediante isso Deus fizesse o pacto com Abraão, pacto eterno, válido por todas as gerações (Gên. 15:9-20). Sempre que se queria fazer uma aliança, este era o meio de ser selada em nome de Deus. Isso eles fizeram, mas logo que viram o perigo afastado, quebraram a aliança, e Deus promete então entregá-los à destruição, à fome, à espada e à morte. O rei Zedequias seria entregue ao rei que tanto temia. Porém, como havia uma promessa de Deus de que ele não morreria, mas seria levado para

Babilônia, assim se cumpriu. Estava deste modo selada a sorte da Santa Cidade e dos seus habitantes.

CAPÍTULO XI - ACONTECIMENTOS RELATIVOS AO REINADO DE JEIOAQUIM (35:1-36:32)

Estes dois capítulos estão fora da ordem cronológica, e devem seguir o capítulo 26. Por vezes temos chamado a atenção do leitor para o fato de que os livros dos grandes profetas, como Isaias, Jeremias e em parte Ezequiel, não obedecem à ordem em que foram escritos. A explicação, dada por alguns mestres, é que as profecias seriam escritas ou proferidas e depois escritas, mas não colocadas na ordem em que foram produzidas. Isso só seria feito mais tarde, e o resultado é que alguns capítulos se encontram fora da ordem histórica, como os dois que fazem parte desse nosso capítulo. Essa a opinião de alguns mestres.

I. A LIÇÃO DOS RECABITAS (35:1-19)

Os recabitas tinham, como seu antepassado mais próximo, Jonadabe, e remotamente pertenciam a uma tribo muito antiga (Gên. 15:19), de que descendia Calebe. Não eram israelitas, mas com eles se aparentaram, e, como eram uma tribo pacífica, não dada aos ídolos, viveram em comunhão com os israelitas durante séculos (Núm. 32:12; Jos. 14:6). Originalmente, parece, eram midianitas, e, no curso da história, foram praticamente destruídos pelos amoritas. O ancestral mais próximo dos recabitas, para resistir, como nômade, ao culto de Baal, muito ligado à vida dos agricultores, determinou seus descendentes não cultivarem vinhedos nem construírem casas, vivendo em cabanas, e que de modo algum usassem bebidas alcoólicas, mantendo um tipo de vida austero e separados de todos os demais povos da Palestina. Com a chegada de Nabucodonozor à Palestina, eles se meteram em Jerusalém, até que a tempestade passasse.

I. A LIÇÃO DOS RECABITAS (35:1-19)

1. Jeremias É Mandado aos Recabitas Tirar Deles uma Lição (35: 1-11)

Jeremias foi enviado ao chefe dessa gente, para a levar à casa do Senhor e lhe dar vinho a beber, o vinho dos sacerdotes, guardado zelosamente na Câmara de Hanã, que ficava junto à câmara dos príncipes (v. 4). Eles, porém, disseram: Não beberemos vinho, porque Jonadabe, filho de Recabe, nosso pai, nós ordenou, dizendo: Nunca jamais bebereis vinho, nem vós nem vossos filhos; não edificareis casa, nem semeares semente, nem plantareis vinha, nem a possuireis; mas habitareis em tendas todos os vossos dias (vv. 6 e 7). Eles mesmos confessaram que só vieram a Jerusalém quando viram os exércitos de Nabucodonozor e, com medo, meteram-se no meio do povo da cidade (v. 11).

2. O Profeta e o Povo (35:12-19)

Uma mensagem de muita valia, veremos. Ora, Deus sabia que eles não beberiam vinho e Jeremias também o sabia, pois eram bem conhecidos como abstinentes e nômades. Havia uma lição a ser ensinada aos judaítas, que bem precisavam dela, e Deus mesmo deu a lição, dizendo: As palavras de Jonadabe, filho de Recabe, pelas quais ordenou a seus filhos que não bebessem vinho,

foram guardadas; pois não o têm bebido até o dia de hoje... a mim, porém, que vos tenho falado a vós, com insistência, vós não me ouvistes. Também vos tenho enviado, insistentemente, todos os meus servos, os profetas, dizendo: Converti-vos, agora, cada um do seu mau caminho (vv. 14 e 15). O apelo, porém, cairia no vazio. Enquanto os recabitas obedeciam ao seu ancestral, o povo israelita desobedecia ao seu Deus, que os havia feito felizes por tantos anos. É a lição da ingratidão. Os versos 12-15 nós ensinam como Deus lutava insistentemente, expressão muito usada em Jeremias, para conseguir um arrependimento, que só traria a bênção para o mesmo povo, embora tudo fosse em vão. Gente ingrata. Então os versos 17-19 nós ensinam: não haverá apelo nem agravo para a sentença que está determinada contra o povo rebelde, insolente e obstinado. Enquanto isso, para os recabitas, Jeremias tem linda promessa: Pois que obedecesses ao mandamento de Jonadabe, vosso pai... assim diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: Nunca jamais faltará varão a Jonadabe, filho de Recabe (vv. 18 e 19). Deus havia fracassado com o seu povo, mas não com os recabitas. Coisa muito curiosa. Os sofrimentos dessa gente, por séculos sem fim, não têm sido sem causa; e bom é que a história consigne o fato, pois é povo arrogante, valendo-se das suas prerrogativas de povo de Deus, para só obedecer a seus próprios instintos maus e pecaminosos. Se Deus fosse uma pessoa como nós, teríamos muita "pena" de Deus pela luta inglória que tem tido com essa nação. A lição dos recabitas não serviu só para ensinar o que já de antemão se conhecia, mas até para os crentes de hoje que não obedecem aos ensinamentos da sua Bíblia e às pregações dos seus pastores. Assim como eram obstinados os judeus, do mesmo modo o são muitos cristãos. O povo é todo ele igual, em pensamentos, desobediência, pecados, tudo.

2. O Profeta e o Povo (35:12-19)

Uma mensagem de muita valia, veremos. Ora, Deus sabia que eles não beberiam vinho e Jeremias também o sabia, pois eram bem conhecidos como abstinentes e nômades. Havia uma lição a ser ensinada aos judaítas, que bem precisavam dela, e Deus mesmo deu a lição, dizendo: As palavras de Jonadabe, filho de Recabe, pelas quais ordenou a seus filhos que não bebessem vinho, foram guardadas; pois não o têm bebido até o dia de hoje... a mim, porém, que vos tenho falado a vós, com insistência, vós não me ouvistes. Também vos tenho enviado, insistentemente, todos os meus servos, os profetas, dizendo: Converti-vos, agora, cada um do seu mau caminho (vv. 14 e 15). O apelo, porém, cairia no vazio. Enquanto os recabitas obedeciam ao seu ancestral, o povo israelita desobedecia ao seu Deus, que os havia feito felizes por tantos anos. É a lição da ingratidão. Os versos 12-15 nós ensinam como Deus lutava insistentemente, expressão muito usada em Jeremias, para conseguir um arrependimento, que só traria a bênção para o mesmo povo, embora tudo fosse em vão. Gente ingrata. Então os versos 17-19 nós ensinam: não haverá apelo nem agravo para a sentença que está determinada contra o povo rebelde, insolente e obstinado. Enquanto isso, para os recabitas, Jeremias tem linda promessa: Pois que obedecesses ao mandamento de Jonadabe, vosso pai... assim diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: Nunca jamais faltará varão a Jonadabe, filho de Recabe (vv. 18 e 19). Deus havia fracassado com o seu povo, mas não com os recabitas. Coisa muito curiosa. Os sofrimentos dessa gente, por séculos sem fim, não têm sido sem causa; e bom é que a história consigne o fato, pois é povo arrogante, valendo-se das suas prerrogativas de povo de Deus, para só obedecer a seus próprios instintos maus e pecaminosos. Se Deus fosse uma pessoa como nós, teríamos muita "pena" de Deus pela luta inglória que tem tido com essa nação. A lição dos recabitas não serviu só para ensinar o que já de antemão se conhecia, mas até para os crentes de hoje que não obedecem aos ensinamentos da sua Bíblia e às pregações dos seus pastores. Assim como eram obstinados os judeus, do mesmo modo o são muitos cristãos. O povo é todo ele igual, em pensamentos, desobediência, pecados, tudo.

II. A ESCRITURA DAS PROFECIAS NO ROLO (36:1-32)

Não havia livros como agora. O papel não havia sido inventado. Escrevia-se de diversos modos: em pergaminhos, material frágil, feito da polpa de junco do rio Nilo, no Egito, apenas se conservando num clima seco; em tijolinhos de barro, invenção caldaica, também de frágil conservação; pergaminhos, feitos de peles de teixugo, de coelho e de carneiro, que, depois de bem tratadas e polidas, eram costuradas, formando o que nós conhecemos como rolos, pois eram enroladas, como fazemos com uma planta de construção qualquer. Esta era a maneira usada em Israel e já a mais desenvolvida de todas as épocas.

II. A ESCRITURA DAS PROFECIAS NO ROLO (36:1-32)

1. O Rolo É Lido Perante os Príncipes (36:1-19)

Jeremias tinha caído em desgraça junto ao rei Jeoiaquim, filho de Josias, que o meteu no calabouço. No quarto ano deste rei, Deus ordenou ao profeta que tomasse as providências para que as mensagens que tinham sido dirigidas ao povo fossem registradas em forma segura e permanente. Acreditamos que tudo quanto o profeta dissera até aqui já estivesse devidamente registrado, pois era desejo divino que tudo quanto estava ensinando ao seu povo ficasse para as

gerações vindouras, como ficou. As palavras deviam ser escritas logo, e, a seguir, lidas diante dos chefes do povo, pois poderia ser que assim se arrependessem (vv. 2 e 3). Jeremias estava preso e não podia providenciar esta medida. Assim, chamou o seu fiel secretário, Baruque, filho de Nerias, para que registrasse num rolo tudo quanto o Senhor tinha dito até aquela ocasião, desde os dias de Josias, rei de Judá. Necessariamente, muitas outras profecias foram dadas, porém o que estava em jogo agora era a possibilidade de arrependimento dos malfeitos desde os dias de Josias. Era, pois, um repositório dos últimos acontecimentos o que Deus desejava e que Baruque tinha a escrever. Ouvirão talvez os da casa de Judá todo o mal que eu intento fazer-lhes; para que cada qual se converta do seu mau caminho (v. 3). O fim desta leitura oficial era promover a conversão para que Deus lhes pudesse perdoar. Temos aqui um fato legal muito interessante: de um lado, Deus querendo perdoar os males do povo; do outro, a obrigação, digamos assim, em que Deus se encontrava de vindicar sua justiça. Perdoar sem arrependimento era o mesmo que pactuar com os males praticados, o que a justiça divina não podia fazer. De maneira geral, toda a ordem levítica estava baseada nesse princípio. Não era o sangue dos bezerros e carneiros que limpava o coração do povo, e, sim, uma demonstração do desejo de ser perdoado, ficando, assim, a justiça divina vindicada, operando então o amor de Deus e a sua misericórdia. Numa palavra, tudo quanto aprendemos na Bíblia, quer no Velho como em o Novo Testamento, está baseado no amor, incluindo o sacrifício do Senhor Jesus, o bendito Filho de Deus. É admirável esta conclusão. O sangue é apenas um símbolo da operação do amor de Deus.

Baruque registrou as palavras proferidas pelo profeta, uma vez que ele estava impedido de o fazer pessoalmente (vv. 4-8). A leitura deveria ser feita no dia de jejum. Depois seriam lidas ante todo o povo de Judá, que vinha ao culto naqueles dias. Pretendia Javé que o povo se arrependesse de todos os seus maus caminhos e então houvesse lugar para a ação do amor divino: uma coisa corresponderia à outra. No quinto ano do rei Jeoiaquim, filho de Josias, no mês nono, quando apregoaram um jejum nacional, e todo mundo de Jerusalém e das cidades próximas veio à cidade, Baruque leu, naquele livro, todas as palavras de Jeremias, na casa do Senhor, na Câmara de Gemarias, no átrio superior, à entrada da Porta Nova da casa do Senhor (Templo). Ouvindo-as Micaías, filho de Gemarias, correu ao palácio e contou ao rei as palavras ameaçadoras que acabava de ouvir. Todos os príncipes estavam reunidos (vv.

12 e 13). O assunto era muito grave e todos ficaram preocupados com o que fora lido diante do povo, embora até aqui não houvesse sinal algum de arrependimento, e, sim, de medo, e medo não traz arrependimento.

Baruque é intimado a comparecer perante os príncipes (chefes do governo). Baruque não teve dúvida Tomou o rolo e foi. Mandaram que se assentasse e lesse para eles o que estava no rolo. Isto também nós prova esta gente graúda não haver comparecido ao templo, ao jejum proclamado, ficando nós seus gabinetes. Ouvindo eles todas aquelas palavras, voltaram-se temerosos (v. 16). A seguir anunciaram ao rei aquilo que tinham ouvido, pois o rei, que também não havia participado d3 jejum proclamado, deveria saber do que se tratava. Então, perguntaram a Baruque como conseguira saber aquelas coisas que tinha lido. Ele respondeu francamente, como foi acontecer a quem está com a verdade: Sim, da sua boca ele (Jeremias) me ditava todas estas palavras, e eu com tinta as escrevia no livro (v. 18). Depois disso disseram a Baruque que se escondesse juntamente com Jeremias, de modo que ninguém soubesse onde estavam. Já sabemos que Jeremias estava preso no átrio da casa real, portanto, à mão do rei para qualquer ação. Louvamos estes príncipes, que ainda tinham um resto de luz na consciência.

2. O Rolo É Lido Perante o Rei e Queimado (36:20-26)

O rolo tinha sido tirado da mão de Baruque e guardado na Câmara de Elisama, o escrivão oficial. O rei deu ordens a um oficial do gabinete para que trouxesse o rolo. Estavam no inverno, e nessa época faz bastante frio em Jerusalém. Havia, pois, um braseiro na casa de inverno do rei. O oficial de gabinete, assim chamado por nós, trouxe o rolo e, a pedido do rei, começou a lê-lo. Depois que Jeúdi leu duas ou três folhas do livro, o rei as cortou com um canivete com que os escrivães aguçavam os seus lápis, e lançou-o no fogo, contrariando a opinião dos príncipes. Todos então fizeram causa comum com o rei: não se arrependeram, nem rasgaram as suas vestes em sinal de compunção, não obstante Elnatã, Delaías e Gemarias terem insistido com o rei para que não queimasse o livro (v. 25). Louvamos estes três jovens, possuidores de mais senso do que o rei vaidoso, que pouco tempo depois iria saber o custo daquela medida. Agora ainda era rei e mandava, mas por pouco tempo. A seguir deu ordens para que tanto Baruque como Jeremias fossem presos, MAS O SENHOR OS ESCONDERA (v. 26).

Aqui está um relato frio e cínico de um rei desvairado e corrupto, filho de um grande rei de Judá. Por isso é bom recordar: nem sempre os filhos são o resultado da conduta dos pais, como sói comumente se pensar. Ora, o que Baruque tinha lido, sabia-se, eram as palavras que Jeremias ouvira de Deus, e, portanto, deveriam merecer um pouco mais de respeito da parte do monarca que, de qualquer maneira, mesmo não o entendendo assim, era representante de Deus, o Rei verdadeiro. Muitas das palavras do rolo consistiam da ordem divina de submissão a Babilônia, e isso era uma afronta aos brios nacionais, e, possivelmente, estaria ainda Jeoiaquim acreditando no auxílio do Egito. De qualquer modo, o seu procedimento foi simplesmente iníquo, pois que Baruque tinha lido as palavras do próprio Deus. Não eram palavras de Jeremias (ver II Reis 24). Se era o apoio do Egito que esperava, era uma esperança vã, porque II Reis 24:7 abertamente declara que Neco nunca mais pensou em socorrer o seu possível aliado.

3. Deus Ordena Que o Rolo Seja Reescrito (36:27-32)

Este fato, tão notável quanto maravilhoso, é um dos mais agrantes episódios da inspiração divina. Por certo nem Jeremias e muito menos Baruque seriam capazes de reproduzir o que o rei acabava de queimar. Entretanto, Deus sabia, e isso bastava. Os profetas, normalmente, eram homens intocáveis, eram os oráculos divinos, falavam pela boca de Deus e por isso eram até apelidados de "Bocas de Deus". O significado do termo profeta, Navhim, plural, parece haver-se perdido quanto ao sentido, embora a idéia básica sempre estivesse presente na mente do povo, e com justas razões. Portanto, Deus ordena a Jeremias que arranque outro rolo e escreva nele todas as palavras que estavam no original queimado. Isso equivale a dizer que Deus repetiria tudo quanto havia estado no outro rolo que Jeoiaquim, rei de Judá, queimou (v. 28). Já agora não restava qualquer esperança para Deus mudar de pensamento quanto ao destino que aguardava a Cidade Santa. Um rei que assim procede com a palavra de Deus é um ímpio, um réprobo. Então Deus manda Jeremias dizer-lhe: Assim diz o Senhor: Tu queimaste este rolo, dizendo: Por que escreveste nele anunciando: Certamente virá o rei de Babilônia, e destruirá esta terra e fará cessar nela homens e animais? (v. 29), portanto, pior sentença que se poderia proferir contra um homem ser-lhe-á dada: não haverá sucessor para assentar-se no trono de Judá e o teu cadáver será exposto ao calor do dia, sem haver quem lhe dê sepultura. Coisa incrível para um monarca vaidoso como era Jeoiaquim. Assim lhe aconteceu, porque o seu sucessor no trono foi o tio Zedequias, posto por Nabucodonozor. O nome deste personagem era Matanias, tio paterno de Jeoiaquim, cujo filho Conias não foi escolhido por Nabucodonozor (II Reis . 24:17). É assim que acabam os grandes pecadores, que abusam da paciência de Deus. Não há menção dos últimos dias de Jeoiaquim quanto à sua sepultura, mas isso também não é questão relevante.

CAPÍTULO XII - EVENTOS DO REINADO DE ZEDEQUIAS (37:1-39:18)

Dois cativeiros são apresentados e descritos nesses três capítulos: o de Jeremias e o de Zedequias. Quanto ao primeiro, nós o lamentamos porque era um homem honesto e fiel à sua missão e, se castigo merecia, era por dizer a verdade, que dói. Quanto ao segundo, bem poderia tê-lo evitado, caso ouvisse os conselhos de Deus. Mas a soberba e a arrogância, tão próprias de muitos reis, não davam lugar ao bom senso e ao funcionamento da inteligência. Por quantas vezes o profeta o avisou de que os horizontes estavam ficando turvos, que de Deus não se zomba para sempre, porém tudo em pura perda. O que vamos estudar nesses três capítulos é o resultado do pecado, da falta de ouvir a Deus e cumprir suas ordens.

I. PRISÃO E PRESERVAÇÃO DO PROFETA (37:1-,38:28)

1. Jeremias Responde ao Rei Zedequias (37: 1-10)

O lugar de rei não pertencia a Zedequias, tio paterno de Conias, de quem era o reinado legalmente. As tranças políticas têm sempre dessas coisas, Acredita-se que Nabucodonozor tenha sido influenciado para nomear Zedequias em lugar de Conias, julgando que seria mais fiel do que o sobrinho. Tudo coisas da política, que, mesmo naquela hora de angústia e desgraça, ainda mandava. Parece que no começo do seu reinado Zedequias se inclinou a ouvir os conselhos do profeta, pois os seus ajudantes-de-ordens o consultavam a

respeito do caminho a seguir. Diz o texto que lhe pediram para interceder junto a Deus pela situação que a nação estava atravessando: ROGA AGORA POR NÓS AO SENHOR NOSSO DEUS (v. 3). Era petição razoável. Como, porém, poderia o profeta rogar a Deus por um povo impenitente, rebelde e pecaminoso? Acreditamos que Jeremias, bom que era, não teria dúvidas em rogar a Deus pelo povo, ao qual amava. A resposta veio um pouco depois, nos versos 5-10. Jeremias continuava em liberdade entre o povo porque a situação ainda não se havia agravado e ainda se esperava uma solução divina. O exército egípcio que vinha em socorro de Judá tinha voltado à sua terra, e, neste meio tempo, por uma tática de guerra, os soldados de Nabucodonozor se afastaram do pé das muralhas. Com a retirada dos egípcios e os soldados de Nabucodonozor à vista, a situação ofereceria grandes esperanças de melhoria. Por que se retiraram os exércitos de Faraó, não se diz. Possivelmente uma demonstração de ajuda sem valor, porquanto deveriam ter ficado para garantir a cidade, porém foram embora. Nessa conjuntura é que Zedequias pede socorro. A posição de Jeremias era de que, mesmo com a presença das tropas egípcias, a situação não seria alterada, pois sabia dos pensamentos que Javé tinha para com os pecadores judaítas. A resposta ao pedido de Zedequias encontra-se nos versos 7-10. O socorro do Egito de nada valeria, porque os soldados retomariam ao seu país. Os caldeus voltariam ao assédio da cidade, a tomariam e a queimariam, como de fato aconteceu (v. 8). Então vem o apelo: Não vos enganais a vós mesmos, dizendo: Sem dúvida os caldeus se retirarão de nós (v. 9). A resposta continua: Porque ainda que derrotásseis a todo o exército dos caldeus que peleja contra vós, e entre eles só ficassem homens feridos, contudo se levantariam, cada um na sua tenda, e queimariam a fogo esta cidade (v. 10). Portanto, a cidade estava mesmo condenada, e nada havia, debaixo do céu, que a pudesse salvar, senão um arrependimento sincero (ver 34:1 e ss.). Esta foi a resposta que Deus mandou a Zedequias, e por certo iria agravar a situação já calamitosa da cidade.

2. A Prisão de Jeremias (37:11-21)

Jeremias tinha de ir à terra de Benjamim, receber um quinhão que lhe cabia numa herança. Logo que os caldeus se retiraram da cidade, preparou-se para a viagem. Deveria tratar-se do negócio feito com Hanamel, já referido noutra parte. Na porta de Benjamim achava-se um capitão de nome Jirias, que prendeu o profeta sob a acusação de traidor, dizendo que este ia entregar-se aos caldeus (v. 13). Jeremias replicou que era mentira, não pretendia fugir, porém Jirias não o quis ouvir e deu-lhe voz de prisão. Preso sob tais acusações, foi levado aos príncipes, que o açoitaram, e o meteram no cárcere na casa de Jônatas, o escrivão, casa esta convertida em cárcere. O que seria esse cárcere, nós não temos idéia, mas, parece, não era igual à caverna de Melquias, para onde foi depois transportado (38:6).

Zedequias tomou conhecimento da situação do profeta e mandou chamá-lo em segredo, depois de muitos dias, e lhe perguntou: Há alguma palavra da parte do Senhor? A resposta foi cruel: Na mão do rei de Babilônia serás entregue (v. 17). Se Jeremias fosse do estofado de muitos crentes, ficaria calado ou não diria uma coisa destas. No entanto, era profeta de Deus, e só a palavra de Deus valia para ele. Dessa resposta saiu o resto da entrevista, de que os falsos profetas tinham enganado o rei e o povo. E os que haviam afirmado que a cidade não seria tomada, onde estavam agora? Todos, como ratos quando o navio está naufragando, desapareceram. Jeremias fez uma petição patética ao rei para que não o mandasse de volta à casa de Jônatas, pois morreria de fome e frio. O rei se compadeceu dele e mandou colocá-lo no pátio da guarda com um pão da Rua dos Padeiros até que acabou-se todo o pão da cidade. Esta situação de Jeremias toca o coração da gente. Um servo fiel de Deus metido nas mãos de homens impiedosos, como se o seu Deus estivesse adormecido. Ficou ali até que foi conhecida a sentença divina de que nada salvaria a cidade, senão o arrependimento. Lançaram outra vez mão do profeta e desta vez teria morrido se seu Deus tivesse também morrido.

3. Jeremias É Lançado no Calabouço (38:1-6)

Conhecidas as palavras do profeta, os homens do dia, Sefatias, Gedálias, Jucal e outros, pegaram de Jeremias e o lançaram no calabouço, onde só a morte poderia ser esperada. Quaisquer que sejam as interpretações que certos mestres dêem a este capítulo, referindo-o como uma repetição do anterior, as diferenças são bastante flagrantes para nós darem uma seqüência histórica sem hiatos. No átrio da guarda, Jeremias tinha certa liberdade de andar e de falar, e era isto que os homens do governo não queriam! Desejavam fazer Jeremias calar-se, para que não dissesse nenhuma palavra que pudesse afrouxar as mãos, diziam eles dos homens de guerra. Zedequias, que poderia ter intervido a favor do profeta, omitiu-se, temeroso dos seus homens ' e o pobre profeta foi entregue a verdadeiros verdugos, como se fosse culpado de dizer a verdade que Deus lhe ordenava. Um rei sem poder contra a vontade de seus súditos já está julgado pela história. Os tais homens foram a Zedequias e disseram: Este homem deve morrer (v. 4). O rei responde: Eis que ele está na vossa mão; porque não é o rei que possa coisa alguma contra vós (v. 5). É o que temos afirmado por vezes: Zedequias era homem fraco, sem vontade ou sem personalidade, pois estava certo de que Jeremias apenas dizia o que ouvia de Deus, e, portanto, não merecia castigo. Levado por esses homens, o profeta foi metido por eles na cisterna de Malquias, onde não havia senão lama, baratas e podridão. Nós estamos muito longe da cena e mal podemos julgar estes homens malvados, que se moviam no interesse do Estado, e qualquer que proferisse uma palavra que desse a entender que a situação estava perdida devia ser tratado como traidor e digno de morte. Teria sido esta análise fria que Zedequias teria seguido, embora o caso em foco fosse diferente do de uma situação puramente política, pois Jeremias deveria estar acreditado como profeta de Deus e todo o Judá e Israel estavam acostumados a ouvir homens que falavam em nome de Deus. Logo, simples razões de Estado não absolvem esses homens desalmados. Judá não era uma nação como tantas outras, nas quais Deus não intervinha, nem tinha assuntos a tratar. Judá era uma nação teocrática, em que Deus era o Chefe de Estado, era o Rei de verdade. Isso o povo todo deveria saber, pois não era de ontem que situações tais se tinham apresentado. O caso de Samária nada teria ensinado? Os muitos profetas dessa época estariam todos esquecidos? Não era possível. Portanto, o trato a que submeteram o profeta era de todo injusto e indigno.

Essa palavra, que aí fica, é para os que julgam a situação de Jeremias como um caso de Estado, em que se apresentava como vendido ao poder que estava assediando a cidade. Não há desculpa humana que absolva estes homens, de colocarem um cidadão limpo, decente, numa enxovia, para morrer de fome e de frio. Era admissível que houvesse traidores entre o povo, a favor de Nabucodonozor, mas Jeremias não poderia, em sã consciência, ser acusado de tal delito político. É de supor que Jeremias teria sido morto, se atrás dele não estivesse outra força. Só por isso não o mataram como traidor.

4. Jeremias Salvo por Ebede-Meleque (38:7-13)

Este rapaz, eunuco, era etíope, da terra da rainha de Sabá. Como foi bater em Judá, não sabemos, mas o seu gesto foi heróico. Um eunuco era um indivíduo desprestigiado, servindo a todos os interesses dos reis e mantendo a guarda das mulheres destes. Mas foi esse mesmo rapaz que teve coragem de ir ao rei e mostrar-lhe ser iniquidade o que se estava praticando contra o profeta, pois, ali onde o haviam colocado, só a morte poderia ser esperada. Foi preciso que um estrangeiro, alheio às tricas e futricas de política de campanário, tivesse a coragem de mostrar a Zedequias o crime que se estava cometendo. Nesta altura dos acontecimentos, perguntamos: Não sabia o rei que Jeremias falava em nome de Deus? Não sabia, pois já havia sido advertido de que os babilônios estavam a serviço de Deus, que queria levar o seu povo para outro ambiente e desarraigar a idolatria, a chaga de Judá? De tudo isto ele deveria estar ciente,

mas não pode contra a vontade de seus secretários, e teve a coragem de confessar nada poder contra eles (v. 5). Zedequias, num gesto de coragem, às ocultas dos chefes, deu ordem a Ebede-Meleque para que levasse 30 homens consigo, e, por meio de cordas, o içassem da caverna. O etíope fez melhor do que lhe mandou o rei. Arranjou um monte de trapos, jogou-os no fundo da caverna e mandou que Jeremias os colocasse debaixo das axilas, onde passariam as cordas, e assim seria o pobre profeta salvo da morte certa. E tiraram Jeremias com as cordas, e o alçaram da cisterna (v. 13). Aqui está um feito que merecia uma estátua numa praça pública: um estrangeiro salvando um profeta de Deus contra a vontade de uma nação dita religiosa. As paixões políticas, quando se assenhoreiam dos homens, podem eles ser religiosos, professores ou até pastores, tudo subvertem; as paixões humanas são muito fortes. Registramos estas palavras com o devido respeito que nós merecem os homens bons, em qualquer estado, nação ou grupo, mas escalpelamos os malfeitos dos homens, quaisquer que sejam as suas categorias religiosas ou políticas, porque, antes e depois de tudo, um homem é um ser humano, que merece o respeito dos seus semelhantes. Este escritor, nós seus longos anos de vida e convivência com homens religiosos, tem o direito de lançar nesta página esta palavra causticante, pois tem visto e até sentido na carne fatos parecidos com o que fizeram a Jeremias os de Judá. Por isso a sua indignação. Que ao menos esta palavra sirva para alguém recordar que, quaisquer que sejam as nossas diferenças de opinião ou pontos de vista, deve a verdade ficar, assim como o azeite, acima da água.

5. Jeremias É Entrevistado pelo Rei (38:14-28)

Tirado da cisterna de Malquias, ficou o profeta no átrio da guarda, junto com os soldados que mantinham a guarda do rei. Zedequias chama o profeta e diz-lhe: Vou perguntar-se uma coisa; não me encubras nada.(v. 14). Jeremias responde: Se eu te declarar, acaso não me matarás? (v. 15). Então Zedequias jurou que não o mataria nem o entregaria nas mãos daqueles homens malvados. Diante disso, Jeremias lhe dá uma resposta dura e difícil de ser aceita: Se te renderes aos príncipes do rei de Babilônia, será poupada a tua vida, e esta cidade não se queimará a fogo, e viverás tu e a tua casa (v. 17). Caso contrário, isto é, se não te renderes, nem tu nem tua família escaparão e a cidade será queimada. A resposta do rei foi de uma franqueza rude: Receio-me dos judeus que se passaram para os caldeus, que me entreguem na mão dos babilônios e escarneçam de mim. Jeremias deu-lhe a promessa de que não o entregariam e não seria escarnecido, promessa que certamente tinha vindo de cima. Ouve, peço-te, a voz do Senhor, conforme a qual eu te falo (v. 20). Era uma promessa segura, pois vinha de Deus. Zedequias não teve coragem de por em prática o conselho divino. Numa hora como esta, a falta de uma decisão causou a destruição do rei, da sua família e da sua cidade. Uma decisão na hora oportuna salva um povo. Jeremias então faz uma predição que se poderia chamar de cântico fúnebre. Não há salvação possível para esta cidade. Tu e tuas mulheres e teus homens, todos cairão ou à espada, ou pela fome ou pela ruína. O colóquio real foi muito tocante. Diz então Zedequias: Se os príncipes souberem que falei contigo e te pedirem que lhes contes o que me disseste, não lhes digas nada. Dizer-lhes, apenas, que fizeste uma petição para que não te mandasse mais à casa de Jônatas. Isso aconteceu. Os homens vieram a Jeremias e pediram-lhe para que lhes contasse o que tinha dito ao rei, e, sabendo que qualidade de homens eram, seguiu o curso que Zedequias lhe aconselhou, e o deixaram em paz (v. 27). Não sabemos se há na literatura humana, algures, uma situação igual a esta, em que um homem que fala em nome de Deus é aconselhado por um rei a esconder a verdade. No caso em questão, porque de nada adiantaria expor tanto o rei como o próprio Jeremias. Assim, ressalve-se esta falta de veracidade. Não se alegue que Jeremias faltou à verdade. Ele disse a parte da verdade que convinha, o mais não interessava nem ao rei, nem aos seus homens, nem ao profeta. Todos estavam de tal modo embrulhados no problema que alguma coisa deveria ser ocultada. Tudo nesta história cheira a um necrológio prematuro, a um canto de cisne. Era o fim que se avizinhava, e

que nada debaixo do céu poderia evitar, senão uma rendição oficial, que infelizmente não veio.

II. A QUEDA DE JERUSALÉM E O CATIVEIRO DE JUDÁ (39:1-18)

A velha capital jebusita, contemporânea de Jericó, construída aí pelo ano 4000 a.C., estava agora com os seus dias contados. Foi a cidade de Melquisedeque, dos tempos de Abraão. Conquistada por Davi logo após ser proclamado rei em Hebrom (II Sam. 5:8-10), e feita capital do novo reino de Israel, foi a cidade antiga que mais dias gloriosos viu. Ali reinaram homens como Salomão e seus descendentes. Ali Deus mostrou como amava a Israel, não só por meio do majestoso templo, mas por muitos outros meios e modos, como vemos ao ler e estudar a profecia de Jeremias. Nenhuma outra cidade no mundo, antes nem depois desta época, pode contar maravilhas tais como Jerusalém. Foi a cidade amada de Deus, e por ela e seu povo Deus fez maravilhas sem conta. O povo eleito não soube responder nem corresponder à bondade de Deus, que tanto o amava e amava a sua cidade. Agora estava no seu trágico e desastroso fim.

Ao escrevermos estas linhas, podemos dizer que elas poderiam ser escritas com sangue, tal o respeito e a estima que a mesma cidade nós merece.

1. Jerusalém É Conquistada (ver. II Reis 24:20; 25:12; II Crôn. 36:17-21)

Por dezoito meses a cidade de Jerusalém ficou sob o assédio das forças de Nabucodonozor. A sua queda seria uma questão de tempo. O cerco privava a cidade de se abastecer do necessário, e a fome começava a tomar conta, como o profeta previa havia muito tempo. Zedequias estava no seu nono ano de governo títere. Jeremias era o fiel da balança, mas infelizmente não era ouvido pela liderança israelita; e Zedequias, que pendia para o lado de Jeremias, que era o certo, não tinha coragem de tomar uma decisão segura, apesar de Jeremias, em nome de Deus, lhe ter prometido segurança para ele e para a sua cidade. Jeremias tinha-lhe garantido que, se se rendesse, ele e a cidade seriam poupados. Infelizmente Zedequias não teve coragem para tomar uma decisão salvadora. Coisas de política, que cega os olhos a muitas evidências. A cidade, mesmo cercada, não se rendeu, e só quando os babilônios conseguiram abrir uma brecha nas muralhas é que a situação foi dada como perdida. E assim, os soldados de Nabucodonozor nela entraram. No undécimo ano do rei Zedequias, no quarto mês, aos nove dias do mesmo, foi feita a brecha, passando por ela os soldados caldeus, ansiosos, naturalmente, por esta hora vitoriosa (Jer. 39:2). O que teria sido aquela hora para os líderes incrédulos, levados pelas falsas profecias de homens que Deus nunca chamou, não podemos dizer. Teria corrido a notícia de que as muralhas tinham sido arrombadas e os soldados estavam na cidade. Como estaria também agora o coração de Zedequias, a quem Jeremias tanto admoestou e quis ajudar? Quem já leu os últimos Dias de Jerusalém, romance escrito a respeito da última destruição desta cidade pelo general romano Tito, pode fazer uma idéia do que teria sido esta hora. Com as diferenças naturais de cada uma dessas duas calamidades, poder-se-á imaginar o que teria sido esta hora para Zedequias, seus príncipes e o pobre povo, que é sempre o último a saber dos acontecimentos. Diversos príncipes do rei de Babilônia assentaram-se à Porta do Meio, porta esta que não foi possível identificar até agora, como a esperar pela saída dos principais responsáveis da cidade. Logo o rei Zedequias e seus príncipes os viram, cuidaram de fugir pelo caminho do jardim do rei. Isso de noite, na esperança de salvar a pele. Como foi que os babilônios viram esta fuga o texto sagrado não diz, porém admitimos que já as sentinelas se teriam colocado em todos os lugares, por onde a fuga fosse possível. A pessoa mais visada era, sem dúvida, o rei, pois tinha contas a ajustar com Nabucodonozor, a quem tinha jurado fidelidade, não cumprindo, porém, o juramento.

2. Zedequias É Preso (39:1-7)

A distancia entre Jerusalém e Jericó não é tão pequena, abrangendo alguns quilômetros. Foi nas campinas de Jericó que os soldados de Nabucodonozor alcançaram e prenderam Zedequias. Agora ele deveria lembrar-se das advertências do profeta, porém era tarde. Levado a Ribla, onde se encontrava o rei de Babilônia, um lugar ao norte da palestina, lá foi julgado sumariamente, como era o costume naqueles dias. E que julgamento terrível! (vv. 6 e 7). Seus filhos foram mortos à sua vista, e com eles todos os príncipes de Judá apanhados junto com ele. A ele deu-se um castigo um pouco menor: teve os olhos vazados, e, cego, amarrado com cadeias de bronze, foi levado a Babilônia, onde morreu. Zedequias não quis entregar-se voluntariamente ao rei conquistador, para que este não zombasse dele, mesmo tendo Jeremias lhe garantido que não seria maltratado, e a cidade seria livre, isto é, não seria destruída (38:17 e 18). Um gesto de louco, orgulhoso, sem fé determinou não só a sua ruína, mas também a do povo e da cidade.

3. O Cativo Definitivo do Povo - A Cidade É Destruída (39:8-10)

Em 597 a.C., Jeoaquim e uma parte do povo foram levados para Babilônia. Deveria ter sido um bom aviso de que coisas piores estavam no ar. Agora, em 586, apenas 11 anos depois, veio a derrota final. Naqueles dias, qualquer pessoa medianamente ajuizada poderia calcular que um homem do estofo de Nabucodonozor não descansaria enquanto não terminasse a obra iniciada. Este raciocínio, porém, não existia na cabeça dos dirigentes de Judá.

Destruídos os chefes da cidade, era chegada a vez desta também. Os caldeus queimaram a casa do rei, os palácios, e tudo reduziram a pó. O que custara tantos anos a construir foi destruído, por uma sanha avassaladora, em poucos

dias. Os melhores dentre o povo foram levados para o lugar onde já estavam os que foram em 597. O rebutalho do povo, os pobres, os que nada tinham a perder ficaram na terra, para servirem de agricultores e vinhateiros, a fim de a terra não se encher de feras. A política babilônica era diferente da assíria. Enquanto estes substituíam, os povos vencidos, por outros, trazidos de diferentes lugares, assim destruindo totalmente as nacionalidades, os caldeus permitiam que alguns dos povos ficassem para conservar a terra. O sistema de guerra era bem diferente do de hoje, embora, em geral, todos os procedimentos girem ao redor do mesmo princípio de pilhagem.

4. Jeremias É Libertado (38:11-14)

Jeremias foi apanhado juntamente com os líderes de Judá, porém logo que Nabucodonozor soube que ele estava preso no pátio da guarda, deu ordens a Nebuzaradã para cuidar dele e o tratar bem. Foi-lhe dado escolher: ir para Babilônia e lá ser bem tratado, ou ficar com o restante do povo. Gedálías fora nomeado governador do povo que ficou, e Jeremias lhe foi entregue com a recomendação para que cuidasse bem dele. Igualmente, outro personagem que creu em Deus (não era judeu, mas etíope) foi o eunuco Ebede-Meleque, que tirara Jeremias do poço, sendo agora galardoado por Deus, por haver crido nele (39:16-18). Tanto quanto Deus protegeu o seu profeta, o fez ao etíope. Provado fica que os que acreditam em Deus são salvos, enquanto os incrédulos se perdem.

FIM DA ODISSÉIA

Jerusalém não existe mais. Os líderes judaicos estão todos mortos. O povo indefeso lá vai como rebanho através das planuras e montes até Babilônia, o seu destino, onde morreria. A maior parte, pelo menos. Tudo que um poeta

dramático poderia dizer registra-se nessas poucas frases. Agora, só daqui a 70 anos começa um novo capítulo, para provar que Deus amava o seu povo, apesar de todos os pesares. Se há uma palavra digna de ser escrita nesta página trágica, é: DEUS É AMOR. Antes de Jesus proclamar esta grande verdade 600 anos mais tarde, já Jeremias se firmava nesta grande e gloriosa certeza. A história do povo de Israel é a do amor de Deus a este povo, e depois a este mundo. Ó maravilha das maravilhas, DEUS É AMOR!

Se não fosse o receio natural de acrescentar palavras, o autor destas linhas poderia ainda escrever muitíssimo a respeito do amor de Deus. Todavia, parece-nos que por ora basta.

CAPÍTULO XIII - GRAVES ACONTECIMENTOS EM JUDÁ (40:1-42:22)

Esta seção, uma das mais tocantes entre outras muitas, trata de dois assuntos: o trabalho de Jeremias com o resto que os caldeus deixaram na terra, não sabemos por quê (caps. 40-42); e os que fugiram para o Egito, levando à força o agora missionário Jeremias (caps. 43-44). Se não é uma seção trágica, porque as outras também o são, não deixa de ser uma das partes mais inigmáticas do grande profeta. Ao que nós parece, foram muito felizes os que os babilônios deixaram na terra de Judá. Entretanto, os imprevistos correram de tal modo que nós parece teria sido melhor a ida para a Babilônia. Sempre há um Calabar em toda história. Tudo parecia correr a contento dos que ficaram, mas o Diabo tem das suas, e eis que arranjou um tal Ismael, e desse vulto asqueroso e ignóbil resultou uma situação de todo inesperada. É isso que vamos estudar.

I. JEREMIAS EM LIBERDADE (40:1-6)

Ao princípio, Jeremias foi tratado como qualquer dos judeus, pois os oficiais de Nabucodonozor não conheciam os seus intentos. O rei, porém, deveria estar bem inteirado da situação do profeta em Jerusalém, e por isso desejava tratá-lo bem, como o fez depois. Todavia, pelo verso 1, estando amarrado com cadeias, Nabuzaradã mandou libertá-lo, encontrando-se ele no meio de todos os prisioneiros destinados ao exílio. O chefe da guarda mandou desamarrá-lo e disse-lhe: O Senhor teu Deus pronunciou este mal contra este lugar (v. 2) ... porque pecastes contra o Senhor, e não obedecesses à sua voz (v. 3). Como sabia este chefe militar que tudo estava acontecendo porque Deus se tinha retirado do povo? Fala como falaria o próprio profeta, pelo que se conclui, os caldeus estavam seguros de que cumpriam ordens divinas. Não estamos informados de tudo quanto ocorria dentro e fora de Jerusalém. O próprio Nabucodonozor foi nomeado "servo" de Javé, para cumprir as terríveis ordens de destruição de tudo, e, como ele, todos os demais grandes guerreiros eram servos de Deus, pois nada poderiam fazer se Deus os não usasse. Do mesmo modo foi Ciro, o persa, mais tarde comissionado por Deus para libertar o povo, a quem Isaias chama de ungido de Deus (45: 1). Isaias chama Ciro por nome, uns 200 anos antes de ele nascer. Todos os homens são servos de Deus, sendo por ele usados a seu modo.

O conselho de Nabuzaradã foi: Agora, pois, eis que te solto hoje das cadeias que estão sobre as tuas mãos. Se te apraz vir comigo para Babilônia, vem, e eu velarei por ti; mas, se não te apraz vir comigo para Babilônia, deixa de vir. Olha, toda a terra está diante de ti; para onde te parecer bem e conveniente ir, para ali vai (v. 4). Por meio desta paráfrase das palavras do chefe do exército, entendemos toda uma história a respeito do plano divino, tanto para com o povo como para com o profeta. É um consolo, em qualquer situação, saber que tudo está nas mãos de Deus e dele depende. Gedalias já havia nomeado governador dos restantes de Judá, e Jeremias poderia decidir se iria ficar com ele e assim continuar o seu ministério com o restante que ficou. Nós perguntamos: Por que não foram levados todos? Os que ficaram não foram dignos dessa mercê? Interrogação a que ninguém pode responder, como se verá adiante.

Gostaríamos de saber que pensamentos estavam passando pela mente do profeta, ao se ver amarrado com cadeias e tratado como qualquer outro judeu. Como pensaria do seu Deus, que o comissionara para falar ao povo e agora o tratava como os demais? Pergunta a que não sabemos responder. Estamos em pensar que ele confiava no seu Deus, e que, no devido momento, seria tratado como merecia. Quantas vezes prejudicamos os atos divinos! Ver-se amarrado com cadeias e junto com os rebeldes não deixaria de ser uma humilhação; e quem sabe quantos remoques teria ouvido, que o texto silencia? Sejam quais forem as conjecturas que venham à nossa mente, o fato de o coronel babilônico falar ao profeta como a um bom judeu já era uma forma de consolação para quem confiava na divina providência. Olha, toda a terra está diante de ti; para onde te parecer bem e conveniente ir, para ali vai (v. 4). Como Jeremias tardasse em se decidir, o próprio chefe militar lhe dá um conselho: Se assim quiseres, volta a Gedalias, filho de Aicão, filho de Safã, a quem o rei de Babilônia constituiu governador das cidades de Judá (v. 5). Noutros termos: "Se não crês na minha palavra, vai para o teu patrício investido de autoridade, e ele cuidará de ti", como de fato cuidou. O profeta estava agora sendo galardoado por sua fidelidade ao seu Deus, com o mundo ao seu dispor, podendo ir para Babilônia, onde seria bem tratado, ou ficar em Mizpá, com o governador de Judá.

Os versos 2 e 3 parecem não ter sido escritos ou pronunciados por um babilônio antes estão vazados no espírito de suas próprias profecias, pois são um reflexo de tudo quanto ele pronunciou ao povo. É isto o que pensam alguns comentadores, e parece terem razão.

II. OS FUGITIVOS VOLTAM À CASA (40:7-12)

Durante o cerco, muitos dos judeus teriam fugido para os povos vizinhos, tais como os amonitas, moabitas, filisteus e outros. Decidida a sorte da cidade e aclarada a situação, era natural que voltassem a Judá. A expressão os chefes das forças estavam no campo (v. 7) deve ser entendida como uma espécie de guerrilha, que se teria organizado durante o cerco e especialmente depois da leva dos prisioneiros para o desterro. Sendo homens capazes de tudo e de qualquer coisa, vieram a Mizpá, ter com Gedalias, para saberem qual seria a sua sorte. Gedalias era a honra em pessoa e teria sido muito claro quanto ao futuro. Eles é que não eram íntegros, pois já estavam afeitos à vida fora dos limites da cidade. A sua vida era a do campo, que sempre gera o espírito de afoiteza e coragem mal encaminhada. Gedalias jurou-lhes que nada havia a temer (v. 9), pois os que tinham de ir para Babilônia já tinham ido, e os que ficaram tinham a segurança de que não seriam molestados. Habitai na terra, e servi ao rei de Babilônia, e bem vos irá (v. 9). Se eles acreditaram ou não nas palavras de Gedalias, o texto não é claro. De qualquer modo, uma nova tragédia estava armada e sem sabermos por quê. O resto da entrevista de Gedalias com os marginais foi de uma franqueza ilustre quanto ao que cada um tinha a fazer.

Os que tinham fugido para os amonitas, moabitas e outros voltaram às suas terras, para colher os frutos do verão, o vinho, o azeite, etc. Segundo tudo indicava, era um começo novo, que bem poderia produzir bons resultados. Mais tarde seus irmãos voltariam do desterro e poderiam encontrar um bom começo na sua terra. Todavia, pelo que lemos em Neemias, só encontraram povos mestiços, que bem pouco tinham de judeus. A falta de uma política sábia acabou de arruinar o pouco que sobrou do cerco dos caldeus. Há casos em que cordialidade e lealdade não operam. Os judaítas estavam arruinados na religião e na moral. Tinham-se convertido em bandoleiros, esse espírito natural dos que não temem a Deus nem têm pátria.

III. UMA GRAVE CONSPIRAÇÃO EM MARCHA (40:13-16)

Gedalias foi avisado da traição. Joanã e Jônatas, filho de Careá, juntos com muitos guerrilheiros, que operavam no campo, vieram a Gedalias e lhe disseram: Sabes que Baalis, rei dos filhos de Amom, enviou a Ismael, filho de Netanias, para te tirar a vida? (v. 14). Gedalias não lhes deu crédito, esquecendo-se de que os tempos eram anormais, época do banditismo, de gente arruinada e que dava o braço a tudo. Olvidou, outrossim, que muitos o tinham como traidor, por servir a um governo estrangeiro, e que era oriundo de classe plebéia, enquanto Ismael era de origem davídica, o que também deveria influir no ânimo de muitos, para o eliminar. Joanã, filho de Careá, estava certo quando se ofereceu para matar Ismael, mas Gedalias disse-lhe que tudo quanto tinha ouvido era mentira (v. 16). Infelizmente não era. Se Gedalias sobrevivesse, a história seria outra, bem diferente, tanto para os que foram levados para o exílio, como para os que ficaram, inclusive Jeremias. Tudo, pois, fruto da honestidade e da honra de Gedalias. Com a sua morte tudo mudou. O temor de uma desforra dos caldeus se apoderou do povo e o pavor os dominou. Para Gedalias só havia uma norma, que não serve para todo tempo: ser honesto a um compromisso. Ele era o governador nomeado por Nabucodonozor e era só isto o que entendeu. Entretanto, devia compreender que os tempos eram diferentes e dentro do seu campo de honradez deveria ser mais astuto.

O que resta saber são as razões de Baalis, rei dos amonitas, para mandar matar Gedalias. Especula-se, serem os motivos uma desforra contra Nabucodonozor, aspecto que não parece impressionar, pois até poderia acontecer o pior para Amom. O que a nós parece certo foi a posição de Joanã, quando propôs a Gedalias matar a Ismael e seus companheiros. Isso teria evitado maiores males. Mas Gedãlias não era desse estofado e tomou tudo como pura mentira (v. 16). Era época de intrigas e assassinatos, e quem tivesse um resto de moralidade se insurgiria contra tudo isso.

IV. OS POUCOS QUE ESCAPARAM DA CONJURA (41:1-9)

A infidelidade e a crueldade ainda não haviam terminado a sua tarefa. Num ambiente fraterno, sendo Gedalias o anfitrião, veio Ismael, filho de Netanias, da família real, com dez homens dos capitães do rei, corajosos e capazes para tudo.

Comeram e beberam em Mizpá, na casa de Gedalias (v. 1). Todos estavam mancomunados para uma iníqua tarefa, pois nem o fato de serem comensais de Gedalias alterou o seu ânimo. Num momento foram mortos Gedalias e todos os judeus que constituíam a sua guarda pessoal, assim como todos os caldeus que serviam de guarda-costas ao governador Gedalias (vv. 3 e 4). Estava, assim, consumada a conspiração e criada uma nova situação para o resto do povo que ficou em Judá. Ismael deveria saber que o seu ato criminoso criaria outra situação perigosa para o povo de que ele possivelmente se diria defensor, pois o rei caldeu não cruzaria os braços ante um ato tão vil e sem motivo contra o seu representante. Isso, parece, não passou pela cabeça de Ismael. O ciúme, a inveja e a falta de caráter justificaram, no seu entender, aquela carnificina. Um assassino não tem qualquer escrúpulo, nem qualquer sentimento, senão a realização do seu plano. Este episódio, triste e sórdido, mostra-nos o estado moral de Judá naquela quadra histórica. Trata-se de um elemento da família real e de um grupo de homens do serviço do rei Zedequias, homens que, supomos nós, constituiriam um resto da nobreza da velha nação judaica. Parece que a deslealdade, a desonra e o crime eram as grandes qualidades do povo de Judá, de modo geral.

1. A Carnificina Continua (41:1-9)

No dia seguinte, antes que o crime fosse conhecido, um grupo de oitenta homens, com as vestes rasgadas, a barba raspada, vindos de Siquém, de Siló e de Samária, com destino à destruída cidade de Jerusalém, à casa do Senhor, apareceram, levando ofertas de manjares e incenso para lhe oferecerem. Quem devia ir-lhes ao encontro? Nenhum outro, senão o famigerado Ismael, que os chamou para o centro da cidade e ali os matou. Um grupo de dez, mais astutos, lhe disse: "Temos muito trigo, vinho, mel e outras coisas escondidas no campo. Não nós mates." Em face dessa declaração não os matou. A ganância é companheira do crime.

Esse infeliz já foi julgado pela história, pois, para poder atrair os oitenta homens, ia chorando, como quem tinha pena do crime cometido. Parece estranho que o pequeno grupo de Ismael pudesse matar assim oitenta homens; mas foram apanhados de surpresa, mortos e jogados num poço, cavado pelo rei Asa, na sua defesa contra Baasa, rei de Israel. Lá apodreceram, como sucedeu ao nome de Ismael, o assassino de todos eles. É com repugnância que escrevemos estas linhas. Ao final de tudo isto, uma coisa só ocorre ao nosso pensamento: Deus se enfadava de tratar com o povo de Judá. E qualquer um de nós o faria também, pois, o que acabamos de escrever revela a baixeza, a falta de dignidade, a falta de honra da parte de um representante da família real, que, ao menos pela posição que ocuparia em Judá, deveria ter um procedimento diferente. São fatos que a história conta.

2. Ismael Leva Cativos os Restantes (41: 10)

No final de todas estas tragédias, Ismael não se considerou seguro, e ajuntou os sobreviventes entregues à guarda de Gedalias, e se foi para os amonitas, de onde tinha vindo havia pouco. Entre estes, encontravam-se Jeremias, Baruque, o seu secretário, e as filhas do rei (v. 10). Pelo que se lê, Nabucodonozor deixou em Judá muita gente importante, entre a qual se encontravam as filhas do rei e os capitães do exército, mencionados diversas vezes. Podemos imaginar o que teria ocorrido numa ocasião dessas. A confusão fora tremenda e não haveria meios de conter a todos, e mesmo alguns, como já vimos, teriam fugido antes ou mesmo no momento da confusão. Os filhos de Amom eram o povo que morava a leste de Gileade, e que Moisés poupou, por se tratar de gente relacionada com o patriarca Abraão. Eram descendentes de Ló e irmãos dos nioabitas, moradores na mesma região.

V. OS SOBREVIVENTES SÃO RESGATADOS (41:11-18)

Joanã foi um herói. Tão pronto soube da trama de Ismael contra Gedalias e o avisou, agora, depois da chacina contra os que estavam sob a guarda do mesmo Gedalias, arrebanhou todos quanto pode e com os seus homens de guerra foi ao encalço de Ismael, encontrando-o junto às grandes águas que há em Gibeom. Logo que os cativos viram Joanã e seus homens, se viraram e se voltaram para eles. Na luta, Ismael conseguiu fugir. Joanã voltou com os cativos para Mizpá, mas pararam em Gerute-Quimã, perto de Belém, para dali seguirem para o Egito. O medo natural de voltarem a Mizpá, de onde por certo viriam da parte de Nebuzaradã, para uma investigação do que tinha ocorrido, mesmo que nenhuma culpa tivessem. Ainda assim se sentiam inseguros. A frase por causa dos caldeus (v. 18) deve mesmo ser entendida como uma investigação feita sobre tudo que havia ocorrido. O seu causador estava com os amonitas, e os outros não queriam ser responsabilizados. O Egito, pois, se afigurava como refúgio seguro contra qualquer medida que os babilônios viessem a tomar, mesmo que Jeremias, por ordem divina, tivesse avisado a todos, que nenhum mal lhes sucederia (42: 11,12). Os fatos seguintes são para nós um episódio triste, mas o medo faz coisas que o bom senso condena.

VI. OS SOBREVIVENTES CONSULTAM A DEUS ATRAVÉS DE JEREMIAS (42:1-6)

1. Jeremias Apresenta a Deus a Petição do Povo (42:1-6)

Naquela situação aflitiva, só mesmo Deus teria uma palavra segura para dar. Assim foram a Jeremias e pediram que consultasse a Deus sobre o que deveriam fazer. Jeremias atendeu ao pedido. Eles prometeram, sob juramento, que

aceitariam o que Deus dissesse, lhes parecesse bem ou não (vv. 5 e 6), mas em tais situações a palavra vale pouco, e, no caso vertente, mesmo com juramento, de nada valeu, como veremos adiante.

Jeremias consultou a Deus e esperou dez dias pela resposta. Esta veio com promessas encorajadoras, dando-lhes a segurança de nada lhes ocultar, o que nós leva a ver ter sido a verdade fato raro em Judá, pois nem no profeta de Deus tinham confiança, obrigando-o a prometer que seria fiel na entrega do recado divino, fosse qual fosse.

2. Jeremias Dá-lhes a Resposta de Deus (42:7-22)

1) É bom ficar aqui (42:8-12).

Por todo o período de dez dias, Jeremias ficou silencioso, esperando pela resposta divina. Tempos bons, quando alguém pode pedir um conselho a Deus e esperar recebê-lo por intermédio de um homem crente. Afinal veio o recado divino. Jeremias chamou Joanã e os capitães que estavam com ele, e todo o povo, do menor ao maior. Uma assembléia bem democrática. A resposta continha uma exortação e uma promessa. Deus já sabia o que estava no pensamento do grupo, e os exorta a ficarem em Judá. Garante que nada de mau lhes sucederia, que os plantaria e os edificaria, porque estou arrependido do mal que vos tenho feito (v. 10). Esta sentença toca-nos o coração. Deus arrependido da maneira como havia tratado o seu povo é linguagem que ressoa em nossos ouvidas como um som de trombeta divina. Entendemos isso em sentido antropológico, isto é, sentido de homem falar a outro homem, porque Deus não pode arrepender-se de nada, porquanto já sabe de tudo antes de ocorrerem os acontecimentos. O arrependimento é humano, não é assunto divino. Todavia, é um consolo saber que o Deus onisciente sofre emoções como um ser humano. Assim, estava disposto a recuperar o grupo, como quem deseja pagar uma dívida. O restante da mensagem era uma ameaça, caso o SE (v. 13) fosse desprezado.

2) Os perigos da rejeição da promessa divina (42:13-22).

Se ficassem na terra, teriam tudo, e nada precisariam temer, porque Deus trabalharia no coração do rei de Babilônia, e nada de mau lhes adviria. Se, porém, fossem para o Egito, como estava no pensamento deles, então podiam esperar o contrário de todas as promessas feitas, e tudo quanto temiam lhes aconteceria lá. A espada e a fome, que receavam, os esperavam lá; a doença os apanharia; e tais coisas aconteceriam que nenhum escaparia (v. 17). Para um grupo aflito e inseguro na vida, parece-nos que era bem fácil a decisão. Todavia, a desobediência lavrara tão fundo a alma deste povo, que só a rebeldia os dominava. Pois então, o Deus deste universo garante vida, pão e saúde e segurança, e rejeita-se tudo, para dar-se cumprimento a um desejo mau?

Pois assim diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: Como se derramou a minha ira e a minha indignação sobre os habitantes de Jerusalém, assim se derramará a minha indignação sobre vós, quando entrardes no Egito. Sereis um espetáculo de execração, e de espanto, e de maldição (v. 18). Isto porque mandasses um homem me consultar e prometesses cumprir tudo quanto ele vos dissesse em resposta à vossa súplica e, tendo-vos declarado o meu desejo, ainda assim não cumprisses o vosso juramento. Portanto, todo o prometido está sem valor, por causa da vossa deslealdade, da vossa rebeldia. Agora, pois, sabeis por certo que morrereis à espada, de fome e de peste... (v. 22). Foi debalde esta ameaça; cumpriram o que estava no coração, e não o que tinham pedido a Deus por meio do profeta.

CAPÍTULO XIV - PROFECIAS DE ACONTECIMENTOS NO EGITO (43:1-45:5)

I. A DESOBEDIÊNCIA DOS SOBREVIVENTES (43:1-7)

Realmente começa aqui um outro capítulo, uma etapa nova contra a vontade divina. Por dez dias esperaram a resposta à petição mandada a Deus. Durante esses dias teriam confabulado entre si, como a dizer: "Ora, se Deus tivesse uma mensagem para nós, não levaria dez dias para responder. Deus não precisa pensar tanto para dar uma resposta." Se não foi isso que confabularam, parece, pois mudaram completamente de propósito durante os dez dias de espera.

Os homens valentes, que outros traduzem por soberbos (hebr. hammorim), liderados agora por Azarias, filho de Hosaias, e Joanã, já nosso muito conhecido, filho de Careá, que por certo confabularam com o povo durante os dez dias de espera, numa linguagem virulenta, retrucaram a Jeremias: Tu dizes mentira (v. 2). Nas suas conversas teriam dito que o seu Deus não objetaria à ida para o Egito, porquanto ali na Palestina estavam sujeitos a Nabucodonozor, que os levaria para Babilônia, ou seriam mortos ali mesmo, por causa do crime de Ismael, cometido contra Gedalias, o governador da terra. Se esse era o seu raciocínio, estavam dentro da contextura histórica, pois o que o grupo merecia era justamente o que temia. Entretanto, Deus tem uma cartilha diferente e vê as coisas por outro prisma, que eles não entenderam nunca. Não só acusaram Jeremias de mentiroso, como também a Baruque de ser o instigador das palavras de Jeremias. Como vemos, é uma situação difícil de contornar, pois não mais estavam contra Jeremias apenas, mas também contra o seu secretário Baruque. O que causa certa estranheza é a atitude de Joanã, que tão lindo papel desempenhara na crise terminada na chacina de Gedalias e os que estavam com ele. Até ali, Jeremias mereceu crédito daqueles homens, mas agora não. Uma situação totalmente invertida. Parece certa a frase vulgar: "Em tempos de guerra, mentira como terra." Os homens valentes, chamados aqui de capitães, tinham razão em pensar como disseram a Jeremias. Os criminosos sempre temem as autoridades; e quantos crimes estariam nós costados deles! Portanto, para os tais havia no ar um panorama de medo, que sempre acompanha essa gente. Desvairados, levados pelo terror que os minara, ajuntaram o povo que Nabucodonozor deixara na terra com Gedalias (homens, mulheres, as filhas do rei, os meninos), pegaram Jeremias e Baruque à força, e como uns loucos se foram para o Egito, contra todas as ameaças divinas de que aquilo que temiam iriam encontrar lá, inclusive o temível Nabucodonozor, que

depois invadiu o Egito. O leitor não estranhará as relações atualmente existentes entre Judá e o Egito, pois este quase sempre foi inimigo dos judaítas. Por questões de política, tornou-se então amigo, e ainda por essa razão receberia de bom grado todos quantos pudessem escapar das mãos dos babilônios. Esta era a situação; por isso essa gente se revoltava contra todos quantos se opusessem a contatos com o Egito. O destino desta gente era a cidade de Tapanes, agora conhecida como Dafne ou Dafné. Era lugar muito conhecido dos judeus, por motivos comerciais e mesmo políticos, pois era o refúgio de todos os que o governo perseguia por quaisquer motivos.

Está agora o Israel de Deus espalhado pelo mundo inteiro. As tribos do Norte, levadas pelos assírios e que nunca mais voltaram à sua terra, estavam no norte, onde mais tarde os missionários cristãos as vão encontrar por todo o Império Romano. Os judaítas estavam espalhados pelo mundo babilônico, de onde só voltaram alguns quando Ciro, o Persa, conquistou Babilônia. O outro grupo, que fugiu para o Egito, e de que nós ocupamos aqui, estava espalhado nesse país, de onde também não voltou como grupo. Para termos uma idéia dessa dispersão, leiamos o que nós conta o livro de Ester, quando, nas cento e vinte e sete províncias em que se dividia o Império Persa, em todas elas, havia judeus (7:9): na Índia, Etiópia, África e outras partes do mundo antigo. Pelo mesmo livro de Ester, somos informados de o temor de Deus cair sobre todo, o mundo persa, e quantos se teriam convertido ao judaísmo, não sabemos. De todos esses israelitas, só alguns voltaram a Judá nos dias de Esdras e Neemias. Os demais por lá ficaram, dando o seu testemunho a respeito da sua religião. Nesse tempo já estavam curados da sua idolatria e a sua religião era praticada com grande fervor e patriotismo.

Então, que diríamos ante tais acontecimentos? Que o povo de Deus, mesmo quando oprimido, pagando seus pecados, ainda realiza o plano missionário divino. Noutro lugar dessas notas fizemos referência a israelitas que chegaram até a Ibéria, Portugal, uns quatrocentos anos antes de Cristo, e notamos a sua contribuição às cidades que fundaram ou em que moravam, e até contribuíram para espalhar o cristianismo de Ário, um cristianismo herético, é certo, mas que era cristianismo. Louvado seja o Senhor Deus, que jamais perde a parada, como se costuma dizer.

II. A MENSAGEM DE JEREMIAS AOS FUGITIVOS (43:8-44:14)

Está assim iniciado mais um capítulo do drama de Judá. Os fugitivos, cômnicos do crime que haviam cometido, alguns pelo menos, queriam fugir do fogo para caírem no braseiro. O Egito, que lhes parecia um refúgio seguro, ia converter-se num outro "Judá", com a prometida vinda de Nabucodonozor mais tarde. O ciclo das conquistas não estava completo, e enquanto existisse um Egito, mesmo fraco, haveria um perigo para o Império Caldeu. Por isso a promessa da vinda breve de Nabucodonozor.

A discussão desse novo drama é o que vamos ver em quatro subtítulos.

II. A MENSAGEM DE JEREMIAS AOS FUGITIVOS (43:8-44:14)

1. A Promessa da Conquista do Egito por Nabucodonozor (43:8-13)

Não sabemos quanto tempo medeou entre a chegada a Tapanes e a mensagem que veio ao profeta. Parece que não demorou muito. Esta mensagem traz em si a continuação do drama vivido em Judá. O conquistador viria ao Egito, e o que os fugitivos tanto temiam lhes sobreviria. Pelo que sabemos da história, os fatos não se passaram de modo diferente. Possivelmente a mensagem foi recebida durante a viagem, que duraria uns oito dias, pois havia crianças no grupo, e as caminhadas não podiam ser muito intensas. Chegados a Tapanes, o

profeta deu início à sua obra, entregando a mensagem e começando a executar a parábola de que consistia a mensagem. Procurar pedras grandes e colocá-las umas sobre as outras, unidas com argamassa, bem na entrada da casa de Faraó. Ele construiria uma espécie de plataforma, onde Nabucodonozor, servo de Deus, iria colocar o seu trono. Tem-se levantado muitas perguntas a respeito desta obra. O fato é que todos os textos bíblicos concordam com a descrição dada por Jeremias, tanto a LXX como a Vulgata e o próprio texto Massorético. A construção seria feita à vista dos judeus, que indagariam sobre o significado daquilo, e de noite, quando os egípcios não vissem o que o profeta estava fazendo, porque, quanto aos judeus, estes não deixariam o profeta sozinho por muito tempo. A linguagem é a mesma usada em relação a Judá. Quem era para a espada, para a espada, quem para o cativo, para o cativo, e quem era para a morte, para a morte. Portanto, tudo quanto o grupo temia em Mizpá iria encontrar no Egito. O mesmo homem, tão temido, iria chegar em breve. Lançaria fogo às casas dos deuses do Egito e levaria os ídolos para Babilônia. Despiolharia a terra como o pastor despiolha a sua própria veste. Alguns comentadores interpretam o barro que unia as grandes pedras como sendo o Egito, que aparentemente era grande e forte, e as pedras o Império Babilônico. O Egito seria tratado como foi Judá e desta forma pagaria pelas muitas rapinas que havia feito contra outros povos, ou que ainda iria fazer mais tarde, pois sempre foi um país dado à rapinagem. Portanto, a fuga por causa de Nabucodonozor tinha sido inútil, pois o disciplinador divino seria chamado lá de longe para completar a sua obra no Egito. Um fragmento de papiro encontrado em Tapanes relata que efetivamente Nabucodonozor invadiu o Egito em 568 a.C., ou seja, dezessete anos depois da queda de Jerusalém, sendo Amósis Faraó do Egito. Josefo concorda com esta versão, acrescentando que Nabucodonozor fez uma razia na terra, levando presos para Babilônia todos os judeus encontrados, juntamente com os egípcios. Entre as cidades que queimou, menciona-se Bete-Semes, a mesma Heliópolis, a cidade do sol. Temos que dar um desconto a estas versões, porque muitos judeus continuaram no Egito, talvez os que moravam lá antes da ida dos sobreviventes de Judá. Os que Deus queria castigar seriam os do grupo de Mizpá, pois era contra estes que a ira divina se manifestava.

2. Uma Repetição da Palavra de Deus em Judá (44:1-6)

Jeremias traz à lembrança do povo as calamidades que aconteceram em Judá e Jerusalém, não sendo sem causa. A obstinação do povo em servir aos ídolos tinha-se tornado uma praga, uma lepra incurável. Um povo que tinha por Deus o Senhor e Criador dos céus e da terra, a dar-se ao costume pagão, diríamos nós, de queimar incenso à rainha dos céus, à Astarte dos gregos, e por mais admoestações que recebesse, continuava sempre na mesma prática. Por isso as calamidades caíram sobre as cidades de Judá e Jerusalém, e que parece que ainda não serviram de aviso. As mulheres judias eram as mais recalcitrantes nesta prática, como se fossem criaturas irresponsáveis. Os maridos concordavam com elas, e daí o que aconteceu e ainda sucederia. Portanto, os grupos de judeus que habitavam em Migdol, Tapanes, Mênfis e Patros iriam saber, uma vez mais, o que custava desobedecer ao Senhor.

Pelo primeiro verso do capítulo 44, verificamos que os judeus já estavam espalhados por grandes cidades, como informam alguns papiros, e eram bem sucedidos na vida. Como já foi notado noutra lugar dessas notas, o comércio entre os exilados de Babilônia e Egito tornou-se notável para aqueles dias, estabelecendo-se até consórcios bancários entre estes dois pólos do mundo dos exilados. Pela história que o Período Interbíblico nós narra por meio das guerras previstas por Daniel (capítulo 11) também somos informados de que os judeus tomaram grande parte naqueles acontecimentos. Uma prova disso é a tradução dos manuscritos hebreus para o grego, pelo fim do século terceiro a.C., mais ou menos, de onde também nós veio a Vulgata. Por tudo se conclui que os judeus estavam mesmo não apenas espalhados pelo Egito, mas em certa época foram elementos dominantes na vida egípcia. É o caso de repetirmos: Deus se "arrepende" do mal que planeja fazer e traz o castigo pela metade. De modo geral, o mundo deve muito aos judeus; quer os povos da antigüidade, quer os desta época. Ainda não foi escrita a História do Brasil, no que concerne à contribuição dos judeus no período da colonização. Escorraçados de Portugal, muitos se refugiaram na nova colônia, e aqui ajudaram bastante aos primeiros governadores coloniais. Então podemos dizer que, apesar dos seus muitos pecados, eles têm ajudado o mundo a viver. O atual sistema de comércio mundial, por meio de compra e venda a prestações, é um invento judaico, e dizem, os que interpretam mal a história, para poderem tirar "o sangue" dos

gentios pouco a pouco. Uma coisa podemos afirmar sem contestação: graças a este método todo mundo pode ter alguma coisa, pois comprar à vista é condição para poucos. Talvez estas notas sejam consideradas fora do assunto, mas se trata de judeus. Portanto, escrevemos sobre judeus no bom e mau sentido.

3. Jeremias Denuncia os Pecados do Povo (44:7-10)

Muitos sofrimentos estavam para vir, mas os judeus eram os únicos culpados, pois Deus tinha feito o possível, dentro do campo humano, para evitar esses males. Por que fazeis vós tão grande mal contra vós mesmos (v. 7), se com este mal iriam sofrer até os inocentes, como muitas mulheres e até crianças? Parece que uma cegueira espiritual se havia apoderado dessa gente, e não havia castigo que bastasse, nem conselho que fosse suficiente. O pecado é assim mesmo: cega o pecador, e, depois de se deixar dominar por ele, não tem mais jeito. Esta era a pregação do profeta, de cujos resultados tomamos conhecimento no parágrafo anterior. Parece que havia alguns, como se viu antes, que acusavam a Baruque de incitar o profeta contra o povo, alegando que Deus não iria tratá-lo dessa maneira. Havia duas correntes: uma para Deus e outra para os líderes. Era um povo dividido, e assim não havia doutrina que bastasse, nem ameaças que chegassem.

4. O Castigo É Declarado (44:10-14)

Tudo quanto Deus anunciara ao povo, como um todo, era agora anunciado ao pequeno número dos sobreviventes, pois os pecados eram os mesmos, a rebelião, idêntica. Tudo que sucede em Jerusalém iria acontecer no Egito. Eis que eu ponho o rosto contra vós para mal (v. 11). O resto de Judá, que obstinadamente entrou no Egito, para ali morar, seria de todo consumido. Tal como em Jerusalém, seria no Egito, e o vingador era o mesmo servo, Nabucodonozor, que nas mãos de Deus executava os planos divinos, mesmo disso não estando plenamente certo. Os homens todos são usados por Deus, e neste sentido são seus servos.

As ameaças eram de total destruição na terra escolhida para segurança. Todos seriam destruídos, exceto os que conseguissem fugir para Judá, o lugar para onde esperavam voltar (v. 14). Possivelmente alguns conseguiram fugir do novo flagelo, mas o grupo, como tal, nunca mais voltaria à sua terra querida. Uma história de Israel, no Egito, nunca foi escrita, e o que podemos saber é catado aqui e ali, dos papiros e história dos outros povos. Realmente é difícil escrever a história desse povo, tanto no Egito como na Babilônia e nós outros países para onde se foram, inclusive o Brasil, como vimos no parágrafo anterior. Repetimos: o mundo deve muito aos judeus, apesar dos seus muitos pecados. Nem poderia deixar de ser assim, pois foi o povo escolhido de Deus, como missionários ao mundo inteiro; se não fizeram essa obra deliberadamente, a realizaram por outros meios, muitos dos quais nós mesmos ignoramos.

III. OS REFUGIADOS CONTESTAM A MENSAGEM DO PROFETA (44:15-19)

Nós já podíamos esperar que os líderes do grupo retrucassem ao profeta, como o fizeram, e a sua contradita oferece alguns elementos dignos de nossa apreciação. Em primeiro lugar, julgavam o profeta sob a influência de Baruque, quando o que este dizia era o que o profeta falava. Portanto, para eles não era Javé quem falava, mas um homem. Em segundo lugar, alegaram que, enquanto na Palestina queimavam incenso à rainha dos céus, Astarote (no singular, Astarte), tudo ia bem, mas depois de deixarem essa prática, tudo lhes correu mal. Quase o mesmo argumento de Acaz, de Judá, de que, se os deuses dos outros povos os ajudavam, por que não auxiliariam também a eles? (11 Crôn. 28:23). Portanto, estava definida a situação. Decididamente não ouviriam o profeta (v. 16), porque as suas palavras estavam em desacordo com a experiência de todos, inclusive das mulheres. Admitiam elas que seus maridos de tudo sabiam, e jamais as haviam criticado por oferecerem libações e bolos à rainha dos céus (v. 19). Assim, maridos e mulheres estavam contra o profeta e contra a sua doutrina, decididos a não ouvir a palavra do profeta. Segundo alguns comentadores, os muitos males dessa nação judaica e do povo em particular resultaram da reforma de Josias, abolindo toda sorte de idolatria contra a vontade do povo. Pode ser que haja alguma conexão entre a situação confessada agora e a referida reforma. Antes desta, porém, já muitos males haviam sido experimentados pelo povo. A conclusão que se tira de tudo isto é que o povo só pensa no seu bem-estar, mesmo que esteja em desacordo com a palavra de Javé, pois o castigo pelos pecados cometidos não corre paralelo com as infrações. Deus não tem pressa em recompensar a cada um segundo os seus feitos.

IV. A MENSAGEM FINAL DE JEREMIAS (44:20-30)

Jeremias tem uma resposta para as mulheres e para os homens que queimavam incenso à rainha dos céus. De tudo que elas e eles alegavam, já o Senhor tinha tomado conhecimento (v. 21). Javé estava sabedor de tudo, de todas estas práticas e outras, colimadas na ruína dessa nação, e, se não dera a recompensa devida, é porque cada dia tem o seu próprio mal. Javé tem uma medida própria sobre o conjunto de pecados e rebeldia, e age com a precisão que a sua soberania demanda. A prova de tudo estava clara: a nação tinha sido destroçada, e o seu povo, disperso por todos os países ao redor. Não seriam necessários argumentos para demonstrar que o pecado tem o seu castigo, pois as experiências de Judá bastariam para provar tudo. Se as mulheres e seus maridos pensavam ser debalde servir a seu Deus, então era o caso de se explicar a razão de toda a calamidade que acabava de se abater sobre a nação e seu povo. Se tudo que havia acontecido parecesse pouco, podiam esperar pelo que ainda estava para vir, para então terem a última palavra sobre o fato de Deus não permitir o escárnio, nem se deixar escarnecer. De nossa parte, achamos muita ousadia dessa gente, já expelida da sua terra, espalhada pelo mundo, estando milhares deles já mortos, a espada pendendo sobre a cabeça dos que estavam vivos, que nem assim reconheceu o seu pecado, avisada por um homem que falava em nome de Deus. Portanto, não perderiam nada em esperar: o castigo prometido viria, e tão terrível como o que tinha vindo sobre a nação. Então se veria quem tinha a última palavra, se estas mulheres e seus maridos, que as apoiavam, ou Javé (v. 26). A punição seria de tal porte que nem a palavra de Deus seria pronunciada por qualquer homem ou mulher, em toda a terra do Egito. Ninguém mais diria: Tão certo como vive o Senhor Deus! (v. 26). Todos os homens de Judá que estavam na terra do Egito seriam consumidos pela espada e pela fome, até não escapar um só (v. 27). Assim estava lançado o desafio: os que vieram para morar no Egito seriam destruídos e bem poucos sobrariam para voltar à sua terra, até que se acabassem de todo (v. 27). O resto que sobrasse seria apenas para ver se a promessa divina se cumpriria ou não.

O próprio Faraó, cuja proteção procuraram, seria também entregue nas mãos de seus inimigos. Faraó Hofra era o nome do monarca desta época, a quem Heródoto (II: 161), registrando esses fatos, dá o nome de monarca "Apries". Era assim que os gregos o conheciam. Foi destronado pouco depois desses dias e

executado em 564 a.C. Quando Nabucodonozor invadiu o Egito, reinava Faraó Amósis, em 568 a.C. ou 18 anos depois da queda de Judá. Muitos já teriam morrido, mas a maioria estaria viva para testemunhar o cumprimento das promessas divinas de castigar os rebeldes. Assim como Deus entregou Zedequias nas mãos de Nabucodonozor, entregaria Faraó nas mãos do mesmo reinante (v. 30). Desse modo Deus executou a sua promessa quanto a Hofra, a quem os judeus restantes tinham procurado para refúgio, entregando-o nas mãos dos seus inimigos. Quanto aos judeus, poucos, bem poucos escaparam dessas refregas que visitaram o Egito nesta quadra histórica. Os vivos podiam agora verificar se a palavra de Javé valia ou não.

Esta foi uma quadra histórica muito incerta. Nenhum governo se podia considerar seguro. Enquanto houvesse, lá para os lados do Eufrates, um conquistador do tipo de Nabucodonozor, nem Judá nem o Egito estavam seguros. Se tanto um como o outro temessem a Deus, a segurança seria certa. Isso, porém, não estava nas metas desses homens. A história também oculta muita verdade acontecida com Jeremias depois desta quadra. Sombrios e de incalculável incerteza eram aqueles dias. Vemos isso pelo que Deus disse a Baruque (45:5). O antigo Império Assírio estava no pó da história. Dos outros grandes povos antigos, nada mais se sabe. Babilônia era agora a senhora da terra, e a sua influência, quer pelas armas quer pela intriga, dominava em toda parte. A nossa história não alcança o norte, até a Europa dos gregos, se bem que a situação por lá fosse bem diferente. O universo teve um alívio quando os persas tomaram conta do mundo oriental e estabeleceram uma nova tática de governar os povos. Até então tudo era confusão e sobressaltos.

Quanto aos nossos judaítas, com a maioria destroçada, alguns milhares em Babilônia e um resto no Egito, aguardando o seu julgamento divino, podemos olhar o mapa e ver que estava praticamente em branco. Os imensos vazios demográficos, as grandes cidades florescentes da Palestina, os dias faustosos de Jerusalém, tudo pertencia ao passado. A arrogância das mulheres judaítas, de continuar a queimar incenso à rainha dos céus, de pouco tinha valido, senão para a sua ruína.

V. APÊNDICE - JEREMIAS CONSULTA A BARUQUE (45:1-5)

A rigor, a biografia de Jeremias termina com o capítulo 44. De acordo com tal pensamento, este artigo deveria seguir o capítulo 36:1-8. Esta é a opinião de Young, Oesterley e outros. Entretanto, por motivos que todos ignoramos, foi colocado depois do capítulo 44, como uma espécie de epílogo, que tratamos como apêndice à história maravilhosa e vibrante do grande profeta. Baruque está prostrado, doente de tristeza, mas o desgosto de Javé é muito maior que o de Baruque, pois a sua lei, a sua aliança, os seus planos para com o seu povo, tudo está praticamente arruinado, e só por milagre de Deus e sua misericórdia é que haveria um "resto" para manter a Aliança em vigor. Baruque vê tudo pelos olhos de um mortal, enquanto Deus vê pelos olhos do infinito, do onipotente.

Este breve capítulo nós leva, como ficou dito antes, ao tempo de Jeioaquim, filho de Josias, rei de Judá. Eram mui difíceis aqueles dias, pois Jeremias foi preso e jogado numa cisterna, e a Escritura, que mandara, por mão de Baruque, ao rei fora queimada no braseiro que ficava no meio da sala de inverno. Jeremias teve, então, por ordem divina, de reproduzir o rolo queimado pelo rei. Tudo isso deu tanto sofrimento a Baruque, que ficou doente e se queixou a Jeremias e ao Senhor por tamanha amargura. Às suas queixas, Deus respondeu: Eis que estou a demolir o que edifiquei, e a arrancar o que plantei (v. 4). Deus pede paciência ao seu colaborador e promete garantir-lhe a vida onde quer que seja. Deus já sabia que Baruque seria levado ao Egito, junto com o seu mestre Jeremias, onde estava garantido por um decreto divino. Dessa data em diante mui pouco se sabe desse varão fiel, embora isso também não seja o de suma importância. A nação judaica seria desterrada, e os fiéis, se os houvesse, estariam garantidos. A história, toda ela, está nas mãos do onipotente Deus, e não há o que temer, estando com ele. Portanto, no Egito ou em Babilônia, Baruque estava seguro. A Septuaginta omite a frase "em toda esta terra". Há muito de respigar a respeito de certas diferenças do texto hebraico e o da LXX, e que deixamos de considerar, para não tornar o trabalho demasiado longo. Entre Baruque e Deus era este quem mais sofria, pois tinha de destruir o que antes construía e arrancar o que antes semeara, e isso era doloroso para Deus mesmo. Disso aprendemos que o grande e onipotente Deus-Criador é uma pessoa que sofre com os pecados das suas criaturas, e só as castiga porque o pecado não pode ficar sem punição, sob pena da ruína da justiça divina.

CAPÍTULO XV - PROFECIAS CONTRA DIVERSAS NAÇÕES ESTRANGEIRAS (46:1-51:64)

Na versão da LXX, estes capítulos são incluídos no meio do capítulo 25, onde, na versão hebraica, há apenas breves referências a essas nações. Por que motivos o texto hebraico coloca estas profecias aqui, em lugar de no capítulo 25, não sabemos, embora nós pareça, lá ficasse melhor. Uma possível explicação é que estas referências a nações estrangeiras ficariam melhor fora da biografia de Jeremias. A nós nos parece assim também, apesar de esta opinião não ser endossada por diversos estudiosos. Jeremias era bastante nacionalista, se bem que de feitio internacionalista, e, desejando destacar o que Deus dissera a respeito dessas nações, preferiu colocá-lo no fim da sua profecia. Isto é perfeitamente justificável. Como já foi notado por mais de uma vez, as profecias eram entregues ao povo e guardadas separadas, como em forma de capítulos. Ao ser preparado o manuscrito, foram feitas alterações a respeito da ordem cronológica em que ditas profecias teriam sido proferidas, visto que para os antigos a cronologia tinha pouco valor. Este problema não só foi enfrentado por Jeremias, mas também por outros grandes profetas, como Isaías e Ezequiel. Este fato nós leva a ver a mão de Jeremias na catalogação dos seus discursos, o que bem poderia ter sido deixado a outrem.

I. PROFECIA CONTRA O EGITO (46:1-28; ver Isaias 19: 1-20:6)

Estas mensagens a nações estrangeiras justificam-se, porque todas elas, de um modo ou de outro, haviam tomado parte na opressão dos judeus, que sempre foram mal vistos por seus vizinhos. O Egito vem em primeiro lugar, por haver sido o grande opressor dos judeus em certas épocas da história. Sendo país colonialista e conquistador de povos, não poderia deixar de se meter na vida dos judeus. Todavia, quando do nosso estudo sobre o período dos juízes de Israel, fizemos notar que o Egito não se envolvia com a vida israelita desde os dias de Josué, e, através desse longo período de quase 500 anos, só foram visitados por Sisaque (11 Crôn. 12:1-12 e 1 Reis 14:25-28). Alguns comentadores atribuem isso à divisão entre as tribos depois da morte de Salomão, uns acreditando que Sisaque veio defender Roboão contra Jeroboão, e outros, com o fim de pilhagem. O que é de justiça declarar é que por séculos os hebreus não foram molestados pelo Egito, e pensam até alguns comentadores que tanto o Egito como Israel eram aliados, pois Israel serviria de tampão para as conquistas egípcias noutras áreas. Admite-se que, se os egípcios se intrometessem na vida israelita nos dias de Josué, a conquista da terra seria muito prejudicada (ver Estudo no Livro de Josué, do autor). Esse fato seria ainda mais agravado nos dias dos juízes, quando nem havia um líder capaz de enfrentar uma tal situação. Posteriormente, o Egito se envolveu por vezes na vida dos israelitas, e, nos últimos anos, com as conquistas dos assírios e babilônios. O Egito desempenhou, por vezes, o papel de defensor e de agressor. Por isso a sua culpa no cartório. Havia chegado o tempo de pagar, e o fez com grandes juro, como já tivemos ocasião de notar, quando Jeremias ameaçava os retirantes de se refugiarem no Egito, onde seriam apanhados, como foram.

I. PROFECIA CONTRA O EGITO (46:1-28; ver Isaias 19: 1-20:6)

1. Uma Virada na História - A Batalha de Carquêmis (46:1-12)

O leitor dessas notas deve estar lembrado do encontro com Faraó Neco com as forças babilônicas, de que resultou a morte de Josias (ver II Crôn. 35:20-27 e II Reis 23:28-30). Nínive, a antiga potência temível, já havia desaparecido do mapa, e ao Egito pareceu que era tempo de refazer o seu império no norte da Palestina. Do encontro com as forças de Nabucodonozor, um dos destruidores de Nínive, saiu derrotado, mesmo que as crônicas egípcias digam o contrário. Agora Jeremias vê uma visão acerca de Neco como um exército invencível, mas logo vê também os exércitos derrotados, em pânico e em debandada. É uma admirável capacidade de ver os fatos mesmo à distancia, como neste caso. O Egito subiu como se fosse o Nilo na sua enchente, e depois desceu como para ficar seco. A história tem muito que contar desde os dias de Totmés III, coirmão de Moisés, de Ramsés II e seu herdeiro Merempta. O grande encontro de Totmés III com os hiteus e depois Ramsés II contra os mesmos, na célebre batalha de Megido, quando foi pela primeira vez feito um tratado de "não-agressão" entre os dois contendores e feita a divisão dominadora do mundo, foram dias de grande glória para o Egito, onde moravam os hebreus, à espera do seu libertador Moisés. Neco pretendeu reviver estes dias de glória, mas foi infeliz, porque agora a situação era outra e Deus estava diretamente à sua frente. O herdeiro do mundo, Nabucodonozor, estava chegando, e estava-lhe afeto um grande plano, que ele mesmo ignorava. Portanto, o Egito poderia ir a Gileade, em busca dos óleos e aromas para curar as feridas antigas, mas de pouco valeria esta cura. O seu dia estava chegando, e as nações, uma de cada vez, iam caindo em seu poder. Caiu a grande Assíria, depois o Egito, depois Babilônia, depois os persas, e assim se findou o antigo mundo até a vinda dos gregos, para a implantação da sua língua e filosofia, como preparo para a vinda de Cristo. É maravilhoso contemplar o xadrez geográfico e histórico do mundo na sua contextura, a fim de preparar o campo onde se iria desenvolver o povo escolhido. Agora, esse mesmo povo privilegiado está a terminar a sua longa história e caindo por causa dos seus pecados, porque, se tivesse sido fiel, não cairia jamais, visto que possuía, a seu lado, o Deus Criador e sustentador dos reis e tronos. Infelizmente, caiu também.

Nos exércitos egípcios nota-se uma mistura de forças, pois eram compostos de etíopes, líbios e puteanos, nações vizinhas do Egito, que já estavam dominadas por ele ou forneciam tropas para suas conquistas. O Egito ocupa a parte norte da África, e, muitas outras nações, agora independentes, ou eram vassalãs ou cooperavam em suas campanhas, como a Etiópia, terra da rainha de Sabá, hoje nação bem conhecida, e a Líbia, que conquistou a sua independência com a libertação dos povos africanos da tutela européia. Era, pois, um exército internacional o de Neco (ver Ez. 30:5).

2. Jeremias Vê Longe (46:12-26)

Jeremias teve a visão de que a derrota do Egito em Carquêmis o deixava de portas abertas a outros conquistadores, e assim compreendeu que, uma vez liquidados os povos do norte, chegaria a vez do Egito. Babilônia era agora, na providência divina, a nação eleita para castigar os rebeldes, até chegar a sua vez também. Jeremias, no capítulo 44, nesta profecia, vê o fim de Migdol, Tapanes, a terra escolhida para os refugiados, Mênfis e Patros, algumas das principais cidades que Nabucodonozor iria conquistar e onde encontraria os fugitivos de Judá que para lá tinham ido com medo dele. Fugiam do fogo, para cair na labareda, pois era a tanto que a situação se assemelhava. A nota era que o Egito se apressasse, porquanto todas as barreiras ao redor já haviam desaparecido. As portas estavam abertas. O seu Touro, o boi Ápis, havia sido derribado (v. 15), e ninguém o poderia levantar. O touro era uma encarnação de Osiris, a divindade principal dos egípcios, mudando de nome sempre que

mudava de lugar de adoração. Os soldados tropeçariam uns nós outros e Faraó seria apelidado de Espalhafatoso, porque prometia muito, e conseguia pouco.

As promessas eram tão seguras como é certo que Tabor está entre os montes e o Carmelo junto ao mar (v. 18). Deus mesmo, o fazedor da história, dá o seu nome como Rei e Senhor dos Exércitos. Este nome era privativo das suas atividades com o povo de Israel ou Judá, mas ele agora fala numa terra estranha e é bom que se saiba quem está falando. A figura do verso 19 é a de quem está de viagem, porque Mênfis, a grande capital do norte, iria ficar despovoada, e até os seus soldados mercenários lhe virariam as costas, simbolismo de desolação com a vinda de Nabucodonozor. Este é representado como o Tabor, altaneiro e invencível (v. 18). Vem como machado cortador de árvore e cortará o bosque, mesmo que pareça impenetrável (v. 23).

Na hora da batalha, que seria tremenda, o Egito faria um ruído como de serpente que foge, ruído surdo e imperceptível, quando o de que o Egito carecia era do rugido de um leão, como costumava fazer nós tempos antigos. No pensamento dos egípcios, a serpente era o símbolo do deus de Tebas, a capital superior do Egito. Igualmente, o deus Amom e todos os deuses seriam castigados. Eram muitos, porém de nada valeriam ao Egito, que seria destruído. Todas as forças vivas do Egito eram adoradas como deuses, mas agora de nada adiantaria este culto e nem mesmo Faraó socorreria o povo. Seriam todos entregues nas mãos dos caldeus, e nada lhes poderia resistir. Todavia, depois dessa destruição, o Egito voltaria a ser habitado, como nós dias antigos (v. 26), pois o Deus dos Exércitos destrói, mas também constrói. Ele não é Deus destruidor. Quando é preciso destruir, destrói, mas depois constrói. Não é assim, porém, que fazem os deuses dos povos, que, ao vencer os inimigos, os deixam prostrados para sempre.

3. Uma Mensagem de Conforto (46:27,28)

Acredita-se que este trecho esteja deslocado, porque o estilo é mais de Isaias que de Jeremias, e se parece muito com Jer. 30: 10,11. Jeremias está vendo o cativo em andamento, e não em promessa, como se deduz do verso 27. Por outro lado, o profeta está falando ao Egito. Como repentinamente se vira para Jacó e lhe promete livramento? Podemos dizer que a mente do profeta oscilava entre um fato atual e um posterior, e, assim como Deus prometia reconstruir o Egito, que nada tinha com a sua obra providencial, muito mais faria esta reconstrução ao seu povo, tanto o que estava no Egito, como o que estava em Babilônia. Não vemos que seja preciso recorrer a uma interporlação do sagrado texto, porque a ninguém tal proceder valeria. No estilo de Jeremias, Deus é um Deus de misericórdia e amor. O mal que cria agora é traduzido por bênçãos mais tarde. Com esta mentalidade, o profeta deseja desviar todo pensamento pessimista, para só ver o pensamento de Deus criador e beneficente.

CAPÍTULO XV - PROFECIAS CONTRA DIVERSAS NAÇÕES ESTRANGEIRAS (46:1-51:64)

II. PROFECIA CONTRA A FILÍSTIA (47:1-7)

Os filisteus são originários de Creta, e entraram na Palestina um pouco antes da chegada dos hebreus. Segundo alguns historiadores, eles eram originários do Nilo, no Egito (ver Gên. 10:14; Deut. 2:23; Amós 8:7). Foram para a Palestina

um pouco antes da chegada dos hebreus. O seu nome original é caphtorim, que alguns interpretam como uma ilha, e outros, como Creta. Foi do seu nome que se originou a palavra Palestina, de Phalastine. Não se sabendo bem de onde vieram, sabe-se que era um povo grandemente desenvolvido, possuindo o segredo da fabricação do ferro, o que os tornava superiores em armamento aos hebreus, que até para afiar uma agulhada tinham de ir aos ferreiros filisteus. Apossaram-se da faixa litorânea do Mediterrâneo, fértil e de clima ameno, e lá desenvolveram a sua civilização. Eles estavam dentro do plano divino de conquista, mas, por motivos que ignoramos, Josué mal chegou às fronteiras dessa gente. Isso valeu por uma série de lutas através de séculos. Igualmente os fenícios estavam dentro do círculo das conquistas. Todavia, não chegaram a ser molestados por Josué, tornando-se grandes aliados dos israelitas nos tempos de Davi e especialmente de Salomão. Grandes navegadores, como nós mostram os livros de Reis (I Reis 9:26,28 e refs). Graças a esta capacidade de navegadores, coube-lhes a tarefa de visitar o Brasil séculos antes de Cabral.

Os caftorins, por sua grande cultura, comparada com a rudimentar dos israelitas, foram sempre inimigos irreconciliáveis dos hebreus desde os primeiros dias da conquista. Por causa dessa atitude, Deus lhes outorgou o devido pago. Tinham uma confederação de cinco cidades, cada uma com o seu régulo, seu ídolo, mas em tempos de guerra uniu-se como um só país. Davi, nos dias da perseguição de Saul, valeu-se deles, e assim pôde fugir à sanha de Saul. Parece que nos dias de Davi sofreram rudes golpes e ficaram um tanto enfraquecidos. Entretanto, o seu colapso só se deu nos dias de Nabucodonosor, mesmo que as crônicas que possuímos não nos informem com segurança sobre a conquista babilônica dos caftorins. Desse tempo em diante, eles desapareceram da história como povo de alguma valia.

Antes que Faraó ferisse a Gaza (v. 1). Gaza era uma das cinco cidades confederadas e fica bem perto do Egito. Não se sabe quando se deu este choque, mas admitimos se deram diversos, porque os filisteus eram um povo irrequieto e por vezes se teriam estendido mais para o sul, até atingir as fronteiras do Egito. Gaza é uma das mais antigas cidades da Palestina, talvez mais antiga do que Jericó. Alguns arqueólogos admitem a sua fundação como no ano de 4000 a.C. Os arqueólogos estão trabalhando para trazer à luz a sua história. Eis que do norte se levantam as águas (v. 2). Águas significam umas

vezes multidões rugentes como um mar, outras, como águas revoltas. Aqui devem significar as multidões de soldados vindos do norte, como um dilúvio assolador, grande calamidade para os filisteus, que estavam mais acostumados a dar ordens do que recebê-las. Essa avalanche cortaria o socorro de Tiro e Sidom, cidades vizinhas e algumas vezes aliadas, e que parece teriam socorrido os vizinhos em alguns reencontros, cuja história ignoramos. O resto de Caftor (Creta) seria destruído. A calvície que sobreveio a Gaza significa a sua destruição (v. 5). O resto do seu vale é vertido pela LXX como Anaquim, os gigantes muitas vezes referidos em Josué e mesmo em Gênesis, um dos quais Davi venceu metendo-lhe um seixo na testa. Parece, era ali a sede dessa raça agigantada, que parece relacionada com uma grande família em Hebrom, nós dias de Josué, a família arba ou os anaquins, como são aqui apelidados (Jos. 14:12-17). O verso 5 só pode mesmo ser interpretado como o povo que se retalhava nas cerimônias religiosas, como fizeram os sacerdotes nós dias de Elias (I Reis 18:20-40). Os versos 6 e 7 falam bem alto do que estava para acontecer. Uma queixa concernente à espada do Senhor, pesando agora sobre a cabeça desses antigos perseguidores do povo de Deus, e a resposta: Como podes estar quieta (a espada) se o Senhor te deu uma ordem? (v. 7).

NOTA: A opinião deste autor de que os filisteus eram originários de Creta, e não do Egito ou de qualquer ilha ali por perto, deriva-se do fato de que a cultura que esta gente demonstrou era muito adiantada para povos da Palestina. Ainda não se conhece a cultura de Creta, porque os seus residentes a escondem por todos os modos e meios, embora já se saiba que foi ali onde se recolheu a cultura pós-diluviana, perdida noutras paragens. O que se sabe, e é bem pouco, nós convence de que esta gente recebeu e conservou muito do que Noé e seus filhos trouxeram do mundo desaparecido. Por agora é só isso que se pode dizer.

III. PROFECIA CONTRA MOABE (48:1-47; ver Isaias 15:1-14)

O pequeno povo moabita, como se sabe, era irmão dos amonitas, ambos descendentes de um incesto entre Ló e as suas duas filhas, Por ocasião da destruição de Sodoma, Gomorra e outras cidades da Planície. Estabeleceram-se nas férteis planícies a leste do Jordão, e foi ali que Os israelitas os encontraram quando vieram do Egito. Por ordem divina, não foram molestados, pois eram aparentados dos mesmos israelitas. Esse fato, porém, parece, não influiu sobre eles no curso da história, pois raras foram as ocasiões em que não estavam desavindos, quando nem mesmo em guerra. Por muitos anos estiveram sujeitos aos reis de Judá, até sacudirem o jugo nós dias do rei Jeú (II Reis 8). Foi em guerra contra eles que Acabe perdeu a vida' ^Agora, neste final de contas com Javé, também os moabitas tem o seu quinhão, para não troçarem dos seus parentes judaítas. A morte de Gedalias se deveu, em grande parte, a instigações de Baalis, rei dos amonitas, irmãos dos moabitas, os quais também tiveram a sua parte neste ajuste de contas. Assim podemos concluir que ninguém semeia contra Deus, para não receber o seu pago.

1. Um Povo e Seu Território (48:1)

Como ficou dito atrás, o território dos moabitas ocupava um alto e fértil planalto a leste do Mar Morto e prolongava-se até o norte de Hesbom (Núm. 21:26). Mesmo que os israelitas não tivessem permissão para desalojar essa gente, consideraram como seu o território pertencente a Rúben, a parte que ficava ao norte do rio Arnom (Jos. 13:15-21). Todavia, muitas das cidades atribuídas a Rúben ficaram finalmente em poder dos moabitas (Is. caps. 15 e 16). Este trecho de Jeremias 48 deve ser comparado com o de Isaías 15 e 16, pois tem muito em comum, e seria interessante que o estudante comparasse as duas passagens.

2. Deus Contra Camos (48:2-15)

Camos era o deus principal dos moabitas e foi um dos que contribuíram, na idolatria de Salomão, para a sua ruína (1 Reis 11: 7). Por certo, no reino de Salomão, os moabitas se lhe aliaram e deram uma das 700 princesas como garantia dessa aliança.

Os moabitas eram muito vaidosos do seu deus, a quem atribuíram as suas vitórias no passado, e por isso o seu deus e sacerdotes que o serviam deveriam ir para o cativoiro.

Ai de Nebo! (v. 1). A cidade deste nome, e não a montanha, sua homônima, bem como Quiriate já estavam tomadas, a grande fortaleza estava abatida e envergonhada. A referência a diversas outras, como Hesbom, famosa cidade à leste do Jordão e concedida por Josué a Rúben, indica apenas que o país estava sendo devastado pela guerra. Também tu, Madmém, serás reduzida ao silêncio. Esta cidade era uma das principais do conjunto moabita (v. 2). O mesmo se diz dos gritos de Heronaim (v. 3). Destruída está Moabe, e seus filhos fizeram ouvir, gritos na subida de Luíte, lugar não identificado, cujos gritos eram ouvidos

até Zoar, um local situado a sudoeste do Mar Morto, meio deserto. Tudo indica que a angústia era grande entre o povo e que a desgraça da cidade era coisa inesperada. Esta descrição de Jeremias é patética e até poética, se bem que no fundo haja uma lição válida em todos os tempos. Não adianta lutar contra Deus, porque, no devido tempo, ele toma as suas providências. Isto serve até para os gastos dos cristãos do nosso século. O conselho divino é que o povo fuja da calamidade e salve a vida (nephesh), o elemento vital do ser humano, e se torne como os arbustos do campo (v. 6). Moabe não teve uma vida pacífica através da sua história, mas sempre foi um povo farto e bem nutrido. Agora, porém, poderia ficar como um arbusto no deserto, isto é, como ungia coisa abandonada. Isso aconteceu por causa do seu Camos, que não defendeu o povo. Os deuses desse povo e de outros eram pura vaidade, porém criam neles, e disso resultou a sua ruína. O caos dos povos resulta da sua idolatria, das divindades que adoram e que não podem livrar. O povo confiava em suas obras: Pois, porquanto confiaste nas tuas obras e nós teus tesouros, também tu serás tomada e Quemós sairá para o cativo (v.7). Moabe nunca foi nação rica, mas por causa das suas cidades e campos férteis, era um país tranqüilo. Nos dias de Judá e especialmente de Acabe, quando os sírios ameaçavam tomar tudo, Moabe teve dias incertos, mas fora disso, era um pequeno país tranqüilo. Agora iria para o cativo porque o Senhor o disse. Virá o destruidor sobre cada uma das cidades, e nenhuma escapará (v. 8). Quem hoje passa pelos lugares onde estiveram essas cidades fica assombrado da desolação. Entretanto, a arqueologia está trazendo a descoberto o que foram estas mesmas cidades nos seus dias faustosos, com grandes hipódromos de piso de mármore, grandes colunatas de estilo grego, uma pompa morta, porque a destruição veio do Senhor. Essa gente devia conhecer o Jeová dos seus parentes israelitas, pois eram vizinhos e viram grandes milagres efetuados por ele, como o que nós relata II Crôn. 20:1-30. Isso não podia ser ignorado.

O castigo é contrastado (48:11-15). Moabe pede asas para voar para longe, porque até agora esteve em paz, mas o dia viria quando teria de fugir, e fugir com pressa. O verso 10 parece uma repetição de 17:5, noutras palavras, querendo dizer que o destruidor deveria apressar-se, e não demorar, porquanto o que faz o trabalho do Senhor com moleza é maldito. O destruidor, mesmo que seja um ímpio, nesta obra é um servo do Senhor, como no caso de Nabucodonozor, que, para destruir

Judá, foi chamado servo de Deus. Todos os homens são servos, bons ou maus, porque todos estão nas mãos de Deus. Moabe esteve despreocupado por longos anos, apenas enfrentando guerrilhas, que nunca destruíram a sua estrutura política. O seu vinho ficou por anos nos odres, sem necessidade de ser mudado. Não havia necessidade de mudanças. Moabe tem estado sossegado desde a sua mocidade (v. 11). O seu descanso acabou. Viriam transferidores, que mudariam o vinho de uma vasilha para outra. Tudo seria transformado, é a figura do profeta Jeremias. Então Moabe terá vergonha de Quemós (seu deus) (v. 13), assim como Israel teve vergonha de Betel, o centro religioso fundado por Jeroboão, o idólatra do Norte. O descanso de séculos iria acabar. A sua valentia e a sua capacidade para guerra acabariam (v. 14). Moabe seria destruída, ou está destruída, sendo usado o verbo no presente para designar um fato ainda futuro. Este é um modo muito comum de usar o verbo no hebraico, o presente histórico pelo futuro.

3. Moabe Desceria da Sua Glória (48:16-25)

A calamidade de Moabe seria tão grande, que até os vizinhos teriam pena dele. Condoei-vos dele todos os que estais em seu redor (v. 17). Quando Judá caiu, Moabe se gloriou, e Amom também, e ao ponto de não quererem que um resto ficasse com Gedalias. Esta alegria na derrota dos outros é um crime, porque cada um tem o seu dia. A vara forte e o cajado, símbolos de poder, foram quebrados (v. 17). Desce da tua glória, e senta-te no pó (v. 18). Dibom ficava

entre duas montanhas, e por isso o profeta manda que desça, porque lá também iria o destruidor. Jeremias conhecia bem a topografia de Moabe. Dibom ficava perto do Mar Morto, a uns 20 quilômetros, se tanto, nuns montes estéreis. As fortalezas, estivessem, onde estivessem, seriam tomadas e destruídas. Foi ali em Dibom que o missionário inglês encontrou a famosa Pedra Moabita, em 1868, que, depois de traduzida, desvendou um mistério a respeito da história de Moabe e Israel, quando este perdeu o seu domínio sobre o inimigo. O texto hebraico é muito vago a respeito deste fato histórico, mas esta pedra esclareceu tudo. É uma história romântica a descoberta, compra e tradução da pedra. Aqui não cabem maiores detalhes. Os versos 21-24 dão uma série de cidades, umas bem conhecidas, e outras não, que seriam destruídas, por onde os críticos vêem que a calamidade que desabou sobre Moabe foi igual ou pior do que a que atingiu Israel e Judá.

4. O Antagonismo de Moabe Será Quebrado (48:26-34)

Todos os povos ao redor de Israel eram antagônicos, todos fracos, de modo geral, porém viviam em constantes rixas uns com os outros, e, quando um era vencido, os outros se gloriavam. Sempre houve antagonistas e antagonismos, mas agora Moabe iria ter um antagonista diferente. O poder de Moabe estava quebrado, porque o Senhor era o seu antagonista. Moabe se revolverá, embriagado, no seu vômito, e ele se tornará objeto de escárnio (v. 26). Tinha escarnecido do seu vizinho Judá, e agora chega a sua vez. A Septuaginta diz: "Ela bateu as palmas", isto é, em zombaria. Agora também outros baterão as palmas contra ela. Pois não se tornou também Israel objeto de escárnio para ti? Porventura foi achado entre ladrões? (v. 27). Não adiantava menear a cabeça contra os outros, pois chegada era a sua vez. Israel pecou apenas contra o seu Deus, nunca foi país de rapina., Não era, pois, motivo para troça. Israel não era

razão de zombaria. Era o povo eleito, pecador, sim, mas contra o seu Deus. Isaias tem linguagem parecida em 15:5 e 16: 7, 11, com respeito a Moabe. Agora Moabe é convidado a deixar as cidades e morar nos rochedos como as pombas (v. 28). A soberba, arrogância e espírito de zombaria eram grandes em Moabe (v. 29), mas agora tudo iria acabar. Eu conheço, diz o Senhor, a sua insolência, mas isso nada é (v. 30), pois tudo terá fim. Os seus homens seriam como pasta de figos amassada com farinha, isto é, como nada diante da vingança de Javé. A palavra "homens" no verso 31 significa a dita pasta oferecida nos festivais idólatras. Quer dizer, não valiam nada, mas eram o orgulho de Moabe. Por isso uivarei por Moabe (v. 31), porque as suas festas de vinho e bebedeiras tinham acabado; os festins, atrativos de tantos, vindos de outros países, estavam no fim. Agora era tudo desolação, porque o vingador tinha chegado e caído sobre seus frutos de verão, sobre as vindimas (v. 32). Uma série de figuras para descrever a ruína e a desolação, que seguiriam a chegada do destruidor. Jeremias não era apenas um grande profeta, mas um grande poeta. Aliás, todos os profetas eram poetas. Tirou-se, pois, a alegria e o regozijo do campo fértil, pois Deus fizera cessar, nos lagares, o fabrico do vinho, e já não se pisarão uvas com alegria (v. 33). O pisar as uvas nas bacias ou balsas era um motivo de alegria, como recorda este escritor do seu tempo de menino em Portugal. Agora, o que se ouve em Hesbom, Eleabe e Jaz e até Zoar (já estudado) são os gritos, que vão até Horonaim e Eglate-Selíssia. Uma desolação geral, onde não havia cidades seguras; todos gritavam, e não havia socorro. Temos, aqui, uma descrição patética do que foi a destruição de Moabe, por causa do seu espírito zombeteiro contra os israelitas e também devido à sua idolatria. Pois também as águas do Ninrim virão a ser uma desolação (v. 34). Deus castiga o seu povo, mas não admite que outros o castiguem. Atualmente os árabes estão fazendo sofrer muito os pobres hebreus, corridos de todos os cantos do mundo, e refugiados onde dizem, e com razão, ser a sua terra; mas olhem bem os mesmos árabes o que os espera. Esta é a história do mundo. Jamais povo algum perseguiu impune esta gente. Aí está o nazismo, hoje uma vergonha histórica.

5. Moabe Geme e Chora (48:35-42)

A causa desse choro é o castigo divino por sua idolatria e má vontade para com os seus parentes israelitas. Demais, farei desaparecer de Moabe, diz o Senhor, aquele que sacrifica nós altos, e queima incenso A SEUS DEUSES (v. 35). Era o pecado dos povos antigos: queimarem incenso a ídolos que nada valiam. Jeová esmagou Moabe como se fora urna cana quebrada, embora ainda assim sentisse ter de fazer tal coisa, pois o seu coração geme como flauta por causa do sofrimento de Moabe (v. 36), feito em pedaços como um vaso inútil e que não agrada mais (v. 38). E toda cabeça será raspada, e todas as barbas serão arrancadas. Os homens se tornarão um escárnio para todos e toda a fartura que havia em Quir-Heres seria espalhada. Moabe sempre foi um pequeno país de vida abundante, por isso sendo sempre cobiçado o seu território; mas agora, nas praças da cidade e até nós eirados das casas, só haveria choro. A desolação atingirá os homens valentes, e o seu coração ficará como o coração da mulher quando está para dar à luz. Não serão mais nem valentes nem arrogantes. As cidades e as suas fortalezas serão ocupadas. Os motivos da sua arrogância serão pagos, porque se fizeram vaidosos e se engrandeceram contra o Senhor (v. 42). A descrição que Jeremias dá de Moabe é igual, em termos gerais, àquela dada de Judá, porque os pecados são os mesmos, menos o fato de Moabe não estar debaixo de um concerto e Deus não ser o Deus de Moabe. Todavia, não há povo inocente, especialmente sendo vizinho de Israel e partilhando em grande parte da vida dos israelitas. Os povos idólatras pagam por seus pecados contra Deus. Quando lemos, como nestes dias, que as enchentes estão assolando e devastando cidades do Brasil, do norte ao sul, e noutros países, como entenderemos essas calamidades? Deus é bom e não quer o mal de ninguém. No entanto, um povo como o brasileiro, cheio de ídolos (santos), de tudo se lembrando, menos de Cristo, que deu a sua vida na cruz por esta gente, que poderá esperar? O mesmo fato, em termos diferentes, ocorria em Moabe. Então o castigo virá, sem dúvida.

6. Jeová Tem a última Palavra sobre o Castigo (48:43-47)

E Moabe será destruído, para que não seja povo, porque se engrandeceu contra o Senhor (v. 42). Qual é o povo e quais são os deuses que se engrandecem contra Javé? Todos serão destruídos. O castigo vem com terror, cova e laço. Nabucodonozor vem aí, para te dar o pago dos teus feitos contra Javé. Não adianta fugir do terror, porque quem o fizer cairá na cova. O conquistador virá como um laço sobre toda a terra no ano do seu castigo (v. 44). Os versos 45 e 46, com ligeiras variantes, baseiam-se em Números 21:28 e 24:17. O oráculo de Balaão será cumprido, embora séculos depois. Moabe foi poupado nos dias de Moisés, por causa do seu parentesco com os hebreus, mas a sua conduta, desde os dias de então, merecia o que vai receber agora. O povo de Quemás ia perecer juntamente com o seu deus, e os seus filhos e filhas iriam para o cativeiro como haviam ido os israelitas.

Aqui está um capítulo que vale como um odre que se vai enchendo dia a dia. Os pecados, acumulados durante séculos, não estavam esquecidos diante do Deus Todo-Poderoso, e no devido tempo aquele povo pagaria por tudo. Há, todavia, uma promessa: a sorte de Moabe seria mudada um dia, conforme o desejo do Senhor, se bem que agora houvesse juízo contra ele (v.47). A cólera é sempre coisa estranha ao coração de Deus, e o seu zelo em castigar o mal é temporário. É como dissemos noutra lugar: Deus se arrepende de pensar o mal contra o povo. Então, nas maiores calamidades, há sempre um Deus compassivo e misericordioso, para quem se deve apelar. Louvado seja o Senhor!

IV. PROFECIA CONTRA AMOM (49:1-6)

Amom era irmão de Moabe, sendo ambos filhos de Ló com as suas duas filhas na ocasião da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, fato bem conhecido e lamentado. Ambos se estabeleceram na mesma região, mas sempre mantiveram fronteiras distintas, com seus deuses, sendo Milcom o principal (1 Reis 11: 5,33). Quando da conquista de Moisés da área oriental do Jordão, os territórios dos edomitas e amoritas foram conquistados por causa da sua rebeldia em não darem passagem ao povo; todavia, quanto aos amonitas, Deus disse: Não os molestes e com eles não contendas (Deut. 2:19). O território conquistado aos outros povos foi dado aos rubenitas, gaditas e à meia tribo de Manassés, enquanto a área dos amonitas e moabitas foi respeitada. Muitos anos depois fizeram guerra contra os seus parentes israelitas, acusando-os de lhe haverem roubado terra (Juí. 11). Não era verdade que os filhos de Amom tivessem sido desapossados de suas terras, mas a mentira também valia para fazer contendas. Agora, depois de muitos séculos, há um ajuste de contas com Deus, que é o juiz supremo dos povos e dos homens, o Deus que nada esquece, nem o bem nem o mal.

Portanto, eis que vêm os dias, diz o Senhor, em que farei ouvir contra Rabá dos filhos de Amom o alarido de guerra... (v. 2). Rabá era a capital dos amonitas. a qual, com suas cidades e aldeias, seria queimada, voltando as suas terras à posse dos israelitas (v. 2). Não sabemos quando se deu esse acontecimento, nem isso importa para o caso. Amom vangloriava-se da fertilidade do seu campo, mesmo estando enervado entre o território dos israelitas e o deserto de Arábia. O povo e o seu deus Milcom iriam em cativo. Os vales, luxuriantes e férteis vales, não seriam garantia de sobrevivência, porque haviam pecado contra o Senhor. Tudo seria desolado e destruído, embora o Senhor dissesse: depois disto farei voltar do cativo os filhos de Amom (v. 6). Sempre uma promessa de restauração, ocorrida anos depois e de que a história geral não tomou conhecimento, pois tudo quanto sabemos é através dos escritos dos profetas, e estes não se ocuparam com o destino desses povos. Depois da restauração de Judá, com os movimentos de Neemias, cessam as informações a respeito do Oriente. O Império Persa, que substituiu o Caldeu, também desapareceu, nas conquistas de Alexandre em 330 a.C., e depois dessas datas pouco se sabe do Oriente Médio, assim conhecido atualmente.

V. PROFECIA CONTRA EDOM (49:7-22)

Edom era outro povo aparentado com os hebreus, pois descendia de Esaú, filho de Isaque e irmão de Jacó. Quando Esaú perdeu a primogenitura em favor de Jacó, o pai prometeu-lhe que viveria do deserto e da força da sua espada (Gên. 27:39). Depois desse incidente doméstico, Esaú mudou-se de Canaã, com suas mulheres, para a terra de Seir, uma região montanhosa, e lá se desenvolveu. O capítulo 36 de Gênesis nós dá amplas informações sobre este rapaz, que ficou odiando o irmão Jacó, até que se reconciliaram, anos depois, quando Jacó voltava de Padã-Arã, conforme Gên. 32:3-21. Dessa briga doméstica nasceu esse ódio terrível dos atuais árabes, edomitas, ismaelitas e outros povos conglomerados contra os hebreus. Somos testemunhas desse fato atualmente, 3.500 anos depois. Os edomitas, pois, se estabeleceram em Seir, região montanhosa, e aos poucos se foram estendendo para o norte, até atingirem o leste do Jordão. Ao vir Moisés do Egito com o povo hebreu, solicitou passagem por seu território, para poderem entrar em Canaã, mas Edom recusou o pedido, apesar de Moisés ter dado garantias de que nem das águas das cisternas beberiam, e, se bebessem, pagariam seu valor (Núm. 20:14-21). Essa recusa obrigou os israelitas a uma viagem de contorno, ao redor das terras dos edomitas, mas o seu território foi poupado. Parece que a conduta dos israelitas com os seus parentes edomitas, moabitas e amonitas tem sido sempre de cordialidade. Isso, porém, de pouco tem valido, porque a cizânia de Esaú contra Jacó perdura até nossos dias. No tempo de Jeremias, parece, havia um acerto de contas de todos os povos que, de um modo ou de outro, tinham maltratado os hebreus, a quem Deus não permitia ultraje, incluindo-se nesse ajuste os próprios edomitas. Acontece que, para os outros povos irmãos, Deus tinha uma promessa de restauração (menos para os edomitas, que estavam condenados ao extermínio para aqueles dias), e permanecem até o dia de hoje, sendo muito mais numerosos que os hebreus, que têm sido dizimados nas suas lutas com os povos gentios a que foram atirados na destruição de Canaã.

Muito material da profecia de Jeremias encontra-se também em Obadias. O texto não diz os motivos por que estes primos dos hebreus estavam sob castigo divino, mas durante a história dos hebreus não houve povo ao seu redor que não participasse das suas aflições. Acaso não há mais sabedoria em Temã? Pereceu o conselho dos entendidos? (v. 7). Temã era um lugar geralmente

conhecido como centro de sábios. Houve dois personagens com esse nome: um era filho de Ismael, que habitou nas regiões do Golfo Pérsico (Gên. 25:15; I Crôn. 1: 36); o outro era filho de Elifaz, filho de Esaú (Gên. 36:10,11 e 1 Crôn. 1:53). O chefe edomita é quem deu o nome a Temã, um centro de sábios, de onde surgiram até muitos adágios, incorporados ao nosso livro de Provérbios. Um dos amigos de Jó, o temanita (Já 2: 11; 4: 1; 15; 1), era dessa região e dessa classe de sábios. Ezequiel fala de um desses descendentes e de Esaú (Ez. 25:13; Am. 1:12). Parece que o principal personagem dessa raça era edomita (Gên. 36:42). Por isso Jeremias fala a respeito de Temã e sua sabedoria. Se não havia, pois, mais sabedoria em Temã, o povo devia fugir para as cavernas de Dedã, parte das cavernas de Seir, onde, se admite, habitavam os primeiros moradores dessa região, os chamados trogloditas. O castigo que estava caindo sobre estes povos atingiria também a Edom. A ameaça era a destruição de Esaú. Se bem que, pela história, essa gente tenha sofrido, agora está bem gorda, com o petróleo do Golfo Pérsico, dando ordens ao mundo ocidental. As maiores riquezas petrolíferas estão em poder dessa gente, e com elas pretendem destruir os seus parentes hebreus. Se esse povo conhecesse história, talvez tivesse outro procedimento. É fato que a região inóspita e árida, onde eles viveram milênios, veio a ser neste século o grande centro para onde correm os dólares como as águas do Eufrates. Ainda não se sabe até onde irá o poderio dos árabes, com o seu petróleo. Esse grupo não pecou por causa da idolatria, pois são maometanos e adoram a Jeová e ao seu Maomé. Quais teriam sido os seus pecados, o texto não o declara. Dedã era um pequeno país a sudoeste. A frase despi a Esaú indica que a destruição será completa, e todas as suas fortalezas, em parte as suas cavernas, ficarão desertas. Parece que a taça da ira de Deus não estava destinada aos edomitas; mas se outros a estavam bebendo, por que não eles? (v. 12). Porque não há inocentes. Bozra, uma cidade ao norte de Edom, uns 50 quilômetros a sudoeste do Mar Morto, seria arrasada. Quem desejar uma descrição desta região desértica e nua, leia a obra de Stanley, Palestine and Sinai. Parece, os pecados dos edomitas era o orgulho, pois moravam em cavernas e nós penhascos, e desafiavam o resto do mundo. A sua dureza de coração transpareceu quando Moisés pediu permissão para passar pela sua estrada, sem sequer beber a água dos poços, e eles não o permitiram (ver páginas anteriores). A destruição de Sodoma e Gomorra é aqui comparada à destruição de Edom (v. 18), e quem passar por essa região assobiará e se espantará ante a desolação. A região já é desolada, mas com a catástrofe prometida, mais desolada iria ficar. Na destruição de Edom, Deus promete dar a terra a outrem. Mas a quem seria, não se sabe (v. 19; ver 50:44). Como sobe

o leãozinho da floresta jordânica contra o rebanho que pasta nas verdejantes pastagens, assim num momento arrojarei dali Edom e lá estabelecerei a quem eu escolher (v. 19). Deus é o Senhor da terra e a dá a quem quer. Tenho perguntado ao meu Deus o motivo de ele haver dado tanta riqueza a quem não é capaz de usá-la, como os árabes. No entanto, a terra é dele, o petróleo é dele, e ele os dá a quem quer.

Javé dá um conselho aos moradores de Temã: se preparem desde os maiores aos menores, porque o assolador vem aí, e o seu grito se ouvirá até o Mar Vermelho (v. 21). É bom que os povos aprendam que Jeová é o Senhor, o Dono de tudo, e nada pode resistir ao seu poder e ordens. Infelizmente isso está ainda para acontecer. Se pudéssemos levar esta profecia aos moradores das imediações do Golfo Pérsico e ao rei saudita, o mais rico do mundo, que diriam eles?

VI. PROFECIA CONTRA DAMASCO (49:23-27)

Damasco é a capital da Síria, uma das mais velhas cidades do mundo. A sua história está visceralmente ligada à de Israel, e até nestes dias há uma encarnizada batalha de uns contra os outros. A sua história é muito complicada, e o castigo que visitou o Israel do Norte também alcançou Damasco. Nínive, antes de destruir Samária, derrotou Damasco, e, depois de séculos de vida apagada, Damasco voltou a ser considerada uma forte nação, com pretensões a domínio dos vizinhos. Quando Jeremias proferiu a sua profecia, já Damasco estava destruída, e as cidades de Hamate e Arpade, assoladas. O profeta tem a sua visão do que teria acontecido como se ainda estivesse para acontecer, pois que todas as cidades do norte da Palestina estavam agora sob o domínio de Nabucodonozor, sucessor dos conquistadores de Nínive. Se Damasco realmente pagou pelos pecados que cometeu contra Israel, deve ter pago uma dívida muito grande, e realmente pagou. A angústia referida no verso 23 deve ser traduzida por inquietação, pois era o que estava acontecendo a todas as nações naqueles dias. E acenderei fogo no muro de Damasco, o qual consumirá os palácios de Bene-Hadade (v. 27). Este rei foi um dos piores conquistadores e perseguidores de Israel do Norte, e no tempo de Jeremias tinha já desaparecido há muito. Trata-se, pois, de uma figura que valeria para outros.

VII. PROFECIA CONTRA OS ÁRABES (49:28-33)

Os árabes são todos os descendentes de Ismael e Esaú, de que já tratamos nas páginas anteriores. Fizemos aqui apenas uma distinção insignificante, para destacar algumas cidades, como Qedar, um grande centro de criação, do qual eles muito se orgulhavam. Possuíam milhares de ovelhas e camelos, e a sua indústria era tirada desses animais. Eram nômades, vivendo onde havia pastagens, sendo por isso hábeis arqueiros, senhores do arco e da flecha. Nesse particular eram temíveis. Hazor, sua principal cidade, visto não possuírem capital, pois não tinham morada certa, era considerada uma fortaleza, e, quando se viam perseguidos, refugiavam-se nas cavernas dos montes Seir. Havia diversas cidades com este nome, sendo que uma muito famosa nas imediações do lago Hulá ou Merom, que Josué destruiu. Não é esta a de Jeremias. Uma outra ficava a sudoeste de Judá, perto das fronteiras do Egito, também designada Cades (Jos. 15:25). Hazor parece ser uma região composta de diversas aldeias e de difícil localização. De qualquer sorte deve ser entendida esta localidade como um centro árabe onde o comércio de gado seria intenso. Nabucodonozor assolou essas regiões, levando as cortinas ou lonas das suas tendas, juntamente com o seu gado, para suas terras. Os gritos de horror seriam tremendos, ao se verem despojados das suas riquezas e das suas moradias (v. 29). Hazor se tornará em morada de chacais, em desolação para sempre (v. 33). Era o juízo de Deus visitando todos os povos que se haviam esquecido de que havia um Deus em cima, a quem deveriam adorar, e não cortar os cabelos nas têmporas, como os sacerdotes de certos ídolos.

VIII. PROFECIA CONTRA ELÃO (49:34-39)

Elão ficava em Babilônia, a leste, e a profecia foi feita nos dias de Zedequias, rei de Judá, durante a primeira deportação.

Ficando próxima de Babilônia, naturalmente teria a sorte de outras cidades mais distantes. Não temos notícias de qualquer crime cometido pelos elamitas contra os israelitas, mas, de modo geral, todos eram culpados e os dias eram de juízo para todos os povos. Com a anexação de Elão à Babilônia, não restava nenhuma nação, grande ou pequena, que impedisse a expansão colonista de Babilônia.

IX. PROFECIA CONTRA BABILÔNIA - A GRANDE CONQUISTADORA

(50:1-51:64; ver Isaías 13:1-14:23 e 21: 1-10)

Esta longa profecia de Jeremias é urna das mais contestadas pela crítica, de modo geral. Mesmo que para nós a crítica nem sempre nós pareça razoável e sensata, ainda assim não podemos ignorá-la, especialmente quando traz os visos de quase unanimidade. As alegações contra a autoria de Jeremias não nós convencem, e até nós parece que a crítica erra tanto quanto em relação a outras partes das Escrituras.

Uma das alegações contra a autoria de Jeremias baseia-se no fato de que em 593 a.C., no quarto ano do governo de Zedectuias, quando este foi a Babilônia juntamente com Seraías, levando uma carta dos exilados (51:59,60), a situação era bem diferente, tanto na Babilônia como em Judá, pois Jerusalém não tinha sido destruída, nem o templo arruinado, e mesmo a situação na Babilônia seria muito diferente da que nós conta esta profecia.

Não vejo razão para esta questiúncula. O trecho desta profecia (51:59-64) parece ter sido incluído, embora pertencendo ao quarto ano do governo de Zedequias, quando este foi a Babilônia. Este trecho é facilmente destacado da parte anterior da profecia. Uma leitura atenta nós mostra que ele não tem ligação nem com o precedente nem com o subsequente. É um trecho independente, incluído aqui por motivos ignorados. Deveria estar junto ao capítulo 25, antes ou depois. Repetimos: a razão de Jeremias o incluir aqui não sabemos, a não ser pelo fato de, estando a profetizar o destino de Babilônia, ter-lhe parecido conveniente colocá-lo aqui. De qualquer maneira, trata-se de uma profecia, em parte, do futuro de Babilônia, e por isso fica muito bem aí, mesmo que o seu assunto seja de molde diferente. O destino de Babilônia e o de outros países estrangeiros estavam selados há muito, bem antes do ano em que esta profecia foi escrita. Visto que Zedequias ia à Babilônia, levar uma mensagem profética, e ao mesmo tempo consoladora, aos que já tinham sido levados para lá por Nabucodonozor, na sua primeira incursão em Jerusalém, era mais do que natural o profeta referir-se ao futuro deste império, como quem diz: "O teu dia chegará também."

Uma outra alegação é que nós dias de Zedequias, conforme os capítulos 27 e 28, Jeremias andava atarefado com a contrapropaganda dos falsos profetas, e não teria tempo para cuidar dos assuntos de outros países e seu destino. Este argumento nós parece muito superficial. O profeta era homem que cuidava dos assuntos do seu país, patriota como era, mas o seu campo de visão ia muito além, como nós mostra esta mesma profecia. O profeta era homem nacional, mas com uma função universal, pois a tanto o levava o programa divino, que, enquanto lutava para salvar Judá, cuidava também dos outros povos. Não se pode, pois, limitar assim tão materialmente a missão do profeta.

Admitir, como querem alguns críticos, que esta profecia (caps. 51-52) teria sido escrita no Egito por um colaborador qualquer, familiarizado com a linguagem do profeta, e que, ao serem catalogadas outras profecias, foi esta incluída no corpo do trabalho, não parece ter cabimento. Esta alegação não procede, porquanto os capítulos em questão refletem perfeitamente o estilo, e ninguém haveria capaz de fazer uma imitação, mesmo grosseira que fosse. Parece-nos até que estas interpolações não eram comuns na vida literária antiga. Cada qual era responsável pelo que escrevia. Um homem de 538 a.C., ou mesmo antes, não poderia assimilar o estilo e fraseado de Jeremias.

Contesta-se que um homem que vivesse ao redor de 597 a.C., um pouco mais ou menos, pudesse retratar uma situação tal como a descrita nesta profecia, admitindo-se que toda ela tenha sido escrita antes da queda de Jerusalém. Por que não podia? Quem dava as mensagens ao profeta não era Deus, para quem não há futuro nem passado, mas um eterno presente? Jeremias poderia perfeitamente ser inspirado muitos anos antes dos acontecimentos relatados na referida profecia. Isso é uma das qualificações dos profetas de Israel, quer seja Jeremias ou qualquer outro. Naturalmente, para a escola racionalista, esta qualificação profética não vale, mas vale para a história, e é esta que nós interessa.

Enquanto alguns críticos racionalistas contestam esta longa profecia, outros a aceitam, como o professor Edward J. Young, em sua obra *Introdução ao Velho Testamento*, edição brasileira da Vida Nova. Igualmente John Skinner, em sua obra *Jeremias, Profecia e Religião*, tradução portuguesa da ASTE, S. Paulo, e

outros que não interessa mencionar. Na bibliografia que aparece no final desta modesta obra são dadas outras obras recomendadas.

Finalmente, se colocássemos esta longa profecia antes ou depois do capítulo 25, onde está o tempo do cativo, a situação melhoraria bastante. No tempo antigo, a Bíblia não tinha capítulos nem versículos, pois isto é invento recente. Logo, se deslocássemos os capítulos 50 e 51, colocando-os no tempo em que Jeremias mandou a carta aos cativos, talvez ficasse melhor.

Não alongamos a análise a esta crítica porque nós parece bastante o que fica dito e talvez seja mesmo mais do que o assunto merece. As opiniões dos críticos já são bastante conhecidas para lhes darmos demasiada atenção.

IX. PROFECIA CONTRA BABILÔNIA - A GRANDE CONQUISTADORA

(50:1-51:64; ver Isaias 13:1-14:23 e 21: 1-10)

BREVE ANÁLISE DA PROFECIA

A palavra que falou o Senhor acerca de Babilônia, acerca da terra dos caldeus, por intermédio de Jeremias o profeta (v. 1) . Este verso fala por si. É, Deus quem dá a mensagem, e será que ele não conhece os tempos e as estações, os dias em que vai chamar uma nação a contas? Claro que ele sabe tudo, e já nesta altura da história sabia que os medos, no devido tempo, atacariam Babilônia e a tomariam, tal como aconteceu. O nosso Deus é Deus no céu, na terra e debaixo da terra. Tudo ele sabe e entende. Não há mistérios para ele.

IX. PROFECIA CONTRA BABILÔNIA - A GRANDE CONQUISTADORA

(50:1-51:64; ver Isaias 13:1-14:23 e 21: 1-10)

1. A Destruição de Babilônia Devia Ser Anunciada (50:1-7)

Mesmo que Deus não tenha o dever de dizer a ninguém o que pensa e o que vai fazer, tratando-se de uma nação que dominava o mundo de então, pareceu-lhe bem fazer o anúncio da catástrofe. A derrota começaria de Babilônia, Bel e Merodaque, que não teriam poder para evitar a derrota. O deus supremo Marduque, que significa senhor, não evitaria o perigo que vinha do norte. A Pérsia ficava ao norte de Babilônia, e era de lá que viria o perigo. Naturalmente, no tempo de Jeremias ninguém poderia sequer suspeitar que a Média se uniria à Pérsia e as duas derrubariam as invencíveis muralhas de Babilônia. Só Deus podia saber de uma coisa destas. Israel, que lá estava, pagando pelos seus pecados, tomaria consciência de que qualquer coisa estranha estava acontecendo e que isso serviria para o seu alívio. O profeta Daniel nós dá uma informação clara e perfeita do acontecido (5:30,31). Na mesma noite da bacanal de Belsazar as portas de Babilônia se abriram e os exércitos combinados dos medos e dos persas tomaram conta da cidade, e em seguida veio o decreto de Ciro, dando liberdade a todos os povos oprimidos. Naqueles dias (dos medos e persas) e naquele tempo, diz o Senhor (v. 4), seria dada a liberdade ansiosamente esperada e prometida. As profecias de Jeremias seriam bem conhecidas e o tempo estava-se aproximando para os filhos de Israel voltarem à sua terra. Agora eles viriam buscar o Senhor seu Deus e o adorariam como deveriam ter feito já há muito tempo. Eles tinham sido como ovelhas perdidas, sem pastor (v. 6), mas agora o seu Pastor os levaria aos pastos antigos, à querida Judá. A história nós é contada em Esdras e Neemias, por isso dispensa maiores informes aqui. Nem este texto e nem mesmo Daniel nós informam do que ocorreu naquela noite da bacanal, mas deveria ser uma noite dramática quando os exércitos coligados tomaram o poder e mataram o rei Belsazar, substituto de Nabonido.

O verso 7 nós diz que os babilônios sabiam que estavam maltratando o povo que tinha pecado contra o seu Deus, portanto, sentiam-se desculpados por tudo que haviam feito. Mas as coisas deviam ser contadas de outra maneira. Deus maltrata o seu povo, mas não admite que outros o façam e fiquem sem culpa.

2. Era Tempo de Fugir (50:8-13)

Se o povo tivesse Conhecido esta profecia, talvez estivesse mais ansioso pelo dia da libertação, mas não cremos que o povo em geral tomasse conhecimento destes oráculos, pois não havia livros nem impressoras. O mais que se sabia era pela tradição. A ameaça é que Deus faria subir contra Babilônia um conjunto de grandes nações da terra do norte (v. 9). Conta-se que na noite em que Belsazar deu o banquete fatídico, os exércitos coligados desviaram o curso do rio Eufrates que passava pelo meio da cidade e os soldados entraram a pé enxuto dentro das muralhas, que eram iguais às de Jericó, com seis metros de largura e dez de altura. De fato, podiam descansar lá dentro os moradores porque subir estas muralhas ou derribá-las era impossível. Para Deus, porém, não há problemas. Ele realiza a sua obra, segundo o seu plano, qualquer que seja o obstáculo.

3. Terra Que Não Seria Mais Habitada (50:14-16)

Pelo verso 13, Babilônia não seria mais habitada, se tornaria um deserto. isso aconteceu muitos anos depois. Com a conquista dos persas e medos, Babilônia floresceu, mas onde está ela hoje? Um deserto de areias escaldantes, onde a vida desapareceu. É assim com as coisas que Deus não ama. Todavia, Jerusalém lá está, disputada por todos os povos da terra, como se todos amassem aquela pequena cidade. Agora, quando o profeta falava, era tempo de todos procurarem fugir, cada qual para a sua terra (v. 16). Babilônia era povoada de estrangeiros cativos e forasteiros, que a procuravam por suas belezas arquitetônicas, como nós informa Daniel (Dan. 4:30). Babilônia era mesmo uma cidade esplendorosa nos dias de Nabucodonozor. Os seus muros caíam, como caíram, e ela foi destruída e se fez com ela como se tinha feito com outras nações (v. 15). Todos agora deveriam fugir, mas ainda teriam de esperar pela chegada de Ciro, o Persa.

4. O Israel Desgarrado Também Seria Salvo (50:17-21)

É certo que Deus promoveu a destruição de Judá, por seus pecados, e o povo, como cordeiros do rebanho de Deus, foi levado, mas o castigo viria. Era como temos dito: Deus podia fazer o que fez com o povo porque era seu povo, mas outros não podiam molestar esta gente. O povo de Deus tem um guardião certo e infalível. Esta é a lição da história. Portanto, assim diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: Eis que castigarei o rei de Babilônia e a sua terra, como castiguei o rei da Assíria (v. 18). Os assírios foram um povo de pilhagem, de atrocidades, a que nenhum povo escapou. Até os babilônios sofreram nas unhas deles, mas o castigo chegou. Onde está a Assíria? É agora um deserto, e a arqueologia está nós informando alguma coisa da sua grandeza. Os palácios de Sargão II, de Senaqueribe e Assurbanipal estão agora sob a picareta dos arqueólogos, e o que eles nós contam é qualquer coisa de assombrar, quanto à grandiosidade. Coisas maravilhosas, que até a história escondeu. Povo conquistador, para onde vais? Olha que o teu destino será cruel. Assim, depois da destruição de Babilônia, Efraim e Israel voltariam à sua terra, como voltaram, e pastoreariam os seus rebanhos no Carmelo e em Gileade (v. 19). A iniquidade de Efraim e Judá teria sido expiada e os pecados de Judá já teriam sido também expiados, pois perdoarei aos que eu deixar de resto (v. 20). Judá tinha um Deus perdoador e misericordioso, o que as outras nações não tinham. É coisa agradável saber que os nossos pecados são perdoados e deles Deus nem se lembra mais (ver Isaias 1:18-21). A recompensa de Babilônia seria a espada, que a assolaria irremissivelmente e destruiria tudo. Foi assim. Cada qual pagaria a sua culpa. Babilônia destruiria a Assíria e depois os persas destruiriam Babilônia. Cada qual por sua vez.

5. Os Inimigos Encontram-se (50:22-28)

O profeta parece estar ouvindo o estrondo da cavalaria e o choque das espadas. Na terra há estrondo de batalha, e de grande destruição (v. 22). As batalhas de hoje são muito diferentes, porque os instrumentos de guerra são diferentes, mas naqueles longínquos dias o fragor de uma batalha corpo a corpo não seria menos terrível e talvez até pior. Tudo ficou quebrado e feito em pedaços, ao martelo de toda a terra (v. 23). Babilônia tinha sido mesmo um martelo para destruir, quebrar e reduzir tudo a pó. Foi isso que aconteceu em Judá, quando até as colunas do templo, por não poderem ser transportadas para Babilônia, foram quebradas e feitas em pedaços (II Reis 25:16,17). Agora era o pagamento por tantas destruições, porque Babilônia, como a Assíria, não se contentava em dominar os povos, mas destruía as suas cidades e tudo que encontrava. A palavra hebraica com o sentido de destruição, no versículo 22, significa grande quebra. Tudo seria quebrado na grande Babilônia. laços te armei, e também foste presa, ó Babilônia, e tu não o soubeste (v. 24). Babilônia não sabia que estava a serviço de Deus para destruir, mas muito menos sabia que o seu dia chegaria. Foi contra o Senhor que ela agiu, pois a terra era do Senhor. O Senhor abriu os seus celeiros, onde guardava as armas da sua indignação, e as atirou sobre o povo opressor, que recebeu em dobro o que merecia. Agora, todos os povos da terra são convidados a virem contra a grande opressora, a abrir os seus celeiros e fazer dela montões de ruínas (v. 26). Matai a todos os seus novilhos (v. 27), os jovens guerreiros, que agiam como touros bravios (ver Is. 34:7). Era uma dura sorte para a grande terra do Eufrates, mas o que ela tinha feito a outros foi isso mesmo. A descrição é dramática, mas fazia parte da história daqueles dias. As guerras sempre são desumanas, mas nas daqueles dias, quando não havia enfermeiras nem hospitais, as coisas eram ainda mais desumanas que atualmente.

A fuga do povo de Javé como é aqui descrita (v. 28) implicava na sua redenção e na restauração da sua cultura e sua religião. Por ordem de Ciro, o Persa, todos os judeus e outros que desejassem voltar a suas terras podiam voltar. Isso nós é relatado em Esdras. Voltando, restauraram a sua religião, com a construção do novo templo, em sua cidade querida, e o mundo inteiro tomou conhecimento de que esta gente, que há setenta anos passados fora levada como cordeiros para o matadouro, estava voltando vitoriosa sob a garantia do novo senhor, que

se levantara no Oriente. A política persa era totalmente diferente da dos babilônios e assírios. Aqueles destruíam; estes edificavam. Os cativos retomantes traziam consigo tudo que a rapinagem babilônica tinha levado, cercados de todas as garantias, que jamais tinham conhecido. Deus trabalha na história e a conduz de modo a realizar os seus eternos propósitos. Nunca devemos desesperar em nossas dificuldades, porque a seu tempo se levantará um que, por ordem divina, vai ajudar. Esta verdade nem sempre está presente em nossas lutas, mas é a verdade. Em Sião agora se anunciava a vitória divina. Os que voltavam vinham com ordens superiores para reconstruir o que os babilônios haviam destruído e todo o mundo de então tomou conhecimento disso.

6. Veio Finalmente o Teu Dia (50:29-34)

Babilônia teve o seu dia igual ao que ela tinha feito viver a muitos povos. Agora os povos vencidos eram convocados para lhe pagar conforme a sua obra (v. 29). Israel não tomou vingança contra ela, porque esta não era a sua missão, mas outros tomaram. Os medos e persas não destruíram Babilônia materialmente, mas tudo que dizia respeito a seu governo e sistema de vida política foi totalmente destruído. O Senhor dos Exércitos é paz para o seu povo, mas inquietação aos outros. A descrição do profeta de Deus em 29-32 é simplesmente dramática, e isto porque Babilônia se houve arrogantemente contra o Senhor, contra o Santo de Israel (v. 29). O fogo e a destruição seriam o espetáculo que Babilônia iria oferecer ao mundo. Nós não sabemos muito do que aconteceu quando os exércitos coligados dos medos e persas entraram em Babilônia. As informações que temos são de Daniel, e este não teve maiores preocupações em dizer o que não interessava à sua gente, que ele nem acompanhou a Israel. Admitimos tudo, mesmo que saibamos que os persas eram de índole diferente.

7. Os Cativos de Israel Tinham um Redentor (50:35-40)

Vale a pena ter um Deus que não dormita nem esquece os seus compromissos com os pecadores. Foi isso que o profeta de Deus quis dizer quando disse: Porque assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel. Dois títulos que não honram a Deus, mas o elevam, porque ele já tem bastante honra para fazer valer as suas decisões. Os que levaram o povo para o desterro tiveram de o devolver, porque ele tinha um Deus a seu favor. Enquanto estes voltavam a seus lares, os opressores ficariam como a eira quando é aplanada e pisada antes da ceifa (51:33). O rei de Babilônia nós esmagou, devorou, e de nós fez um objeto inútil, como um monstro marinho nós esmagou diz 51:34, numa linguagem tremenda: encheu o seu ventre do que eu tinha de delicioso; lançou-me fora. Como todos os opressores, o que ele comeu dos outros teve de vomitar quando chegou a sua hora de pagar pelos males que causou aos filhos de Israel. Toda violência que ele tinha feito na carne dos outros iria agora sentir na sua própria. O seu rio Eufrates teria secado nós vaus em que poderia ser vadeado. A espada viria sobre os caldeus, sobre os gabarolas, de tal modo que ficariam insensatos e aterrados (v. 36). Os seus campos secariam; a espada e a seca cairiam sobre a cidade conquistadora e sobre os mentirosos, talvez numa referência aos adivinhos, que afirmavam que Babilônia nunca seria tomada. Nada escapará: até os seus tesouros amontoados nós muitos roubos das nações fracas. Os povos misturados no meio dela ficariam abismados. O grande lago que Nabucodonozor mandou fazer para defesa da cidade ficaria seco e todos poderiam passar por ele. A palavra seco e espada são quase iguais no hebraico, hereb e horeb, mas aqui o sentido é diferente, e significa mesmo espada e seca. Talvez queira dizer que o Eufrates secaria e os soldados inimigos poderiam passar a pé enxuto. Foi isso que aconteceu, como ficou dito noutra página (v. 38). Não pode haver maior condenação para uma cidade orgulhosa como era Babilônia, a mãe das nações da terra. Então as feras do deserto, os chacais, os leopardos viveriam à solta nas ruas de Babilônia, pois nunca mais seria povoada. Esta descrição é patética; ser condenada ao extermínio, de modo a nunca mais ser habitada, é o pior que se pode desejar a qualquer cidade. Quem mora atualmente na Babilônia? Alguns beduínos que não têm pátria nem terra. Mas Judá está sendo cada dia mais desejada, e uma das guerras mais ferozes se está travando para tomar conta desta cidade, que tem sobrevivido eternamente.

Babilônia seria como Sodoma e Gomorra, de que não sobrou nada e nem se sabe onde ficavam. Assim, ninguém habitará ali, e nunca mais será povoada. Uma maldição caiu sobre a cidade orgulhosa, que morreu para a história e para o povo.

8. Um Povo Vem do Norte (50:41-46)

Os persas e medos viriam do norte, e muitos reis se levantariam dos confins da terra (v. 41). Nabucodonozor, o rei sempre mencionado nessa profecia, não veria nada do que o profeta viu, mas os seus descendentes veriam tudo. A história viu e creu na profecia. Foi Deus quem falou, e basta. Nós somos testemunhas de que tudo que o profeta viu saiu certo, sem faltar uma vírgula. Os versos 41-43 são uma repetição de 6:22-24, mas com outro sentido, assim como os versos 44-46 quase repetem 49:19, onde se aplicam a Edom. O leãozinho simboliza Nabucodonozor, mas aqui significa Ciro, que, na imaginação do profeta, era igual a Nabucodonozor, com espírito diferente. Babilônia seria desalojada e lá iria morar quem o Senhor quisesse (v. 44), pois a terra e tudo que ela contém é do Senhor (Lev. 25:23; I Cor. 10:26 e refs.). Nisto é que os governos se enganam, pensando que a terra em que dominam é deles. Não é, nem nunca foi. É do SENHOR. Pois quem é semelhante a mim? e quem me fixará um prazo? (v. 44). Esta linguagem não se parece com a de um potentado qualquer, mas com a do Senhor Criador da terra, que a dá a quem quer ou a quem a merece. A soberania divina sobre a terra e seus habitantes é a coisa mais gloriosa que se pode imaginar, e os que nele confiam sentem-se seguros. O que pensariam os judaítas ao serem levados como rebanho de carneiros para o exílio? Não sabemos, mas, se conhecessem esta profecia, iriam satisfeitos, porque aquele que os levava os traria de volta.

NOTA:

Não há distinção no texto dos capítulos 50 e 51, pois são uma coisa só, mas no capítulo 51 há algumas figuras que nós dão uma outra visão da profecia.

9. O Senhor levantaria um Vento Impetuoso (51: 1-10)

O vento é usado pelo padejador, que ergue a palha e o trigo no ar e o vento leva a palha, o grão caindo na eira. Frecheiros de arco entesado se apresentam para dominar a terra que dominou tantas terras, e a couraça dos defensores de pouco valeria. Os zarim lá estavam, dispostos a padejar a eira e recolher o trigo, jogando fora a palha. A ordem é que sejam destruídos todos os seus jovens guerreiros; porque Israel e Judá não ficaram viúvos, pois havia UM que os defendia (v. 5), mas a terra dos caldeus está cheia de culpas e deve pagar por todas elas perante o Santo de Israel. A ordem é: Fugi do meio de Babilônia, e livre cada um a sua vida (v. 6) porque chegou o tempo da vingança do Senhor, e não era razoável que todos perecessem no meio da maldade de Babilônia. Na mão do Senhor a Babilônia era um copo de ouro (v. 7) e muitas nações se embriagaram do seu vinho, e por isso enlouqueceram. Era assim o mundo como um mundo de loucos, cada qual fugindo do inimigo feroz, que a nada poupava; estava embriagado da selvageria dos conquistadores. Veja-se o que fizeram com o pobre Zedequias. Apenas porque não respeitou a ordem do soberano estrangeiro, teve os olhos vazados e os filhos todos mortos na sua presença. Que culpa teriam os menores para serem mortos friamente? Era a sede de sangue, que agora iria ser vingada. Agora, ferida de morte, não há bálsamos que cheguem para curar a sua ferida. Todo o Gileade não bastaria para produzir bastante bálsamo (v. 8). Porventura sarará? Não vai sarar, a ferida é mortal, pois foi feita por Javé, que faz a ferida e ele mesmo a cura (Já 5:18). Ele não iria curar a ferida de Babilônia, pois foi ferida de morte. Uma ironia no verso 9: Queríamos sarar Babilônia, ela, porém, não sarou, pois não era para sarar, porque o seu juízo tinha chegado até o céu e se elevava até as maiores alturas. A iniquidade de uma nação impiedosa, que se julgava senhora do mundo, merecia esta paga. Aqui está uma descrição tétrica do fim de tudo que foi grande. Mas não há grandeza perante Aquele que é mesmo GRANDE, o Criador dos céus e da terra.

10. O Senhor Trouxe a Sua Justiça à Luz (51:10-19)

O povo liberto iria agora a Sião, anunciar a grande vitória, pois só Deus poderia fazer a obra de justiça que fez. Lembramos os capítulos 39 e 40 desta profecia. Que horrores, que calamidades, causadas pelo pecado, é certo, mas horrores! Agora, com esta libertação a chegar, pois nós dias do profeta ainda não tinha chegado, o povo exultaria de gozo. Recordemos o livro de Esdras, com os cativos voltando à sua terra, a construir o seu templo arrasado pelo general babilônico. Que emoções e que tristezas!

Aguçai as flechas, prepara! os escudos! (v. 11), porque o Senhor já tem outros servos, os reis da Pérsia e da Média, cujo intento é destruir a grande Babilônia. Esta era a vingança do Senhor e do seu templo. Então, que os guardas arvorem estandartes. Reforçai as guardas, preparai sentinelas. Não se trata dos guardas que montavam guarda em cima dos muros da cidade e nas suas guaritas, mas dos conquistadores, que iriam armar os seus estandartes em cima das muralhas da cidade invencível. Nunca alguém escreveu a noite da conquista. Que noite seria aquela? Os exércitos invasores seriam como gafanhotos e a cidade, que habitava sobre muitas águas do Eufrates, iria sucumbir. Os exércitos medopersas seriam incontáveis, pois eles já vinham da Ásia Menor, da luta contra Creso, o grande milionário, e pelo caminho iriam ajuntando tudo que encontrassem e, naqueles dias, fazer parte de um exército era como quem entra num clube de futebol. A descrição é admirável no seu aspecto real. Jeremias, que estava bem longe deste cenário, deveria ter ficado aterrado diante de tanto movimento e de tanta luta, que ainda estava longe no seu dia. O Senhor jurou por si mesmo, dizendo: Certamente te encherei de homens, como de locustas; e eles levantarão o grito de vitória sobre ti (v. 14).

Os versos 15-19 são uma intercalação tirada de Jeremias 10: 12-16, que proclama que Deus, o Senhor, fez a terra e tudo que nela existe. Veja-se também Já 38 e 39. Face a estas descrições, que são os homens, guerreiros ou simplesmente peões? São como o orvalho da manhã que, em vindo o sol, logo desaparece. Só Deus, o nosso Deus, é grande e contra ele não valem exércitos nem canhões. Todo homem se tornou estúpido ao fazer para si imagens de escultura, que nada valem, que nada sabem ou entendem. De fato, a idolatria,

seja ela pagã ou cristã, é uma forma de estupidez. Não entendemos como homens de alto gabarito intelectual e social pegam num andor e lá se vão com um santo balançando como que vai cair, mas não cai. Que se pode dizer de tais pessoas? Que enlouqueceram, pois deveriam saber que o ídolo de ouro ou de barro nada pode. Só Deus, o Grande Deus, tudo pode, porque foi ele quem tudo criou. Sejam então os homens estúpidos. Não é semelhante a estes a porção de Jacó; porque ele é o que forma todas as coisas (v. 19) e, ao mesmo tempo, Israel é a tribo da sua herança. Quem vai se levantar contra esta tribo? Ainda veremos o que vai acontecer com os árabes, que combatem Israel como os seus piores inimigos. Até hoje povo algum que perseguiu os judeus foi feliz. Vamos ver, ou quem estiver vivo verá.

11. Babilônia Era o Martelo do Senhor (51:20-32)

Com este martelo Deus puniu nações injustas. Babilônia destruiu muitas nações, e Ciro iria ser outro martelo para destruir outras nações. Assim, todos os guerreiros são martelos na mão do onipotente Deus. Toda a maldade praticada contra Sião iria ter a sua recompensa (vv. 21-23). As iniquidades praticadas contra jovens, contra virgens, contra velhos, iriam ter o seu pago. O que nós sabemos das atrocidades dos caldeus em Judá nós ajuda a entender estes versos. Pois agora o Senhor era contra Babilônia, que tudo tinha destruído e também seria destruída. Talvez os versos 25 e 26 se refiram a outra tribo, porque em Babilônia não havia montes, mas pode também ser uma figura. A destruição seria tal que não ficariam pedras para construir o ângulo ou fundamento de uma casa (v. 26). Caso se refira à Babilônia, o cumprimento

desta profecia foi literal. De Babilônia nada resta. Até a famosa Torre de Babel, que foi muito engrandecida e aumentada nos dias de Nabucodonosor, ficou sepultada nas areias da planura, e foi com muita habilidade, por acaso, que Rawlinson descobriu os fundamentos de uma obra que se acredita hoje seja mesmo a Torre de Babel. Tudo foi assolado. As picaretas dos arqueólogos ainda não deram a última palavra sobre o que teria sido a grande e invencível Babilônia. Os versos 27 e 28 falam por si. Tudo foi arrasado, e não houve quem quisesse morar ali. Ninguém mora lá. Apenas uns beduínos, que não têm terra nem pátria. Cada um dos desígnios do Senhor estão firmes contra Babilônia, para fazer da terra de Babilônia uma desolação, sem habitantes (v. 29). Dito e feito. Babilônia parece um vulcão extinto, onde nada se encontra, e se alguém, por interesse científico ou curiosidade, quer saber de alguma coisa, deve assalariar centenas de trabalhadores para remover montanhas de areia. Efetivamente, muita coisa interessante tem vindo à luz, graças à arqueologia. Só ela nos pode confirmar tudo que o profeta Jeremias viu em visão. Algumas nações igualmente foram destruídas, como Ararate, a moderna Urartu das inscrições assírias, e Asquenaz, um povo antigo e meio desconhecido que morava perto das águas do lago Van. Um correio corre ao encontro de outro correio (v. 31) mostra-nos que nos antigos tempos já a troca de correspondência entre povos era comum. O livro de Ester, do tempo dos últimos reis persas, nos fala muito dessa atividade (Ester, capítulos 3-5). Os versos 29-32 são a descrição do que iria acontecer em Babilônia.

12. A Colheita Vai Chegar (51:33-37)

"O draina do eterno tributo" vai chegar e chegará de modo amargo, como nós ensinam os versos 33 e 34, segundo anunciou o SENHOR DEUS DOS EXÉRCITOS, o Guarda de Sião. A filha de Babilônia é como a eira no tempo da debulha (v. 33), que seriam embriagados no banquete da morte. De modo geral, todos os textos concordam em que os últimos dias de Babilônia seriam trágicos para os seus moradores. Nós não temos todas as informações a respeito. Com a tomada de Babilônia pelos medo-persas parece que não houve essa calamidade, porque a cidade foi tomada sem um combate, segundo nós informa Daniel. Quando Alexandre, o Grande, a tomou, não sabemos bem o que teria acontecido, porque os últimos reis persas estavam vencidos antes de Alexandre tomar a cidade. De qualquer modo, a profecia se cumpriu ao longo do tempo e hoje o lugar onde esteve a cidade arrogante é isso mesmo, um lugar de chacais e de animais selvagens. Ninguém moraria lá. Tudo ia cair, o muro de Babilônia, Bel, e nunca mais enguliriam os restos das nações.

Os versos 45-49 são difíceis de entender. O povo é aconselhado a fugir antes da calamidade: Saí do meio dela, ó povo meu, e salve cada um a sua vida (v. 45), pois nesta data, isto é, na queda de Babilônia, os judeus estavam em sua terra, reconstruindo a sua vida e lutando para sobreviver contra outras calamidades que estavam chegando. Alexandre não molestou os judeus, mas os outros conquistadores lhes deram horas amargas. Nós entendemos esta escritura como uma profecia, e a profecia visa o futuro. Os mortos de Israel seriam a causa da derrota de Babilônia. Aí, em conhecer esta profecia, os sobreviventes de Israel deveriam sentir-se vingados, mesmo que o castigo dos seus carrascos estivessem ainda no futuro. 14. Uma Palavra. de Consolo (51:46-58).

Uma palavra de consolo vem afinal para o povo de Javé. Não desfaleça o vosso coração (v. 46). O tempo de cativo ainda ia durar alguns anos mais, mas o profeta inspirado deseja animar o seu povo, como se a calamidade de Babilônia estivesse perto. Haveria rumor sobre rumor até que chegasse o fim. O povo de Javé devia estar confiante, pois o dia da sua redenção estava para chegar. E quase a situação da cristandade hoje em muitos lugares. Paciência, que o "Dia breve chega, a aurora perto está". Também nós podemos cantar que o nosso

grande dia chegará. Os deuses de Babilônia seriam envergonhados, porque não puderam evitar a catástrofe. Babilônia era a mãe da idolatria mundial. Parece-nos que os seus primeiros habitantes foram os descendentes de Noé, e estes não eram idólatras, e parece até que esta praga não existia (existiam outras) antes do dilúvio. Logo, os primeiros habitantes de Babilônia seriam monoteístas, mas tudo que se sabe deste novo começo da raça está permeado de idolatria. Os maias, os astecas e os toltecas e todos os habitantes da América do Sul, que traçam as suas origens na Babilônia, eram idólatras, talvez não tanto como os espanhóis vencedores, mas isso é outra história, que não cabe aqui. Contra a destruição que viria a esta cidade não valeriam fortificações, pois mesmo que suas fortificações subissem aos céus, da parte de Deus viriam destruidores contra ela, diz o Senhor (v. 53). Os ídolos de Babilônia seriam destroçados, e parece que nunca mais se levantaram, porque os árabes, que moram por lá, não são idólatras no sentido de adorar ídolos, mas adoram coisa parecida, o seu Maomé.

Eis um clamor de Babilônia! de grande destruição da terra dos caldeus! (v. 54). A destruição ainda ia demorar, mas o profeta de Javé já via em suas visões a destruição merecida. Diz o adágio que quem "com ferro fere, com ferro será ferido". Babilônia arrasou muitas terras, mas sua destruição também chegaria. Foi o Senhor quem destruiu Babilônia (v. 55). Os inimigos viriam como ondas do mar, como as ondas de muitas águas, uma figura muito comum na Bíblia para denotar destruição. Isto porque o Senhor é Deus das recompensas, ele certamente retribuirá (v. 56). Embriagarei os seus príncipes e os seus sábios, os seus governadores... e dormirão um sono perpétuo, e jamais acordarão, diz o Rei (v. 57). Tanto pode ser uma figura do amolecimento babilônico em face da sua riqueza, como pode ser uma referência à bebedeira de Belsazar, na noite fatídica, segundo Daniel 5:24-28. Daquela bebedeira não acordam mais, pois, quando o dia raiou, o rei estava morto, e não sabemos quantos teriam morrido com ele. Triste fim de quem pensa ser dono do mundo. O largo muro de Babilônia será de todo derribado (v. 58), e dele não há nem resquício. Parece que a arqueologia ainda não tentou descobrir os fundamentos destas muralhas, por que isso possivelmente não interessa à história, mas admitimos que ainda se venham a fazer escavações para descobrir o que constituía a segurança da cidade valente e aterradora. Depois de Nabucodonozor, reinaram seus filhos Evil-Merodaque, que libertou o rei Jeoaquim, preso havia 37 anos, sem qualquer culpa; o outro Neriglissar, e no final Nabonido, com seu filho co-

regente Belsazar. Os últimos reis de Babilônia não eram guerreiros, e mesmo a época das grandes conquistas tinha passado. Era tempo de dar o mundo a outros, que tinham melhores planos de governo. Os medo-persas eram incontestavelmente mais humanos, e isso se viu na libertação de todos os povos oprimidos que desejaram voltar a suas terras de origem. Aqui finda a profecia de Jeremias e também a história de Babilônia (v. 58).

X. UM TRECHO DESLOCADO (51:59-64)

Os versos 59-64 deste mesmo capítulo estão deslocados do seu contexto histórico. Tratam de uma carta que Jeremias enviou aos cativos de Babilônia por Seraías, filho de Nerias, filho de Maaséias, quando este foi junto com Zedequias à Babilônia. O inteiro teor da carta é desconhecido. Seraías era o camareiro-mor do rei. Era, possivelmente, irmão de Baruque, porque era filho de Nerias, filho de Maaséias, como se vê em 32:12. A carta deveria ser lida perante o povo cativo e depois amarrada a uma pedra e jogada no rio Eufrates, indicando, assim, que também Babilônia seria afogada. Não se sabe o que Zedequias foi fazer na Babilônia, mas, como ele era um simples preposto do rei, admite-se que lhe fosse levar notícias do governo. Isto no quarto ano do seu reinado ou sete anos da sua derrota final. Ora, se a carta é datada do ano quarto de Zedequias, então deveria estar antes ou depois do capítulo 27, mais ou menos. Todavia, o cronista a colocou aqui possivelmente para com ela fechar a grande profecia, porque o final do verso 64 diz: Até aqui são as palavras de Jeremias. Esta frase não se encontra na LXX, mas isso pouco importa. Na sobredita carta iria uma parte desta longa profecia contra Babilônia, porque as palavras iniciais do verso 64 são mesmo uma condenação da cidade orgulhosa. Admitem os estudiosos que Jeremias teria incorrido num grave erro, mandando

uma carta aos cativos em que era predestinada a ruína de Babilônia, pois o portador, por qualquer motivo, poderia ser encontrado com o rolo (não carta no sentido moderno), e então, que aconteceria? Admitimos que tanto Jeremias como o portador soubessem estar a salvo de qualquer imprevisto.

CAPÍTULO XVI - UM HISTÓRICO RETROSPECTIVO (52:1-34)

Há muita discussão a respeito da inclusão deste capítulo na profecia de Jeremias. Realmente ela diz respeito ao tempo de Zedequias e à destruição de Jerusalém. Pelos personagens, este capítulo está fora de lugar, mas nós também não sabemos quando os últimos capítulos da grande profecia foram escritos. Aceita-se que seja um remate adequado para demonstrar que as profecias tinham sido cumpridas, ao contrário do que diziam os falsos profetas. Aceitando esta idéia, então podemos dizer que este remate está em perfeita ordem. Nele faltam muitos dados, que se encontram noutros lugares da profecia, tais como a ordem de Nabucodonozor para que o profeta fosse protegido, como se lê em 39:11-14, e também uma descrição pormenorizada dos utensílios do templo, que é feita nos últimos capítulos de II Reis e II Crônicas. Igualmente, é ignorada a sorte de Gedalias e seu assassinato. O que se pode dizer é que este remate não pretende substituir os outros informes, sendo apenas uma súmula das principais ocorrências antes registradas. Por outro lado, Jeremias dá informações que não se acham nos outros relatos, como a que se encontra em 52:30 e que parece ser referente à terceira deportação, quando, como se verá, as três deportações estão mencionadas, de modo geral, em II Reis e II Crônicas e em 52:28,29. Igualmente não combina o relato deste capítulo quanto ao número de cativos, como o que os informa II Reis 24:14. Os escritores sagrados tinham cada um seu próprio plano, e seus pontos de vista, e não se davam ao trabalho, aliás impossível, de comparar o

que outros já teriam dito. Estas diferenças de leituras causam certo constrangimento a muitos estudiosos, mas não a nós, porque sabemos que as fontes de informação não eram fáceis como são atualmente. Quando Jeremias terminou a sua profecia, já teriam sido escritos os livros de Reis e Crônicas? Parece que não, porque o livro de Crônicas foi escrito depois do cativo e a libertação de Jeoaquim, no ano 37 do cativo, também é mencionada neste livro (II Reis 25:27-30). Quando foi escrito ou foram escritos estes livros?

CAPÍTULO XVI - UM HISTÓRICO RETROSPECTIVO (52:1-34)

I. O CATIVO DE ZEDEQUIAS (52:1-27) (589 a.C.).

Quase tudo que se encontra nesta parte da profecia de Jeremias se acha noutros trechos dos livros sagrados. Os versos 4-16 foram dados no capítulo 39:1-10 e em II Reis 24:18-25:21. Os versos 31-34 desta profecia também se encontram em II Reis 24:27-30. Os versos 10 e 11 não se encontram em II Reis. Um estudo comparativo dos três relatos, Reis, Crônicas e Jeremias, o estudante terá de fazer ele próprio e valer-se de comentários mais desenvolvidos, caso isso interesse, pois, como já afirmamos, todos os relatos concordam em geral, e as particularidades que discordam ou se omitem devem ser levadas à conta dos pontos de vista de cada escritor. Um fenômeno parecido é o que se relaciona com os fatos oferecidos a respeito da ressurreição do Senhor. Todos dão os fatos, mas cada qual sob o seu ponto de vista, de modo que não há contradições nos relatos bíblicos. Parece intuitivo que nenhum escritor sagrado teria o desejo de copiar o que outro anterior disse, caso tivesse à mão os seus escritos, quando nós sabemos e já afirmamos que os Manuscritos eram raros e custosos e nem todos poderiam possuí-los, caso estivessem à venda todos eles.

II. CRONOLOGIA DAS TRÊS DEPORTAÇÕES (597 ou 605 e 585 a.C.)

(52:15, 28-30; II Reis 24:3,25; II Crôn. 36:1-21)

Esta é uma história chocante e triste.

1. PRIMEIRA DEPORTAÇÃO (597 ou 605 a.C.)

A primeira deportação para Babilônia deu-se depois da batalha de Carquêmis, em que as forças de Neco foram derrotadas e Nabucodonozor saiu vitorioso. Neco desceu para o Egito e depôs o rei por nome de Joacaz, que o povo tinha colocado no trono em lugar de Josias, e colocou no trono Eliaquim, cujo nome mudou para Jeoaquim (II Reis 23:24). Este mau rei, como o seu irmão antecessor, reinou por pouco tempo (onze anos apenas) (II Reis 23:36). Por sua morte, subiu ao poder seu irmão Joaquim, cujo nome era Jeconias, e que ficou no poder apenas três meses e dez dias (II Crôn. 36:9). Na primavera subiu Nabucodonozor contra Jerusalém, para acerto de contas, pois Jerusalém era o único bastião ainda de pé no mundo oriental. Ele não veio antes, logo que derrotou Neco, na célebre batalha de Carquêmis, porque neste meio tempo morreu seu pai Nabopolassar, e ele teve de correr à Babilônia para se assegurar do trono. De volta, logo que chegou à Palestina, cercou a cidade sagrada, e quando Joaquim se viu perdido tomou a resolução que o bom senso indicava. Foi ao encontro do rei vencedor, ele, sua mãe, seus servos, seus príncipes e seus oficiais, e se entregou ao rei no oitavo ano do seu reinado (II Reis 24:12). Nabucodonozor o prendeu com duas cadeias e o levou à Babilônia, onde ficou preso até o 37º ano do cativo, quando Neriglissar, sucessor e filho de Nabucodonozor, o libertou e lhe devolveu as honras a que tinha direito, passando a comer da mesa do rei e tendo uma pensão vitalícia (II Reis 25:27-30; Jer. 52:31).

Após a tomada da cidade, seguiu-se o saque e, na linguagem de II Reis 24:13-16, transportou toda a cidade de Jerusalém, todos os príncipes, todos os homens valentes, todos os artífices e ferreiros e 10.000 do povo, de modo que ninguém

ficou, senão o povo pobre da terra (II Reis 24:13-16). Igualmente, todos os tesouros do templo e da casa real foram levados, e o que não puderam levar inteiro foi quebrado e carregados os pedaços. Nesta leva foram Daniel e seus três companheiros. Tudo que o profeta Jeremias tinha prometido aconteceu, e se a cidade ainda foi poupada para o outro assalto, deve-se à misericórdia divina, sempre na esperança de uma mudança de coração, o que infelizmente não aconteceu.

Com a prisão de Joaquim, Nabucodonozor colocou no trono o tio de Joaquim, por nome de Matanias, mudando-lhe o nome para Zedequias (II Reis 24:17). Ficava claro que Zedequias era apenas um preposto do rei de Babilônia, a quem deveria prestar obediência, e a prestou pelo menos até o quarto ano do seu reinado, quando fez uma viagem à Babilônia, não se dizendo dos motivos, mas, por certo, para prestar contas do governo (Jer. 51:69). Nesta altura, Jeremias era o conselheiro dos reis. Já o fora dos que tinham desaparecido, como era de Zedequias mesmo, e seus conselhos tivessem sido aceitos, pelo menos a cidade e o templo teriam sido poupados, como lhe afirmou Jeremias. A política, entretanto, dominava noutra direção, e, ao que parece, o rei do Egito continuava a prometer ajuda, que não poderia efetivar, por dificuldades internas também.

II. CRONOLOGIA DAS TRÊS DEPORTAÇÕES (597 ou 605 e 585 a.C.)

(52:15, 28-30; II Reis 24:3,25; II Crôn. 36:1-21)

2. SEGUNDA DEPORTAÇÃO (586 a.C.)

Tais e tantos foram os desmandos e pecados do povo, mais a rebelião de Zedequias contra o seu Senhor, que no nono ano do seu reinado e no décimo oitavo do governo de Nabucodonozor, ou seja, no décimo sexto depois do primeiro assalto, a cidade de Jerusalém foi sitiada pelas forças de Nabucodonozor, e o que temos visto no estudo sobre Jeremias nós ajuda a entender a história dramática destes dias. Foram dias patéticos, tais como a história conta sobre os dias da destruição da cidade pelos exércitos de alto, general romano, em 70 da nossa era. Finalmente a cidade foi tomada, com o arrombamento das muralhas. Zedequias foi apanhado fugindo, perto das planuras de Jericó, e levado à presença de Nabucodonozor em Ribla, e os seus filhos e auxiliares imediatos, todos foram mortos na sua presença e ele teve os olhos vazados, e, amarrado com cadeias, foi levado a Babilônia, onde morreu (II Reis 24:6-9). A cidade foi saqueada impiedosamente, o templo roubado do pouco que restava e o povo aproveitável levado para Babilônia.

Ao todo foram levados, desta vez, segundo Jeremias 52:29, oitocentas e trinta e duas pessoas.

O povo pobre e de menor utilidade ao rei ficou em Judá, sendo nomeado governador do Estado o judeu por nome Gedalias, cuja sorte já foi estudada antes.

3. TERCEIRA DEPORTAÇÃO (585 a.C.)

Os textos de Reis e Crônicas não são uniformes nesta informação, a não ser II Reis 25:8, que concorda com Jeremias 52:12. Um ano depois da prisão de Zedequias e da deportação de muitos judeus para o exílio, ou no décimo nono ano de Nabucodonozor, o general de Nabucodonozor voltou a Jerusalém para terminar a obra da destruição (ver II Crôn. 36:17-21, Jer. 39:8-10 e 52:9-16). Desta vez foram os muros da cidade totalmente arrasados (II Reis 25:10), o templo queimado e inteiramente destruído, bem como as casas principais da cidade. Foram levados cinco homens conselheiros do rei, mais um oficial, que era o comandante das tropas de guerra. Estes foram apresentados ao rei em Ribla, quartel general dos exércitos babilônicos, ali sendo mortos. Jeremias ainda nós informa que o resto que havia ficado na cidade e mais os desertares que vieram entregar-se foram levados em cativo (Jer.52:15).

São estas as três principais deportações do povo para Babilônia. Jeremias nós informa de uma outra incursão dos exércitos de Babilônia em Judá, no ano 23º de Nabucodonozor, ou seja, quatro anos depois da última deportação, quando setecentas e quarenta e cinco pessoas foram levadas em cativo. Os outros textos ignoram esta incursão. Ao todo, conforme Jeremias, foram levados para o cativo quatro mil e seiscentas pessoas, mas os textos de II Reis dão um número bem maior, pois, só na primeira deportação, foram dez mil, e ninguém ficou, senão os pobres (II Reis 24:14). Todos os escritores tiveram o seu modo de relatar os tristes acontecimentos em Jerusalém, e muito naturalmente não poderíamos esperar que todos fossem literalmente iguais.

CONCLUSÃO (52:31-34)

Jeremias termina o seu livro mencionando a liberdade de Jeoaquim, que ficou preso (com sua família) até o ano 37? do exílio, quase metade dos setenta anos programados por Deus. A destruição de Jerusalém deu-se no ano 586 ou 585 e Evil-Merodaque soltou Joaquim em 561. O estudante destas notas é advertido de que a destruição final de Jerusalém em 585 não concorda com o 37? ano da libertação de Joaquim, porque, na opinião do escritor sagrado, a deportação conta-se a partir da primeira. deportação, em 597 a.C., e não a partir da destruição da cidade. Temos de levar em conta os pontos de vista de cada escritor sagrado.

O autor destas notas acredita que fez o melhor que lhe foi possível dentro dos limites que se impôs de evitar descrições longas de acontecimentos que bem mereciam maior descrição. Se isso fizesse, teria escrito um livro tão grosso que tornaria difícil a sua aquisição pelo povo. Deo Gratias.

NOTA IMPORTANTE:

Os setenta anos de cativo, segundo Jeremias 25:11, devem ser computados a partir da primeira deportação, pois esta se deu muitos anos antes da destruição final da cidade em 586 ou 585. O estudante que tiver desejo de computar todos estes fatos deve ler o que Jeremias diz e o que disseram os escritores de II Reis e II Crônicas e mais os livros de Esdras e Neemias, que nós contam as diversas vezes em que o povo voltou a Jerusalém. Nós não podemos fazer este estudo aqui porque não está dentro do nosso escopo e nem Jeremias se ocupa do assunto. É coisa mais para curiosidade que mesmo para história.

EPÍLOGO

JEREMIAS PREGA O MILÊNIO

No exame que fizemos em diversas passagens, que, a nosso ver, falam do milênio ou das últimas coisas que hão de acontecer, não pudemos nós estender muito, para não prejudicar o comentário do texto sagrado. Todavia, não seria possível ignorar as muitas passagens em que Jeremias contempla os dias finais e dá uma síntese de muitas coisas a serem realizadas. Pareceu-nos, então, oportuno dar uma síntese dos ensinamentos de Jeremias a respeito do vislumbre que ele teve dos acontecimentos finais. Possivelmente, ele mesmo não teria entendido o alcance destas previsões, porque estava muito distante do campo de seus dias, e não seria plano divino interpretar para o seu profeta tudo que estava sendo anunciado, pois isso referia-se a tempos muito distantes.

1. Uma promessa de volta final. Jeremias, como outros profetas, ocupou-se muito da volta do povo de Israel a Judá, mas muitos dos seus ensinamentos não se cumpriram nos dias de Zorobabel, Esdras e Neemias. Eram dias que estavam mais distantes que os dias do cativeiro babilônico. Jeremias 24:6 diz que Deus poria os seus olhos favoravelmente sobre o povo, e os faria voltar para esta terra (Judá), que seriam plantados, e não seriam mais arrancados. Com estas palavras concorda Amós 9:14,15. Há uma promessa de estabilidade que nunca se cumpriu, e os leitores deste Estudo no livro de Jeremias, comparando-o com o que fizemos sobre Esdras e Neemias, deverão ter concluído que muitas promessas não foram cumpridas. Efetivamente, não o foram porque não eram promessas para o retorno do cativeiro babilônico, mas para outro retorno, durável e pacífico. Os que conhecem a história sabem que, depois de Esdras e Neemias, os judeus nunca tiveram paz. Enquanto estiveram sob o domínio dos persas, podíamos dizer que houve paz, mas nos dias de Alexandre, o Grande, que sucedeu aos persas, os judeus foram muito atormentados, porque depois da morte de Alexandre o seu império caiu nas mãos dos seus principais generais, e a sorte dos judeus ficou pendente ora dos Ptolomeus egípcios, ora dos Selêucidas sírios, e especialmente no domínio destes eles sofreram horrores. Só vieram a ter um pouco de paz durante a restauração da monarquia davídica, nos dias dos Macabeus, mas isso mesmo foi de pouca duração. Depois deste curto período de tempo, vieram os romanos e, no tempo deles, chegou

Jesus, quando o povo estava sujeito a povo estranho. É de se ver então que as promessas de um restabelecimento final como Jeremias prometeu não se cumpriram até agora.

Quando fizermos o nosso estudo dos capítulos 38-48 de Ezequiel estará completo o nosso exame dessa época nós dias do milênio.

2. As promessas gloriosas dependiam da chegada de um RENOVO DE JUSTIÇA. Ele executará juízo e justiça na terra, e naqueles dias Judá será salvo, e Jerusalém habitará seguramente. Ela será chamada: SENHOR, JUSTIÇA NOSSA (Jer. 33:14-16). Com isto concorda Isaias 11: 1: 12-5. Poucas profecias são mais claras do que esta a respeito dos dias do Renovo de Davi. Mesmo que, em parte, esta profecia se cumprisse nós dias de Cristo, o principal ainda não se cumpriu, e só nós dias de Jesus glorificado é que o lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos (Is. 11: 6).

Eis que eu os congregarei de todas as terras, para onde os lancei na minha ira, e no meu furor... porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim (Jer. 32: 37-40). Isso não aconteceu quando o povo voltou do cativeiro babilônico. E farei que nele habitem seguramente: Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer bem (32:40). Todas estas promessas gloriosas estão fixadas para o tempo do Messias, que eles, os judeus, finalmente aceitariam.

Não temas, pois, tu, servo meu, Jacó, diz o Senhor, nem te espantes, ó Israel; pois eis que te livrarei das terras longínquas... Jacó voltará, e ficará tranquilo e sossegado; e não haverá quem o atemorize (Jer. 30: 10). Uma promessa como esta está ainda para se cumprir, pois desde a volta do cativeiro babilônico este pobre povo ainda não encontrou sossego, nem mesmo depois de 1948, quando a Sociedade das Nações os reconheceu como nação independente. Ao contrário, depois desses dias, a tormenta com os seus parentes árabes tem sido e ainda está sendo tremenda. Em 46:27,28 há uma promessa relacionada com o livramento do Egito, mas que ainda não se cumpriu e só daqui a alguns anos

se cumprirá (ver também Ez. 37:21-24 e Zac. 14:1-3). A promessa da volta de "Davi, seu rei, que lhe levantarei" ainda não chegou (Jer. 30:9). O rei Davi aqui prometido não é outro senão Jesus, a Raiz de Jessé, mas os judeus não o aceitaram, e, portanto, ainda está para vir, e só no Milênio é que se dará a verdadeira união do povo com o seu Rei.

3. Se estas profecias ainda estão para serem cumpridas, então segue-se que Israel foi mesmo rejeitado? De modo algum, porque Paulo, em sua Carta aos Romanos, é bem claro: Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério, para que não sejais presumidos em vós mesmos, que veio endurecimento em Parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios. E assim todo o Israel será salvo, como está escrito. Virá de Sião o Libertador, ele apartará de Jacó as Impiedades. Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados (Rom. 11: 1-5 e 25-27).

Até agora, nenhuma destas lindas promessas se cumpriu. Desde 9 de julho de 1947, quando a Comissão Especial das Nações Unidas sobre a Palestina aconselhou o estabelecimento de uma pátria para os judeus, a situação deles em nada melhorou, porque os seus parentes árabes não concordam com esta decisão e até agora não reconheceram o Estado de Israel como nação livre e independente. Não é possível, nós estreitos limites desta modesta apreciação das profecias de Jeremias, entrar em maiores detalhes, mas o que todo mundo sabe é que nem antes nem depois da ida dos israelitas para a terra que Deus deu a Abraão (Gên. 13:14,15 e refs.) a desejada paz foi lograda. Não se vislumbra no horizonte conturbado do mundo a possibilidade de tal paz. Vale dizer que tudo que Jeremias prometeu junto com outros profetas a respeito do resgate do povo dentre as nações está por se cumprir. Foi vislumbrado e será cumprido mais tarde. Esta também é a opinião de muitos rabinos, como Fischman, Raham e outros, que reconhecem que antes da volta do povo para receber o seu Messias não há possibilidade de ser assegurada a paz para esta gente, e as decisões das Nações Unidas de pouco valem, porque elas não têm armas para fazer valer as suas decisões. A história do movimento sionista é longa, e pareceu a muitos líderes judaicos que depois da Segunda Grande Guerra o tempo dos judeus tinha chegado, mas até agora não. Pelo que todas as lindas promessas de Jeremias, Isaias (66:12; Zac. 14: 9-11) e tantas outras aguardam a hora quando o Messias tiver chegado. Então a sua presença valerá

como segurança de tudo que os profetas antigos prometeram e ainda não se cumpriu.

Um estudo mais aprofundado a respeito do Milênio e suas implicações será feito quando considerarmos a profecia de Ezequiel, pois foi ele quem penetrou com maior profundidade na história futura, e pode ver até o seu fim. Por agora apenas estas poucas palavras, para que o estudante de Jeremias compreenda algumas das suas profecias quanto ao futuro da nação eleita.